3 1761 07149130 2

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/gentedalgo00sabu

CONDE DE SABUGOSA

GENTE D'ALGO

As Musas de D. Diniz. — A Mysteriosa Beatriz. — Duqueza de Borgonha
Imperatriz de Allemanha. — A Excellente Senhora.
A côrte em Setubal e os Porquês anonymos. — Uma noiva do Prior do Crato.
Matronas de 1640. — A Freira Portugueza.
A Condessa da Ericeira. — Academicas. — Duas Realezas.

1915

LIVRARIA FERREIRA
FERREIRA L.da, Editores
132, R. do Ouro, 138
LISBOA

a Cristina Pantoja

e

Eugenio Pantoja

o

Saburgo

GENTE D'ALGO

OBRAS DO MESMO AUCTOR

O Minuete – Comedia em 1 acto. 1 vol. – Não entrou no mercado.

Poemetos – Versos. – 1 vol.

De Braço Dado – 1 vol. – Collaboração com o Conde d'Arnoso.

O Paço de Cintra – 1 vol. Com illustrações de S. Magestade a Rainha.

Na Guella do Leão – Conto – 1 vol.

Auto da Festa de Gil Vicente – Com uma explicação prévia. – 1 vol.

Historiadores portuguezes. – Conferencia. – 1 vol.

Embrechados – 2.ª edição. – 1 vol.

Donas de Tempos idos – 1 vol.

CONDE DE SABUGOSA

GENTE D'ALGO

As Musas de D. Diniz. — A Mysteriosa Beatriz. — Duqueza de Borgonha.
Imperatriz de Allemanha. — A Excellente Senhora.
A côrte em Setubal e os Porquês anonymos. — Uma noiva do Prior do Crato.
Matronas de 1640. — A Freira Portugueza.
A Condessa da Ericeira. — Academicas. — Duas Realezas.

1915

LIVRARIA FERREIRA
FERREIRA L.da, Editores
132, R. do Ouro, 138
LISBOA

S3
1915

LIBRARY
FEB 28 1968
UNIVERSITY OF TORONTO

«Polas ribeiras de ums rios
Por onde cantão as aves,
Por esses bosques sombrios,
Despois de contos mais graves,
Ouvi d'estes meus baldios
E porque eu tambem me afasto
Do povo, que me não reja
Ou tras si me leve a rasto,
Vede em que do tempo gasto
O que me ás vezes sobeja.

Em quanto um joga, outro caça,
Outro dorme, outro trasfega,
Outro murmura na praça
E co mal d'estes se rega,
Co bem d'estoutros s'embaça,
Um de si se preza tanto
Que só cuida que enche as festas,
Outro sospira e faz pranto:
Coa natureza entretanto
Falemos pelas florestas.»

(SÁ DE MIRANDA — Egloga Basto—Dedicatoria).

Explicação prévia

Este livro, senhora minha, não tem a pretensão de instruir-vos, ou de vos deleitar.

Que, se aspirasse á primeira, teria, pela pedantesca intenção, merecido o destino de ser recolhido sem demora, e com as paginas ainda fechadas, no armario dos *esquecidos*. E, se presumisse de divertido, veria, apenas aberto, abrir-se tambem talvez n'um bocejo de fastio, essa bocca que só deve arquear-se no geito gracioso de um sorriso acolhedor.

E tu, pio leitor, (chamo-te *pio* não porque te julgue cumpridor intemerato dos teus deveres religiosos, ou porque te queira irreverentemente applicar, a ti um sobrio, o sentido chulo da palavra, mas porque em todos os proemios, prefacios, prologos, anteloquios e conversações preliminares era de uso considerar-te *pio*, invocando a tua caridade, a tua benevolencia, a tua esquiva bemquerença), e tu pio leitor, ia eu dizendo, não julgues que venho fazer estendal de erudição, embeber talhadas de Historia em summo de Philosophia, ou destruir propositada-

mente a poesia da tradição, na ancia, nunca invejavel, de ganhar celebridade com o auxilio do camartello demolidor.

Mas se este livro — objectarão, — não intenta ministrar ensinamento util, nem arrastar os espiritos para o seio de uma eschola doutrinaria; se não pode mesmo esperar a fortuna, que logra qualquer romance, de prender as imaginações, então que vem elle fazer á praça publica?

Eu me explico.

Deixando a outros a grave missão de pedagogo, para o que me escasseia saber, ou a amavel tarefa de recrear o grande publico, para o que me falta o condão especial que captiva as multidões, disponho apenas da faculdade de juntar e pôr ao alcance dos raros cuja attenção curiosa se compraz nas coisas do passado, algumas noticias para compor um roteiro. E' com elle por viatico, que os convidarei a emprehender uma jornada retrospectiva de visita a alguns Paços e Mosteiros.

Nos Paços e Mosteiros se gastou uma parte interessante da vida da sociedade portugueza em eras que já lá vão.

Gente d'Algo que povoava uns, almas ardentes que se abrigavam nos outros, são motivo de curiosidade para todos os espiritos, ainda mesmo os que, por affectada indifferença ou desdem, olham com esquivança o esplendor dos Palacios e o mysterio dos Claustros.

E' que ha uma força intensa de attracção nos espectaculos que teem como scenario, ou sejam as salas onde os Reis e os aulicos do Conselho tractavam os negocios da publica administração; ou sejam os vastos salões onde durante os saraus joanninos e manoelinos as vozes dos poetas palacianos declamavam trovas e villancetes, e Gil Vicente representava os Autos e Tragicomedias; ou sejam ainda as recamaras, onde pares amorosos ajustavam prasos-dados furtivos, onde a malicia dos pagens farejava aventuras, e os cortezãos armavam enredos subtis; ou sejam tambem os eirados e terraços da mourisca Cintra, de Evora a romana, da estremenha Santarem, ou da semi-arabe alcaçova de Lisbôa, onde a lua surprehendia indiscretamente echos sumidos de juramentos, e por ventura o sussurro de algum beijo; ou sejam finalmente as agigantadas lareiras, em volta das quaes os homens d'armas recontavam proezas de guerra, repetiam narrativas da odyssea maritima, e trocavam impressões sobre episodios de caça.

Percorrer em espirito os aposentos do Castello de Extremoz, onde agonisara Izabel de Aragão, e d'onde Affonso V partiu em busca de uma corôa e da mão da sobrinha; assistir do alto das muralhas do Castello de Lisbôa á partida das náus que levavam Vasco da Gama e Bartholomeu Dias, e das que transportavam D. Izabel Duqueza de Borgonha, ou D. Leonor Imperatriz da Allemanha; penetrar nos Paços da Ribeira, onde o Sultão do Occidente arma-

zenava preciosidades d'arte e ricas especiarias; admirar o fausto das seroadas de Villa Viçosa, onde os Bragança offuscavam a côrte dos Reis, e d'onde sahiram elles proprios já Soberanos; ouvir os serenins de Queluz, quando as vozes das Senhoras Infantas entoavam com o maestro Perez modinhas com acompanhamento de cravo; comparecer nas reuniões venatorias ou toureiras de Salvaterra, onde D. Marianna Victoria, intrepida amazona, caçava o cervo, e tempo depois o Infante D. Miguel corria touros; conhecer todos os centros onde se moveu a côrte no decurso de seculos de Historia, com as suas grandezas epicas, o seu brilho, a sua cultura intellectual e artistica, ou mesmo com a sua frivolidade mundana, tem um encanto especial que seduz.

E o Convento!

E' sempre attrahente esse arcaz onde se guardavam tantas creaturas fugidas do mundo, ou repellidas por elle; tantas almas feitas de nobreza, de abnegação, ou de nostalgia do Ceo; tantos espiritos esmagados pelo infortunio ou consumidos pela paixão profana; tantas carnes castigadas pelo cilicio ou atormentadas com desejos.

Os freires bellicosos, os monges austeros, os franciscanos ascetas, os benedictinos eruditos, e os frades folgazões, são assumpto de permanente interesse para o historiador, para o homem de lettras, e para o artista.

Desde S. Frei Gil, o alchimista, entregue á scien-

cia e ao Diabo, até D. Antonio Caetano de Sousa, o academico, enfronhado em genealogias; desde Frei Bernardo de Brito e Frei Antonio Brandão, os chronistas alcobacences, a José Agostinho de Macedo, o pamphletario da *Besta esfolada*; desde D. João d'Ornellas o fogoso cisterciense a Barbosa Machado o bibliographo regrado; desde Vieira, Bernardes e Frei Luiz de Sousa, voz trigémina da harmoniosa lingua portugueza, até ao fradinho de Xabregas, poetastro das ruas; e desde os Cruzios aristocraticos aos humildes Varatojanos, que extensa galeria de figuras a tentarem a attenção gulosa do pintor!

E se evocarmos as que povoaram os sagrados gyneceus, as esposas de Christo, encerradas na clausura recatada dos mosteiros, o interesse augmenta com o pressentir a palpitação das almas femininas vibrando sob os habitos brancos das Dominicanas, sob os cinzentos das Claristas, sob os negros das Bernardas, e sob os castanhos das Carmelitas. Essas almas agitadas pelos arrobos do amor divino, ou pela ardencia dos temperamentos sensuaes; pela aspiração anciosa de ascender á mystica cidade de Deus; pelos desvarios morbidos dos sentidos excitados com o perfume do incenso, com a voz do orgão, e com a voluptuosidade das flagellações nos corpos exuberantes de seiva; esses entes tentados com o sabor do fructo prohibido mordido por dentes gulosos; essas virgens entregues na solidão das cellas ao sonho das nupcias ideaes, divinas

e terrenas, formam um mundo de excepcional attracção.

E a freirinha que em voz roufenha reza no côro do cenobio retirado as vesperas e as matinas; aquella que expia com jejuns e mortificações as culpas proprias e as dos outros; a que procura refugio em Deus contra as injustiças do mundo; a que atira atravez da grade o mote aos poetas madrigalescos; a que fabrica o licor de rosa e de canella, e a gostosa lampreia de ovos enroscada sobre papel recortado, com dois olhos de pimenta; a que no cravo, na espineta, e no manicordio acompanha lunduns chorados; e a que escreve cartas inflammadas, que vão encher o mundo com os seus gemidos, são creaturas de graça que inspiram um doce interesse, e deixam de si uma enternecedora memoria.

A penna que soubesse registar com verdadeiras côres a vida das trez filhas de D. Sancho I, tão representativas da edade media; as eleições de Lorvão onde D. Filippa d'Eça fundou uma verdadeira dynastia de Abbadessas nascidas e creadas no *Convento das Montanhas;* o romance amoroso da monja do Desaggravo; a viuvez da Rainha Santa no seu convento de Santa Clara de Coimbra; a profissão, alli tambem, da Excellente Senhora; a cella onde Violante do Ceu no convento da Rosa em Lisbôa ia compondo as suas «Rythmas Varias» e os «Soliloquios»; o drama sentimental da apaixonada Soror Marianna; a estreia poetica da Marqueza de Alorna no convento

de Chellas, e as suas respostas impertinentes ao Bispo visitador; as merendas de El-Rei D. João V em Odivellas, e a procissão d'aquella communidade em pé de guerra, atacada no caminho de Lisbôa por um regimento de cavallaria; os afamados *outeiros* nas portarias, nos locutorios e nos pateos dos conventos, com os seus motes e glosas n'um torneio de sentimental pieguice; a penna, repito, que podesse traçar esses quadros, sem espirito de seita, e sem ser molhada nem no tinteiro de Voltaire nem no de Frei Antonio das Chagas, teria escripto um capitulo bem curioso da vida portugueza.

Não o poderá fazer a minha. Mas convidando quem me ler a encontrar-se com velhos conhecidos seus, *Gente d'Algo* que povoou Palacios e Claustros, se não lhe prometto uma visita erudita, proponho-lhe uma digressão ao longo do Portugal antigo, limitando-me a apontar, como os guias e os cicerones, aqui uma pedra, alli um verso, alem uma figura da grande epopêa, algures uma physionomia de mulher que illumina com o sorriso a scena lusa, alhures um comparsa modesto que entra a completar a harmonia dos córos.

Recordaremos juntos uma tragedia, sublinharemos um idyllio, sonharemos uma lenda, colheremos uma tradição, veremos passar um cortejo, ouviremos a tuba sonora proclamar os heroes, ou o gemido d'um coração que padece revelar-nos o seu segredo, poremos em memoria, sempre que possivel

fôr, vestigios d'uma alma, ou a nota tonica do sentir portuguez.

Se o rez do chão d'estas paginas não vae cimentado com citações, e se os capitulos não são enriquecidos com appendices e notas demonstrativas, que só quadram bem em livros de consulta, são comtudo as noticias que n'elles se encerram colhidas sempre com escrupulo nas obras de confiança e nos escriptos de honesta fama.

Agora, leitor amigo, prevenido como te achas de que não encontrarás maravilhas, faço votos para que depois das leituras instructivas a que por certo estás affeito, não enjeites estes meus dixes e ninharias, e repetirei com o poeta na egloga que serve de epigraphe a este livro:

«*Depois de contos mais graves*
Ouvi d'estes meus baldios.»

Cascaes. Agosto de 1915.

As Musas d'El-Rei D. Diniz

SUMMARIO

O Rei D. Diniz — Atavismo intellectual — A sua educação — Embaixada a Sevilha — O Rei Trovador e as Musas que o inspiraram — A Rainha Santa Isabel — A lenda do pagem — Trovas e bastardos — Aldonça Rodrigues — Branca Lourenço — D. Marinha Gomes — D. Grácia Fróes — Amores no Lumiar — D. Maria Pires, a *bôa dona* — Uma ignorada.

E' complexa a individualidade de El-Rei D. Diniz, rei que «fez tudo quanto quiz» segundo a singela fórmula do proloquio popular, consagrado na inscripção da torre grande do Castello do Sabugal.

Quando na nossa infancia os compendios nol-o indicavam com o cognome de *Rei lavrador*, figuravamol-o de corôa e manto, agarrado á rabiça de um arado, com o sceptro servindo de aguilhada, a espicaçar os bois nas veigas alentejanas, e nas suaves ondulações dos campos de Leiria.

Quando as mesmas cartilhas nos diziam que elle pelejàra em Coimbra ou Alvalade contra o exercito de seu filho, viamol-o então vestido de ferro, como aquelle cavalleiro que seguia S. Jorge na pittoresca procissão do Corpo de Deus, e cavalgando um murzello de batalha, pela es-

trada que hoje se chama do Arco do Cego, até onde existe o padrão commemorativo da intervenção da Rainha Santa.

Depois, quando a tradição nos contava o milagre das rosas, em que apparecia a doce Isabel de Aragão no classico gesto de desdobrar o manto, mostrando ao iracundo marido uma abada de flôres, encaravamos com respeito pavido, o rosto assanhado do avarento aferrolhador de maravedis, increpando a Santa Rainha pela sua caritativa prodigalidade; e enternecia-nos o sorriso com que ella lhe aplacava a colera.

Tambem ainda quando nos fallavam da lyra d'El-Rei D. Diniz, que fôra um grande poeta, idealizavamol-o tangendo arrabil ou tiorba, numa paizagem do Parnaso, do Pindo, ou do Helicon, sob a sorridente protecção de Polymnia, a musa da poesia lyrica e das suas oito irmãs.

Vendo-o assim afagado pelo destino e querido das musas, concordávamos em que effectivamente,

«El-Rei D. Diniz
Fez tudo quanto quiz.»

Mais tarde, quando nos começaram a explicar a obra politica e administrativa d'esse grande Rei, e quando os livros sérios nos ensinaram que: ao mesmo tempo que astutamente se congraçava com o clero, e transformava a Ordem dos Templarios, e procedia a inquirições, e arroteava as incultas terras do seu reino, e o governava com sábias providencias, ia tambem modulando, n'esse admiravel instrumento que começava a ser a lingua portugueza, as inconfundiveis estrophes com que se formou o seu *cancioneiro*, e que lhe deixam assignalado o nome como o do maior poeta do seu tempo e o mais fecundo dos trovadores de amor; aquellas musas que tinham agitado a sua alma, e presidido á sua faina poetica ou sentimental, con-

tinuaram interessando a nossa imaginação, e aguçando a nossa curiosidade. Quanto é attrahente a personalidade d'este Rei!

Bisneto de Sancho I, de Portugal, que compozera o primeiro *Cantar de amigo* para a sua amante, a perfida *Ribeirinha*; neto de Affonso X, o Sabio, de Castella, poeta profano, e trovador da Virgem; filho de Affonso III, em cujo reinado as artes lyricas palacianas desabrocharam; D. Diniz, por herança e por atavismo, tinha em si a vibratilidade do artista, e a enternecedora impressionabilidade amorosa do poeta.

D'essa idiosyncrasia sentimental provieram numerosos bastardos, e algumas das mais bellas poesias da lyrica peninsular, *carmina de profanis amoribus*.

Saber quem gerou aquelles, e quem inspirou estas são problemas que, se não têm uma importancia capital na Historia, têm um attractivo especial que seduz os espiritos ainda os mais sizudos, e os menos dados a bisbilhotices. E como a éra de D. Diniz é fecunda em tudo, até nas interrogações que nos deixou, alludir a estas póde incitar alguem a responder-lhes.

* * *

Teve por avô, como fica dicto, Affonso X, de Castella e de Leão, intitulado o *sabio*, e que foi sabio a valer. Cultivou este Rei todos os ramos da actividade intellectual do seu tempo: compilando as *Sette Partidas* e *Flores de las Leys*; reformando a Universidade de Salamanca; fazendo escrever a Chronica Geral de Hespanha. Na mocidade foi poeta notavel e compoz profanas e até licenciosas canções, ou versos de mal-dizer de «desnudo naturalismo». Mais tarde transformando a veia amorosa dos verdes annos em paixão

religiosa, é ainda o mesmo poeta apaixonado pelo eterno feminino symbolizado na Virgem Maria, de quem se torna trovador *galan* e seu *entendedor*, compondo esses inconfundiveis *Cantares de Santa Maria*, que são um monumento da litteratura hespanhola. A côrte magnifica deste monarcha, bibliophilo coroado, que protegeu as lettras e as artes, foi o mais requintado centro do movimento trovadoresco gallego-portuguez, onde principes, nobres extrangeiros, magnates, jograes e cavalleiros, rodeiavam com brilho essa figura prestigiosa, e entoavam em verso elogios destinados a perpetuar a sua gloria. E já quando deposto e abandonado de todos, tinha por unica consolação o piedoso carinho de sua filha D. Brites, mãe do nosso D. Diniz, raio de sol que aqueceu a sua velhice, elle, ao compôr cantigas sobre casos milagrosos destinadas a serem entoadas por jograes nas igrejas de Hespanha, e alludindo aos seus versos de amor profano, rogava á Virgem que o aceitasse por seu *trovador*, affirmando-lhe que desde então nunca mais *trovaria por outra dona*...

Affonso III, o Bolonhez, pae d'El-Rei D. Diniz, trouxe de França, onde por alguns annos residio, e onde foi casado com a Condessa Mathilde, uma notavel cultura de espirito, pois fôra bem aceito na roda de Branca de Castella, a mãe de S. Luiz, e inspiradora de Thibaut de Champagne, o melhor troveiro d'aquella côrte.

Alli cultivara a lingua *d'oíl*. E se elle proprio não foi trovador, o que aliás alguns autores affirmam, fez-se acompanhar quando voltou a Portugal, de numeroso sequito, em que figuravam altas capacidades, creando em volta de si, á imitação do seu sogro Affonso X, uma atmosphera litteraria e artistica, ambiente de poesia palaciana em que a lyrica dos troveiros francezes se enxertou com felicidade no tronco florescente da gallego-portugueza.

Sendo já rei e promulgando leis sumptuarias e regulamentos das elegancias na sua côrte, estabelece regimento aulico, ou pragmatica á moda de França, determinando as attribuições de trez jograes no Paço.

A pleiade de fidalgos e jograes que o rodeiou, composta dos melhores trovadores portuguezes, tem um grande brilho, originalidade e viço intellectual.

O Bolonhez contribuia assim para a prosperidade litteraria da sua terra, ao mesmo tempo que preparava a alma lyrica de seu filho, o moço D. Diniz, fertil terreno para cultivar as lettras e artes.

Deu-lhe como preceptores para lhe moldarem o caracter Nuno Martins de Chacim e Lourenço Gonçalves Magro, descendente de Egas Moniz. E deu-lhe como mestres Ayméric d'Eberard, de Cahors, que depois foi Bispo de Coimbra, e Domingos Annes Gordo, a quem D. Diniz tanto se affeiçoou que o fez seu chanceller-mór.

Estes dous tinham vindo com Affonso III de França. Conheciam a lingua *d'oc* e a lingua *d'oïl*. Foram mestres da poesia provençal que D. Diniz com tão feliz geito imitou:

«Quer'eu en maneyra de prouençal
fazer agora um cantar d'amor»

E com as suas licções, afinaram esse harmonioso psalterio que foi a alma lyrica de D. Diniz.

Quando Affonso III estabeleceu casa ao filho, foram para ella escolhidos fidalgos trovadores, moços de cultura notavel das familias dos Briteiros, dos Velhos, dos Coelhos, assim como João de Lobeira, e o velho D. João d'Aboim, grande valido do Rei e das musas, e autor da graciosa *pastorela* que diz:

«Nunca molher crea per amigo
«pois s'o meu foi e non falou migo.»

Já antes disso, quando ainda El-Rei D. Diniz era tamanino, seu pae o enviára n'uma embaixada á côrte do sogro Affonso X, que então se achava em Sevilha.

Com os seus seis annos, o moço Infante chefe de «um exercito de terra e armada de mar» acompanhado de numeroso sequito, levava uma importante missão. Diz Brandão, na *Monarchia Luzitana,* que «teve o chronista mais cuidado de especificar a causa d'ella que as circumstancias» e que «assim não pudera ampliar a narração com outras miudezas.»

É devéras para lastimar essa omissão, pois seria curioso o espectaculo do pequeno Infante portuguez, garrido na sua tunica e manto de côres vistosas, com o rosto enquadrado nos cabellos ainda alourados; os olhos vivos e perspicazes captando aspectos, e o cerebro impressionavel armazenando idéas, quando recebido n'essa côrte deslumbrante em que o Rei, sabio e poeta, dedicava canções ás donas e rimas á Virgem Maria, rodeado de uma aristocracia brilhante de trovadores e de jograes, que cantavam proezas guerreiras e canções amorosas.

Foi então n'essa côrte que elle apreciou os mestres na arte de tanger as violas de pennula, as guitarras mouriscas, as flautas e enxabebas que acompanhavam cantigas de mal-dizer, trovas de *escarnho,* e todos os exercicios subtis da *gaia-sciencia.*

Foi alli que presenciou os *remedilhos,* em que mómaros e remedadores imitavam com gestos e momices as attitudes de personagens conhecidos. E foi n'essa côrte que elle a primeira vez assistio ao manejo das armas no *bafordo;* ao atirar das lanças no *tavoado ;* e que aprendeu os rudimentos da caça ao urso, o toreio; a ser dextro falcoeiro, e todas as *boas manhas* que pertenciam á gente nobre. Foi ahi tambem, n'essa sala do palacio de Sevilha, que elle vio applicadas as regras de cortezania, e que enxergou os

moços cavalleiros e talvez o proprio avô (grande apreciador de donas), *donearem* galanteadores, fallando *saborosamente* e *com mesura*, como mandavam as boas leis, ás lindas minhanas da côrte andaluza.

Impressões de infancia fixam-se persistentes na nossa imaginação; acompanham-nos no caminho da vida; determinam por vezes tendencias do nosso espirito ou inclinações do nosso coração; e, por mysteriosas reacções psychicas, influem poderosamente em muitas das nossas acções. Sons, perfumes, imagens, farrapos de paizagem, scenas vividas dormem latentes durante annos na sub-consciencia, e apparecem, quanta vez, subitamente na nossa memoria evocando recordações de um passado longinquo.

D. Diniz, cuja sensibilidade impressionavel de meridional com imaginação viva e espirito receptor, recolhia facilmente os aspectos exteriores das cousas, trouxe, por certo, em embrião na memoria, da côrte do avô muitos dos usos e costumes que mais tarde veio a introduzir na côrte portugueza.

O seu temperamento fez o resto.

D. Brites, sua mãe, que viera de Castella com pouco mais de nove annos para casar com D. Affonso III, ardia desde então em curiosidade de saber minucias acerca das maravilhas da côrte do Sabio Affonso X, que lhe pintavam tão brilhante. Foi pelo filho que veio a ter d'ella noticias. Foi talvez interrogando-o na volta de Sevilha que a Rainha alimentou na alma juvenil do moço Principe, tão facil de enthusiasmar, o fogo sagrado da admiração pelas virtudes... e pelos defeitos do avô.

Quando aos dezaseis annos El-Rei seu pae lhe pôz casa, os que vieram figurar na nova côrte encontraram n'elle já um caracter feito, uma vontade resoluta, uma phantasia impetuosa e um coração voluvel.

Oh! excessivamente voluvel.

Não seja tomada á conta de mexerico a allusão ás numerosas aventuras galantes do Rei-Trovador.

Não fazemos referencia á chronica amorosa d'este monarcha só pelo prazer de entrar indiscretamente, como Brantôme, nas alcovas dos reis, mas porque da vida sentimental de D. Diniz provieram alguns homens de valor, e porque as mulheres que o enfeitiçaram foram inspiradoras, ou musas suggestivas, ou meramente causas occasionaes da sonora vibração do seu estro.

*
* *

Quem foi a mulher que primeiramente deveras o captivou?

A primeira e a que sempre influio na sua alma foi... (embora isso se afigure um paradoxo) foi Izabel de Aragão, sua mulher.

E' costume, nascido da rotina, representar El-Rei D. Diniz em permanente divorcio d'almas com a santa mulher que o destino trouxe para junto de si. Avarento, figuram-n'o recusar ferozmente dinheiro para as suas obras de caridade; desconfiado, accusal-a de infiel; enfastiado, exilal-a para o termo de Alemquer... Que sei eu?!

Outros ha (espiritos azedos) que chegam a legitimar o afastamento do marido, assacando á Rainha a sua dureza de animo; a excessiva religiosidade que a levava a cuidar pouco de sua pessoa, cingindo-se com cilicios, desprezando atavios, embelecos, adornos, e todos os meios de sedução. Chegam até a accusal-a de se ter bandeado com o filho, e só representar o papel de medianeira quando os negocios d'este perigavam. Ainda mais, accusam-n'a de, induzida pelo seu antigo confessor, o Bispo de Lisboa Fr. Estevam, decahido da graça real, ter fomentado a rebeldia do Infante!...

E' tão facil bordar uma divagação phantasista sobre a talagarça de qualquer these historica!

O que é certo, porém, é que na manhã de 24 de Junho de 1282, ao chegar a Trancoso, vinda de Barcelona, com luzido sequito de nobres damas, entre as quaes a illustre D. Betaça neta do Imperador do Oriente, Theodoro Lascaro; D. Izabel Cardona, Senhora de sangue real; D. Maria Ximenes de Cornel com quem veio a casar o Conde D. Pedro, e tantas mais, e acompanhada pelos Infantes D. Jayme de Castella e D. Affonso, irmão do Rei de Portugal, a formosa Infanta aragoneza, com o manto cahido sobre as gualdrapas de velludo carmezim que escondiam as ancas da hacanea branca em que vinha montada; olhos postos no chão; e levemente ruborizada pela fadiga da viagem, e pelo alvoroço e commoção do encontro com aquelle que ia ser seu marido, tomou de assalto o coração impressionavel de D. Diniz e a sua imaginação de poeta e de artista.

Conta-se que por entre as fileiras de barracas e de tendas formando ruas junto aos muros de Trancoso, o Rei quiz, elle proprio, levar á mão o cavallo da sua noiva através d'essa improvisada, populosa e festiva cidade.

Trazia a juvenil Princeza comsigo uma comitiva alegre e galanteadora de aragonezes e catalães, de que o poeta Caldeiron no seu expressivo *sirvente* conta:

«Os d'Aragon que soen doncar
«e catalães con eles a perfia
«leixados son por donas a lidar
«van-se acordando que era folia.

A belleza da Rainha e a folia da comitiva trouxe o moço rei, então de 21 annos, enlevado e divertido nos primeiros tempos de casado.

E' possivel até que uma historia que a tradição nos fez chegar como sendo passada na côrte portugueza, embora a encontremos parallela ou semelhante nas litteraturas de outros paizes, e até n'uma ballada de Schiller — *Der Gang nach den Gisenhammer* — traduza, senão a realidade dos factos, pelo menos o echo de um rumor publico que attribuia ao Rei D. Diniz um accesso de ciume, suppondo-se preferido por outro no coração da joven Rainha.

Conta-se o caso assim: a Rainha, na sua faina de fazer bem, especialmente a pobres envergonhados, empregava um pagem que trouxera de Hespanha, na delicada empreza de levar soccorros aos seus protegidos. A privança do pagem, que era moço e garboso, suscitou desde logo invejas e porventura ciumes. Um official do Rei, mais rancoroso que os outros, tentou levar ao espirito de seu amo suspeitas ácerca da natureza das relações entre a Rainha e o pagem. D. Diniz, mordido pelo «monstro de olhos verdes», e escutando a perfida voz d'aquelle Yago penisular, chamou á sua presença um homem, dono de uns fornos de cal que nos arredores da cidade ardiam em successivas coseduras, e ordenou-lhe que na manhã seguinte, quando um mensageiro o procurasse da sua parte, sem detença o mandasse agarrar e atirasse á boca do forno em chammas.

Como é de prever, foi o pagem da Rainha que na manhã seguinte o Rei enviou ao forneiro. Apressou-se o pagenzito a obedecer, e ante-manhã poz-se a caminho do forno que ficava longe, lá nos suburbios.

Ora aconteceu então que, ao passar junto a um convento de freiras, ouvio tocar á missa das almas; e chegaram-lhe aos ouvidos as vozes roufenhas das monjas que rezavam matinas. Entrou. Demorou-se o padre em dizer a missa? Ou o pagem devoto prolongou demoradamente as suas orações? Os agiologios dão até a entender que

Santa Izabel intercedera para que o Espirito Santo retardasse o piedoso pagem...

Entretanto o Rei, impaciente por não saber o resultado do seu projecto, resolveu mandar saber como o caso se passara. Ninguem melhor indicado que aquelle mesmo que tinha denunciado o pagem.

Promptificou-se este logo a executar o mandado, tanta era a ancia de verificar a morte da odiada victima.

Correu sem detença ao forno junto ao qual o forneiro collocara os executores da sentença régia. Estes, apenas o mensageiro do Rei se approximou, promptamente o agarraram, precipitando-o, apezar dos seus gritos, na boca ardente da fornalha.

Passado pouco tempo chega o pagem e interroga:

— Envia-me meu Senhor Rei a perguntar-vos se as suas ordens foram cumpridas.

— Ide trigosamente, responde o forneiro, e dizei a El-Rei que obedeci omildoso ao seu decreto.

Voltando o pagem ao palacio, dirigiu-se á camara de D. Diniz e, pondo o joelho em terra:

— Senhor, envia-vos o forneiro dizer que vossas ordens foram executadas.

O Rei, attonito, vendo na sua frente aquelle que julgava a essa hora já morto, tratou de averiguar o succedido e, attribuindo á Providencia Divina a troca dos mensageiros, cahio em si, e lastimou sinceramente ter duvidado da innocencia da Rainha.

Este caso, que entra na série de lendas e milagres que enfloram a historia da Rainha Santa e do Rei poeta, da-nos idéa da natureza do sentimento que o vulgo julgava ligar, nos primeiros tempos de casado, o régio trovador á formosa Aragoneza.

Foi talvez então que elle compôz algumas das poesias

que, embora não tragam a indicação de quem fosse a inspiradora, podem suppôr-se dedicadas á Rainha.

Aquella por exemplo que no *Cancioneiro da Vaticana* apparece com o numero 95, póde representar, (quem sabe ?) um hymno em louvor da mulher, que Deus destinára para sua companheira. Diz assim:

Poys que vos deus fez, mha senhor
fazer do ben sempr'o melhor
e vos en fez tam sabedor,
hunha verdade vos direy
se mi valha nostro senhor
erades boa pera rey

. . . . . .

E poys vos deus nunca fez par
de bon sen, nen de ben falar
nem fará já, a meu cuydar
mha senhor, e quanto ben ey,
se deus quisesse guysar
erades bôa pera rey

Foi esta trova que alguem já imitou dizendo:

Pois que assim vos fez Deus minha senhora
Que do bem o melhor é vossa lei
E d'essa lei vos fez tão sabedora,
Em verdade eu agora vos direi,
Se n'isso me ajudar nossa Senhora
Que estaveis destinada para Rei.

. . . . . .

E se Deus nunca fez ninguem egual
a vós, ou na palavra ou no sentir,
e se nunca, Senhora, fará tal
que venha a semelhar-vos no porvir;
Foi Deus quem assim fez saber por lei
Que estaveis destinada para Rei.

O sabor archaico d'esta trova e de muitas outras que entram no cancioneiro de D. Diniz; o travo especial que deixam n'um paladar desprevenido ou habituado á lingua de hoje; a grammatica rudimentar d'aquelle tempo; o vocabulario composto de termos desusados, que não dispensam o manejo de um glossario, o emprego de palavras que então eram communs de dois, como *senhor* que se applicava como masculino e feminino; a infancia da metrica, e o obscuro de muitas phrases, enfadam os espiritos ainda os mais gulosos de antigalhas, e desinteressam a attenção dos mais requintados amadores de boas lettras.

Mas, teimando em lêr repetidas vezes algumas das poesias de D. Diniz, o ouvido vae-se habituando á musica e comprehendendo-a, vae-se deixando embalar no rythmo especial daquelles versos, e o sentido então aclara-se deliciosamente. Algumas d'essas concepções, embora pobres de idéas, são, pela ingenuidade do sentimento que traduzem, pela frescura da composição, pela sinceridade com que se exprimem, preciosos documentos d'alma.

Outra que tambem póde ser dirigida á Rainha Izabel começa:

Praz m'ha mi, senhor, de moirer,
e praz-m'ende por vosso mal
ca sey que sentiredes qual
mingua vos poys ey de fazer;
ca nõ perde pouco senhor
quando perde tal servidor
qual perdedes en me perder,

. . . . . .

que poderia lêr-se assim:

Apraz-me pois senhora, de morrer
apraz-me isso bem por vosso mal
porque sei que havereis de sentir qual
a falta que vos hei de então fazer ;
e podereis bem certo conhecer
perdendo servidor que é tão leal
tudo o que vós perdeis em me perder.

. . . . . .

Postas assim as estrophes em vulgar, o que poderá chamar-se *leitura nova,* e transformando-se, por um processo de mechanica litteraria, o metro archaico do poeta regio em decassyllabos communs. tornar-se-hia cada trova mais accessivel ao nosso entendimento, e resaltariam mais claras as intenções artisticas, e porventura sentimentaes, de D. Diniz.

Não seja, porém, tomado á conta de profanação, nem considerada como sacrilegio a tentativa de substituir por versos ensossos as deliciosas cantigas do troveiro medieval com os seus refrans ou estribilhos, com o perfume da sua linguagem balbuciante, com a quebra tão pittoresca dos seus versos. Não! E' apenas um ensaio de traducção lançado como exercicio n'um caderno de themas escolares, que póde servir de suggestão para tarefa litteraria aos curiosos que tentarem a leitura das mil duzentas e tantas poesias do *Cancioneiro da Vaticana,* das quaes, diga-se de passagem, muitas ha de outros poetas, que nem a decencia nem o bom senso permittiriam que se traduzissem. Aquellas que «o muy respeitable Dom Diniz de Portugal fex» (como ahi se diz), essas são na maior parte sentidissimos *cantares d'amor.*

E proponho áquelles mesmos curiosos a empreza tentadora de procurar n'esse precioso *bric-a-brac* litterario as que se possam attribuir á inspiração das suas variadas musas.

Uma que ainda póde considerar-se dedicada á Rainha Santa Isabel é a que começa.

«Que soydade de mha senhor ey!

e acaba assim.

«... ca tal a fez nostro senhor
de quantas outras no mundo son
non lhi fez par, a la minha fé non,
e poyl a fez das melhores melhor
rog'eu deus que end'a o poder
que m'a leixe, se lhi prouguer, veer
cedo, ca tal a quis deus fazer,
que se a non vyr, non posso viver.»

*
* *

D. Diniz embora, como já dissemos, tivesse dedicado á santa com quem casou, primeiramente um culto enternecido, mais tarde uma respeitosa affeição, e finalmente, quando em Santarem, morreu uma quasi devoção pelas suas virtudes, abrio, é certo, numerosos parenthesis no sentimento por sua mulher, com devaneios nascidos no coração facilmente enthusiasta, e favorecidos pela indulgente moral que n'essas eras regulava estes casos.

Não podemos, nem é nosso intento, registrar cada um dos passos na peregrinação amorosa do voluvel poeta. Mas não deixaremos comtudo de mencionar os nomes d'aquellas que o prenderam por uma ou por outra das fibras do seu ser; ou lhe deram um filho por qualquer titulo notavel; ou por ventura lhe inspiraram alguma das suas muitas canções de amor.

A primeira de que os chronistas fallam, é Aldonça Rodrigues Telha, que foi mãe do famoso bastardo Affonso Sanches. Alguns lhe chamam Aldonça Rodrigues de Sousa, outros dizem *Telles* ou *Tella*. Mas como seus pais foram

D. Thereza Gil e Ruy Gomes Telha, é este o seu appellido, julgando se até que vem d'ella o nome dado ao sitio de *Telheiras,* perto do Campo Grande, onde seu filho teve um palacio. Ao pae Ruy Gomes Telha, fez o poeta Pero Barroso uma cantiga, que dizia:

Meu senhor, que vos semelha
do que se vos carapelha,
e vos anda na orelha
rogindo como abesouro?
Ruy Gomes de Telha
tragu'eu o our'e o mouro.

Póde ser que esta cantiga se referisse a *zunzuns* que, semelhantes a zumbidos de besouro, chegavam ao ouvido de Ruy Gomes acerca da ligação da filha.

E' provavel que a esta Aldonça Rodrigues Telha, que parece ter sido muito formosa, e que ainda depois do Rei seduzio um tal Paay Rodrigues, com quem casou, sejam dirigidas algumas das mais bellas canções de D. Diniz. A preferencia e paternal affecto que El-Rei demonstrou sempre ao filho que d'ella teve, parece provar que esta foi a mais amada das favoritas.

Ao percorrermos as trovas amorosas de D. Diniz não se encontra o nome d'ella escripto, nem uma allusão clara a essa amante dilecta; mas em muitas transparece uma tão intensa paixão, que um instincto nol-as aponta como sendo dirigidas a ella.

A principio, timido, dir-lhe-hia.

Nunca vos ousey a dizer
o gram ben que vos sey querer
senhor d'este meu coraçon
mays a que m'en vossa prison
de que vos praz de mi fazer.

. . . . . .

Mais tarde, já quando tinha conhecimento de quanto ella era *bem talhada*, e se deixara apoderar pelos seus encantos, dizia:

Senhor, en tan grave dia
vos vi, que non poderia
mays e por Santa Maria
que vos fes tan mesurada
doede vos algũ dia
de mi, senhor ben talhada

. . . . . .

Depois da *bem talhada* se ter condoido das suas supplicas desabrochou então o romance, em trovas e entrevistas, ahi pelos annos de 1288.

E durou esta ligação, mais que as outras que depois teve, prolongando-se de modo que D. Aldonça foi considerada a favorita entre as favoritas.

D'estes amores nasceu Affonso Sanches, sobre quem estendeu o affecto que dedicava á mãe, e que mais tarde trouxe tantas perturbações ao reino. Fez d'elle seu Mordomo-mór; casou-o com D. Thereza Martins, filha do Senhor d'Albuquerque; associou-o na governação, aproveitando a sua coadjuvação em muitos actos administrativos.

A este filho fez muitas mercês, como á mãe dirigio muitas canções. Uma provavelmente, entre outras lhe foi dedicada, que mostra quanto D. Aldonça era querida, e que é notavel por duas allusões as lendas poeticas do cyclo bretão. Essas allusões dão medida da cultura litteraria do Rei, e de quanto era conhecedor dos poemas cyclicos da *Tavola Redonda*, que soube aproveitar poeticamente nos seus versos, e habilidosamente no seu commercio amoroso.

Desde o seculo XII que do norte viera o echo lendario dos amores de *Tristan e Isolda* ou *Iseu*, assim como

da graciosa, e docemente enternecedora aventura de *Flores* e *Brancaflor.*

A paixão ardente de Tristan pela bella Iseu mulher de seu tio, o Rei da Islandia, e as lendas cavalleirosas que rodeavam esse episodio, inflamavam todas as imaginações, e impressionaram o temperamento sentimental do Rei Trovador. Do mesmo modo tambem o poema de Brancaflor, a bem amada de Flores, o filho do Rei Sarraceno; a fidelidade e constancia dos dous amantes através de todas as tentativas para os separarem; a abnegação que os levou a quererem sacrificar-se um pelo outro, proporcionaram a D. Diniz imagens (talvez mais litterarias que reaes, e mais imaginarias que verdadeiras), para se dirigir á sua amiga.

Senhor fremosa, e do mui loução
coraçon, e querede vos doer
de mi peccador que vos sey querer
melhor c'a mi; pero soo certão,
que mi queredes peyor d'outra ren,
pero, senhor, quero vos eu tal ben;
Qual mayor poss'e o mays encoberto
que eu poss'e ssey de *Brancha Frol,*
que lhi non ouve *Flores* tal amor,
qual vos eu ey;

. . . . . .

Qual mayor poss'e o mui namorado
Tristã, sey ben que non amou *Iseu*
quant'eu vos amo, esto certo sey eu . . . . . .

. . . . . .

Mas nem o amor ardente de *Tristan* e *Iseu*, nem a constancia de *Flores* e *Branca Flor,* foram imitados pelo variavel monarcha, e pela sua amante. Ella casou-se com Paay Rodrigues, conforme diz o Nibiliario do Conde D. Pe-

dro. Elle em 1301, por escriptura de 28 de Julho realizava com Branca Lourenço um ex'ranho contrato. Doava lhe a villa de Mirandella, dizendo-lhe claramente n'esse documento publico, e por fórma pouco galante, que era «por compra de vosso corpo», determinando que: se Deus tiver por bem que haja filho ou filhos elles herdem a dita villa. Diz Brandão na Monarchia Luzitana que presume ser esta Branca Lourenço filha de Lourenço Soares de Valadares, e que veio a casar com Martim Annes de Briteiros. Presume tambem que da *conversação* que teve com El-Rei nascera uma filha, D. Maria, que foi freira em Odivellas.

Paira uma nuvem de mysterio sobre esta freirinha.

O seu mausoleu, que primitivamente esteve na parede de um dos claustros d'aquelle convento, d'onde depois foi removido para o sitio onde hoje está, encerrou em tempo o corpo da nobre religiosa, e hoje encerra ainda o enigma da sua curta vida, e o segredo do drama que as figuras sobre que elle assenta parece quererem revelar, mas que, mudas, calarão eternamente.

Um escriptor que minuciosamente estudou aquelle Mosteiro, fallando d'esse tumulo diz o seguinte: «Não são leões ou cachorros os supportes, mas figuras humanas. Uma, a que se vê do lado da cabeceira, representa um frade com seu habito cingido pelo competente cordão, sandalias nos pés, apoiado nos joelhos e nos cotovellos, debruços.

«O outro supporte é composto de duas figuras: um homem e uma mulher. Elle corpolento, ella franzina, uma verdadeira criança.

«O homem, cuja cabeça desappareceu, tem trajo de cavaileiro; do cinturão lhe pende a bainha da espada. A criança apenas veste uma camiza curta, e tem os cabellos cingidos por uma faixa roliça e torcida.

«As attitudes das duas figuras mostram uma scena terrivel.

«O homem quiz *roussar* a criança. Colheu-a desprevenída no leito... Opprimida pelo infame, a pobre criança grita, tenta com as mãos repellil-o. O algoz, raivoso de não poder satisfazer os seus bestiaes appetites, com a mão crispada e sanhuda, segura-a violentamente pelos cabellos, e lhe enterra a espada do lado esquerdo do peito.»

O autor do livro a que nos referimos suppõe que, sendo costume medieval representar nos tumulos algumas scenas mais ou menos notaveis da vida das pessoas que encerravam, aquelle acto de selvajeria, fosse reproducção do episodio terrivel mas capital, na vida de D. Maria Affonso, facto que teria occasionado a sua entrada para o convento.

Não custa a crer que a pobre criança fosse violentada. E' frequente encontrar nos livros de linhagens allusões a *roussos*, que n'esses tempos brutaes eram correntes.

O que não se explica é que, para figurar no tumulo da nobre freirinha, se fosse buscar, como supporte, a reproducção de uma tão lamentavel catastrophe na sua existencia.

A estatua que sobre o mausoléo se vê (alli a visitámos ha alguns annos), representa uma mulher muito moça com o rosto oval, bem ageitados os cabellos sobre a almofada em que a cabeça assenta. Os beiços sorrindo não revelam o mysterio de sua existencia, nem o drama... se drama houve, na vida da filha de Branca Lourenço. Alguns dizem ter morrido com fama de santa.

A mãe, essa, não parece ter sido heroina, ou santa, nem ter exercido grande influencia na alma do Rei.

E tambem parece ter sido passageira a chamma que n'elle ateiou D. Marinha Gomes, natural de Lisboa, e que veio a fundar a igreja de Santa Marinha.

Deu esta senhora ao Rei uma filha que tambem se chamou Maria Affonso, a qual casou com D. João de Lacer-

da, filho de Affonso de Lacerda, pretendente legitimo aos Reinos de Castella e Leão.

D. Marinha veio a casar e teve outra filha depois do seu ephemero idyllio com o Rei. Entretanto, apezar do ser casada, ella não deixa de dizer no seu testamento: «Eu Dona Marinha Gomes, madre, de Dona Maria Affonso, filha que foy d'el Rey D. Denis, a quem Deus perdóe»

Pouco tambem agitou a alma do seu amante trovador, e não é de crer que o inspirasse.

*

* *

Outra, porém, foi a influencia de D. Grácia Fróes. Era esta menina natural de Torres Vedras, e foi porventura quando El-Rei n'uma das suas muitas deslocações pelo reino cavalgava com destino a Leiria, que n'aquella villa pousou, e travou conhecimento com a lindissima rapariga que havia de ser a mãi de D. Pedro, Conde de Barcellos. Foram seus pais João Froyas ou Fróes, e D. Catharina Domingues Franco, filha de Gonçalo Annes Franco, senhor de Athouguia.

Concertou se El-Rei com a formosa Dona Grácia, e trouxe a para o termo de Lisboa, entre Odivellas e Alvalade, onde ás occultas a ia vêr.

Fez-lhe muitas doações, e entre ellas umas casas que depois se chamaram do Monteiro-mór, (onde hoje é o Palacio dos Duques de Palmella). Não longe corria uma ribeira que ia desaguar na de Sacavem e que tomou o nome de *ribeira de Dona Grácia*.

Foi talvez nas margens pittorescas desse regato, emquanto furtivamente passava a clandestina *lua de mel* da mão esquerda, que o poeta compôz aquella formosa ser-

ranilha, inspirada pela faina das lavadeiras de Loures, e que diz assim:

«Levantou s'a velida,
levantou s'alva
e vay lavar camysas
en o alto;
vay las lavar, alva.
Levantou s'a louçana
levantou s'alva,
e vay lavar delgadas
en o alto.»

. . . . . .

Foi n'esses campos, tendo por theatro a graciosa paizagem da encosta que domina o Valle de Flôres, que o Rei poeta escondeu os seus romanticos amores.

A Rainha D. Izabel, porém, que, embora santa, não era isenta de uma pontinha de ciume, e que, apezar de virtuosa, não resistia ao prazer de uma vingança, tendo farejado a existencia de um novo idyllio real, resolveu dar um castigo ao infiel marido.

A Côrte estava então em Odivellas, n'aquella habitação, agora um pardieiro, que ainda hoje se chama *a casa do Rei*.

Como unicos vestigios do seu antigo esplendor vê-se actualmente, apenas, numa fachada que deita para o claustro, a arcada ogival de uma janella, e, no cunhal, a grande altura, o escudo de armas reaes, onde as quinas estão cercadas de vinte e dous castellos. Existe tambem na fachada sul do que se chamava o Paço ou Quinta de Odivellas, outra janella gothica, talvez do quarto da Rainha, de onde esta via afastar-se o descuidado marido, quando galopava por Valle de Flôres a encontrar-se com D. Grácia.

Era quasi sempre no fim da tarde, entre lusco e fusco,

que o Rei, depois de inspeccionar as obras do mosteiro para donas que alli andava construindo, em cumprimento, de um voto, montava prazenteiro no cavallo baio (o bayoninho), que elle celebrou numa das suas trovas:

. . . . . .

Vede la frol do pinho, valha Deus,
selad'o bayoninho
e guisade d'andar,
Vede la frol do ramo, valha Deus,
selad'o bel cavalo,
e guisade d'andar.

De uma vez, a noite escura como breu quasi não permittia ao amoroso cavalleiro distinguir o caminho. O cavallo, porém, o favorito baio, habituado ao atalho e guiado pelo instincto que o levava á abastecida manjadoura, encaminhou-o sem hesitação á morada da formosa dona. Já perto, D. Diniz notou com espanto vultos suspeitos, e ao penetrar, furtivamente embuçado na ampla capa, no pateo da recatada habitação, vê romperem subitamente de varias portas das officinas numerosos creados com a farda da casa da Rainha, que lhe fazem alas empunhando tochas e archotes, com que inundam o pateo e a fachada de luz a jorros.

Ao alto da escadaria de pedra, sob o alpendre, a Rainha Izabel, hieratica, no seu véo azul, espera o perturbado marido, a quem diz mansamente:

«Para que não seguisseis caminho errado, fui eu que assim vos mandei *alumiar*.»

Diz a tradição que d'essa palavra tirou nome o sitio onde se achava a habitação de D. Grácia, e que desde então essa localidade ficou chamando se: *Lumiar*.

Pretendem outros que esta scena se passara perto de

Leiria e que o lugar das entrevistas era o que depois se chamou *freguezia dos amores*.

D'esses amores nasceu, como já dissemos, D. Pedro, Conde de Barcellos, que tambem como seu pae foi trovador.

São d'elle algumas das cantigas de «maldizer» e de «escarnho» que se encontram no Cancioneiro da Vaticana, e se não era autor do livro de cantigas que em testamento deixou a seu sobrinho Affonso XI, de Castella, foi d'elle intelligente compilador.

Era mais caustico que D. Diniz nos seus cantares, e eram menos amorosas as suas canções.

E' assim que não poupa nem o Monteiro-mór Alvaro Roiz, a quem diz em verso duras verdades; nem um cavalleiro que fazia negocios pouco lisos; nem uma certa Mór Martins, por alcunha a «Camella», que andava de amores com João Mariz, por sobrenome o «Bodalho».

e por eu me maravilho
de Bodalho fazer filho
por natura na Camella.

Fel-o seu pae Alferes-mor, e era grande senhor no fausto e no acompanhamento de que se rodeiava. E grande foi tambem na estatura do corpo, que media «quasi onze palmos e meyo».

Quando apparecia com o seu saial de tafetá, toucado com um barrete de setim amarello tostado, que coroava as compridas melenas ruivas, e com as longas esporas de ouro abraçando as botas de ponta aguda, o filho de D. Diniz e de D. Grácia era «geralmente havido pelo homem de mais galharda disposição que então avia em Espanha».

Pelo livro de linhagens que se conhece com o nome de «Nobiliario do Conde D. Pedro», e que effectivamente na

maior parte lhe pertence, este Conde de Barcellos merece ser chamado o primeiro historiador portuguez.

No cruzeiro da Sé de Lisboa, e a par da capella de Santa Catharina, ha, ou havia em tempo, uma capella de S. Gervasio onde D. Grácia se mandou sepultar, depois de ha muito já ter guardado a memoria do seu romance na arca das recordações felizes...

A historia diz que aquella senhora depois de ter inspirado a D. Diniz uma das suas paixões tão intensa como passageira; depois de ter sido cantada em algumas das canções de amor; e depois de lhe ter dado o filho que figura como segundo na extensa lista dos bastardos, viveu vida recatada e séria, e só veio a morrer depois de 1322, data do seu testamento, no qual se nomeia - «Eu Dona Gracia, madre do Conde D. Pedro de Barcellos» ..

Alguns annos antes de ella morrer andou o Rei novamente de amores com uma Maria Pires, natural do Porto, a quem D. Pedro no Nobiliario chama *boa dona*. Desta senhora nada ou pouco se sabe, senão que foi a mãe de João Affonso, Senhor de Louzã e Aronce, e Mordomo mór da Rainha Santa Izabel, mulher de seu pae. Foi tragicamente degolado em 1325 por ordem de seu irmão D. Affonso IV.

Do outro bastardo, Pedro Affonso, que muitos têem confundido com o autor do Nobiliario, ignora se quem fosse a mãe.

Musa passageira, não deixou nas chronicas o seu nome, nem nas trovas de seu amante vestigio de as ter inspirado.

E, comtudo, (quem sabe?) talvez algumas d'ellas, e das mais apaixonadas, tenha nascido do amor do Rei por essa *ignorada*. Pois quantas vezes os sentimentos, que mais se escondem, são os que mais fazem vibrar!

*

* *

O *Cancioneiro* de D. Diniz encerra numerosas canções. As chronicas revelam muitas aventuras.

A cada um dos passageiros idyllios corresponde certamente uma demonstração da sua actividade poetica.

A sua lyrica amorosa é tão extensa, como é variada e longa a lista dos seus amores.

Houve, porém, um proposito evidente em supprimir nas trovas e cantares os nomes d'aquellas que os inspiraram, cuidado que não concorda com a publicidade quasi solemne que dava ás suas ligações.

Como trovador amoroso era discreto. Como Rei era magnanimo para aquellas que lhe tinham dado um filho.

D'esta dupla maneira de ser nasce uma grande difficuldade em investigar qual das innumeras musas inspirou esta ou aquella das numerosas cantigas.

Foram todas para cada uma; cada uma para todas.

E talvez sempre com sinceridade, pois que a par do grande Rei que elle foi, sabio administrador, e verdadeiro homem de Estado, na accepção moderna da palavra, era essencialmente um poeta lyrico, e, conforme a phrase de Pla'ão, adoptada, como epigraphe de um livro, pela Condessa de Noailles, neta espiritual de D. Diniz:

«L'âme des poétes lyriques fait réellement ce qu'ils se se vatent de faire.»

A mysteriosa Beatriz

Of Lady Talbot but little is known . . .

(Collectanea topographica
et genealogica.

SUMMARIO

Beatriz, a intangivel — Confusão com a Condessa de Arundel, filha de D. João I. O sello do Museu britannico. O escudo d'armas. A que familia pertenceu em Portugal. Sousa? Pinto? Trez conjecturas: Amante de Fernando Affonso. — Dama da Condessa de Arundel. — Donzella da Rainha D. Filippa. Casou com Lord Talbot. — Casou segunda vez com Thomaz Fettiplace. O seu mausoleu.

Envolvida numa atmosphera de mysterio; enigmatica como uma esphinge; fazendo surgir interrogações no espirito desejoso de decifrar-lhe a existencia; furtando-se com uma astucia de *coquettismo* posthumo á insistencia com que intentavamos desvendar o segredo da sua vida, a intangivel Beatriz, que, vai para quinhentos annos, seduziu dois nobres inglezes, parecia não querer annuir a que projectassemos alguma luz através da bruma, em que a sua figura se perdia n'uma nebulosa.

Quando em tempo me occupava de outra portugueza, a graciosa filha legitimada de El-Rei D. João I de Por

tugal e de Ignez Peres, que foi casada em Inglaterra com o Conde de Arundel, e em segundas nupcias com o de Huntingdon, verifiquei que havia duas Beatrizes, e referi como a tradição tinha entrançado a memoria das duas senhoras.

E' que os genealogistas, ainda os mais cotados d'aquelle paiz (onde as sciencias heraldicas e genealogicas merecem favores e attenção) as tinham confundido, levados pela homonymia, pois ambas foram Brites ou Beatriz; e pelo facto de ambas usarem nos seus escudos as armas de Portugal.

A difficuldade em identificar a segunda Beatriz aguçou-me logo o appetite, e fez vibrar em mim o instincto de furão de velharias.

Quem era a senhora portugueza que viveu em Inglaterra na mesma época da filha de D. João I?

Consultando os linhagistas inglezes começava a confusão.

Ashmole, um chavão em materia genealogica, rei d'armas da Ordem da Jarreteira, que morreu em 1692 e de quem um critico escreveu: que foi — «*the greatest virtuoso and curioso that ever was known or read of in England before this time*», quando na sua obra *The antiquities of Berkshire* apresenta a arvore de costado da familia Fettiplace, designa a mulher de Thomaz como: — Bridget, a filha de João Rei de Portugal.

Outro sabio, Dugdale, sogro do antecedente e autor da obra considerada de capital importancia n'estes assumptos, intitulada: *The Baronage of England,* affirma por seu lado que Beatriz, a filha illegitima do Rei de Portugal, casara com Gilberto Talbot; que enviuvando casara com Thomaz Fitz Alan, Conde de Arundel; e que morto este casara terceira vez com John Holland, Conde de Huntingdon.

Collins, por seu lado, no livro chamado *Peerage*, affirma que Beatriz casou primeiro com o Arundel, depois com o Talbot, em terceiras nupcias com o Huntingdon, e finalmente em quartas nupcias com o Fettuplace.

Um *Barba-Azul* feminino!

Com ligeiras variantes todos os genealogistas cahem em erros semelhantes.

Levado por autoridades taes, algum tempo andei enredado no labyrintho, e cheguei a crer na consorcio mania de Beatriz.

Estudando, porém, a sua vida, da qual dei uma impressão n'um livro recentemente publicado, averiguei que Beatriz, filha do Rei de Portugal, apenas casára com o Conde de Arundel, e posteriormente com o de Huntingdon.

— Então (conclui eu, como já disse) houve duas Beatrizes.

Foi-me isto confirmado pela leitura de uma nota da *Collecção topographica et genealogica*, em que um escriptor (Harris Nicolas), que encobre o seu nome com as iniciaes N. H. N., esclarece um pouco a questão, tratando das duas separadamente.

Determinei-me, portanto, a indagar quem fosse a segunda.

As noticias ao principio colhidas sobre esta senhora foram escassas. Mas um manuscripto existente no British Museum, onde apparece o sello das suas armas, sello que condiz perfeitamente com o escudo que se vê na Igreja de Withchurch, abriu-me caminho para a investigação.

Este sello apresenta a seguinte inscripção: «*Sigillum Beatricis Talbot Dñe de Blakemere*».

No escudo bipartido estão d'um lado as armas dos Talbots, e do outro as de Beatriz, que são: esquartelado, o 1.º e 4.º as armas do reino; o 2.º e 3.º cinco crescentes em aspa.

Logo veremos a que familia este brazão póde pertencer.

O que desde já salta á vista é que elle não podia ser usado pela filha do Rei. E effectivamente o escudo da outra Beatriz traz só as armas de Portugal, como de filha legitimada que foi de El-Rei D. João I.

Estabelecida assim a dualidade, restava-me a tarefa ao mesmo tempo attrahente e embaraçosa de procurar quem fosse Lady Talbot.

Quem era a sua familia em Portugal? Que empuxões lhe dera o destino para a arrojar ás praias da Grã-Bretanha, levando-a depois successivamente do thalamo do nobre Gilberto Talbot ao de Thomaz Fettiplace? E porque ficou a sua memoria illuminada apenas por um raio de luar incerto e vago?

*

* *

Em vista do escudo d'armas que se vê no sello de Beatriz, escudo reproduzido no tumulo de Ancoreta, sua filha, na Igreja de Withchurch, e, com mais ou menos phantasiosas modificações, nas janellas da sala e da cozinha do solar de East Shefford, nas vidraças da igreja de Childrey, na deliciosa janella de Marcham, e em muitos escudos de madeira dos tectos de Compton House e de Compton Beauchamp, a familia d'esta tão esquiva Beatriz deve ter sido *Sousa,* ou talvez *Pinto,* pois ambas as familias têm no brazão os crescentes.

Mas se os *Pintos* têm cinco crescentes em aspa, os *Sousas* de Arronches têm: esquartelado: as armas do Reino e quatro crescentes em quadernas.

Ora, no sello de Beatriz apparecem os cinco crescentes dos *Pintos* e as armas de Portugal.

D'aqui a difficuldade em designar de qual das duas casas ella provinha.

Não entrarei em minucias de genealogia ou de heraldica, materias nas quaes sou leigo. Mas ajudado pelo distincto archeologo J. R. Planché, tratarei de procurar n'ellas elementos para lançar alguma luz no obscuro problema.

D. Maria Paes Ribeiro (uma bisneta da *Ribeirinha*, amante de Sancho I) casou com Affonso Diniz, filho de D. Affonso III, que alguns julgam ter elle havido de sua mulher Mathilde, Condessa de Bolonha, e por ella deixado sobre uns *cachopos* da praia de Cascaes, quando foi da sua vinda a Lisboa para tentar rehaver o ingrato marido.

Esta Maria Paes (ou Peres) Ribeira, era herdeira da casa de Sousa, e foi avó de Lopo Dias de Sousa, casado com uma *D. Beatriz*, de quem teve dois filhos e duas filhas. Uma d'estas, foi talvez a Beatriz que nos occupa.

Outra hypothese surge para conciliar a fusão das armas dos *Sousas* com as dos *Pintos*.

Uma filha illegitima de D. Affonso III — Leonor Affonso, casou antes de 1271 com Estevam Annes de Sousa, filho de João Garcia de Sousa Pinto, que foi neto do Conde D. Mendo.

Em vista do brazão no sello de D. Beatriz, e da circumstancia de figurar o nome de Pinto n'um dos ramos da casa de Sousa, tira o archeologo Planché a supposição de que se juntassem as duas armas pela fórma como atrás se disse.

Fica assim assente que D. Beatriz pertencia á casa de *Sousa* e por isso usava no seu brazão as armas do Reino; que era descendente de D. Affonso III, ou por um filho, ou por uma filha d'este; e que os cinco crescentes nas suas armas, ou provêm de uma fórma antiga das armas dos *Sousas*, ou por ella ter na sua ascendencia um membro da familia dos *Pintos*.

Fechado este parenthesis enfadonho, mas necessario para explicar de quem vinha Lady Talbot *in regno Portugalie oriunda,* vejamos como o nobre inglez Gilberto Talbot, Barão de Blakmere e Sheffield, e cavalleiro da Jarreteira, já viuvo de Joanna Plantagenet, filha do Duque de Gloucester, veio desencantar n'este cantinho da Europa a noiva a quem entregou o seu coração.

Trez conjecturas se nos offerecem. Conjecturas, digo, visto que não consegui obter esclarecimentos seguros nem da tradição existente nos logares em que Beatriz viveu, e que percorri com interessada curiosidade; nem de noticias de familia na casa dos Talbot, um de cujos representantes graciosamente me offereceu photographias de Derwent Hall, em Scheffield, mas que nenhuma informação poude dar-me ácerca da vida da sua parenta portugueza; nem das interessantes communicações archeologicas que amavelmente me dirigiu o sabio Dunlop, casado com uma senhora descendente dos Fettiplace, e portanto affim da nobre Beatriz; nem das eruditas conjecturas apresentadas pelo professor da Universidade de Oxford, Mr. Oman, o eminente historiador da guerra da Peninsula, que me acompanhou em uma das peregrinações a Swinbrook, em Oxfordshire.

*

* *

No *Diario de Noticias,* de 6 de março do corrente anno (1913), deparou-se-me a seguinte noticia, intercalada no relato da sessão da Academia das Sciencias de Portugal:

«O Sr. Theophilo Braga, referindo-se á duvida suscitada pelo vogal Sr. Conde de Sabugosa, no seu livro *Donas de Tempos Idos,* ácerca da existencia de duas damas em Inglaterra com o nome de Beatriz, explica o facto do seguinte modo:

«D. João I mandou matar á sua vista Fernando Affonso por ter amores com Dona Beatriz, ou D. Brites de Castro, neta de D. Alvaro de Castro, primeiro condestavel de Portugal, irmão de Ignez de Castro. Ora, assim como a Rainha mandou a enteada para Inglaterra, onde casou com o Conde de Arundel, para evitar dissensões, comprehende-se que procedesse do mesmo modo quanto á outra D. Beatriz, para apagar o odio daquelle rei.»

Para apreciar esta explicação apresentada pelo Sr. Theophilo Braga, recordemos o episodio a que elle se refere.

D. João I foi um grande rei, um sabio administrador, um guerreiro heroico, mas em materia de sentimento era um desastrado, um brutal, e por vezes refinadamente cruel, como o seu justiceiro pae.

Ignorante de almas, desattendia ás vezes o coração d'aquelles que o rodeavam. Tratava os casos de amor com disciplina militar. Não a disciplina da *ala dos namorados*, aos quaes o culto da mulher inspirou acções gloriosas, mas a das hostes casmurras do seu casto condestavel Nun'Alvares.

E' d'isso testemunho o capitulo da chronica de Fernão Lopes que se intitula: *Como el-rei casou algumas donzellas, e mandou queimar o seu camareiro.*

Refere o velho chronista que, cuidando El-Rei de casar algumas das donzellas da casa da Rainha, decidiu que «era excusado fallar a ellas de quem se contenturiam para lhes dar por maridos» e a todas fez saber um dia a sua vontade, por estas palavras:

«Manda-vos El-Rei dizer que vos façaes prestes para desposar de manhã; — sem mais dizer com quem.

«E depois que assim foi dito a ellas, semelhavelmente o mandou dizer a elles, assim que elles como ellas tiveram bem que cuidar aquella noite não sabendo se lhe havia de cahir em sorte a quem seu coração tinha outorgado».

O resultado foi que, neste jogo de loteria de consorcios, apenas uma acertou com o seu escolhido. «As outras pero o calassem, bem deram depois a entender que de tal feito não eram contentes.»

El-Rei sabendo isto, disse que lhes dera maridos «assás convinhaveis», mas que visto que assim não estavam contentes jurava e promettia que nunca mais d'alli em diante a nenhuma ordenaria casamento.

Já não vinha muito a tempo a reconsideração para as primeiras victimas d'esta fornada de casamentos.

Com respeito á moralidade, possuia tambem idéas muito decididas: «Tinha, diz Fernão Lopes, grão sentido na guarda das mulheres de sua casa, que nenhum joguetasse com ellas, nem tivesse maneira pera que entre ellas podesse nascer suja fama.»

«Ora assim foi que das donzellas formosas que no paço andavam, e de melhor gesto, e mais filha d'algo era uma *que não nomeamos*».

Duarte Nunes do Leão, referindo-se a este caso, diz que esta *dona* era viuva de um titulo muito honrado.

Seja como fôr, o facto é que El-Rei tinha um camareiro que chamavam Fernão Affonso.

Este Fernão Affonso era, ao que parece, um perfeito rapaz, muito valido do Rei, muito querido da côrte, bom conversador, excellente cavalleiro, e com fama de feliz em seus amores.

Ora El-Rei, já esquecido das aventuras da mocidade, não as consentia aos officiaes da sua casa, ainda os mais dilectos como este Fernão, a quem a miudo recommendava «que com nenhuma mulher tivesse geito de bemquerença, mormente com esta de que começava a ter má suspeita»...

O cavalleiro namorado fazia protestos. Mas o Rei tinha suas razões para duvidar da veracidade d'elles.

Um dia Fernão Affonso pediu a El-Rei licença para ir a pé a Santa Maria de Guadalupe cumprir uma promessa. Em vez de partir metteu-se nos quartos d'aquella senhora. Pia fraude para encobrir os seus amores.

Em um serão da Côrte na primavera de 1388, emquanto cortezãos e homens de armas recontavam casos do recente cerco de Campo Maior, e commentavam o voto do Condestavel a Santa Maria do Carmo, e memoravam episodios das caçadas a monte, que El-Rei tanto prezava, appareceu o camareiro, fingindo que regressava da romaria, que não fizera.

O Rei sabia-o e desagradou-lhe a desobediencia. Arredou-o do paço com modos bruscos.

O apaixonado Fernão, em vez de se affastar, voltou de novo ao ninho que elegera. Era isto no mez de Maio. Uma tarde, pela hora da sésta, El-Rei, que por inculcas soube da teima amorosa do camareiro, mandou-o chamar. Trouxeram-lh'o entre receioso e confiado ainda no antigo valimento. El-Rei, porém, concentrado, torvo e carrancudo ordenou ao corregedor da côrte Gil Eannes que o levasse á cadeia. O corregedor julgando a culpa venial, e conhecendo a amizade que D. João I dedicára ao seu valido, foi-o levando em descuidada palestra pelas vielas que vinham do Castello, quando ao chegarem á porta da Alfofa, o camareiro evadiu-se com ligeireza, indo recolher-se no Mosteiro de Santo Eloy e fechando a porta da igreja sobre os que o perseguiam.

O corregedor assim logrado subiu logo ao Paço a participar o caso a El-Rei. Estava este na sua camara, dormindo a sésta, estendido sobre uma preguiceira, em ceroulas, apenas coberto com um mantão. Soergueu-se ao ouvir o relato da fuga, e sentiu-se ludibriado. Invadiu-lhe então o cerebro uma onda que vinha da alma vingativa de seu pae, e acceso em fogo de sanha, correu, assim mes-

mo meio vestido, pela rua fóra, acompanhado apenas de dois ou trez escudeiros. Foi á igreja, cuja porta encontrou fechada. Bateu, sem que lh'a abrissem. Lá dentro, Fernão Affonso, sabendo que era El-Rei, cujos assomos de colera conhecia, subiu ao altar-mór e foi abraçar-se a uma imagem de Nossa Senhora. Entretanto o Rei, sem attender á santidade do asylo, mandou arrombar a porta e deu ordem para que d'alli tirassem o infeliz, que continuava abraçado á imagem. Os executores, querendo arrancal-o á força, deram em terra com a Virgem, que veiu rebolando despedaçar-se nos degráus do altar...

Esta scena tão intensamente dramatica, terminou por levarem preso, e bem acorrentado, o pobre Fernão Affonso, que mandou perguntar á sua amante se consentia que elle se désse por seu marido, ao que ella respondeu que estava por tudo quanto o pudesse salvar.

Inutil foi este expediente, como inuteis foram os rogos da Rainha, e de toda a côrte, entre a qual os dois criminosos de paixão eram muito queridos.

Na manhã seguinte os algozes levaram o infeliz cavalleiro alli ao Rocio, com ordem de o queimarem. O condemnado, confiando na antiga predilecção de seu amo, lançava o olhar interrogativo ás janellas da Alcaçova, na esperança de que viesse de lá uma ordem suspendendo a sentença. A ordem foi, porém, que se aviassem promptamente. Deram-lhe fogo, e assim morreu, havendo sobre aquella morte *grande espanto e desvairadas sentenças.*

A pobre senhora tratou de indagar qual seria a sua sorte.

O Rei, em uma suspensão de grandeza de animo, que ensombra a sua *boa memoria,* respondeu que não queria outra vingança senão, sendo ella de linhagem, vêl-a barregã.

Fernão Lopes acaba o capitulo dizendo que esta senhora «foi-se para Castella, vivendo com encetada fama».

Duarte Nunes do Leão, na sua chronica, e Soares da Silva, nas *Memorias*, confirmam que ella se retirou para Castella, e accrescentam: *para casa de sua mãe*.

Não acerto com o motivo que suggeriu ao Dr. Theophilo Braga a hypothese de ser esta senhora que foi a casar em Inglaterra.

Fernão Lopes intencionalmente não a nomeia; difficil seria pois a identificação. E accrescenta que em Castella *foi viver com encetada fama*. Não é pois plausivel que Lord Talbot ahi a fosse buscar para esposa pouco depois da tragica occorrencia. Nem se accommoda ao caracter da Rainha D. Filippa de Lencastre a supposição de ter contribuido para despachar para a Inglaterra a desgraçada victima de um caso escandaloso, na intenção de a fazer succeder, na familia do nobre Lord, a Joanna Plantagenet.

Além d'isso, posto mesmo que a heroina do triste romance de amor fosse D. Brites de Castro, sobrinha da desditosa D. Ignez, o seu brazão seria o das seis arruelas dos Castros, e não os crescentes das armas de Lady Talbot.

Quer-me parecer que está desviada esta hypothese.

*
* *

Outra se apresenta mais verosimil.

Quando a filha legitimada de D. João I e de Ignez Perez partiu para Inglaterra, afim de ser desposada por Thomaz, Conde de Arundel, levou luzida comitiva, pois seu pae desejava demonstrar n'essa occasião a magnificencia de Portugal e do seu Rei. Assim nos refere o livro de Nôa

de Santa Cruz de Coimbra quando diz que: «Era de mil quatrocentos e quarenta e tres (de Christo 1405) enviou D. João muy nobre Rey de Portugal sua filha a Inglaterra e foi por mar *com muita honra*».

Acompanhavam-n'a algumas senhoras de escol. Uma d'ellas, já o dissemos, foi Ignez de Oliveira, que os inglezes chamam *Agnés d'Olivère,* a qual veio a casar com Thomaz Salmon, companheiro de armas do Conde de Arundel. Ella e seu marido acham-se sepultados junto ao mausoleu dos seus amos, em uma campa raza, com as suas figuras, em tamanho natural, de bronze incrustado na pedra.

Temos ainda conhecimento de uma pequena *Alianore* (Leonor no francez antigo) creança de seis annos que foi na comitiva da Infanta, e que depois tambem casou em Inglaterra com um tal John Hill do Condado de Oxford. E' na obra «Commercial relations of England and Portugal» que se encontra o pedido d'essa senhora para ser naturalizada ingleza.

Como estas muitas outras acompanharam a Condessa de Arundel, e entre ellas se acharia talvez Beatriz de Sousa.

Pelas feições regulares e delicadamente cinzeladas da estatua, que sobre o seu tumulo a apresenta com a edade approximadamente de cincoenta annos, deduz-se que Beatriz, quando moça, entre os quinze e os vinte, edade com que se casou, devia ter sido de uma rara belleza. Gilberto Talbot, ou na volta de uma das batalhas em que entrou com o Arundel, ou por convite d'este, alojar-se-hia em algum dos seus castellos acolhedores e hospitaleiros, onde as lindas Portuguezas da côrte da Condessa seriam decerto requestadas pelos esforçados Barões, que tinham combatido contra Glendower, e que vinham de batalhar nas guerras de França. O idyllio podia ter começado então.

Beatriz de Sousa não era, como a outra Beatriz, filha de D. João I. Mas era neta ou bisneta de reis, e da mais grada gente da Peninsula. Em todo o caso com fidalguia de sobejo para se unir a um Talbot.

Esta conquista de corações pelos olhos lusitanos era frequente. Além de Ignez de Oliveira, e de Leonor, mulher de John Hill, sabe se que, quando a outra filha de D. João I, que foi Duqueza de Borgonha, chegou a Flandres, logo uma das suas damas, D. Margarida de Castro, casou com João Neufchatel, senhor de Montaigu, um dos primeiros cavalleiros do Tosão de Ouro.

Fica assim apresentada uma hypothese verosimil para o encontro de Gilberto Talbot com aquella que havia de ser sua mulher.

Esse encontro, porém, póde ter-se realizado annos depois em Portugal.

E esta constitue a terceira conjectura que se nos apresenta para explicar a romanesca historia.

*
* *

Por este tempo vinham com frequencia a Portugal cavalleiros da aristocracia ingleza. Em 1381 Edmundo, Duque de Cambridge, trouxera a Lisboa uma frota, onde, além de sua mulher, e de muitos fidalgos principaes da Côrte de Inglaterra, vinham trez mil homens de armas para prestar auxilio a El-Rei D. Fernando nas suas pretenções á Corôa de Castella. Pelejaram tambem em Aljubarrota archeiros e besteiros inglezes.

N'essa occasião Beatriz, se já era nascida, teria poucos annos, e nem porventura conheceu ainda Ricardo Talbot, pae de Gilberto, o seu futuro marido, que tambem veio depois a Portugal com a gente do Duque de Lancastre.

Jà era porém senhora, pois deve ter nascido no ultimo decennio do seculo XIV, quando El-Rei D. João I determinou organizar em Lisboa um solemne torneio para armar seus filhos cavalleiros, convidando para esse acto nobres hespanhoes, francezes e inglezes.

O chronista Azurara, referindo-se a esta intenção, põe na bocca de El-Rei as palavras seguintes:

«Se me Deus por sua mercê traz assocego a este reino por firmeza de pazes com Castella, eu queria ordenar umas festas reaes, que durem todo um anno, pera as quaes mandarei convidar todos os fidalgos e os gentis homens que tiverem edade e disposição para tal feitto, que houverem em todos os reinos da christandade, e ordenarei que nas ditas festas haja notaveis justas e grandes torneios, e mui abastosos convites, servidos de todas as viandas que por todo o reino e fóra delle se possam haver, e assim danças e outros jogos, e serão tantos e taes que assim delles como de todas as outras cousas as gentes que o virem tenham que sobre a grandeza d'ello não se possam fazer outras maiores, e com esta darei tantas e tão grandes dadivas, *principalmente áquelles extrangeiros,* que teem grandeza e doçura dos beneficios que lhe eu assim fizer lhes ponha necessidade de os apregoarem grandemente ante todos seus amigos. E em fim d'estas cousas farei meus filhos cavalleiros».

Os Infantes, comtudo, entenderam que não ficariam armados cavalleiros a valer entre as pompas de um torneio. Não porque uma solemnidade d'estas fosse apenas, como hoje se nos póde afigurar, uma mera festividade theatral, uma cavalhada carnavalesca, uma frivola exhibição de destreza, de força muscular, de riqueza nas armaduras tauxeadas de ouro, de luxo nos trages de numerosa criadagem, de ostentação nos bordados chaireis dos cavallos; não porque as justas fossem sómente uma espe-

cie de concurso hippico d'aquellas eras, mero pretexto para uma elegante reunião da gente nobre, e para deslumbramento e gaudio da arraia miuda.

Não! O torneio n'esses tempos em que *a cavallaria* era uma instituição social, representava mais que um festejo publico. Era uma ceremonia quasi tão importante na vida de um povo como uma batalha, uma sortida guerreira, ou o cerco d'um castello.

E por vezes tinha tragicos epilogos, que a historia registra.

Se na arena se encontravam lutadores de paizes diversos, a honra e o brio nacional nesse pleito empenhados davam á lucta solemne uma intensidade de interesse especial.

Reis, Principes e grandes senhores, desciam á estacada e combatiam armados dos seus mais ricos arnezes e elmos emplumados, perante a côrte e perante o povo, mostrando que pela valentia, e pela sciencia da guerra, a nação podia contar com elles para a defesa, para a conquista, e sempre para a victoria.

Os luctadores ostentavam as côres das suas damas; e assim a cavallaria, poetizando, pelo culto da mulher, as pugnas brutaes, dava a estes certamens uma elevada significação, um gracioso symbolismo, que os collocava n'uma esphera moral muito superior aos espectaculos sanguinolentos dos circos da Roma pagã.

A *cavallaria andante,* á qual Cervantes deu depois a consagração do sublime ridiculo, os *torneios* e as *justas,* que hoje se prolongam ainda mesquinhamente nas cavalhadas sertanejas e nos cortejos das municipalidades inconscientes, tinham nos seculos idos uma razão de ser, e eram, depois da guerra, a mais viva demonstração de vitalidade dos povos.

Mas os Infantes tinham levantadas aspirações, e enten-

diam que as sommas destinadas a esses festejos seriam mais bem aproveitadas na empreza de Ceuta e que as suas investiduras seriam mais solemnes no campo de batalha depois de vencidos os mouros infieis.

Os capitulos em que o chronista conta o debate entre o Rei, os seus filhos, o Condestavel e os do Conselho, para a decisão desse feito, que devia deixar um echo duradouro na nossa historia, são o mais bello espectaculo de almas nobres a que se póde assistir.

Mas não é nosso proposito narrar aqui a primeira aventura africana dos Portuguezes. Apenas fica remembrada para notar que os Infantes preferiram esse torneio épico ás justas, que seu pai projectava para os armar cavalleiros.

Chegou a Inglaterra, ao que parece, a noticia d'esse projecto, e talvez algum convite indirecto para a solemnidade.

O certo é que alguns auctores o dão como realizado, e entre elles Mr. Planché, que no seu estudo diz: «Em 1414 realizou-se em Lisboa, por iniciativa do Rei João I, um grande torneio para o qual elle convidou alguns dos mais illustres cavalleiros hespanhoes, francezes e inglezes. Voltaram estes mesmos cavalleiros a reunirem-se na capital no anno de 1415, e seguiram o rei de Portugal e a nobreza na memoravel expedição contra os mouros, que terminou pela conquista de Ceuta». Suppõe o mesmo escriptor que Gilberto Talbot estivesse entre elles.

Sendo assim, teria o moço *lord* mais de uma vez ensejo de encontrar Beatriz nas ceremonias da côrte, e no Paço, onde a Rainha — uma Ingleza — acolheria com agrado especial os nobres vassallos de seu sobrinho Henrique V.

Beatriz, embora muito nova, andaria entre as damas da Rainha a cuja casa pertenciam muitas das suas parentas, entre outras, e talvez a mais proxima, Dona Maria de

Sousa, a filha do mestre de Christo que depois casou com o Marechal de Portugal, 1.º Conde de Marialva.

Haveria algum torneio ou justa em que o cavalheiro inglez demonstrasse a sua pericia, ostentasse a sua elegancia, pudesse, aureolado pelo prestigio do nome, impresssionar a imaginação da nobre portugueza?

Sem que tivesse a significação e alcance, que ao principio se resolvera dar-lhe, é possivel que n'aquelle anno de 1414 se realizasse qualquer d'esses combates então frequentes, e aos quaes D, João I era afeiçoado, como escola da nobreza, e exercicio dos seus homens d'armas.

Mandava-se estender uma camada de areia no chão da rua; cobria-se a teia da liça com panos azues e de outras côres; adornavam-se as janellas onde as senhoras da côrte haviam de assistir á peleja; e depois de lançados os pregões, um dia vinham os justadores bem appostos assim de cavallos como de armas, e, vestidos de brocado com bordaduras e forros de marta, tela de prata, ou ricas sedas, e quebravam algumas lanças com bravura e destreza, perante a assistencia feminina, que applaudia embevecida, e excitada com enthusiasmo.

N'um d'esses espectaculos é possivel que Gilberto Talbot figurasse, e que d'uma varanda Beatriz seguisse com interesse o seu jogo airoso.

D'esta ou d'outra fórma, o *destino approximou-os.*

*

* *

Casaram. E elle lá a levou, quasi creança, para East Shefford, no Bexkshire, o solar dos Talbot.

Arvores d'um tom escuro destacando n'uma quietude impassivel sobre o tapete verde claro que caracteriza o campo inglez; vaccas pastando tranquillamente, ou absor-

vidas no seu ruminar sonhador; toda essa paizagem tão retintamente britannica, contrastava com a Lisboa medieval que ella tinha deixado, tendo o seu Castello ás cavalleiras, e o monte recortado de vielas estreitas que desciam pela encosta ao postigo da Sé, vindo d'alli á rua Nova, onda formigava a multidão mesclada de mercadores, escravos, mouros, fidalgos e guerreiros. D'essa Lisboa, a pittoresca cidade de *desvairadas gentes,* com as suas muralhas recortadas de torres e barbacans, com os seus campanarios esguios e a casaria branca a ir beber no Tejo, passava o olhar de Beatriz ás socegadas linhas da architectura regular da casa senhoril dos Talbot, em que as archivoitas das janellas se reflectiam na agua espelhada e calma do paúl visinho.

Esse solar, e a casa que hoje se chama *Fervent Hall,* em Sheffield, formam o quadro da vida tranquilla de Lady Talbot nos breves tempos da sua lua de mel, quando lhe nasceu a unica filha, essa Ancoreta que tão poucos annos viveu.

Gilberto Talbot, o marido, nascera em 1382. Não teve ensejo de deixar (como depois seu irmão o grande Shrewsbury) retumbantes echos na historia. Mas é certo que commandou com exito uma força contra Glendower, e que occupou brilhantemente o posto de Capitão General na fronteira da Normandia. Cavalleiro da Jarreteira, e magistrado em Chester, depois de enviuvar de Joanna Plantagenet, veio a Portugal, como já vimos, convidado para um torneio, e d'essa empreza, como trophéo, levou a formosa Beatriz. Sorrio-lhes então a vida.

Mas apenas a pequena Ancoreta tinha trez annos o dever militar chamou-o ás guerras de França.

Emquanto Carlos VI n'um nos periodos da sua demencia jogava com um baralho de cartas recentemente inventadas, e a sua loucura era afogada em beijos de Odette

de Champdivers, o Rei de Inglaterra Henrique V punha cerco á cidade de Ruão.

Durante os longos mezes d'esse assedio, em que dentro dos muros da cidade trinta mil habitantes foram morrendo de fome, o exercito inglez não estava inactivo, e os seus capitães passaram duros lances.

Quando as tropas inglezas entraram triumphantes na cidade no mez de Janeiro de 1419, Gilberto Talbot era ferido de morte, deixando viuva — *child-mother* — aquella que trouxera um raio de sol meridional ao sombrio Berkshire.

Poz ella então toda a sua ternura na creança que lhe ficara, e que era herdeira da enorme fortuna do pae.

Logo depois da morte do marido, apparece um mandado judicial determinando a um magistrado de Shrspshire que «se considere como pertencendo a Beatriz, viuva de Lord Talbot, e nascida em Portugal, o castello de Biackmere cuja posse antes de ella ser naturalizada fôra garantida aos conjuges e aos herdeiros, e bem assim que lhe seja dada a homenagem d'esse castello, como vassallo de Henrique V».

As palavras d'esta escriptura na sua rigidez tabelliôa deixam transparecer a grandeza e opulencia em que Beatriz vivia. Achava-se assim a viuva de Lord Talbot, depois do regresso do Rei a Inglaterra, rodeiada de honras, respeito e abastança no seu castello, quando em 1421 a pequenina Ancoreta, com cinco annos apenas, adoeceu gravemente e morreu.

Era o desfazer de tudo n'um momento! Era a derrocada da sua existencia!

Morria-lhe a filha unica!

Fortuna, terras, castellos, titulos e honras, tudo ia para seu cunhado John Talbot.

Este cunhado (diga-se de passagem) foi o famoso

Conde de Shrewsbury, o *Achilles inglez, o roi Talabot, Ducum angliae omnium strenuissimus et audacissimus.* Tinha cinco annos menos que o primogenito. A sua historia faz parte da historia de França e de Inglaterra, e é inutil recordar as aventuras guerreiras, que o collocam entre os mais audazes d'essa quadra batalhadora. A sua morte na campanha que, depois de uma existencia accidentada e gloriosa, encetou em 1453 com fortuna varia é um capitulo de epopêa de quichotesca grandeza.

Vêmol-o na madrugada de 17 de Julho, quando mandou apear toda a sua gente, ficando elle apenas, por ser quasi septuagenario, montado num garrano, esqueletico, e vestido de velludo vermelho.

Sem artilharia ordenou o ataque, que Aeneas Silvius (o escriptor e futuro Papa) considera uma loucura e uma temeridade.

A carga impetuosa dos seus inglezes e gascões, que se defendiam dos tiros com os escudos, gritando com alarido: *Talbot! Talbot! S. Jorge!* teve durante horas a victoria indecisa... Mas afinal o grande Talbot já ferido na cara, de onde escorria o sangue sobre o velludo da veste, foi derrubado por um tiro de colubrina, e no ardor da refrega um soldado francez, que o não conheceu, atravessou-o com uma espada, ao lado do filho já morto. Atropelado e contundido o corpo de Shrewsbury achava-se por tal modo desfigurado, que o seu proprio Arauto, procurando-o entre os cadaveres, apenas o reconheceu pela ausencia de um dente!

Este fôra, havia trinta annos, o herdeiro de sua sobrinha Ancoreta, a filha de Beatriz.

Ficára esta, como atrás se disse, viuva, só, triste e desamparada de affectos.

*
* *

Ora existia em East Shefford um rapaz de uma antiga familia, a quem Gilberto Talbot, alguns annos antes de morrer, dera o governo e administração do castello, e dos dominios de Bampton. Chamava-se Thomaz Fettiplace, nome que nos nobiliarios apparece com orthographia vária — Feteplace, Fetyplace e Phetiplace — e que parece ser de origem normanda. Deu d'esta familia uma noticia genealogica o sabio Planché no *Journal of the British Archeological Association*. Para ella chamamos a attenção do leitor curioso. Nós apenas nos occuparemos d'este Thomaz, que se achava administrando o castello e dominios dos Talbot quando Beatriz ficou viuva, e que n'esse cargo continuou até á morte da filha.

Thomaz Fettiplace foi testemunha da dôr em que, com a morte de Gilberto, ficou mergulhada a seductora viuva, e da catastrophe em que o seu coração sossobrou quando o destino lhe roubou a filha. E' facil de suppôr que acompanhando-a com dedicação e carinho na dupla quadra lutuosa despertou, na alma atribulada da melancolica portugueza, uma gratidão enternecida que dentro em pouco se transformou n'outro sentimento mais profundo.

Em 1423 Lady Talbot casou com Thomaz Fettiplace. A familia d'elle vinha já de longe, pois o primeiro Fettiplace fôra companheiro de Guilherme o *Conquistador* na invasão normanda. Os Fettiplace tinham-se estabelecido desde o seculo XII no Oxfordshire, e foram adquirindo, juntamente com outra familia, tão importantes propriedades em quinze condados, que ainda hoje se encontra na tradição um distico revelador da sua opulencia:

«*The Traceys, the Lacys and the Fettiplaces*
Own all the manors, the parks, and the chases.

Ricos assim com castellos, parques e condados vieram no seculo XV víver para East Shefford, e foi ahi que Lord Talbot conheceu Thomaz, então muito moço, a quem confiou a administração do castello e das terras.

Depois da morte do nobre Lord e da sua filha herdeira, Thomaz Fettiplace entregou a administração dos bens, e tomou conta apenas do coração da viuva.

A familia dos Fettiplace tivera sempre grande importancia regional. Senhores de terras occupavam-se principalmente do bem estar das populações ruraes, não desempenhando cargos do Estado, nem intervindo nos negocios publicos. Entretanto serviram como soldados a nação, e n'um curioso monumento funebre que na egreja de Swinbrook visitei, os seis Fettiplace que dormem nas suas camilhas de pedra encostadas á parede e sobrepostas trez a trez, não estendidos de costas como é de uso nos tumulos medievaes, mas encostados em repouso sobre o cotovello direito, em attitude de quem dormita prestes a levantar-se ao chamamento de um clarim de guerra, ou á trombeta do juizo final, usam armaduras e apresentam o aspecto de guerreiros. Guerreiros effectivamente foram os Fettiplace que no seculo XVII, durante as guerras civis, se conservaram, com verdadeiro *lealismo,* fieis ao seu rei. E tambem guerreiro tinha sido Thomaz Fettiplace que casou com Beatriz, como o indica a armadura da sua estatua tumular.

Em 1421 adquiriu por doação uma casa em Caen, na Normandia, mas parece que o casal nunca alli residiu, porque o marido é designado em alguns documentos como *sherif,* de Oxford e Berks.

But little is of Beatrix known, diz o genealogista. Não teve historia. Foi uma mulher feliz. A chronica não esquadrinha na sua vida, e o *Herald's visitation of Beckshire* diz que teve muitos filhos. Além de Guilherme, o

primogenito, nascido em 1425, teve Jayme, João e Constança, cujos descendentes florescem em varios ramos de muitas gerações.

Em 1433, ficou outra vez viuva. E na volta dos cincoenta annos morreu socegadamente, sendo sepultada com seu marido no mausoléo que ainda hoje existe n'um recanto da egreja de East Shefford.

E' um cofre monumental de alabastro, em cujas quatro faces doze figuras heraldicas sustentavam escudos, hoje apagados.

Sobre o grande caixão de pedra, os dous conjuges, estendidos, dormem o somno eterno com as suas vestes de gala.

Elle enverga a caracteristica armadura de um veterano da época de Henrique VI. Largo peitoral de aço prolonga-se até ás coxas em faixas articuladas. Ornamentos de metal em fórma de leque protegem-lhe os hombros e joelhos.

Na cabeça o agudo bacinete é circumdado por um filete de velludo que suaviza com elegancia a apparencia guerreira da figura, e que deve ter servido para, na occasião das batalhas, sustentar o pesado capacete sobre o qual a cabeça repousa.

Ella tem o busto apertado num justilho que lhe desenha a cintura e ancas. No peito a sobreveste é atada por dous cordões, que descem até aos joelhos. As innumeras pregas do vestido confundem-se com as do manto, que lhe cahe dos hombros, envolvendo os pés, assentes nas costas de um animal heraldico.

A cabeça toucada com a coifa tão usada no tempo de Eduardo IV, em fórma de mitra, a que se prende um véo, encosta-se serena a uma almofada.

As feições embora deterioradas pelas vicissitudes do tempo, pois que as estatuas tambem envelhecem como as

mulheres, denotam vestigio de belleza, e uma accentuada individualidade na testa larga — intelligente; no beiço superior — tenaz; no pescoço esguio — signal de raça·

Tem o braço esquerdo estendido ao longo do corpo. O direito foi quebrado junto ao hombro, o que fez nascer uma lenda, que ainda hoje corre entre os camponezes dos arredores, affirmando que *Lady Beatrix* só tinha um braço.

Foi talvez esse vandalismo que impressionou seu filho João, mercador em Londres, (já nesse tempo, como ainda hoje, os filhos segundos das casas nobres entravam para o commercio) e o levou a deixar em testamento uma quantia para reparações na Egreja, e para uma vedação em volta do tumulo de seus Paes.

*

* *

Em frente da figura d'essa mulher, de quem apenas se conhece o nome; de quem vagamente se suspeita a familia a que pertenceu; e de quem com difficuldade se entrevê o destino que teve, mas cuja physionomia revela além das linhas convencionaes de uma estatua funeraria, aquelles traços que transformam a mascara em retrato, a pedra em vida, as feições em caracteres individuaes, espiritualizando-lhe o rosto, o nosso olhar sonda interrogativamente o segredo da sua existencia psychica.

A archeologia, a heraldica, as sciencias genealogicas, podem fornecer-nos elementos para recompormos, como n'um *puzzle* o quadro em que viveu.

A esthetica pode dispor-nos o animo para admirarmos a modelação, a esculptura.

A exegese historica póde auxiliar-nos no estudo da sua identificação. E a indumentaria pode inculcar-nos pelo

seu vestuario a classe a que pertenceu, as honras da sua condição social, as predilecções da sua elegancia.

Mas um *quid* escapa a todos os processos de investigação. E' o seu sonho de cinco seculos!

As pedras tambem sonham! Aquella estatua, em correspondencia com os despojos de Beatriz encerrados no sarcophago de alabastro, recorda talvez o Portugal da sua infancia, com a partida festiva para a empreza de Ceuta, glorioso inicio das navegações e conquistas...

E involuntariamente surprehendemos no rictus que o tempo e os vandalismos vincaram na sua face, a dolorosa comparação entre o esplendor sempre crescente da patria adoptiva, e o naufragio em que se vai afundando cada vez mais a terra que a viu nascer.

D. Izabel — Duqueza de Borgonha

SUMMARIO

Os cysnes de Cintra — As novellas de cavallaria — A mocidade da Infanta — O seu espirito — A morte de sua Mãe — A empreza de Ceuta - Casamento — A embaixada — A vinda de Van Eyck a Portugal — O retrato da noiva — Festejos — O Duque de Borgonha — Fundação do Tosão d'ouro — O tino politico de D. Izabel — Jeanne d'Arc — Margarida de Escocia — O poeta Alain Chartier — Carlos o Temerario — Contra os Turcos.

Estendendo os pescoços compridos com um geito ao mesmo tempo guloso, e cheio de voluptuosidade, semelhante ao do mythologico amante de Leda, os cysnes do Paço de Cintra procuravam na concha côr de rosa, formada pelas mãos da Infanta Izabel, a iguaria appetecida. E, engulida a offerta, continuavam ufanos, soberbos, serenos, deslisando mansamente no tanque rente ás janellas da grande sala, havia pouco construida.

Ella, debruçada, chamava-os de novo, e El-Rei D. João I, a Rainha, os Infantes e alguns da Côrte, seguiam interessados as evoluções airosas, e magestosamente emproadas das aves favoritas.

Era por aquelle tempo que El-Rei, já consolidada a nacionalidade, após a crise dynastica, e assente a corôa na sua bem formada cabeça, andava todo empenhado em continuar as obras d'esse Paço, que lhe era tão dilecto.

E foi talvez durante algumas d'essas diversões da Infanta, ás quaes a severa Filippa assistia sorrindo complacente, emquanto os Infantes ajudavam a irmã na faina de banquetear os cysnes, que D. João I, á hora da sésta, se escoou furtivamente, a pretexto de inspeccionar as obras que trazia n'uma sala visinha, e que a esposa o foi surprehender com os beiços perdidos entre o frouxel da nuca de uma travessa cuvilheira.

Por bem, diz a lenda que elle affiançara ter sido dado esse beijo, e *por bem* tagarelaram indiscretas e ironicas as vozes das damas do Paço. E El-Rei, para lhes castigar a palraria, mandou pintar no tecto d'essa sala as 136 pegas, que ainda hoje papagueiam a graciosa lenda.

Os tectos das salas do Paço de Cintra são capitulos pittorescos de historia sentimental. Assim, nos caixotões apainelados da grande sala dos Infantes, o mesmo Rei fez desenhar os celebres cysnes com a corôa ducal em guiza de gorgeira, que lhe havíam de recordar saudosamente, depois da partida da Infanta para Borgonha, as alegres matinadas, com as refeições dos estimados palmipedes.

E' tradição, admittida por alguns auctores, que a predilecção da Princeza Izabel por aquellas aves só teria começado depois que os embaixadores do noivo — Filippe, o Bom, — lhe trouxeram em 1429, entre outros presentes, um casal de cysnes, offerta symbolica tão em harmonia com as ideias de cavallaria da epocha, e com os sentimentos romanescos do futuro esposo.

A ordem militar do *Cysne,* creação de Carlos de Brabante, que obrigava os cavalleiros, por juramento, a batalharem em defeza da religião catholica, exercia um grande poder de seducção nas imaginações irrequietas dos Principes e Grandes Senhores, sempre anciosos por encontrarem ensejo de empregar a sua actividade bellicosa, e de manifestarem o seu zelo pelos interesses da Egreja.

A casa de Cléves, para honrar a memoria dos cavalleiros d'esta ordem, adoptara o cysne como timbre das suas armas.

E a lenda do *Cavalleiro do Cysne*, esse enygmatico «Lohengrin» do famoso poema attribuido a Wolfranz d'Eschenbach, espalhava-se, envolvida n'uma atmosphera de mystica poesia, pela Europa septentrional, fascinando todas as imaginações femininas, e exaltando os animos guerreiros dos que viam no São Graal o mais forte incentivo para as suas façanhas.

E' portanto de crer que effectivamente o Duque de Borgonha, conhecedor da epopeia brilhante do futuro sogro, com o cerco de Lisboa, a batalha de Aljubarrota e a ala dos namorados, — e desejoso de iniciar a noiva n'essa especie de maçonaria guerreira, em que a sua imaginação tanto se comprazia, lhe enviasse os heraldicos animaes, offerenda tão accorde com a cavalleirosa galantaría d'aquelles tempos.

Mas é tambem de crer que influiria n'essa determinação, o saber que a Infanta Izabel, já de antes, elegera no seu favor essas graciosas aves. Por isto seriam recebidas com especial agrado estas, que lhe chegavam agora, trazidas dos canaes de Bruges. E tanto lhes queria e as amimava, que El-Rei seu pae resolveu conservar-lhes a memoria no tecto da magestosa sala.

Esta predilecção da Princeza pela ave que representa com tanto garbo e arrogancia, na altivez dos seus movimentos, o orgulho das raças nobres, e, na alvura da sua pennugem, a candidez das consciencias limpas; que dera o seu nome a uma milicia; e que desdobrava as suas azas de prata nos capacetes luzidios dos cavalleiros, abre-nos uma fresta sobre a alma da nossa Infanta, tão notavel na historia da Europa, e tão ignorada pelos chronistas e historiadores portuguezes.

Revela-nos effectivamente que o seu espirito, que até aos dezoito annos foi moldado pelas mãos cuidadosamente educadoras da severa Filippa de Lencastre, tinha em si o germen da poesia, e a força da imaginação cavalleirosa e romanesca, que se manifesta tão diversamente em cada um de seus irmãos: docemente philosophica na alma do auctor do *Leal Conselheiro;* adivinhando inconsçientemente a intellectualidade da Renascença na do Infante D. Pedro; energica e ambiciosa de expansão na de Henrique, o navegador; intemerata e desassombradamente leal na do Infante D. João; e heroicamente soffredora na do Infante Santo.

Aquella que no futuro havia de ser a Duqueza de Borgonha, e que possuia em embryão no espirito todas as energias da sua raça ao mesmo tempo sonhadora e pratica, quando pousava os olhos nos cysnes do Paço de Cintra sentia quanto a arrogancia d'esse bravo animal, encimando os elmos dos cavalleiros da Ordem, lhes insuflava no animo o poder combativo, e recordava na imaginação os versos do famoso poema, onde uma d'essas aves apparecia conduzindo Rheno abaixo o enygmatico heroe, que vinha libertar Beatriz, e que, quebrado o encanto das nupcias mysticas, o arrastava de novo sumindo-se nas brumas espessas da mysteriosa Allemanha.

Conhecia a filha de D. João I, esse poema?

E' provavel. A cultura da intelligencia dos *altos Infantes*, attestada pelas obras litterarias que d'elles ficaram, e pela livraria compilada por D. Duarte, testemunha quanto eram familiares a D. João I e aos seus filhos as ideias da philosophia, da moral, e da poesia, que pairavam então na atmosphera do mundo do pensamento.

Ella propria, mais tarde em Bruges, deu provas de quanto a interessavam os famosos romances que andavam de mão em mão, e collaborou, se não redigiu na integra,

o livro tão curioso intitulado *Les Mœurs de la Cour* attribuido a uma das suas damas, Leonor de Poitiers, e que anda, impresso por Sainte-Palaye, annexo ás Memorias sobre a antiga cavallaria.

As novellas de aventuras eram por esse tempo leitura muito querida das senhoras nobres, que occupavam as longas seroadas dos castellos, escutando a mais lettrada das suas donzellas, decifrar n'alguma preciosa copia manuscripta o relato dos feitos e acções heroicas dos paladinos da *Tavola Redonda*.

E emquanto os paes, os maridos e os irmãos ausentes na guerra, occupados em façanhas venatorias, ou attrahidos em visinhas regiões se batiam, caçavam javardos, ou inquietavam corações, ellas, sentadas em almadraquexas baixas, ou encruzadas em esteiras, no conchego dos brazeiros de metal amarello d'onde sahia um leve aroma de resina aromatica, deixavam esvoaçar a imaginação pelas quebradas de Roncesvalles, escutando a buzina de marfim com que a imagem de Roldão as enternecia anciosamente.

O *Amadis de Gaula* de Vasco de Lobeira, commovia todas as almas de mulher, e desafiava os cavalleiros á pratica de façanhas que as canções de gesta haviam de perpetuar.

E o poema do *Cavalleiro do Cysne* trazido de Inglaterra pelos companheiros de armas de seu pae, attrahira decerto a attenção da Infanta Izabel, e suggerira no seu animo a sympathia pelas *nadantes aves*.

*

* *

A individualidade d'esta filha de D. João I, a sua vida na côrte, até á morte da mãe em 1415, (tinha ella dezoito annos), e de então até ao casamento, que se realisou em

1430, não occupa longamente chronistas, historiadores e poetas.

Fernão Lopes e Azurara, que tão pittorescamente fazem reviver a epocha do grande rei; Camões, que exalta D. Filippa e sua irmã D. Catharina,

> *«as duas illustrissimas Inglezas,*
> *«gentis, formosas, inclitas princezas;*

Soares da Silva, que nas suas *Memorias de D. João I* consagra a esse rei tão cuidadosa attenção; Antonio Caetano de Souza, que na Historia Genealogica, notavel monumento de proveitosa licção, dedica um capitulo a esta Infanta; Oliveira Martins, que nos *Filhos de D. João I* evocou com o feitiço da sua phrase imaginosa as figuras de todos elles; pouco attendem aos annos de mocidade d'essa que no emtanto é formosa estrella n'aquella fulgurante pleiade.

E' que todos elles, chronistas e cantores, são principalmente seduzidos pelo prestigio da epopeia, pelo arrojo das emprezas maritimas, pelo espectaculo inebriante das batalhas, por essas forças de attracção mysteriosa que levavam o espirito dos Infantes á navegação, ao descobrimento, á conquista, ás viagens pelas *Partidas* do mundo, pelas Provincias do saber humano, e pelos escaninhos da vida moral.

Uns attendem de preferencia nos seus escriptos aos phenomenos de chimica social, que transformou, sob a acção de fortes reagentes o organismo do Portugal de Fernando — *o-Formoso*, no corpo rudemente composto do Reino resurgido com o Mestre d'Aviz; outros attendem ás loucuras sublimes de Valverde, Atoleiros, Aljubarrota, e á conquista da formosa Ceuta chave d'Africa e emporio de commercio, — a cidade dos esplendidos palacios, dos

balcões de marmore, dos tanques de alabastro, dos frescos pateos ajardinados; exaltam outros a obra do Infante de Sagres com os olhos postos no mar, e o seu *talante* de desvendar a tenebrosa e humida estrada; estudam alguns a complicada intellectualidade de D. Pedro, o Regente, e as doces physionomias de D. Duarte, de D. João, e de D. Fernando, e nenhum d'elles traz á scena, illuminando-a devidamente, a figura da Infanta, que assistia, curiosa e reservada espectadora, a cada uma das jornadas épicas.

E ella comtudo é digna de attenção e de estudo, como demonstrou o seu destino posterior.

E' que ha espiritos que logo com o desabrochar da mocidade se manifestam abruptamente em acções estrondosas, e entram com pompa no palco da vida, movimentando-se espectaculosamente, alcançando precoces as culminancias na governação dos povos, os applausos das multidões, a dominação das vontades em redor de si.

Outros ha que, obscuros e retrahidos na adolescencia, vão gradual e morosamente entreabrindo as petalas animicas, observando os phenomenos que a existencia lhes revela, adquirindo conhecimentos, fazendo provisão de factos, até chegarem, já pelo meiado da vida, á plena maturação da personalidade, pisando então com firmeza o terreno sobre o qual têm que manobrar.

Os primeiros enchem com a luz fulminante dos relampagos o tablado em que irrompem, mas têm quasi sempre a fulguração ephemera dos clarões electricos.

Os segundos, augmentando progressivamente a sua força illuminante, brilham com mais severa luz, e conservam mais seguramente o poder sobre os outros espiritos.

Uns deslumbram a imaginação; mas os outros dominam as vontades.

Era d'estes ultimos a Infanta D. Izabel.

*
* *

Nascida em 1397, dous annos depois de uma irmã que morreu na infancia, o seu apparecimento foi acolhido carinhosamente pela mãe, que, depois de ter dado ao seu paiz quatro filhos varões, se entristecia por ter visto finar-se a Infanta D. Branca.

Foi, por tanto, um acontecimento feliz a sua chegada ao mundo. E feliz foi com ella a exemplar Filippa durante os dezoito annos que ainda viveu.

N'aquella admiravel scena da morte da Rainha, que Azurara tão bem descreve, e em que tanto se compraz a sua penna, que, prolongando a narrativa por alguns capitulos, confessa que «não se póde partir desse arrazoado, posto que o seu recontamento lhe cause tristeza», ha lances que bem desenham a estatura moral das altas figuras que compunham aquella familia, e que nos revelam os laços intimos que prendiam aquelles corações.

El-Rei D. João I andava preoccupado, pois ainda não annunciara á Rainha, sua mulher, a intenção de ir pessoalmente com seus filhos á expedição de Ceuta, que estava preparando.

—«Ora sabei, diz o chronista, que depois que El-Rei de todo teve seus feitos aviados pera partir, querendo-lhe determinadamente declarar sua vontade, estando um dia na camara folgando com a dita senhora, sendo ahi cerca do seu estrado Brites Gonçalves de Moura, e sua filha Mécia Vasques, começou d'ordenar el rei suas departições por tal guisa, que chegou á conclusão de sua vontade.»

Disse-lhe então demoradamente que entendia do seu dever, e para mostrar aos filhos a *ensinança, que depren-*

dera em semelhantes feitos, acompanhal-os naquella empreza.

A Rainha ouviu-o commovida, e respondeu:

—«Verdade é, senhor, que vos pedi que mandasseis vossos filhos a este feito... mas a vossa ida me faz que me não abaste sizo nem entender, pera me reter de não mostrar o que sinto...»

Então vendo que em volta de si as suas donas soluçavam, disse-lhes resoluta:

—«Amigas! não haveis por que chorar, porque o choro em taes casos não é cousa que aproveite ..»

Comtudo a commoção era grande, e como se sabia doente pediu ao marido que antes da partida armasse os filhos cavalleiros na sua presença, para della receberem as espadas que mandara guarnecer de ouro, aljofres e pedras preciosas.

A peste ardia em Lisboa, e para evitar «aquelle ar corrupto que assim andava», a côrte retirou para Sacavem. Mas como ahi se déssem alguns casos, El-Rei aconselhou a Rainha a retirar para Odivellas. Ella logo atalhou:

—«... depois de acabar meus officios me partirei. Mulher tão velha como eu não deve haver medo da peste.»

A' tarde, quando partiu para aquelle mosteiro, já ia padecendo do mal que a atacára durante as suas orações na capella.

Durou poucos dias. Mas n'essas horas, sabendo-se irremediavelmente perdida, rematou com grandeza a sua modelar missão n'este mundo.

Depois de repartir pelos filhos o lenho da Vera Cruz, entregou-lhes as espadas, que por João Vasques d'Almada mandara *correger*, encommendando a cada um o seu cuidado: a D. Duarte, o mais velho, a defesa dos povos; a D. Henrique a dos senhores, cavalleiros, fidalgos e escudeiros; e a D. Pedro disse:

—«Meu filho, porque sempre desde a meninice vos vi muito chegado á honra a serviço das donas e donzellas, que é uma cousa que especialmente deve ser encommendada aos cavalleiros, encommendo ellas a vós!...»

Estas palavras dirigidas por Filippa de Lencastre moribunda, a seus filhos, n'aquelle mosteiro de Odivellas, onde ainda se respirava uma vaga atmosphera de poesia, legada por D. Diniz, o Rei trovador, e especialmente as que eram destinadas a D. Pedro, são um genuino codigo de cavallaria medieval, em que o culto da mulher inspirava, aos que a serviam, os mais levantados sentimentos, os mais bellos poemas, as mais esforçadas emprezas.

Por sua dama combatiam nas liças dos torneios, d'ella traziam as côres, d'ella defendiam a *femenil fraqueza*, d'ella usavam «*as lettras e tenções de seus amores*», ou fosse em Aljubarrota na ala dos namorados, ou na lendaria estacada dos doze de Inglaterra.

D. Pedro, o contemplativo e cavalleiroso Infante, que tinha na physionomia reveladas as romanescas tendencias da sua raça, e que de sua mãe recebera por herança os grandes olhos azues, n'esse momento embaciados pelas lagrimas, e o cabello loiro que lhe cahia nos hombros á moda do tempo, ouvia cabisbaixo as palavras da Rainha.

Então, depois de afastada de junto da mãe a Infanta D. Izabel, que chorava suffocadamente, bem como as outras senhoras ali presentes, D. Brites Gonçalves de Moura disse á Rainha:

—«Senhora, parece-me que todos os do Reino haveis encommendado a vosso filho o Infante, e não tivestes lembrança da Infanta vossa filha, que é mulher e em tal edade como sabeis, o qual é mais necessario ser encommendada a elle que outra nenhuma pessoa.»

—«A meu filho, respondeu ella, todas minhas cousas

são encommendadas, especialmente minha filha, de que elle sabe que eu tenho tamanho cuidado, e porém não curei de lhe fallar em ella, sentindo que elle é tal que lhe não fará mingua ser-lhe dito por mi d'ella.»

O Infante, cumprindo ainda em vida o legado da mãe, que lhe confiara a defeza das donas e donzellas, respondeu:

—«Senhora! se vossa mercê fosse, a mi parecia bem chamarem El-Rei, e lhe pedirdes que as terras que vós tendes, que haja por bem dal-as á Infanta, sua filha, para seu soportamento emquanto não ha outra rainha.»

Veio sem tardança El-Rei, e chegando á cama em que estava a Rainha disse-lhe ella, depois de outras recommendações:

—«Senhor!... mas porque vossa Senhoria bem sabe como a Infanta nossa filha é já quasi de dezenove annos, e como tem fórma cumprida de mulher, e que depois de minha morte todas as senhoras, donas e donzellas, que andam em minha casa, é necessario que fiquem a ella, e que ella as sustente com a vossa mercê e ajuda, eu vos peço que as terras que eu de vós tinha, lhe façaes d'ellas mercê, até que a Deus praza de lhe trazer casamento, ou que venha Rainha a este Reino, ainda que eu espero em Deus, que vós a casareis mui cedo, como é razão.»

Choravam todos os presentes, e o Rei mais que elles. Com os olhos «cheios d'agua» e a voz embargada respondeu-lhe:

—«Senhora! eu sou muito ledo de cumprir todo esto que me vós requereis, e mais ainda lhe faço mercê e doação de todas as joias e baixellas, e os corregimentos que de vós ficarem e a mim pertencerem.»

Recommendou então a Santa Rainha aos filhos que nunca entre si tivessem desavença, lembrando-lhes n'uma engenhosa parabola o caso da frecha «em que se diz que

ligeiramente póde um homem quebrar uma e uma, e para quebrar muitas juntas cumpre muito maior força.»

Recommendou-lhes ainda que não deixassem de partir para a empreza de Ceuta por causa de sua morte.

«Eu subirei no alto, e de lá vos verei, e a minha doença não torvará a vossa ida, cá vós partireis por festa de Santiago»...

Tem uma magestade pouco vulgar a morte d'essa Rainha, indicando ao marido e aos filhos os seus encargos, recommendando-lhes a guarda da filha querida, e apontando-lhes com uma previdencia quasi sobrenatural, o caminho d'Africa — a conquista e a navegação, — aquillo que havia de fazer a prodigiosa grandeza de Portugal.

Morta a Rainha, a frota partiu para Ceuta. Os Infantes, que no primeiro dia se haviam vestido de burel e desguarnecido os mastros das galés, que assim despidas pareciam arvores de alguma matta privada de folhas, apenas foi decidida a partida, envergaram por ordem do pae as melhores galas, e empavezaram as náus com bandeiras e estandartes «de variadas guisas» e mandaram tanger todos instrumentos da armada, que assim levantou ancoras festivamente.

A Infanta D. Izabel ficou com os dous irmãos pequenos: D. João, que tinha quinze annos, e D. Fernando, que ia nos doze.

Era uma quasi Rainha!

Até 1428, anno em que D. Duarte casou, além das terras, que possuira sua mãe e das joias e baixella que a esta haviam pertencido, ficaram ao seu serviço todas as numerosas senhoras que tinham formado a casa de D. Filippa de Lencastre, escolhido agrupamento em que figuravam, além da camareira-mór Brites de Moura, casada com o senhor de Liumil, a Condessa de Mayorca; D. Thereza Coutinho que casou com o filho do Conde de Nei-

va; D. Leonor, irmã d'esta, que casou com o Senhor de Bragança; D. Brites, a sobrinha do Condestavel; e muitas outras.

Com ellas durante as horas longas e torturantes dos quarenta dias que durou a campanha, aguardava anciosamente as novas que algum mensageiro trazia de Ceuta, onde seu pae e seus irmãos mais velhos combatiam.

Entre estes era valído o Infante D. Pedro. Cinco annos mais velho que ella, o seu espirito de aventura, a sua indole communicativa, mais attrahente que a do aspero D. Henrique, ou que a do melancholico D. Duarte; a romanesca lenda que o dava desde muito novo como noivo da Rainha viuva da Sicilia, cujo reino elle iria conquistar; a variada cultura da sua intelligencia; e a sua alma de poeta toda namorada de viagens, seduzida pelo iman dos encantos de Chypre, de Jerusalem, de Veneza e das terras mysteriosas do Prestes João; toda aquella personalidade tão complicada do futuro Regente, lhe tornavam esse irmão mais querido.

Voltando elle de Ceuta, com o titulo de Duque de Coimbra, pouco tempo tiveram os dous para trocar suas confidencias, ou commungarem nas suas aspirações. O Infante resolvera partir em caminho da Palestina, levando comsigo doze companheiros, em memoria dos doze apostolos, numero consagrado nas historias de cavallaria desde o tempo de Carlos Magno.

N'essa occasião fallou-se vagamente, e a imaginacão popular romantizou esse projecto, n'um casamento da Infanta D. Izabel em Inglaterra, relacionando-se esse consorcio com a conquista de Flandres.

Ella havia, sim, de occupar um logar eminente n'essa Flandres, mas por fórma menos bellicosa.

Mais tarde, em 1423, o Infante D. Pedro chegando a Bruges, não para conquistar, mas para ser recebido festi-

vamente pelo Duque de Borgonha, que o acolheu com bailes, caçadas e *vinhos de honra*, esboçou talvez o projecto de casamento d'este com sua irmã D. Izabel, que cinco annos depois veiu a realizar-se.

Esse enlace, se as ambições da casa de Borgonha se tornassem effectivas, faria da familia de Aviz ligada á casa de Lencastre, a mais poderosa dynastia da Europa.

A noiva era formosa, segundo affirmam os chronistas contemporaneos, e o attesta aquelle retrato que tanto impressionou Filippe o Bom, esse fino conhecedor de belleza feminina, que além das suas duas mulheres, tinha espalhado o coração por numerosas amantes. E' tradição que, ao ver em effigie a imponente figura da bella Portutugueza, o fastuoso Duque logo apaixonado, se apressara em activar as negociações.

*

* *

Por que não casou mais cedo a Infanta D. Izabel?

Filha de D. João I, o grande Rei cuja odysséa era famosa, e celebrada nas casas reinantes e principescas; de rara belleza, e opulento dote, devia ter sido apontada como noiva desejavel aos Principes seus contemporaneos. Possuia além d'isso notavel intelligencia, como depois veiu a manifestar na forma como se desempenhou da sua difficil missão, e como desde já revelava na convivencia com o pae, que apezar de experimentado em negocios publicos, e de escutar em occasiões graves o Conselho composto de gente de saber, nunca deixava de consultar a filha nos casos intimos de *consciencia politica*, que nem sempre lhe aprazia expor aos filhos, e que com ella tinha mais geito de confidenciar.

E' que esses filhos, já homens, tinham tomado emprezas

proprias, que os levavam com diversos rumos a destinos varios, e só em casos de grande tomo, como foi a expedição de Ceuta, se juntavam com o pae no Conselho.

A Infanta, essa acompanhava-o sempre. Ficára sendo o centro da Côrte, onde occupava agora o logar de D. Filippa, como esta propria o havia recommendado, «*até que venha outra Rainha a este Reino*», e tomára mais importante espaço ainda na alma do pae o qual, desde aquelle despedimento que fizera da Rainha, de quem tão longamente houvera companhia e conselho, se acostumara a ouvir a voz ajuizada da filha, que tanto lhe recordava a dedicada mulher!

Egoismo de velho? Preguiça de vontade? Exagero de coração? Poderá assim explicar-se a tardança em casar a filha, embora lhe repicasse na memoria a recommendação de sua mulher na hora de morrer.

Tratou-se é certo, segundo o refere Fernão Lopes, do casamento da Infanta com o Rei de Castella. Quando foi apregoada a paz em Valladolid, antes dos Embaixadores partirem, a Rainha D. Catharina pergunta a El-Rei seu filho: Filho, Senhor, com quem vos prazeria a vós de casar?

Elle respondeu e disse:

«Com a Infanta de Portugal, que me dizem que é uma das formosas donzellas do mundo».

Mas, accrescenta o chronista, referindo-se ao casamento d'esta e ao do Infante D. Duarte: «posto que razoados fossem não se ancaminhou nenhum d'elles».

Afinal, ou porque sentisse que esse estado se não havia de prolongar indefinidamente, ou porque seu filho D. Pedro se adiantasse em Bruges conversando com o Duque ácerca da irmã, e Filippe — o — Bom a tivesse eleito para terceira mulher, o caso é que, depois de receber André Thoulongeon, que viera em 1428 a sondar-lhe o animo, resolveu mandar dous Embaixadores—D. Alvaro,

Bispo do Algarve, e Fernando Affonso da Silveira, para tratarem do enlace.

No mesmo anno o Duque Borgonha por seu lado envia a Lisboa numerosa e luzida Embaixada a concluir o tratado de casamento.

Vinha n'ella o Senhor de Roubaix e de Erzelles, a quem acompanhavam Balduino de Lanoy; o mesmo Thoulongeon que cá estivera; o Dr. Gil de Tournay, e outros muitos, entre os quaes *mestre João, moço da camara do Duque, «excellente mestre n'arte de pintura»*.

Este *mestre João* era nada mais e nada menos que João Van Eyck, ou João de Bruges, o mais notavel dos pintores flamengos da sua épocha, e um dos mais illustres do mundo, aquelle que revolucionou a pintura nos seus processos e no seu ideal artistico.

Estava elle todo entregue á faina de pintar o retabulo da Cathedral de Bavon, trabalho encommendado por Josse Vydt, Senhor de Pamela, quando o Duque de Borgonha o encarregou de vir a Portugal com a Embaixada, afim de retratar a noiva.

Interrompeu a monumental tarefa, que só annos depois havia de continuar, e com os enviados do Duque chegou em Dezembro a Lisboa. D'ahi foram todos a Estremoz onde a Côrte estava.

A sua estada na Peninsula foi fecunda, pois não só deixou discipulos, mas levou impressões da paizagem, e até recordações das torres da Sé de Lisboa, que figuram no fundo do celebre retabulo.

Daria elle o desenho para o tecto da sala dos Cysnes, como é tradição? Ou seria de Alvaro de Pedro o esboço? E' problema de archeologia artistica, que não vem agora para a discussão.

O que é certo é que elle trabalhou em Portugal, e que é seu o magnifico retrato da Infanta, que precedeu a Em-

baixada no seu regresso, e que não pouco contribuiu para a conquista do seu amo e senhor.

Foram portadores d'esse retrato, bem como das impressões, que das primeiras conferencias tinham recebido os Embaixadores, quatro mensageiros por estes destacados; dois por mar, dois por terra. Um d'estes foi um passavante chamado *Portejoie*, nome fadado para esta missão que ia levar alegria ao curioso Duque, e deslumbral-o com a formosura da promettida esposa.

Que destino teve este retrato?

Abramos aqui um parenthesis.

(Quando em 1836 El-Rei D. Fernando, Principe de Saxe Coburgo, se encaminhava para Portugal a fim de casar com a Rainha D. Maria II, foi recebido carinhosamente na sua passagem em Bruxellas pela Familia Real, que deu um baile de mascaras em sua honra.

A Rainha da Belgica, n'uma intenção amavel para com o noivo da Rainha portugueza, apresentou-se com um trajo copiado de um retrato existente na bibliotheca d'aquella capital, que se suppunha ser o da Infanta Dona Izabel, pintado por Van Eyck. O Conde do Lavradio, que fôra o negociador do casamento d'El-Rei D. Fernando, assim o assegurou ao Conde de Raczynsky. Levado por esta indicação, dirigi-me em carta ao distincto Inspector da Bibliotheca Real da Belgica, Mr. Mainier, que amavel e promptamente me deu a seguinte indicação: Le portrait de l'Infante Isabelle dont vous m'entretenez est un *dessin* qui se trouve à la Bibliothèque Royale dans un de nos manuscripts: «Memoriaux de Succa». Ce dessin a été reproduit dans l'ouvrage suivant: James Weale, Hubert and John Van Eyck».

Ficam assim os leitores habilitados a admirarem, se quizerem, o retrato da Princeza de que me estou occupando. E aqui fechamos o parenthesis).

Emquanto o flamengo Van Eyck desenhava as feições

da sua futura soberana, e ella servindo de modelo, bordava cuidadosamente os gorjaes com capainhas destinados aos cysnes, que o noivo lhe enviára, os Embaixadores n'outra sala assentavam com El-Rei as condições do contracto — entrega das 154.000 corôas de ouro, vestidos, joias, e baixellas, que a Infanta havia de levar para Flandres: e por parte do noivo — a casa que lhe havia de destinar, as doações de terras, e outras muitas condições que o contracto existente, no Archivo Nacional, indica.

A 24 de Julho de 1429 realizou-se o casamento por palavras de presente, nos Paços do Castello, sendo procurador do Duque o Senhor de Roubaix, e celebrante o Bispo d'Evora. Assistiu D. João I, e assistiu toda a Côrte.

Passados mezes a Infanta sahia a barra de Lisboa com uma armada de muitas embarcações, acompanhada por seu irmão D. Fernando, pelo Conde d'Ourem e por muitas senhoras, cavaileiros e escudeiros, Ao todo umas duas mil pessoas.

*

* *

Foram magnificas as festas com que em Portugal antes da sahida, e depois em Flandres se celebrou este casamento.

N'um manuscripto portuguez do seculo XV, existente na Bibliotheca de Paris, e que o Visconde de Santarem reproduziu, são descriptos minuciosamente esses festejos.

Guiados pela mão do curioso anonymo, auctor d'esse documento, e excellente informador, vamos seguindo, sem entrar em minucias, os de cá e os de lá. Assistimos em imaginação a uma ceia dada pelo Infante D. Duarte, em que se distribuiram presentes valiosos aos *frautistas* e *menestreis*, sendo os preciosos objectos trazidos e distribuidos por officiaes a cavallo, dentro da propria sala do

banquete; apreciamos n'essa mesma solemnidade a gentileza com que a Infanta manda annunciar que daria um rico diamante para premio das justas dos dias seguintes. E acompanhamos depois o esplendor desses torneios...

D. João I, conhecendo pela fama o fausto da Côrte de Borgonha, quiz tambem mostrar quem era; e fez as festas com bizarria!

Depois, no dia da partida, apesar de velho e ligeiramente alquebrado, não deixou de levar elle proprio á redea, por suas mãos, o cavallo em que montava a filha, indo a pé aos estribos os Infantes e outros de sangue Real.

Partiu a Infanta.

A víagem por mar foi farta de incidentes, indo arribar a Plymouth, e dando grande alvoroço ao marido, que a julgava já perdida, quando no dia de Natal chegou ao porto de Eclusa.

Ahi esteve ella alguns dias «aonde muitas vezes foi alegremente e amigavelmente visitada do dito Monsenhor de Borgonha, seu senhor e marido». Veiu tambem visital-a a irmã d'este, Duqueza de Bedford, que se achava em Bruges.

O auctor do manuscripto, pondo em relevo a cortezia com que reciprocamente se tratavam as duas cunhadas, refere muito naturalmente que, depois da Infanta Izabel ir ao cáes receber Madama de Bedford «juntamente vieram ao palacio da dita Senhora Duqueza de Borgonha onde, depois de haver grande festa e mui grande ceia, para mostrar mais a grande amizade entre ellas, *dormiram juntas em uma mesma cama,* em duas noites que a dita Madama de Bedford esteve no dito logar de Eclusa, no qual tempo se trataram com tanta alegria e prazer entre ambas que foi mui grão prazer de o ver».

Este estranho recebimento é considerado, pelo incognito informador, como um dos incidentes festivos, entre

os quaes figuram tambem a ceremonia da ratificação dos desposorios com o Duque, n'uma madrugada de Janeiro, e os cortejos pittorescos pelos canaes de Bruges, essa que hoje chamam *Bruges la morte*, e que n'essa occasião, viva e alegre, recebeu fidalgamente a sua Duqueza n'uma gloria de sonho, n'um scenario magico imaginado pela phantasia do noivo, o Principe mais rico e magnificente do seu tempo, e executado pelos maravilhosos organizadores de festas, que eram os pintores da sua Côrte faustosa.

Quem era esse Principe, o marido a que a nossa Infanta se ia unir?

Era Filippe denominado o *Bom,* Duque de Borgonha, de Lothier, Brabante, Luxemburgo e Limburgo, Conde de Flandres e de Artois, Palatino de Hainaut, Hollanda e Zelandia, etc., um dos mais poderosos Senhores da Europa, e que representou na scena do mundo um grande papel.

Quando trucidaram o pae, João-sem-pavor, durante a celebre entrevista com o Delphim, depois Carlos VII, na ponte de Montereau, tinha vinte e trez annos. Era n'essa occasião casado em primeiras nupcias com a irmã do Delphim, a filha de Carlos VI.

Recebendo a noticia da tragica emboscada, disse á sua mulher com um rugido de fera:

— «Michaela! teu irmão assassinou meu pae!

Entrou-lhe desde então nas veias violentamente o veneno do odio, e no cerebro a ideia fixa da vingança que o levou a alliar-se com os Inglezes...

Enviuvando de Michaela, e depois de Bona d'Artois viuva do Duque de Nevers, achava-se agora sem successão. Legitima, entenda-se, pois de bastardos tinha cardumes.

Pensou então em Izabel de Portugal, cuja fama o seduzia, e que politicamente lhe convinha.

Quando ella chegou, já o Duque ia nos trinta e oito, e não se podia chamar um bello homem.

Mas apezar de serem pequenos os olhos, azues e pestanudos, que se moviam com sagacidade á sombra das espessas sobrancelhas castanhas, e de ter o nariz proeminente e aquilino, a sua presença impunha-se, a physionomia era nobre, o porte soberbo e Real. O trajo caracteristico «a la moda» de então (muito semelhante ao que estamos habituados a ver nos retratos do nosso Infante D. Henrique), negra veste talar, e largo sombreiro, de onde sahia a faixa comprida, que vinha cahir sobre o hombro, dava-lhe imponente aspecto.

E a fama da sua grandeza de animo, da magnificencia com que vivia, do brilhantismo da sua côrte composta de Principes e grandes senhores, das riquezas colossaes que possuia, e que prodigamente espalhava — joias, dinheiro, objectos de arte — da sua phantasia romanesca, e do seu amor ás leis da cavallaria dava-lhe inconfundivel prestigio, e fazia d'elle um dos maiores soberanos d'aquelle tempo.

A's festas do seu terceiro casamento com Izabel de Portugal, deu mais intenso brilho que ás dos dois anteriores, e recebeu a noiva com um esplendor que excedeu todo o fausto já celebre da casa de Borgonha.

Fez construir salas novas junto ao palacio, onde a alojou, das quaes uma monumental de madeira para o banquete monstro, em que a mesa ducal estava elevada e dominante sobre as mesas de Principes e grandes; e fez adornar as ruas com pannos de Flandres, preciosidades d'aquellas com que ainda hoje os nossos olhos se maravilham.

Encorporou no cortejo da esposa as Duquezas de Bedford e de Cléves, suas irmãs, além das Condessas de Namur, de Lorraine, e Madame de Luxemburgo.

Prolongou os fetejos por oito dias, durante os quaes deante do Palacio trez fontes jorravam sem parar: a primeira pela bocca do leão de Flandres o louro vinho do Rheno; a segunda pela de um veado o precioso vinho de Beaune, e a terceira pela de um fabuloso unicornio agua de rosas para lavar as mãos; e alternadamente d'ellas ia correndo a perfumada malvasia, o dulcifico moscatel, e o excitante hippocraz composto de canella e amendoa misturadas com aguardente e assucar.

Nas ruas a multidão, embriagada e feliz em kermesse estonteante, cantava dithyrambos, e entoava madrigaes...

A impressão causada no marido pela loira Izabel foi tão fulminante, que se conta ter resolvido logo adoptar a famosa divisa — *Autre n'aurai,* ou como diziam então *autre n'haura, — Não terei outra.* E outra não teve, mulher legitima, pois de passageiros amores de contrabando não se privou nunca.

Foi tambem em honra de sua mulher que fundou a nobre ordem do *Tosão de ouro*, instituição que tão bem caracteriza o enthusiasmo pelas regras de cavallaria do namorado Principe, que ia, novo Jason, guiando os argonautas, á conquista do vello de ouro para alcançar a mão de Medea — Izabel, de Portugal...

A malicia humana, sempre á espreita de enredos, não perdeu ensejo de se manifestar n'essa occasião. Inventaram novelleiros, e d'esse embuste se fazem écho Favin na sua obra «*Théatre de l'honeur*», e Colomiés no seu «*Recueil de particularités*, que o bom do Duque quizera celebrar com a ficção do vellocino de ouro. não as louras tranças da Duqueza sua mulher, mas a juba fulva de uma formosa amante que em Bruges cultivara. E as más linguas accrescentavam que fôra para vingar a favorita dos motejos com que alguns cortezãos a tinham offendido, que lhes dera o dourado borrego como objecto de respeito e de am-

bição, em lembrança d'aquella côr dos cabellos de que elles indiscretamente tinham escarnecido.

Boccas mofinas apregoaram isto.

Mas é de crer que na verdade fossem mais levantados os motivos que levaram Filippe a instituir n'um momento tão solemne uma Ordem, cujos estatutos são a imagem da cavallaria e da honra, e em tudo conformes ás suas nobres inclinações. E tanto assim que, no instrumento da instituição, depois de affirmar «le parfait amour que nous avons par le noble état et ordre de chevalerie», accrescenta significativamente: — «le 10 janvier qui etait le jour de la solennité du mariage céélbré à Bruges entre nous et noble très chère, et trés aimée épouse Elisabeth avons institué cet Ordre.»

Foram vinte e quatro os cavalleiros que a compuzeram. E todos elles n'essa occasião cavalgaram pelas ruas de Bruges ostentando os amplos e roçagantes mantos escarlates, e os collares de fuzis e pedreneiras, tendo á sua frente o moço Infante D. Fernando, irmão da noiva, que na nervosa faca airosamente caracolava á portinhola da vistosa liteira, em que a gentil Princeza era levada triumphalmente!

*

* *

A situação que essa noiva ia occupar era notavelmente difficil, o palco que havia de pisar eriçado de abrolhos. Cumpriu brilhantemente a missão que se impoz. Foi do marido carinhosa companheira, o mais util conselho nos actos da governação, e um precioso agente nas negociações com Reis e Principes.

Essa *serieuse et politique Isabelle,* que Michelet faz integrar na dynastia de Reis de saias em que as Izabeis, as Marias, e as Margaridas teceram com as suas mãos es-

guias a teia immensa em que se enrodilhavam os destinos das nações da Europa, encontrou o marido em lucta com Carlos VII, e nos proprios Estados por varias vezes dissensões intestinas, que occasionaram tragedias, e ameaçavam o poder do Duque de Borgonha.

A sua intelligencia e perspicacia manifesta-se sempre. A sua audacia nunca se desmente; o seu coração é levantado.

Quando casou, o seu sentir harmonisou-se com a orientação da politica do marido alliado dos inglezes contra o Rei de França. Ella, ingleza pela mãe e habituada a ouvir como os compatriotas da Rainha Filippa haviam auxiliado seu pae na grande empreza de Aljubarrota, inclinava-se ao partido d'essa forte gente que vinha invadindo as provincias da França.

E, quando lhe contaram que uma pastora, que se intitulava *Jehanne la Pucelle,* vestida com uma armadura d'aço tendo á cinta a pequena espada de Santa Catharina, galopava n'um cavallo negro, á frente dos mais illustres capitães da França, e promettera ao Rei leval-o a coroar-se em Reims; quando lhe asseveraram que apavorava pela sua sobrenatural audacia os rudes archeiros inglezes, e libertara Orléans, a Infanta Izabel sentiu, porventura, ainda bater o seu coração, filho dos Lancastres.

Mas... quando soube que em Compiègne a angelica pastora, apertada n'uma tranqueira, tinha sido presa por um soldado da Picardia (diziam uns), ou pelo bastardo de Vendôme (diziam outros); e que fôra vendida a João de Ligny, o primeiro vassallo de Borgonha que a encofrara na torre de Beaulieu; e quando verificou que o proprio marido, levado pelas exigencias politicas, entregara essa creança aos carrascos; quando pela sua visão passou toda a horrivel tragedia, qual foi o sentir do coração da nobre Portugueza, da filha do Mestre d'Aviz?

Entraria no apaixonado criterio d'aquelles — ou inglezes ou gente de egreja, — para quem o supplicio da virgem, que se dizia enviada de Deus em auxilio ao Rei de França, foi um allivio, e a libertação do pesadello que os affligia?

Ou, escutando a voz do seu animo generoso, a Duqueza sentiria constrangimento e vergonha, vendo o nobre Duque, seu marido, cumplice do Duque de Bedford, e do Bispo de Beauvais, para queimarem n'uma fogueira a gentilissima creança que os havia derrotado?

E' de crêr que a sua alma sentisse, como grande parte dos borgonhezes, que não commungavam nos odios dos bretões. E' de crer que no coração d'ella se abrigassem as mesmas sympathias com que as senhoras do Luxemburgo acolheram tão doce e carinhosamente a indefensa *Pucelle*. E' de crer que a nossa Infanta vibrasse como a mulher de João de Ligny, que se atirara aos pés do marido, supplicando-lhe que não se deshonrasse entregando uma mulher.

E que mulher!

Não ha talvez na historia quem como ella através de quasi cinco seculos tenha reunido tão incondicionalmente os suffragios da humanidade; que tenha entrado na lenda aureolada de poesia, ficando ao mesmo tempo na historia, documentada pelas narrativas dos chronistas e pergaminhos dos cartorios; que seja enthusiasticamente erguida nas almas generosas como a mais sublime expressão da heroícidade, adorada nos altares pelos espiritos devotos como santa, e venerada na tradição militar pela sua valentia de soldado; que seja tão mulher pelo pudor, tão innocente na sua virgindade, tão impolluta e casta na sua pureza, e se revele tambem tão denodadamente varonil no seu trajo masculino, tão insexualmente despreoccupada na promiscuidade dos campos de batalha; que apparente a simplicidade d'uma camponeza inculta, e que com as suas respos-

tas argutas e lapidares desoriente os doutores e theologos que tentam enredal-a nas subtilezas da sua argumentação; que tenha no aspecto a candura ingenua das virgens christãs, e na alma ardente a paixão dos patriotas; que ouça vozes segredarem-lhe cousas divinas, e ao mesmo tempo seja sagaz e engenhosa no evitar os ardis dos inimigos; que aos dezoito annos seja grande nos combates como Cesar ou Napoleão, mas que nos olhos compassívos tenha lagrimas para os feridos no campo de Patay; que inspire poetas, que suggestione esculptores, que afine o estro de musicos, que illumine a palheta dos pintores, e que seduza os espiritos mais desencontrados, desde os mysticos e os eruditos, aos iconoclastas e demolidores.

Jeanne d'Arc, a figura ideal da virgem de Donremy, a doce visionaria que concilia o realismo dos interesses humanos com a idealidade poetica latente em todos nós, não póde ter sido odiada pela Duqueza de Borgonha.

Quem sabe mesmo (tão mysteriosos são os motivos dos actos humanos!), quem sabe se a impressão recebida não influiria no seu animo para levar o marido a desligar-se dos Inglezes e a fazer as pazes com a França que Jeanne d'Arc tão heroicamente servia?

Essa paz era além de tudo de boa politica, e o tratado de Arras, dando todas as satisfações á Borgonha, restituia a si propria a patria de Duguesclin, de Dunois e de Jeanne d'Arc.

*

* *

A Duqueza soube sempre alliar os impulsos do coração com os interesses dos seus Estados nas mais difficeis situações. Foi ao mesmo tempo, já o dissemos, habil agente diplomatico e valente dominadora de povos. Bem o demonstra mais tarde quando, ao pressentir a conciliação da

França com Inglaterra e o casamento do seu Rei Henrique VI com Margarida d'Anjou, o que ia diminuir o poder de seu marido, se dirige a Gravelines munida de plenos poderes, e consegue umas treguas honrosas.

Depois, em 1445, o marido, que desde a paz de Arras a encarregava sempre dos negocios mais delicados, e que tinha motivos de queixa do partido do Rei de França, enviou a a Châlons-sur-Marne onde estava Carlos VII.

A Duqueza estava então na Hollanda, onde fôra corajosamente tentar a conciliação entre Hoekrs e Kabeljaws, populações irrequietas e asselvajadas, que não hesitavam em praticar as maiores violencias.

Chegaram a arrancar á força de junto d'ella a viuva do Almirante de Horn, e na furia de quererem assassínar o Governador Lanoy foram indiscretamente procural-o debaixo do seu vestido, em cuja roda imaginavam que elle se escondera.

A duqueza energicamente impoz-lhes respeito.

Foi de volta d'essa missão de força, que emprehendeu a missão de astucia que o Duque lhe confiara.

Era em Maio. Châlons-sur-Marne, em plena primavera, recebia n'um quadro maravilhoso o brilhante acompanhamento da faustosa Duqueza, que trazia na sua numerosa comitiva a Condessa d'Etampes, mademoiselle de Cléves e muitas outras senhoras, entre as quaes a que desde Portugal sempre a acompanhara, D. Margarida de Castro, dos Castros de seis arruelas, que casára com João de Neufchatel, senhor de Montagu, um dos cavalleiros do Tosão d'Ouro.

Apezar dos resentimentos entre as duas Côrtes, a da França recebeu a Duqueza com o mais festivo acolhimento. Banquetes, bailes, torneios, succediam-se todos os dias, e o casamento de João de Calabria com Maria de Bourbon, sobrinha do Duque de Borgonha, veio dar mais

alegria a essa multidão de Principes, de Princezas, de damas, e de cortezões que formavam aquelle ajuntamento de singular magnificencia.

A Rainha de França e D. Izabel, Duqueza de Borgonha, nem sempre comparecíam nas solemnidades. Alguns attribuiriam esse retrahimento a intimas infelicidades conjugaes de cada uma. Carlos VII nunca fôra um modelo de fidelidade, e n'esse momento a formosa Agnès Sorel, la *Dame de Beauté,* cujo dominio no animo do voluptuoso Monarcha durou vinte annos, triumphava em todo o seu esplendor.

E por seu lado, Filippe — o — Bom, o homem mais galanteador d'aquella épocha, que na sua vida sentimental contava, além das trez mulheres legitimas, vinte e quatro amantes, n'esse momento dava creação a dez ou doze dos dezeseis bastardos que deixou.

Mas o que é certo é que tanto a Rainha como a Duqueza tinham no orgulho de raça um arnez invulneravel contra os golpes do ciume burguez. Além de que as idéas do tempo sobre concubinas e bastardos eram bastante largas, e não feriam corações sensiveis.

Se alguem ali odiava Agnès Sorel era o Delphim (o futuro Luiz XI) e não sua mãe. E a Duqueza se faltava ás festas é porque se occupava activamente nos negocios, que alli a tinham trazido: rectificação de limites; incursões nos territorios; jurisdicção no ducado; cunhagem de moeda, e outros.

Emquanto essas graves questões se regulavam com vantagem para um ou para outro lado, e que os festejos estonteavam as cabeças moças, deu-se um acontecimento doloroso...

Tambem se achava em Châlons Margarida de Escocia, que em 1436, casara, tendo apenas doze annos, com o futuro Luiz XI.

A doce figura da mulher do Delfim tinha um encanto singular. Levemente excentrica, agradava a todos, á Rainha sua sogra, ao Rei e... talvez até ao enigmatico marido. Instruida, culta, espirituosa, passava as noites compondo balladas.

A poesia era a sua paixão. De uma vez, atravessando uma sala do paço, deparou-se-lhe, adormecido sobre um escabello, o poeta Alain Chartier, secretario do Rei. Suavemente, chegou-se a elle e beijou-lhe a bocca. Aos da comitiva, que extranharam tão insolito beijo, respondeu serena:

— Não é o homem que eu beijo, é a bocca de onde jorram tão sonoras palavras.» E o poeta ficou dormindo! Ficaria?

Esse beijo de Margarida de York ainda hoje echôa na imaginação dos poetas.

Um dia de grande calor, depois de caminhar a pé, á hora do sol, em direcção a uma ermida de Nossa Senhora, apanhou um resfriamento a que se seguiu uma pleurisia. Morreu, pobre criança extravagante, exclamando no seu delirio:

— «Fi de la vie! qu'on ne m'en parle plus!

E' incerto o que se passou no coração tenebroso do viuvo.

Mas a necessidade de outro casamento impunha-se desde logo.

Então a Duqueza de Borgonha, dando mais uma vez prova do seu tino de estadista, parece ter influido no projecto de casar o futuro Rei de França com sua sobrinha Leonor, filha de El-Rei D. Duarte. Esse projecto foi acariciado na Côrte portugueza. A Infanta porém, já na ideia de uma alliança com o Imperador da Allemanha, declarou que só com elle casaria.

A Duqueza de Borgonha não insistiu. E o Delphim foi

casar com a filha do Duque de Saboya, contra a vontade de seu pae.

Carlos VII conhecia a fundo o filho. Quando foi da desavença que levou o Delphim a refugiar-se nos Estados de seus tios, os Duques de Borgonha, que o acolheram com agrado e attenções, o pae vaticinou:

«Metteram em casa uma raposa. Ha de devorar-lhe as gallinhas!»

A prophecia realizou-se! Mais tarde a Duqueza verificou como Luiz XI o sinistro raposão roeu o poder de seu filho Carlos, aquelle que foi chamado — *o Temerario*.

N'este terrivel filho fundiam-se a natureza arrebatada do pae, que tinha medonhos accessos de colera, embora o appellidassem *o Bom,* com as qualidades violentas que recebera pela herança materna *anglo-lusa*.

De uma vez respondeu o Temerario a seu primo o hypocrita Rei de França:

— «*Nós outros os Portuguezes* (e vangloriava-se d'esta expressão), quando os nossos amigos se alliam aos nossos inimigos, mandamol-os aos cem mil diabos do inferno!»

Mostrou-o bem quando ajudou o pae na vingança contra os habitantes de Dinant.

Attribuem alguns historiadores essa selvajaria ao rancôr da Duqueza por lhe chegar aos ouvidos que os d'aquella cidade, pela bocca de Conard, um cantador meio louco, haviam chamado a seu filho: *um bastardo*, *nascido de padre*.

Revoltou-se n'ella orgulho, honestidade, e pudor, e dizem que n'um impulso de leôa ferida jurára que aquella cidade havia de ser arrazada, e esmagados os seus habitantes.

O marido, embora já doente, e o filho, que tinha motivos de queixa contra essa gente, que antes o ameaçára, e agora lhe insultava a mãe, encarregaram-se d'essa monstruosa matança e horrivel fogueira, a que se chamou *o saque de Dinant*.

Michelet, tantas vezes parcial nas suas apreciações, e nem sempre caroavel para com a Duqueza, termina a historia d'essa atrocidade exclamando: «Ah! Madame de Bourgogne, quand vous avez demandé cette terrible vengeance vous ne soupçonniez pas, sans doute, qu'elle dut couter si cher».

Mas elle proprio informa ter lido n'um auctor que, no principio do cerco, a Duqueza intercedera e implorara compaixão para com aquelles infelizes. Não foi ouvida.

A espada vingativa estava desembainhada. As mulheres não tinham que intervir.

E' mais concorde com a indole da Infanta Izabel, esta ultima informação.

Forte, resoluta, severa até; isso sim; mas vingativa, cobarde e cruel, não é como a pinta a Historia.

*

* *

Se, em vez d'estas notas rapidas, fizessemos a biographia da Duqueza de Borgonha, e a representassemos, n'um retrato em corpo inteiro, no quadro magnifico em que se destacou, o leitor poderia melhor apreciar e fazer justiça a essa notavel figura de mulher portugueza, que, até ao anno em que morreu (1471), conservou brilhante a luz da sua clara intelligencia, e o aprumo do seu animo varonil. E' necessario, porém, suspender a penna; mas não sem que, para terminar, ajuntemos um traço que a define, e que, por ter uma certa actualidade no momento em que escrevemos, (Dezembro de 1912), interessa duplamente.

Quando em 1453 os Turcos senhorearam Constantinopla, a Duqueza de Borgonha sentindo a afronta feita á christandade, e o alcance social d'essa alteração no mappa

politico da Europa, escreveu por sua propria mão a todos os Principes christãos, exhortando-os á santa empreza de recuperarem aquella cidade, offerecendo-se, com todos os seus vassallos para companheira dos trabalhos e da conquista.

Era uma precursora do Principe, que actualmente, passados quasi cinco seculos, intenta (Deus sabe com que exito) ir coroar-se Imperador na igreja de Santa Sophia

---

Leonor de Portugal, Imperatriz da Allemanha e o beato Amadeo

Ut Rosa Flores splendore corusco perfulget,
sic Leonora virtutum amato choro praestat.

(Inscripção da medalha da Rosa.)

SUMMARIO

A Neta de D. João I — A sua formosura — D. João de Menezes — Ignoto Deo. — Projectos de casamento do Infante — Desespero do apaixonado. — Nupcias — Embaixada — Festa do casamento. — O clerigo chronista. — O noivo — Frieza de temperamento. — O Beato Amadeo — Annos difficeis.

Neta de D. João I de Portugal, bisavó do Imperador Carlos V (que duas esplendidas amarras na Historia!) esta filha gentil de El-Rei D. Duarte e irmã do cavalleiroso Affonso V, deixou na lenda, acompanhando o echo festivo das suas nupcias com Frederico III, e a recordação da sua attribulada existencia no throno do Sacro Imperio, o vestigio sentimental da grande paixão que inspirou.

N'uma medalha lavrada em ouro, precioso documento iconographico que nos resta de Leonor de Portugal, e em que ella nos apparece, de meio corpo, com o trajo hieratico, tunica de brocado com amplas mangas debruadas de arminhos, e na cabeça a corôa imperial, sente-se o contraste estranho entre as magnificencias da majestade cesarea que a adornam, e a graça feminil do seu corpo miudinho.

E ao vermos a captivante expressão do sorriso, ao mestempo infantil, intelligente e malicioso, d'essa creaturinha, comprehendemos a surpreza que, subitamente, se apoderou do seu herculeo e agigantado marido, alentado allemão com mais de dous metros de altura e modos desastrados, quando na primeira entrevista, em pleno campo, ás portas de Siena, a enxergou tão franzina, apeando-se do cavallo, vir caminhando para elle serena, grave, com os brilhantes olhos negros pousados no chão. Comprehendemos o olhar interessado do Imperador quando avistou a figura airosa da pequenina portugueza, quasi esmagada entre as estaturas colossaes dos *brutamontes* teutonicos, que compunham a sua nova comitiva.

Comprehendemos tambem,a absorvente paixão que se apossou de um dos mais elegantes cavalleiros da côrte de El-Rei D. Affonso V, e do culto que elle dedicou a essa formosissima Princeza tão cheia de graça,que o seu encanto foi apregoado, e fixado na Historia pela penna elegante de Enéas Sylvio, o futuro Papa Pio II.

*

* *

Morto o Rei D. Duarte, e epilogados os dramas e tragicas scenas de familia, que encheram a menoridade de seu filho, o pequeno Affonso V; arrancados á viuva os dous filhos e as trez Infantasinhas; exilada e morta essa leôa ferida, cuja violenta alma de aragoneza se amolgára no embate com a do cunhado, o Regente D. Pedro; terminado lugubremente o episodio épico da Alfarrobeira; pensou o Rei no estado que conviria dar ás suas irmãs.

Eram ellas: D. Leonor, que foi Imperatriz; D. Catharina, que esteve para casar com o Principe herdeiro da Navarra, e com Eduardo IV de Inglaterra; e D. Joanna, de

romanesca memoria, que casou com Henrique IV de Castella, que dizem ter amado D. Beltrão de la Cueva, e que foi mãe da Excellente Senhora, a quem por isso chamaram a *Beltraneja*.

Viviam as trez Infantas nos paços de São Bartholomeu, e era sua camareira-mór D. Guiomar de Castro, Condessa de Athouguia, aquella que fundou o convento de São Francisco de Xabregas.

Por ser aparentada ainda com a familia Real, e com toda a nobreza do Reino, e porque seu marido fôra aio de Ei-Rei, tinha esta senhora uma situação excepcional.

Eram, por isso, as suas salas, no paço de S. Bartholomeu, centro de reunião, e prazo-dado de gente da Côrte.

Um, dos que mais a miude frequentavam os aposentos da Condessa, era D. João de Menezes da Silva, filho de Ruy Gomes da Silva, que se diz ter sido um dos doze de Inglaterra. A lenda prestigiosa do pae distingia luminosamente sobre a romantica figura do moço D. João. Muito novo ainda, batera-se em Africa. A aragem quente de Ceuta abrazara-lhe a alma. Era um sentimental.

Leonor, a mais velha das trez Infantas, com os seus dezesete annos, era, no dizer de testemunhas contemporaneas, singularmente formosa «com a fronte clara e serena, os olhos negros e brilhantes, a bocca pequenina, as faces docemente rosadas, o corpo e figura sem defeito». Accrescendo a estas qualidades «a agudeza de espirito, a correcta conversação, a comprehensão facil e segura», não custa a crêr que o pobre rapaz, que por esse tempo andava em serviço no Paço, e que muitas vezes a encontrava nas salas da sua parenta, se deixasse invadir pela paixão, que havia de vir a exilal-o para a sombria região dos claustros.

Coração de fogo, imaginação exaltada pela leitura das novellas de cavallaria que Vasco de Lobeira, com o seu *Amadis*, puzera em moda, a belleza da Infanta fulminara-

o, e trazia-o suspenso n'uma exaltação mystica. Essa adoração era tanto mais torturada quanto o seu objectivo pairava superior, nas alturas, onde se elevam as aves voadoras, e, por ser intangivel, o obrigava ao mais reservado retrahimento, e concentrado culto. Adoptou por isso a empreza figurada por um falcão volante, tendo por lettra o lemma enygmatico — Ignoto Deo —. Symbolisava assim o louco desvairamento que alava a sua imaginação acima das nuvens onde os girifaltes adejam, e envolvia no mysterio a divindade, que elle queria conservar alheia ás mundanas malevolencias. Além d'um sentimental, era um poeta, o moço D. João de Menezes! E como todos os poetas, alimentava o generoso espirito n'uma magica atmosphera de illusão.

Era seu empenho conservar envolto na penumbra do segredo o culto ao ignoto idolo, mas desconhecia o ingenuo cavalleiro, a maxima do philosopho, que assevera ser n'este mundo impossivel occultar trez cousas de natureza bem diversa: o dinheiro — a toleima — e a paixão amorosa. O primeiro deixa sempre rasto nas escripturações a que obriga. A segunda transparece até mesmo na physionomia das suas victimas. A terceira poreja exhuberante na epiderme das almas que padecem d'ella, ainda mesmo das mais cautelosas em dissimulal-a.

Ora, por mais que o cavalleiro de Ceuta quizesse rebuçar nas pregas do mysterio a sua loucura pela irmã do Rei, a familia, que o via andar curtindo tão perigosa sezão, avaliando a enormidade do mal, tentou dissuadil-o e casal-o com alguem da sua egualha.

Não faltaria quem ambicionasse captivar o coração do nobre filho de Ruy Gomes da Silva e de D. Izabel de Menezes, apezar de ser o 5.º dos 11 que tiveram. Era valente, esforçado e de tão guapa apparencia, como era formosa sua irmã D. Brites, que annos antes passara a Hespanha,

como dama da Rainha Izabel de Portugal, mulher de D. João II de Castella.

Contava-se então que esta D. Brites, cuja belleza deslumbrára a nobreza castelhana, fôra tão cortejada, tão adulada, e tantas cabeças estonteou, que a Rainha, mordida de inveja ou ciume, a mandára prender, encarcerar, e depois encerrar n'um cofre durante trez dias. Sahindo d'aquella boceta partiu logo, de Tordesilhas para Toledo, onde, por vontade propria, se encofrou no Mosteiro de S. Domingos-el-Real, no qual a sua mocidade radiante foi emmurchecendo durante trinta annos que alli permaneceu. Nos Paços de Galiana instituiu, em 1484, a Ordem da Conceição de Maria.

Formosos, apaixonados e mysticos eram, assim, estes Silvas Menezes!

Outros tantos motivos para tornarem interessante o nosso D. João aos olhos das raparigas do seu tempo.

Elle, porém, tomado de amores pela Infanta Leonor, e todo entregue ao seu sonho, recusou-se ás imposições da familia, e nem attentou nas seducções d'aquella, que se diz terem-lhe proposto. Asseveram mesmo alguns dos seus biographos, que se realizara um casamento, sem que elle quasi percebesse; e nunca o tendo consummado.

E' um caso inedito de somnambulismo que não está averiguado.

Desvairado devia elle andar, é certo, pois que por esse tempo ao seu coração foi dado o rebate, prenuncio dos tormentos que o esperavam.

Espalhou-se que a Infanta D. Leonor ia casar com o Delphim de França, agora viuvo de Margarida da Escocia.

Mas, logo depois chegavam a Lisboa, vindos por Napoles, onde residia Affonso, Rei de Aragão, tio da Infanta, dois enviados de Frederico III, encarregados de tomarem informações acerca das qualidades e feições das trez Prin-

cezas irmãs do Rei de Portugal. Acompanhava-os um pintor com encargo de as retratar.

Por tal fórma elles foram descrever ao seu Soberano os encantos e a graça da mais velha, que Frederico resolveu mandal-a pedir em casamento.

Foi assim que a Infanta D. Leonor escapou de unir a sua sorte ao Delphim, que havia de ser o sombrio e sinistro Luiz XI, para subir os degraus do throno do Sacro Im-Imperio, e participar do thalamo do desastrado e pesadão Imperador da Allemanha, Rei dos Romanos.

Uma ou outra das soluções, que tinham alcance politico diverso, mas que traziam ambas vantagens para Portugal, despedaçava as cordas mais intimas da alma do desgraçado D. João da Silva, a cujos ouvidos chegou logo a nova da missão dos allemães, e depois, nos principios de 1450, a do pedido formal dirigido pelo Imperador.

Foi para elle um tormento saber que tinham reunido as côrtes em Santarem para accordarem sobre o assumpto, e que logo em Junho El-Rei mandara a Napoles o Doutor João Fernandes da Silveira (que veio a ser o primeiro Barão d'Alvito), a encontrar-se e negociar o contrato nupcial com os Embaixadores do Imperador, um dos quaes era o intelligente Bispo de Siena, Enéas Sylvio, futuro Papa. Concluiram-se promptamente as negociações, e a 14 de Dezembro assignou-se em Napoles o contrato de casamento, que devia realizar-se em Lisboa por procuração.

O effeito causado por todas estas noticias no animo do apaixonado rapaz, é fulminante. E desnorteia-o tão completamente, que parece até, que esse effeito se estende e transmitte aos seus biographos, inspirando-lhes as mais variadas versões acerca da sua sahida de Portugal.

Dão-n'o alguns, allucinado logo ás primeiras noticias, internando-se em Hespanha; outros passando a Africa a combater. Estes noticiam a sua peregrinação pelos terri-

torios da mourisca Andaluzia, levando já o cilicio, e depois a sua prisão em Granada onde padece o martyrio. Aquelles pintam-n'o fugindo como louco atravez a Hespanha, em direcção ao mosteiro de Guadalupe, á porta do qual vai bater miseravel e andrajoso...

São tantos os agiologos que se occupam do Beato Amadeu, e tão diversas as fontes onde vão beber noticias, são tão variados os intentos que determinam as eruditas pennas, uns na ancia de glorificarem as suas virtudes, outros no proposito de exaltarem o seu valor ou de poetizarem a sua paixão, que deixam enigmatica a figura nas brumas da lenda, que envolve a sua mocidade.

Consultando, porém, os mais verosimeis, e mais conformes entre si, apura-se que elle ficou acorrentado em Lisboa emquanto a Princeza não partiu, e adivinha-se ainda tambem, que a acompanhou até Italia. De todos os tormentos, angustias e martyrios, que varios escriptores lhe attribuem nas suas peregrinações devotas, nenhum tão doloroso como este, a que vamos assistir, soffrido durante os prolongados festejos nupciaes.

*

* *

Meiava-se o mez de Março de 1451, quando Frederico III expedia de Neustadt os procuradores, encarregados de virem a Lisboa desposar em seu nome a irmã do Rei de Portugal, e de a levarem a Roma onde os conjuges deviam ser sagrados.

Extravagante e mesquinha era a embaixada enviada pelo Cesar!

Compunha-se ella apenas de dois sacerdotes, capellães imperiaes, obscuros de nome, humildes de condição, modestos de categoria.

Era o primeiro Mestre Thiago Motz, e o outro era Nicolao Lanckman Valkenstein, que passado tempo havia de escrever o relato interessante, que nos dá tão minuciosas noticias.

Ao passo que o Rei de Portugal enviava ás côrtes extrangeiras as mais pomposas embaixadas, e depois do casamento fazia conduzir sua irmã n'uma vistosa armada, acompanhando-a os mais illustres nomes — o Marquez de Valença, a Condessa de Villa Real, o Bispo de Coimbra, Lopo de Almeida e tantos outros; o Imperador, o Senhor do Sacro Imperio Romano, essa vasta agglomeração de nações, escolhia dois clerigos obscuros para o representarem, e conduzirem a Imperatriz, sua mulher, á capital do mundo catholico.

Deram-se varias explicações para justificar tão acanhada e diminuta representação. A necessidade de vir por terra atravessando regiões inhospitas; a circumstancia de ser sómente em Italia que se havia de concluir a ceremonia nupcial; o preconceito, ou obediencia a uma superstição que determinava que o nubente por procuração fosse o proprio celebrante!

Rosnava-se, porém, que a verdadeira causa era a avareza do noivo, que o impedia de dar o lustre e pompa condignos á embaixada que mandava em busca da irmã do Rei de Portugal.

E por uma ironia da sorte, foram dos mais delumbrantes d'aquelle tempo os festejos, e as ceremonias, com que foi celebrado o casamento da Imperatriz não só em Lisboa e Ceuta, mas em Roma, Napoles e Veneza, por toda a parte onde não era Frederico III que fazia as despezas. Elle, apenas organisou a embaixada composta de dois clerigos! Quando em Castella foram assaltados pelos bandidos, pouco teriam estes que lhes roubar.

Os dois emissarios vieram chouteando pobremente nas

suas mulas através da Allemanha, da Saboya, da Suissa, do Delfinado. Quando no caminho de Santiago de Compostella, perto do monte Rabanera, juntamente com outros peregrinos foram atacados por uma quadrilha de ladrões, os pobres ecclesiâsticos, tremendo de medo viram-se obrigados a «beijar os pés dos salteadores, reverenceando-os de joelhos com receio, da morte».

Atemorisados, molestos, caminhando a pé, despojados de tudo, até da propria roupa, foram depois socorridos pelo Bípo de Coimbra, que lhes deu fato para decentemente virem á Côrte.

Andrajosa e miseravel Embaixada essa, que uma quarta-feira dos fins de Julho, foi alojar-se,nos paços do Lumiar, á espera da entrada solemne em Lisboa.

Affonso V, sem mostrar estranheza pela penuria de tal missão, e com a grandeza de animo que o caracterisava, recebeu os capellães installando-os no Paço dos Estáos ao Rocio, como representantes, que eram, de seu futuro cunhado o Imperador.

E' um d'elles, Nicolau Lankman, quem descreve no seu latim barbaro o esplendor da recepção, e das festas que se lhe seguiram.

A essas festas assistiu o apaixonado D. João de Menezes da Silva. Em algumas tomou certamente parte activa, como lhe competia, pelas obrigações do seu serviço no Paço.

Logo no segundo dia de audiencia, que foi o 1.º de Agosto, houve sarau e baile, a que assistiram as Infantas, dançando a formosa noiva e as duas irmãs. Mas, d'ahi a dias, quando se realisou brilhantemente a ceremonia do casamento, conforme as praticas da Egreja, e segundo os usos da côrte portugueza e da côrte allemã, com a benção e a imposição do annel, com as formalidades symbolicas do beijo na face, e do adorno do leito nupcial, e quando as vozes festivas entoavam o solemne Te-Deum, foi que o infe-

liz sentio irremediavelmente despedaçada a sua chimera, e desfeito o seu sonho, como as nuvens que n'essa manhã se esfarrapavam sobre o castello de S. Jorge. Quando dalli conduziam a Infanta, já Imperatriz e Rainha, rodeiada de toda a côrte entre as aclamações da multidão, e que a viu sumir-se na portada dos paços de S. Christovão, sua nova morada, é que elle avaliou quanto era cruelmente verdadeira a sua divisa, e a empresa do falcão que lhe voava!

Esse tormento prolongou-se por muitos dias, por mezes até, em quanto duraram os festejos.

Eram banquetes, ceias, saraus deslumbrantes com danças, mômos e representações da mais extravagante phantasia; eram danças nas ruas, em que os Mouros e os Ethiopes se meneavam e saracoteavam segundo os usos dos seus paizes; eram outras, em que selvagens com cabelleiras de seda rompiam bailando em honra da desposada. Eram combates simulados, em que entrava o Infante D. Fernando, e o proprio Rei, vestidos de cavalleiros andantes, envergando brilhantes armaduras, e reluzentes arnezes, pendendo-lhes dos elmos de ouro os rubros morriões. Eram apparatosas ceremonias como aquella na praça junto ao Castello, em que se representou a eleição do Imperador Frederico, e na qual figurou o Papa, os eleitores do Sacro Imperio, e o Arcebispo de Colonia.

Estas solemnidades tinham ao mesmo tempo um cunho official grave e serio, e um caracter theatral de farça para divertimento do povo, pittoresca mistura com que o symbolismo mediavel se manifesta tanta vez, entrelaçando a facecia, com a ascetica compostura; os desregramentos pagãos com a liturgia catholica; a obscenidade, a licença, os esgares das danças nas procissões, com o sinistro capuz dos farricôcos arrastando cadeias. Coexistiam n'aquellas festas nupciaes o ritual da rigorosa pragmatica de côrte e as mais phantasiosas invenções.

Foi assim que, n'um dos dias das festas, á porta da Sé, quando o Arcebispo de Lisboa, rodeado dos seus conegos e beneficiados, lançava a benção á Imperatriz, que n'um brilhante cortejo vinha approximando-se, foi descida do alto da torre e suspensa nos ares, em virtude de um engenhoso machinismo, uma creança vestida de anjo, que vinha depositar na cabeça da noiva a corôa imperial; e que, mais adiante, n'um logar disposto «á maneira de Paraizo» outra creança voava de uma alta janella da torre, e vinha pelo ar trazendo rozas n'um açafate dourado.

Foi tambem assim, que um notavel doutor pronunciou no largo da Sé um pesado discurso em honra do Imperador, e emquanto referia os feitos illustres dos Reis de Portugal, uma extravagante mascarada, representando todos esses Reis, apparecia como para exemplificar aquella especie de conferencia historica, na qual o doutor, chegando ao episodio do captiveiro do Infante D. Fernando, carregou a nota, e arrancou ao povo lagrimas, vivos lamentos, e um grande clamor implorando Deus.

E foi assim tambem que, descendo o cortejo em que vinha a Infanta, e no qual se incorporavam vinte mil pessoas, pelo largo da Magdalena, lhe sahiram ao encontro as trez Virtudes theologaes, declamando as caracteristicas lôas, e lá em baixo na rua Nova, a máis bella da cidade, encontravam num improvisado jardim uma fonte repuxando agua de rosas entre matagaes floridos dos quaes sahiam animaes silvestres. Durou todo esse dia o cortejo. Quasi á noite, quando recolhia a S. Christovão, avançaram trez prophetas com tunicas biblicas e grandes barbas, d'entre os quaes se destacou um, vaticinando prosperidades e venturas aos dois conjuges.

As prophecias, as lôas, as arengas, eram parte obrigatoria de todas essas festas, como tambem eram os bailes mouriscos, os machatins, e vistosas mimicas.

N'uma d'aquellas manhãs, na praça em frente do paço de S. Christovão, organisou-se um d'esses bailados. E quando a Imperatriz e toda a côrte applaudiam das janellas os airosos requebros das jogralezas, rufando graciosamente nos pandeiros e adufes, mandou El-Rei lançar na praça seis touros bravos, e então, deante de todo o povo vieram mouros de ambos os sexos com suas danças e folias, agarraram dois d'esses animaes que mataram, e dividiram conforme os ritos da sua religião, tirando festivos agouros das entranhas das victimas.

Estes seis touros bravos *touros silvestres,* não passariam porventura de quietos novilhos, que aos olhos do amedrontado clerigo, que nos está dando as noticias, tomaram aspecto de feras. O povo, apoderando-se das restantes rezes, alli mesmo as dividiu entre clamores de alegria, e saudações á desposada.

Cança, e quasi enfastia, (por isso não alludimos nem a metade d'elles) a descripção de todos os festejos que pela sua variedade, riqueza, e deslumbrante pompa, deixaram na historia um echo retumbante. Notaremos porém, por ser dos mais apparatosos, o torneio festivo, no qual o moço D. João de Menezes teve forçosamente que figurar, por ser cavalleiro da casa de El-Rei, e visto ser este o Capitão de uma das vístosas quadrilhas, que se bateram nas famosas justas.

Construira-se expressamente na parte em que a Rua Nova se alargava, um pavilhão de madeira, em fórma de palacio, com muitas salas e quartos, onde a Familia Real veio habitar, e em cuja comprida varanda assistiu ás justas, cannas, touros, e caçadas simuladas que se succediam por muitos dias.

O embaixador clerigo que no seu latim barbaro nos legou a minuciosa descripção, conta deslumbrado como se formou o cortejo, que no dia 16 de Outubro seguio do pa-

lacio do Rei áquelle em que habitava a Imperatríz, e que era composto de carros triumphaes, ornamentados com escudos e trophéos; numerosos cavallos com ricos xaireis transportando as lanças e todos os petrechos de combate; cavalleiros com armaduras reluzentes nos seus cavallos de batalha, arautos com as suas armas; charamelleiros; trombeteiros, e o proprio Rei na sua gloriosa armadura *(in armis suis gloriosissime)* seguido dos pagens vestidos de ouro e prata, montando cavallos de entrançadas crinas e emplumados com tremulantes cocares.

Toda essa comitiva brilhante, colleando pelas estreitas ruas da Lisboa medieval, seguiu pela encosta do Castello até ao improvisado Palacio, de cuja tribuna, ornada de ricos pannos, parte da Côrte havia de assistir ao espectaculo.

Logo na manhã seguinte o povo viu tomar n'ella logar a Rainha, cuja physionomia doce era sublinhada por um vinco de tristeza, sulcado pela recordação da recente tragedia de Alfarrobeira. Junto d'ella atrahia todas as attenções a formosa Imperatriz, em cuja expressão alguns dos mais sabidos em cousas da Côrte queriam adivinhar uma nuvem; e, um pouco retrahido, o vulto semi-apagado de D. Beatriz, a filha do Infante D. João, recemcasada com D. Fernando o irmão d'El-Rei, escutava uma explicação que o chronista Gomes Eannes de Azurara lhe ia dando.

Logo adeante prendia as vistas a Infanta D. Catharina, que então se dizia estar promettida ao Principe herdeiro da Navarra. Denunciava já, na gravidade com que se dirigia a seu tio o Infante D. Henrique, o caracter sério da futura traductora da *conversação dos monges,* do latim para portuguez.

Contrastando com a sisudez da irmã, surprehendia a alegria galhofeira da Infanta D. Joanna, que, com os seus onze annos incompletos enchia de risadas infantis a tribuna, e quebrava a solemnidade da etiqueta.

Junto d'ellas o Infante D. Henrique, na volta dos cincoenta e seis, corpolento, com a pelle tostada pelos sóes do Algarve, e cujo olhar ordinariamente duro, e indicativo da vontade tenaz, n'esse dia se amansava sob a influencia da mocidade das sobrinhas, escutava-as complacente, pondo de parte o cuidado nas suas emprezas de Sagres, e desfranzindo o sobrolho, que acontecimentos ainda recentes traziam carregado e torvo.

A um lado os Embaixadores dialogavam em latim, na impossibilidade de se fazerem comprehender na lingua propria, com algumas das pessoas presentes, e d'elles o mais vivaz, Nicolau Lanckman interrogava, commentava, inquiria, todo entregue á faina de colher elementos para elaborar a sua curiosa relação.

Um precursor dos modernos reporters!

Varios cavalleiros nobres, que da Inglaterra, da Escocia, da Irlanda, de Sevilha e outras partes, tinham concorrido a estas festas, conversavam com as damas e donzellas da Rainha e das Infantas, entre outras D. Guiomar de Castro, a Condessa de Atouguia a Condessa de Villa Real *velha* (como lhe chama irreverente Ruy de Pina), D. Violante Nogueira, aia da Infanta D. Joanna, D. Maria de Noronha, filha de D. Sancho, Governador de Ceuta, e muitas mais, que com a sua belleza, ou com as galas dos seus trajos, enfeitavam a tribuna.

A arraia miuda, contida pelas estacas de madeira, ou apinhada em compridos palanques, exultava radiante com os espectaculos, contemplava enlevada a formosa Infanta e as suas damas, e agora admirava a galhardia d'El-Rei, que, montado e armado á frente dos seus cavalleiros, se ia bater com a quadrilha de seu irmão em apparatosas justas.

Intervallando apparecia uma grande machina figurando um elephante, que trazia no dorso uma torre de madeira, do alto da qual os trombeteiros entoavam marchas de

guerra, e pequenos negros ethiopes atiravam ao povo laranjas, maçãs e gulodices variadas.

Depois dos cinco dias, em que não cessaram as vistosas pugnas, veio afinal a Imperatriz, com a Rainha e todas as suas damas, distribuir aos vencedores os premios dos combates: taças, gomis, e anneis d'ouro com pedras preciosas.

Viria entre os vencedores o apaixonado João de Menezes receber commovido das mãos da Imperatriz o galardão merecido?

Por que não?

O chronista, embaixador de Frederico, não o refere, porque ignorava a exaltação amorosa do pobre cavalleiro. E se d'ella tivesse conhecimento, certamente o não diria.

Mas, sabendo-se que D. João era entre os cavalleiros um dos mais destemidos e desembaraçados, como pouco antes demonstrára em Ceuta, não é ousadia de imaginação conjecturar, que se achasse entre aquelles, que receberam das mãos da Imperatriz a recompensa destinada aos justadores victoriosos.

Participaria ella da commoção que o trazia alli tão agitado?

Tambem Nicolau Lanckman o não revela. Fraco psychologo era sem duvida o padre, e se alguma coisa tivesse percebido abster-se-hia de o notar em latim no seu relato, destinado, porventura, a ser lido pelo Imperador.

Não o tagarelou tambem o principal interessado, pois o seu caracter bisonho e concentrado, a sua alma romanesca e sombria, o impelliam mais para a contemplação solitaria, do que para as confidencias mundanas.

Nem quiz assistir aos restantes festejos, que ainda se prolongaram com desafios de gigantes e pigmeus, com corridas de cavallos, com a exhibição de animaes ferozes montados por selvagens de compridas guedelhas, com touros, caçadas e banquetes.

Todo o seu empenho agora era conseguir fazer parte da comitiva, que ia por mar acompanhando a Imperatriz.

Parece ter alcançado esse desideratum por intermedio da Condessa de Villa Real, sua tia, que, ou ignorava a paixão do sobrinho, ou se condoeu do martyrio em que o via penar, e conhecendo a seriedade do seu sentimento o sabia incapaz d'um desatino.

Por isso quando a 25 de Outubro o cortejo se dirigiu á Sé, indo a cavallo o Rei, que levava de redea a Imperatriz; o Infante D. Fernando a Rainha; D. Henrique sua sobrinha D. Catharina; e o Marquez de Valença sua prima D. Joanna, e depois foram seguidos de toda a côrte, a pé até o caes da Ribeira, onde a desposada se embarcava na carraca luxuosamente ornada, que a havia de conduzir, já D. João alli se encontrava entre os homens d'armas que compunham a guarnição da armada.

Iam n'ella trez mil pessoas, e acompanhavam a Imperatriz, como Camareira-mór, D. Beatriz de Menezes, condessa Villa Real, e mais trez Condessas, uma das quaes D. Maria, de sangue Real, parenta da Imperatriz, e que Lanckman diz ser *multum speciosa sed juvenis*. Tão bonita ella era que assim impressionava o clerigo!

Além d'estas, iam vinte e quatro camareiras, trez viuvas, algumas criadas, e uma donzella quasi matrona chamada Maria Pasana.

Commandava a armada o Marquez de Valença, filho primogenito do Duque de Bragança. E entre os nobres senhores, que n'ella seguiam, contava-se D. Lopo de Almeida, que depois havia de escrever a El-Rei D. Affonso V as espirituosas cartas que tão bem descrevem as ceremonias nupciaes em Italia.

Dahi a dias, quando a monção foi favoravel, levantou ferro a armada.

Levava a seu bordo a Imperatriz, cujo destino era cheio

de interrogações. Levava D. João de Menezes, cujo coração sangrava infeliz.

E quando as velas da carraca inchavam concavas ao sahir a barra, o clerigo notava no seu caderno:

«O' Portugallia, O' Portugallia, bona regio!
O' Sintra amaenissimus locus!»

*
* *

Em Ceuta, a formosa cidade cujos palacios, fortalezas, torres, baluartes e sumptuosa egreja, antiga mesquita, com as suas cento e oitenta columnas, tanto deslumbraram o embaixador, teve a Imperatriz uma recepção original. O Governador D. Sancho de Noronha, primeiro Conde de Odemira, e seu proximo parente, organizou uma sortida contra os Mouros perto de Tanger, e d'essa singular caçada voltaram «alegremente com alguns pagãos captivos, burros, mulas, cavallos, etc.», proporcionando a D. Leonor o ensejo de generosamente conceder a liberdade aos Mouros aprisionados. Exotico mimo, com que o velho guerreiro africano regalava a sua hospeda imperial!

D. João de Menezes, todo absorto na sua ideia, quasi não prestou attenção a este episodio, nem tampouco a outros, em que a viagem foi fertil, alguns dos quaes deixavam transidos de medo os timidos capellães-embaixadores, taes como assaltos de piratas, movimentos no mar, monstros marinhos e tempestades, combates navaes, até que chegaram a Siena, onde, a 19 de Fevereiro, os dois esposos se encontraram.

Foi ahi, no campo, junto ás portas da cidade, que a gentil noiva, descendo do cavallo em que vinha montada, se dirigiu ao marido, que a abraçou.

Esta scena acha-se pittorescamente representada no

famoso quadro do Pinturichio existente na cathedral de Siena.

Era o Imperador um colossal Allemão, desgracioso e pouco vivo, apesar de moço. Brusco no gesto, a pronuncia guttural do seu idioma fazia realçar n'elle a falta de affabilidade. O olhar azul da sua raça era inexpressivo e velado pela cogitação nos estudos favoritos. Muito intelligente, é certo, faltava-lhe, porém, a scentelha luminosa que é o encanto do espirito latino.

Pesado esposo para a Princezinha portugueza!

Dava-se elle já por esse tempo ao estudo dos astros, á alchimia e á botanica. Indolente e sem energia, a sua politica fundava-se principalmente na transigencia com os adversarios, e as suas resoluções eram baseadas nas consultas da astrologia judiciaria.

Foi d'esta que elle tirou a divisa resumida nas cinco vogaes do alphabeto:

A. E. I. O. U.

Austriae est imperare orbi universo.

Pertence á Austria o dominio do mundo.

Só havia de ter realidade essa divisa com o seu bisneto, Carlos V, gerado do ventre d'aquella que se lhe ia agora juntar.

Não tinha, porém, de effectuar-se desde logo a approximação dos esposos.

O noivo, ou por frieza de temperamento, ou por desageitada compleição amorosa, ou por escrupulo religioso que não lhe permittia consummar o casamento antes de ser ungido em Roma, ou ainda por um preconceito, que o levava a considerar menos germanico o filho concebido fóra do Imperio, foi adiando successivamente esse

acontecimento... conforme se verifica na relação de Lanckman, e com mais realismo nas cartas de D. Lopo de Almeida a El-Rei D. Affonso V.

Na que era escripta no derradeiro dia de Fevereiro de 1452 dizia assim: «O Imperador não recebeu ainda a Senhora vossa irmã por palavras de presente, *nem se quer ajuntar a ella até Roma*, e alli espera que o Papa o receba, e então fazer as suas vodas.»

Mas o caso é que correu o mez de Março, foram os dous esposos abençoados, consagrados e ungidos pelo Papa Nicoláo, com uma solemnidade e pompa nunca vistas; a belleza da Imperatriz deslumbrava cardeaes, arcebispos e magnates do Imperio, tão formosa ella tinha apparecido com o vestido «cremezin e opa de brocado, bem toucada com uma críspina de rendas preciosas, e com um renge que a coroava», e... o noivo quedava-se bronco. D. Lopo a 22 d'esse mez dizia a El-Rei; «Foi mui prasmado o Imperador por tão maltratar quanto bem cá lhe mandastes. Esta quinta-feira, nem á sexta, nem ao sabbado, nem ao domingo, não foi consumado o matrimonio»...

N'esse domingo foi a coroação solemne.

«A Imperatriz, diz D. Lopo, ia em cabello com um fio d'ouro que vós lhe destes. Em verdade, Senhor, ia bem formosa com os cabellos ondados á maneira de allemão, e com tão boa continencia como se a não visse ninguem.»

O Imperador, acabada a ceremonia, foi para o seu Paço de S. João de Latrão, e ahi ceiou, com alguns dos seus intimos, «comendo sobre uma toalha grosseira e tão curta que não chegava ao topo da mesa, á luz de cinco cotos de céra espetados em pães, á maneira de castiçaes, comendo todos a vianda em dous grandes *bacios*, e tendo cada um trinchos de pão ante si».

E D. Lopo de Almeida, o futuro Conde de Abrantes,

que vinha da requintada côrte portugueza, iluminada já pelas alvoradas da Renascença, não se contem que não diga ao seu Rei, que o cunhado e os companheiros eram homens barbaros e bestiaes. Termina a sua carta insistindo: «Desde que o Imperador ceiou tornou-se ao Paço, onde pousava, e dormio em sua casa, sem ainda haver copula da voda.»

Foi só quando em Napoles o Rei Affonso de Aragão, tio da nossa D. Leonor, que vivia alli, preso nos encantos da formosissima Lucrecia d'Alano, e ligado mais prosaicamente áquella que as chronicas chamam simplesmente — a Francisca —, foi só quando esse voluptuoso Principe, no decorrer das dispendiosas festas que organizou para receber os noivos — justas, saráos, caçadas a féras e outras mais — começou a notar que o Imperador ainda não entrara na camara da esposa, que resolveu exprobrar a Frederico a extranheza do seu procedimento. E, embora essa abstinencia fosse officialmente elogiada nas arengas e discursos puramente rhetoricos, o Rei de Aragão censurou em particular o sobrinho pela sua indelicadeza para com a recem-casada.

Resolveu-se então o colossal tudesco, demorado, e desgeitoso, a combinar com o tio o ceremonial para essa solemnidade «á usança da Allemanha.»

Indica-a o recatado clerigo na sua relação. Descreve-a mais minuciosamente D. Lopo de Almeida, referindo como n'esse dia acabadas as justas a côrte foi ceiar, conduzindo depois a Imperatriz a casa do Imperador, e ahi houve dança na sala por mais de uma hora, levando depois o Rei de Aragão sua sobrinha á camara «com poucos, salvo mulheres».

Segue-se depois a descripção da ceremonia rude e imprevista (oh! apenas o formulario da etiqueta!) no leito nupcial; e das multiplas embaixadas (aliás bem faltas de

tacto) que o Imperador durante a noite mandou á esposa, até que se decidio a ir buscal-a pela mão...

D. Lopo termina esta carta: «O que passaram então não o sei, mas suspeito-o, e vós, Senhor, o deveis entender.»

Foi isto em 16 de Abril, domingo de Paschoa. Na segunda á tarde o Imperador abalava para Roma, a conferenciar com o Papa, e a proseguir nos seus trabalhos de astrologia!

O gelo não se derretera!

*

* *

Por este tempo, ou pouco antes, afastava-se da Imperatriz D. João de Menezes. Esse com o sangue em ebulição.

Emquanto Frederico obedecia á frieza da sua constituição physiologica, e a sua tosca psychologia teutonica, tão desprovida de sensibilidade, o afastava inconsciente, o moço meridional allucinado, louco, mordido pelo monstro que retalha as almas, e sentindo no espirito a anniquilação de todos os ideaes, fugia atravez da Italia, e ia, ao Mosteiro de Guadalupe, tomar o habito.

Como todas as figuras de lenda, cobre a sua vida um véo de mysterio, e as versões divergem acerca da sua mocidade.

Mas, ou fugisse da côrte de Lisboa logo depois do ajuste de casamento da Infanta, e se embrenhasse nas montanhas da Italia, ou se fosse bater nos areiaes da Africa, ou se escondesse nas grutas asceticas da Hespanha, ou acompanhasse a Imperatriz na sua viagem, o que é incontestavel é que uma grande paixão amorosa precedeu e occasionou a sua iniciação mystica, evolução aliás naturalissima em espiritos como o do ardente Portuguez

D. Jeronymo Mascarenhas, referindo-se com sympathia a tão arrebatado sentimento, commenta: «No pudo aver culpa en esto amor porque el es como la muerte, que todo lo iguala.»

Passar de uma paixão infeliz ao amor divino, transformar a adoração dedicada a um idolo em completa absorção no seio do Deus Creador, é caminho de almas muito conhecido, e frequentemente trilhado, n'esses meiados do seculo XV, em que a paz dos claustros, ou a gruta dos anachoretas acolhiam benevolamente os vencidos da existencia.

Pelo mesmo tempo, a irmã de D. João, que fôra dama da Rainha Izabel de Castella, fundava nos Paços de Galiana a Ordem da Conceição de Nossa Senhora.

Leval-a-hia a tomar essa resolução algum desgosto intimo de natureza semelhante á do irmão?

N'um romancito intitulado: *Ignoto Deo* publicado em tempo por Francisco Maria Bordalo, apparece vagamente a existencia de um affecto tão desordenadamente dedicado ao irmão (como a lenda ficaria assim complicada!) que o proprio excesso apavorou D. Brites, e a levou a procurar refugio na vida religiosa. Não indica o romancista de onde colheu tal tradição, e a ella não se referem nem Duarte Nunes do Leão, nem o Padre Fonseca, nem Jeronymo de Mascarenhas, nem Salazar, nem Baptista de Castro, nem Luciano Cordeiro que consultou estes e outros mais.

E' pois, de crêr que a paixão de D. Brites de Menezes pelo irmão seja invenção do autor da novella, impressionado pelas leituras *chateaubrianescas* de «René», e com a imaginação excitada pelas ingenuas exagerações do romantismo.

O que parece certo é que a Rainha de Castella, dando ouvidos, (como atraz dissemos) a intrigas das suas damas hespanholas, mordida ella propria pelo despeito, e mal

humorada com os disturbios que na côrte occasionava a belleza excepcional da formosa portugueza, — duellos nas ruas de Toledo, dramas no Paço, ciumes em muitos corações,—a fechara durante trez dias num cofre, o que desgostara por tal modo D. Brites, que fez d'ella a reclusa voluntaria do Convento de S. Domingos, onde viveu ainda durante trinta annos.

O irmão nada influira na sua resolução.

Em Italia, todo entregue a Deus tomara o habito em Assiz com o nome de Frei Amador, ou Amadeo, e é de notar que aquella Rainha Izabel que aferrolhara D. Brites, o auxiliou piedosamente na fundação de um dos conventos que elle instituio. Da mesma fórma o auxiliaram os Duques de Milão, que attribuiram a milagre seu, o nascimento de um herdeiro.

A transformação era completa. Fundador de uma ordem, dava principio á congregação dos Amadeos, que teve em Italia vinte mosteiros; asceta inspirado, escrevia no fundo de uma cova na cerca do convento de Montorio as celebres «Prophecias e Revelações».

Alli foi visitado por D Garcia de Menezes o famoso Bispo d'Evora, opulento fidalgo, erudito cortezão, *nas letras grão sabedor*, (como d'elle dizia Garcia de Rezende), diplomata, guerreiro, conspirador, e amante da Tinoca cujo irmão o denunciou. Em 1480 foi o Bispo D. Garcia á Italia como Capitão-General de uma armada que D. Affonso V enviava ao papa, para soccorrer Otranto.

Em Roma D. Garcia procurou no seu escondedouro o monge Amadeu, de quem era proximo parente.

Devia ser curiosa a entrevista dos dois primos. O eremita com alma ainda dorida de passados tormentos, vestido apenas com um habito de panno vil, descalço, magro, comendo unicamente pão e agua uma vez ao dia, *depois da nova*, enfronhado nas locubrações metaphysicas do seu

«Apocalypse»; D. Garcia, o Bispo, Fronteiro-Môr, mundano, alegre, conversador, todo ufano com os triumphos da sua eloquencia, que assombrára n'um discurso o consistorio pleno, quando trovejou contra a inercia dos principes e escandalos dos prelados.

Que disseram os dois primos um ao outro?

Pretende um historiador que D. Garcia se esforçou por arrastar frei Amadeo para Portugal, empregando supplicas e... lagrimas.

Lagrimas não estavam muito na indole do elegante prelado, mas talvez o aspecto do primo, e o scenario em que elle lhe apparecia, commovessem o impressionavel antistite lusitano.

Em todo o caso não logrou convencer o austero monge, a esse tempo já escolhido por suas virtudes para confessor do Papa Xisto IV.

Separaram-se sem se entenderem os dois ministros da mesma religião, tão distanciados na forma de exercer o seu sacerdocio. Frei Amadeo ficou.

Em 1482 morria em Milão com fama de santo. Ja havia quinze annos que entre os nevoeiros do norte fallecera a Imperatriz, e já havia muitos mais que se apagara a sua imagem nas brumas de alma mystica de frei Amadeo.

*

* *

E ella? E D. Leonor?

Tinhamo-la deixado em Napoles quando o marido, no crepusculo pallido da sua lua de mel, abalára para Roma.

Seria repugnancia pela mulher que assim o afastava?

Não, pois todos são concordes em que então, e depois, sempre lhe manifestou affeição, e teve d'ella varios filhos. Era apenas um septentrional.

E apezar dos seus vinte e dois annos, Frederico, forte, robusto, sadio, era como tantos os das raças do norte, um abstemio e casto, de costumes simples, bebendo só agua, sem amantes, cumprindo á risca as regras disciplinares da egreja nas relações sexuaes mesmo em justas nupcias.

Faltava-lhe além disso o culto pelo feminino. Esse tinha-o (e é curioso o contraste) sem que isso distinja na sua vida pura, o Secretario Enéas Sylvio, Bispo e futuro Papa, poeta, escriptor elegante, e subtil argumentador, que n'uma arenga pronunciada em Napoles, quando se tinha assignado o contrato de casamento, fizera uma calorosa apologia da Mulher, defendendo-a contra os seus detractores sem exceptuar os Padres da Egreja.

Mas Enéas Sylvio era um italiano precursor da Renascença, era auctor da novella intitulada—Dois amantes;—e Frederico era um allemão da Styria...

Só no fim de Maio se juntaram os dois conjuges em Veneza, onde houve sumptuosas festas, entrando afinal em Neustadt.

Mas em Junho, por causa das agitações politicas, já ella era obrigada a refugiar-se na Styria.

A politica, aquella politica medieval do Imperio, com as suas luctas, rebeldias, guerras feudaes, ennovellou sempre a existencia de Frederíco — O Pacifico, contrariando a sua indole de burguez pacato, que tinha por ideal a unidade da Austria... mas que a cada tentativa contra essa empreza oppunha apenas ephemeras veleidades de força armada, sempre seguidas de transigencias.

Ao passo que as luctas rasgavam as entranhas da Allemanha; que os Turcos conquistavam Constantinopla; que as guerras religiosas agitavam a Bohemia; e que no mundo se preparava o enorme movimento produzido pelos descobrimentos maritimos, pela invenção da imprensa, e pela agonia do feudalismo, o sorumbatico Imperador observava o

movimento dos planetas, consultava os horoscopos revelados pela astrologia, estudava nas retortas as propriedades mysteriosas de certos metaes, e excogitava as qualidades dos corpos simples. Um philosopho!

*
* *

Existem no castello de Sigmaringen, no salão vermelho junto á casa de jantar, dois retratos de tamanho natural em meio corpo. O que nos fica á direita quando olhamos para as janellas que deitam sobre a planicie, onde serpenteia o Danubio, representa D. Leonor. O da esquerda seu marido o Imperador Frederico III.

Ella apparenta uns trinta e cinco a quarenta annos. Veste um justilho de velludo escuro com mangas tufadas estreitando nos pulsos. No velludo destaca a brancura das mãos esguias. Um pesado colar á semelhança dos do Tosão d'Ouro, pende-lhe do pescoço. A cabeça nobre, emergindo d'uma ampla colleira de cambraia, é toucada com simplicidade, tendo como unico adorno uma espiga comprida de pedrarias, semelhantes ás do collar, que lhe segura o cabello. A cara é oval, acabando n'um mento denunciador de vontade e energia. A bocca séria tem não sei que geito de dolorosa resignação com o destino. A testa ampla e o olhar decidido, cahindo sobre a esquerda, revelam a mulher forte de intelligencia superior. O artista que pintou este retrato, se não era um mestre na technica, e um genio no desenho, tinha comtudo a divina intuição de adivinhar no modelo a alma que o animava, e o condão de traduzir um mundo de ideias e sentimentos, que, seculos depois, ainda nos deixa phantasiar o que essa mulher soffreu.

E' do mesmo pincel o retrato do marido. Aperta-lhe o

busto uma armadura de aço tauxiado. A mão direita nos copos da espada. A esquerda apoia-se no quadril. Trasbordando da armadura um amplo collarinho de panno branco contrasta com a barba cerrada. Tem mais a apparencia de um futuro huguenote, que do Imperador do Sacro Imperio. A' primeira vista esse retrato desconcerta-nos porque não era assim que o imaginavamos. Mas, attendendo melhor, a physionomia melancholica, a que o nariz comprido de narinas apertadas dá um caracter grave, o olhar vago, as olheiras cavadas, e o enfado que se sente esvoaçar nos labios, ajustam-se perfeitamente á individualidade de Frederico, como a historia a regista.

Envelhecendo, engordou. O seu aspecto de sabio dessorou. Sob a camada do astrologo desabrolhou um burguez allemão.

De uma vez, quando enfermo, ao cortarem-lhe uma perna ulcerada exclamava bonacheirão: «Vale mais um camponez com saude que um Imperador doente». E prosaicamente morreu de uma indigestão.

Tal foi o pae de Maximiliano I. Porque afinal, ao cabo de trez annos de casamento, a Imperatriz concebera.

Os physicos tinham-lhe aconselhado que bebesse vinho para favorecer a sua fecundidade; ao que o marido se oppoz, declarando que preferia uma consorte esteril a uma mulher que se desse á bebida. Ella, entretanto, demonstrando que não era essencial a beberagem á concepção, annunciou ao Imperador a esperança de um herdeiro.

Mas a pobre Princeza não tinha uma estrella feliz. Agora que o marido a deixára no castello de Neustadt, esperar tranquillamente o termo da sua gravidez, revoltavam-se os Condes e Barões, e vinham pôr cerco á cidade.

A Imperatriz, genuina neta de D. João I, tão decidida e resolutamente audaz, quanto Frederico era pachorrento e transigente, organisou a defeza, luctou e conseguiu desviar

os rebeldes. Mas essa empreza precipitára o parto. A criança pouco viveu. E só em 1459 nascia Maximiliano o herdeiro da Corôa do Sacro Imperio.

A vida da Imperatriz tinha que ser uma continuada serie de cuidados, alvoroços, miserias, quasi fome.

De uma vez em 1461 o cunhado, o Duque Alberto, auxiliado pelo Duque Luiz de Baviera, revolta-se, e, resolvendo apoderar-se da Austria inferior, marcha sobre Vienna, onde estava D. Leonor com o filho. O Imperador achava-se ausente em Gratz, defendendo a fronteira.

A Imperatriz então, com rara intelligencia e prompta resolução, organisa a resistencia, arma os habitantes de Vienna, chama os magnates alliados, e põe-se, ella propria, á testa do exercito, quando os rebeldes acampavam já em Hietzin, a dois passos da cidade.

No dia 3 de Agosto manda tocar a rebate, reune os burguezes junto á egreja de S. Theobaldo, monta a cavallo acompanhada pelas suas damas, passa em revista as tropas, falla-lhes com entusiasmo, conduz o exercito animado por tão heroico incentivo á porta oriental da cidade, e, mandando avançar com denodo, vê dentro em pouco derrotados os insolentes revoltosos.

Estava libertada a capital, e salva a corôa do filho, esse filho a quem legou o animo resoluto, o caracter austero e o coração sensivel.

Não cabe aqui narrar as continuas angustias que ainda teve de soffrer, chegando mais tarde, no cerco de Vienna, durante o qual nunca quiz abandonar o marido, a comer pão duro, e a privar o filho de uma perdiz, por não ter dinheiro para a pagar!

Mais, porém, que todas as privações, arrancava-lhe lagrimas de desespero a inexplicavel apathia do marido em frente dos adversarios.

E nas longas horas que precederam a sua morte, a neta

de Filippa de Lencastre e de D. João I, debruçando-se sobre o pequeno leito do filho, do qual havia de provir a casa da Austria, mergulhava o olhar agudo, anciosamente interrogador, na alma da criança, em busca das energias da sua forte raça portugueza!

Excellente Senhora

Rainha e Monja

CAPITULO I

SUMMARIO

A Beltraneja — Sua mãe a morena Joanna de Portugal — Henrique IV de Castella — As garridas portuguezas. — D. Beltran de la Cueva — Conspirações, enredos, e revoltas dos Nobres de Castella — Infancia de D. Joanna — Casamentos — Fernando e Izabel, os Reis Catholicos — Affonso V — Luiz XI — Guerra com Castella.

Excellente Senhora foi o titulo com que ficou na historia essa creaturinha fragil, cuja existencia é um dos mais extravagantes joguetes nas mãos caprichosas do destino.

Rainha sem throno; Princeza sem estado; mulher casada sem maridança; freira sem clausura; refem sem terçaria; a sua vida prolonga-se dramaticamente, unindo os fins do seculo XV aos quatro primeiros decennios do seculo XVI. E em sua volta, e tendo-a ás vezes como motivo, movem-se as mais emmaranhadas intrigas tecidas pelas mãos enredadoras dos ambiciosos gigantes, que na scena do mundo se chamaram: Izabel e Fernando, os Reis catholicos; Luiz XI de França; D. João II de Portugal, além de todos os grandes de Castella e Aragão que, ora lhe prestavam homenagem considerando-a Rainha de Cas-

tella e de Portugal, ora lhe negavam a legitimidade do nascimento, dando-lhe a alcunha insultuosa de *Beltraneja,* que recordava os amores, suppostos ou verdadeiros, de sua mãe, a morena Joanna de Portugal, com o irresistivel Beltran de la Cueva, depois Marquez de Ledesma e Duque de Albuquerque.

D. Joanna — a *Excellente Senhora* — representou, antes que outras, no theatro da Historia, a figura susceptivel de tornar realidade o sonho da unificação da Peninsula.

Mas apezar de ter occupado um lugar tão evidente na chronica do seu tempo, e ser objecto de tão successivas pretenções, de tão desvairadas tentativas, de tão desencontrados designios, a sua alma é ignorada de quem tenta sentir atravez dos factos o palpitar dos personagens.

Quem lêr os nossos chronistas Ruy de Pina ou Damião de Góes, Duarte Nunes do Leão ou Acenheiro, e os modernos escriptores Rebello da Silva, Lopes de Mendonça e outros; quem procurar noticias nos historiaiores e chronistas hespanhoes Castillo, Zurita, Palencia, Pulgar e tantos mais; quem repassar a chronica de Filippe de Commines, encontrará relatos pormenorizados dos successos que agitaram a Peninsula, e em que apparece a *Excellente Senhora*, mas não logrará conhecer os movimentos espirituaes que de certo lhe convulsionaram o animo quando a ajustaram a casar successivamente com o Infante D. Affonso de Castella; com o Principe D. João de Portugal; com o Principe de Napoles; com o Infante *Fortuna* de Aragão; com o Principe D. João de Castella; com o Rei de Navarra, Francisco Phebo; quando a casaram com o Duque de Guiena, para depois a unirem ao nosso Rei D. Affonso V; quando lhe cortaram as tranças e lhe impozeram o véo das filhas de Santa Clara; quando a trouxeram para a Alcaçova de Lisboa...

E comtudo a *Excellente Senhora* não era uma nulli-

dade intellectual, uma augusta mediocridade, nem enfermava de impotencia moral, como diziam enfermar corporalmente seu pae Rei Henrique IV de Castella. Nem era de indole tão excessivamente branda, que dobrasse sem resistencia ás correntes das imposições violentas.

Não! Mas as mãos que a fizeram vergar eram de ferro, e vestidas com a luva das mais refinadas astucias, e da manha mais genial.

E não só lhe annullaram a individualidade no desenrolar dos acontecimentos, como a apagaram na historia, supprimindo nos documentos vestigios que nos revelassem as feições espirituaes da misera Rainha.

Que pena! Entre os muitos enigmas attrahentes de que está cheia a nossa historia, seria particularmente interessante decifrar a psychologia da madrasta de D. João II. Mas como? Mesmo para hypotheses e conjecturas faltam quasi sempre apoios seguros.

E' certo que o livro do Sr. Alberto Pimentel intitulado — «Rainha sem Reino» — que foi a primeira monographia bem coordenada, e tanto quanto possivel completa, acerca da *Excellente Senhora*, tem capitulos de muito interesse, e, aqui ou além, tenta sondar a alma da sua heroina. Mas essa alma envolta no mysterio do passado, e mascarada na linguagem dos chronistas, quasi todos parciaes, que d'ella fazem menção, afogada nos dizeres convencionaes dos documentos officiaes, emphaticos, prolixos, enfadonhos, repletos de inuteis repetições, e condimentados quasi sempre ao sabor das paixões do momento, essa alminha esquiva não se deixa adivinhar.

Quando ha poucos mezes appareceu o livro intitulado — «Enrique IV y la excellente señora» — do Sr. J. B. Sitges, nutrimos a esperança de que o esforçado investigador, trazendo á luz novos elementos, nos familiarizasse com a personalidade de D. Joanna; que arrancasse a sua

figura das brumas da chronica; que nos iniciasse na sua intimidade; que nos revelasse particularidades da sua vida, que nos désse, emfim, um retrato a côres, ao menos verosimil.

O livro, porém, d'este historiador hespanhol, obra abundantemente documentada, e escripta com uma imparcialidade e uma isenção que muito o honram, é principalmente um elucidativo expositor para o estudo d'aquella época, fornecendo minuciosas informações sobre as fontes onde se podem ir colher conhecimentos; mas, acompanhando a narração com citações, no proprio texto, dos auctores a que se soccorre, e carregando esse mesmo texto com a transcripção por extenso dos interminaveis e fastidiosos documentos sahidos das chancellarias, embaraça a attenção e fatiga o espirito do leitor.

Finda a leitura d'esta obra, sente-se o desejo de tirar d'ella uma rapida licção, cotejando-a com os escriptores que a precederam. E' esta a razão de ser do arrazoado que se segue.

Não pretendo com elle tratar o assumpto mais eruditamente que os antigos, nem com geito mais feliz que o Sr. Alberto Pimentel no seu interessante livro, nem tão pouco corrigir o volumoso trabalho do Sr. J. B. Sitges.

Tenho apenas o intuito de dar em breves periodos a impressão do papel que representou n'esse periodo a figura um pouco apagada (mas essencial ao enredo do drama violento) da *Beltraneja*, da *Excellente Senhora*, da Rainha-Monja.

*

* *

Era Rei de Castella Henrique IV, e acabara de repudiar sua mulher Branca de Navarra, depois de quatorze annos de consorcio, com o fundamento de não ter d'ella successão.

As más línguas, e d'ellas se faz écho o Padre Marianna na sua «Historia de Hespanha», attribuiram a esterilidade á incapacidade physica do marido.

Alguns mesmos abocanharam a sua reputação, dando como rival da infeliz Branca o donzel João Pacheco, que depois, com o nome de Marquez de Vilhena, foi heróe de mais viris aventuras.

Convém, sempre que se lê a historia de periodos agitados como este, dar largo desconto ás affirmativas, ainda mesmo ás que parecem mais fundamentadas, pois todas nascem do fermento odioso que leveda no coração humano, quando agitado pelo morbus da ambição. Quantos factos contemporaneos de que fomos testemunhas andam já, na massa fluida, composta de noticias avulsas e de narrativas improvisadas *ad usum populi,* de que ha de vir a fazer-se a historia, deturpados ardilosamente, afim de amesquinhar figuras notaveis, ou exaltar ôcas mediocridades!

A questão da impotencia de Henrique IV de Castella tem sido muito debatida. Alguns auctores dão o facto como assente. Outros negam peremptoriamente essa insufficiencia. Outros ainda aceitam que ella existiu unicamento com relação á sua mulher D. Branca, mas não relativamente a outras. E dão para explicação deste phenomeno um *legamiento,* como em linguagem juridica d'esse tempo se chamava a uma especie de maleficio magico, sortilegio, ou bruxaria, que incompatibilizava physicamente os dous conjuges.

Não faltam documentos comprovativos, em que integros magistrados, altas dignidades ecclesiasticas, *dueñas honradas honestas y de buena fama,* peritos medicos, e mulheres levianas, vêm depor sobre este caso melindroso.

Na curiosa sentença de divorcio, dada em Segovia em 1453, e confirmada pelo Arcebispo de Toledo, em nome do

Papa Nicoláo V que, pela escabrosa materia, despejo de linguagem e qualidade de testemunhas, tanto faz lembrar a *causa de nullidade* que precedeu o divorcio de Affonso VI, de Portugal, succedem-se a declarar no pleito respeitaveis matronas, *casadas, espertas in opere nuptiale*, as quaes, examinando a Princeza, a encontraram incorrupta como nascera; ao passo que mulheres de vida facil, tambem sob juramento, declararam ter-lhes o Principe dado provas cabaes de que podia ser pae.

Evitaremos entrar nas minucias d'estes depoimentos formulados sem rebuços nem recato. Basta notar que foram valorizados pela consulta do medico Fernandez Soria, que, segundo informa o nosso chronista Duarte Nunes do Leão, confirmou *in articulo mortis* a opinião de que Henrique IV era apto para procrear.

Varios chronistas hespanhóes, pelo contrario, traçam d'este Monarcha um retrato pouco lisonjeiro, attribuindo-lhe vicios inconfessaveis, e apresentando-o como um poltrão, mau filho, mau marido e .. nunca pae.

Sitges, no seu livro, é mais imparcial, e depois de apresentar todas as opiniões accrescenta:

«Es muy posible que el divorcio de Enrique IV y D. Blanca obediciera a razones politicas.»

E mais adiante:

«De todas suertes bastante antes de pronunciarse la sentencia de divorcio Enrique IV yá gestionaba um casamiento con la Infanta portuguesa.»

Se alludimos aos debates levantados acerca do defeito imputado a este Rei, não foi no intuito de apimentar a narativa com indiscretas bisbilhotices de alcova, ou de devassar segredos da vida sentimental, e desvarios sexuaes dos personagens que n'ella figuram. Mas se a origem da *Excellente Senhora* foi a bala de que se serviram os paridos para se guerrearem, e se não duvidaram para alcan-

çar os seus fins politicos attribuir a existencía d'esta Princeza ás leviandades da mãe e á deficencia de Henrique IV, forçoso é referirmo-nos aos romanescos amores que originaram a alcunha, com que foi marcada ainda no berço a innocente Joanna. Chamaram-lhe a *Beltraneja*. Relembremos porque.

*

* *

Quando o Rei Henrique resolveu desligar-se de Branca de Navarra, volveu os olhos para uma das suas primas de Portugal filhas do bom Rei D. Duarte.

Leonor, a primeira, casára com Frederico, Imperador da Allemanha. Catharina, a segunda, sizuda e grave, estivera destinada ao herdeiro de Navarra e depois ao Rei de Inglaterra. O claustro porém attrahia-a. Entrou para o convento de Santa Clara.

Joanna, a mais nova, era tambem a mais bella, e a que por sua mãe, Aragoneza, herdara maior lote da graça, da vivacidade, da turbulenta alegria das Hespanholas.

Os olhos negros, o farto cabello que ella cuidava com mimo, a bocca risonha e espirituosa, davam-lhe um encanto especial.

Tetzel, chronista da viagem que o nobre bohemio Barão de Romithal fez em Hespanha, relatando mexericos de côrte termina maravilhado: «la Reyna es una linda señora morena». A filha do Rei D. Duarte deslumbrou o paiz das mulheres bonitas! Foi tanta a ancia que Henrique IV mostrou de engastar essa joia na sua corôa, ou por motivos politicos, ou para desfazer a sua triste reputação, que a pedira a El-Rei Affonso V de Portugal sem dote, offerecendo como arrhas vinte mil florins de ouro, as rendas da villa de Olmedo, e a annuidade de um milhão de maravedis, fóra as despezas com o pessoal da sua casa.

Acompanhava-a um batalhão volante de damas e camareiras. Todas formosas e radiantes de mocidade, formaram em torno da nova soberana, cujos quinze annos desabrochavam com brilho singular, a mais alegre côrte que jámais tinha animado os Paços de Madrid e de Sevilha.

D'ellas dizia um escriptor coevo: «La Reyna de Castilla está aqui. Trae consigo muchas Damas con diversos tocados: la una trae bonet, la otra carmaynola, la otra en cabellos, la otra con sombrero, la otra con una troz de seda, la otra con un almaysar, la otra a la Vizcayna, la otra con un pañizuelo: é de ellas hay que traen dagas, de ellas cuchillos Victorianos, de ellas cinto para armar ballesta, de ellas espadas y aun lanzas, y dardos, y capas castellanas: cuanto, Señor, yo nunca vi tantos trages de habillamentos.»

Vê-se que as elegancias, os requintes, as luzidas excentricidades das garridas Portuguezas causavam impressão nos arraiaes da tafularia castelhana, e nos mais rebarbativos escandalo.

O historiador Palencia, na sua carrancuda prosa latina, arremette com humor casmurro, e falta absoluta de galantaria, contra o alegre bando das damas da Rainha.

Falta por completo a este escriptor (cujo caracter foi venal) autoridade para estigmatizar, com a juvenalesca indignação de que faz gala, os vicios e liberdade de costumes do seu tempo. Tanto mais que, tendo sido protegido de Henrique IV a quem ensinara latim, muitas vezes se pôz ao serviço ora dos grandes de Castella, revoltados contra elle, ora de Fernando e Izabel, seus inimigos.

Ingrato para com o Arcebispo de Toledo, que o protegera, e que na sua chronica não poupa, é tido como pouco veridico, e um insigne má lingua («su afan de hablar mal de todo el mundo es inaguantable») mas .. como todos

os maldizentes, é lido com curiosidade, se não com embevecimento.

Diz elle assim das Damas da Rainha: «A mocidade encontrava estimulos para seu deleite no sequito da Rainha, composto de senhoras novas de alta linhagem e deslumbrante belleza, mas mais inclinadas a manejos de seducção do que era dado a donzellas; sendo certo que nunca se vio em parte alguma um grupo que mais carecesse de educação util. Nenhuma occupação honesta as recommendava; entregando-se ociosamente a colloquios solitarios com respectivos galantes. A deshonestidade do seu traje excitava a audacia dos moços cortezãos, e ainda mais os animavam as suas palavras provocantes.»

«As continuas gargalhadas acompanhando as conversas, as idas e vindas de mensageiros portadores de grosseiros bilhetes, a voracidade que de dia e de noite manifestavam, tudo apparentava costumes de alcoice. O tempo que lhes sobejava era dado ao somno, quando não o dedicavam a adornar o corpo com arrebiques, pomadas, perfumes e tudo sem o menor recato. Bem pelo contrario, descobriam os seios até além do estomago, e desnudavam-se desde os dedos dos pés, calcanhares e canellas até á parte mais alta das coxas. Pintavam-se cuidadosamente com alvaiade, tanto na cara como no resto do corpo, afim de que, se cahissem das suas hacaneas, o que acontecia com frequencia, brilhasse em todos os seus membros uma uniforme brancura.»

Este quadro é adrede forjado por um apaniguado dos futuros Reis catholicos para deprimir a Rainha e as senhoras portuguezas que a acompanhavam, que, embora alegres, descuidosas e ricas de embelecos, não ostentavam o lascivo impudor de que as acusa o velho Palencia. Algumas d'ellas até se estabeleceram em Castella, casando honestamente, como D. Izabel Henriques, que casou com o

Duque do Infantado, Leonor de Queiroz, com D. Pedro Furtado de Mendonça, etc.

Duas houve, é certo, que deram que fallar: D. Mencia de Lemos, que foi querida do Cardeal Mendoza, e mãe do Conde de Melito e do Marquez de Zenete, e a outra, D. Guiomar de Castro (filha natural do Conde de Monsanto) de quem adiante fallaremos.

Quando a Rainha chegou de Portugal, era tal a impaciencia do Rei, em a ver, que, devendo esta, antes de chegar a Cordova, pernoitar em Posadas, elle, disfarçado, alli a foi ver, demorando-se com ella quatro horas. Foi, porém, breve a lua de mel, e não tardou em se deixar enfeitiçar pelos olhos negros de D. Guiomar de Castro, dama de sua mulher.

A Rainha não levou isso a bem.

Ciumes? Orgulho beliscado? A' primeira hypothese se inclina um escriptor hespanhol, quando diz: «D. Guiomar fué largo tiempo la amiga del Rey, hasta el punto de excitar los celos de D. Juana, que, no pudiendo resistir más, un dia la sopapeó de lo lindo...»

Outros, porém, não julgam a Rainha ciumenta, e crêem antes que fosse a jactancia da vaidosa Guiomar que a tivesse irritado, a ponto de zurzir com violencia a sua dama n'uma sala do Paço para lhe castigar, não tanto os amores com o marido, como a basofia em se vangloriar da conquista.

O certo é que os sopapos ou as vergastadas atiraram D. Guiomar para duas leguas longe de Madrid, onde o Rei lhe poz casa, e onde a foi desencantar o Conde de Trevino, que, desposando a depois, fez d'ella a primeira Duqueza de Najera.

*
* *

Entretanto, apparecia na Côrte um personagem, cujo nome havia de figurar nas chronicas indiscretas, e nos refolhos da historia escandalosa.

Andaluz de origem, e nascido na nobre familia de Ubeda, D. Beltran de la Cueva distinguira-se, muito novo ainda, pelo seu valor nas guerras contra os Mouros de Granada, motivo por que o Rei o nomeou seu pagem da lança.

Figuram-n'o os historiadores bello homem, de grande estatura, feições muito correctas, voz persuasora, commedido nas acções, muito cortez nas maneiras, amigo de ostentar fausto e liberalidade.

De intelligencia clara e muito perspicaz, a sua convivencia era requestada nas rodas elegantes, o que desde logo lhe trouxe odios e invejas.

A sua nomeação para um alto cargo da Côrte, e o casamento com a filha do Marquez de Santillana, excitaram a animosidade dos partidos politicos, e a rivalidade de competidores no agrado Real. A' frente d'elles estava D. João Pacheco que mais tarde foi Marquez de Vilhena.

Era necessario aniquilar o brilhante cavalleiro, indispol-o com o Rei, e se necessario fosse desprestigiar a Rainha; meio do qual se têm servido tanta vez na historia as facções e bandos para alcançarem fins inconfessaveis.

As circumstancias facilitavam a empreza.

A Rainha era formosa, viva, e com aquelle feitio feminino que insconscientemente attrahe homenagens e convida a galanteios.

O Rei era desastradamente feio. Gordo, com os pés grandes, as mãos espalmadas, movia-se sem elegancia.

Sobre os hombros assentava sem garbo uma grande cabeça com o cabello ruivo emmaranhado. E na cara larga, branca, de olhos azues com palpebras avermelhadas, surdia um pequeno nariz, achatado por uma quéda que déra na infancia, e que lhe imprimia na physionomia uma expressão ridicula.

O seu ar bonacheirão, as suas fallas mansas, as familiaridades que permittia a inferiores, a affectada melancholia que punha na voz quando cantava acompanhando-se no alaúde, em vez de lhe attrahirem sympathia provocavam dissimulados, mas irreverentes motejos. E a posição que adoptára para receber Embaixadores, encruzado sobre uma esteira á moda mourisca, não contribuia muito para o prestigio da Majestade Real.

Antithese flagrante do desageitado soberano, sobresahia na Côrte o insinuante D. Beltran.

Ora aconteceu que n'um celebre torneio organizado no Pardo, perto de Madrid, para festejar a visita de um Embaixador do Duque de Bretanha, o brilhante cavalleiro, depois de justar com valentia vencendo varios competidores, dirigira-se a um arco de madeira em que se achavam pendentes lettras iniciaes de ouro, e escolhera para premio das suas proezas a do nome da sua mysteriosa dama.

Era a inicial do nome da Rainha.

Isso bastou para que as boccas do mundo entrassem a murmurar com malicia, e que d'esses rumores se aproveitasse o partido contrario a D. Beltran de la Cueva.

Pouco depois annunciava-se que a Rainha estava gravida. E, quando em Fevereiro de 1462 nasceu uma pequenina Infanta, foi-lhe dado o nome de Joanna: mas o vulgo baptizou-a logo com a alcunha da *Beltraneja*.

Aos ouvidos do Rei chegaram zum-zuns, mas não lhes deu credito. E para attestar bem publicamente a sua con-

vicção sobre a legitimidade da creança, ou para fazer calar a calumnia, deu a D. Beltran o titulo de Conde de Ledesma, nomeou-o para o seu conselho, e fundou no sitio em que se realizara o torneio um mosteiro dedicado a S. Jeronymo.

Foi logo reconhecida como herdeira do Throno essa Princezinha cuja infancia ia passar-se entre agitações politicas, dramas de familia de que ella foi por vezes a inconsciente causa, e nas deslocações em que a Côrte errante de seu pae constantemente peregrinou.

Os seus grandes olhos escuros e innocentes, os seus ouvidos de creança timida, assistiram a espectaculos, e escutaram scenas que mal comprehendiam, mas que lhe iam ageitando a alma para a desgraça.

Tinha ella pouco mais de um anno quando foi o alvoroço causado nos aposentos reas com o episodio de um parto prematuro da Rainha. Parece que esta costumava humedecer os cabellos com um liquido proprio para os amaciar, ou talvez para os tingir, pois admirava muito a côr loura das cabeças do norte, como assevera o bohemio Tetzel na sua correspondencia. Não seria isso para espantar porque, annos depois, ainda as bellas portuguezas davam aos cabellos a côr dos das patricias venezianas. O caso é que a Rainha um dia, pondo a cabeça para secar perto de uma vidraça exposta ao sol, o liquido inflamave incendiou-lhe a esplendida juba, e apezar de promptamente soccorrida, o susto foi tal que um feto de seis mezes veio á luz sem vida.

Ficou assim a Infanta Joanna successora da corôa de Castella.

Depois, tinha ainda apenas dois annos já nas entrevistas que se realizaram em Gibraltar, e depois em Evora, a destinavam para noiva.

E de quem? Cousa curiosa. Do Principe D. João de

Portugal, o futuro D. João II, de quem veio a ser madrasta.

Depois foi o levantamento dos grandes de Castella com incidentes varios, que se prolonga annos, e traz graves perturbações na vida da pobre creança. Uma noite ouve assustada os revoltosos arrombarem as portas do Paço, e entrarem de roldão até um recinto reservado onde o Rei e D. Beltran de la Cueva, se haviam refugiado.

Não houve effusão de sangue, resultando d'este episodio da insurreição um accôrdo com o Marquez de Vilhena, representante dos revoltosos, pelo qual o Principe D. Affonso, irmão mais novo de Henrique IV, era reconhecido por herdeiro, mas com condição de se casar com D. Joanna. A Princezinha aos dous annos mudava já de noivo.

Não aquietou isto os nobres insurrectos, que redigiam, então o famoso manifesto, documento dirigido ao Rei com insolencia e no qual se assevera de uma forma terminante a illegitimidade da sua supposta filha.

Pela sua pouca edade não teve a Princeza n'essa occasião conhecimento do papel que, a pretexto de reivindicações politicas, insultava brutalmente sua mãe e seu pae. Mas chegou-lhe por certo vagamente aos ouvidos o echo d'aquella espectaculosa scena que os grandes de Castella, adversarios de seu pae, fizeram representar, para o deporem em effigie, n'um campo da cidade de Avilla.

Em alto estrado foi collocada a estatua do Rei, á qual o Arcebispo de Toledo arrancou a corôa. O Marquez de Vilhena tirou-lhe o sceptro da mão. O Conde de Valencia despojou-o da espada. E os demais, fazendo rebolar com pontapés o manequim pelos degráos, dirigiam-lhe insultos, vaias e doestos, com palavras obscenas.

E logo a seguir sobre o mesmo estrado foi acclamado Rei o Principe D. Affonso, que anteriormente fôra destinado para noivo de D. Joanna.

Tambem de certo esta, embora tamanina ouviu narrar a replica que áquella farçada deram os partidarios de seu pae, arrastando pelas ruas de Simancas um boneco figurando o Arcebipo de Toledo, que queimaram n'uma fogueira ao som de cantigas aviltantes. E pelas recamaras do Paço ouviu tambem celebrar o feito cavalleiroso de D. Beltran de la Cueva, então já Duque de Albuquerque, quando foi da batalha de Olmedo, na qual entrou em favor de El-Rei contra o bando do Principe D. Affonso. Foi o caso que o avisara o Bispo de Sevilha, pedindo que não fosse á batalha, porque quarenta d'entre os contrarios haviam jurado matal-o. O Duque respondeu ao mensageiro descrevendo-lhe minuciosamente as armas de que havia de ir vestido, para que o reconhecesse durante a refrega. Quarenta contra um se lançaram no dia seguinte, sahindo o Duque mal ferido, mas glorioso.

A este tempo já D. Joanna, com pouco mais de cinco annos, fôra entregue como refens ao Conde de Tendilla, que a encerrou no Castello de Buitrago.

Foi ahi, passados tempos, que uma vez ella vio de uma janella chegar uma calvagada desusada. Pareceu-lhe reconhecer as portuguezas D. Izabel de Tavora, D. Philippa da Cunha, D. Mencia de Lemos, e dois cavalleiros D. Pedro de Castilla e D. Luiz de Hurtado, um dos quaes trazia á garupa uma figura de mulher embuçada.

Era sua mãe, a Rainha. Fôra ella tambem dada em refens ao Arcebispo de Sevilha, no castello de Alacjos, e confiada á guarda do cunhado d'este, D. Pedro de Castilla, *o velho*. Tinha elle um filho, tambem chamado D. Pedro, que não era indifferente aos encantos da Rainha. De accôrdo com ella resolveu tiral-a do castello. E, pela calada da noite, n'uma grande cesta era mysteriosamente descida, com ajuda de roldanas, pelos adarves da fortaleza. Mas, tendo os que seguravam o precioso fardo

largado prematuramente a corda, cahiu a Rainha, magoando-se ligeiramente. D. Pedro então passou-lhe em volta da cinta o robusto braço, collocou-a carinhosamente na anca do seu cavallo, e, como nas balladas amorosas, galopou ligeiramente em direcção a Buitrago.

Na fortaleza ficaram mãe e filha á guarda dos Mendozas.

Se escutarmos as linguas damnadas e alguns chronistas, passou-se então n'esse castello um capitulo curioso da vida romanesca da Rainha, em que D. Pedro, el Mozo, teve um papel de sentimental significação. E segundo dizem, sahiram d'alli dois meios irmãos da Princeza Joanna, que depois tiveram os nomes de D. Apostol e D. Pedro.

Esses chronistas são d'aquelles que, para favorecerem a causa de D. Fernando e Izabel, não hesitam em accumular as aventuras da Rainha, julgando assim afastar de vez a candidatura da pequena Joanna sua filha, o eterno pesadello dos Reis catholicos.

Mas muitos são tambem os que sem intenções reservadas, adornam com minucias picantes a existencia amorosa da frivola Rainha. Formaram-se lendas, como a do trovador Juan Rodriguez del Padron, sobre o qual d'uma janella do Paço cahiu certa tarde, lançada por mão mysteriosa, uma carta marcando uma entrevista. Toda essa aventura que tem um interesse de romance vivido, e é salpicada de episodios nascidos na facil imaginação do povo se desfaz perante a inflexivel chronologia, que illiba a Rainha, supposta heroina das alegrias e queixumes do poeta.

Não é d'ella, porém, que nos occupamos agora, mas da sua filha, a pequena Joanna, que continuava no castello de Buitrago em poder dos Mendoças, emquanto no theatro da politica se passavam movimentadas scenas, que tiveram como epilogo um tractado entre o partido de seu pae e o

de Izabel, visto que no entretanto morrera o Principe Affonso, por ter comido uma fructa condimentada com peçonha. Foi tempero muito usado nos pratos d'aquelles que eram obstaculos ás ambições de Fernando e Izabel.

N'este tratado, que se ficou chamando *Pacto de los Toros de Guisando*, e que parece ter sido alterado depois da morte de Henrique IV, para provar que este soberano tinha declarado não ser D. Joanna sua filha, estabelecia-se que Ízabel seria jurada herdeíra, e a Rainha repudiada.

Ficaria assim affastada de vez a candidatura da Princeza Joanna, se os movimentos politicos d'este agitado periodo obedecessem á logica, ou tivessem seguimento natural.

Mas o certo é que pouco depois d'este pacto os elementos que n'elle tinham entrado desaggregavam-se.

D. Izabel começava a negociar o seu casamento com Fernando de Aragão, o qual se realizou em Valladolid a 19 de Outubro de 1469.

Henrique IV escrevia ao Papa rogando-lhe que não confirmasse a successão da sua irmã, solicitando a confirmação dos direitos de sua filha D. Joanna; e egualmente se dirigia a Affonso V de Portugal offerecendo a mão d'esta Princeza.

*

* *

Entretanto, apparecia um novo pretendente a esta creança de 7 annos, que a todo o transe queriam casar. N'isso estava empenhado o amor proprio do Rei para castigar sua irmã casada contra a sua vontade; o da Rainha para se vingar do ultrage recebido nas estipulações de Toros de Guisando; e o de alguns nobres que temiam a victoria de Fernando e Izabel.

Por sua parte Luiz XI, de França, queria desembaraçar-se do irmão, o Duque de Guiena, que se intromettia demasiadamente nas luctas internas do reino, tomando partido a favor dos seus inimigos, os Duques de Bretanha e de Borgonha.

Depois de ter querido casal-o com Izabel, a irmã de Henrique IV, intentava agora ajustal-o com a filha, a Princezinha Joanna, que ia na volta dos seus oito annos, e approximadamente de outros tantos noivos.

Este não era attrahente. Tinha trez vezes a edade d'ella. Com as pernas extraordinariamente delgadas e os olhos doentes, apresentava um aspecto enfermiço, que não o abonava para marido. No moral diziam-n'o frivolo, inconsciente, desleal.

Um anonymo portuguez, que se julga ser o primeiro Barão de Alvito, n'um relato hoje existente na Bibliotheca de Lisboa, dá algumas noticias valiosas acerca d'este projectado casamento, narrando a embaixada do Cardeal d'Albi, e dando conta das curiosas condicções do contrato.

O Rei determinou então que os Mendoças entregassem D. Joanna, e que os esponsaes se realizassem em Val de Lozoya, localidade que ficava entre Segovia e o castello de Buitrago, onde a noivasinha se achava.

Alli foram assignados os contratos e os documentos, pelos quaes os Grandes de Castella novamente reconheciam D. Joanna como herdeira.

Levaram-n'a depois para Segovia, e alli com as suas mãos infantis distribuiu ricos presentes aos Embaixadores de França, que partiram para Bordeaux, onde o noivo os esperava. N'essa cidade celebrou elle com apparatosos festejos as suas bodas. Foram, porém, agouradas. N'um torneio em que entrava o primogenito dos Condes de Foix, herdeiro da corôa de Navarra, foi o moço cavalleiro atravessado por uma lança, e cahiu morto na arena.

Entretanto, o pae da noiva, Henrique de Castella, reclamava que, em virtude do contrato, Luiz XI lhe desse forças para rechaçar de Castella Fernando e Izabel. Mas a astuta rapoza de França não se apressava a cumprir o promettido, tanto mais que a esse tempo (1471) já seu irmão, o Duque de Guiena estava conspirando, e renovava entendimentos com Carlos o Temerario figadal inimigo de Luiz XI.

E, o que inda é mais, o enfermiço Guiena enviava ao Papa um Embaixador, pedindo-lhe que o dispensasse do juramento de obediencia a seu irmão, e o desligasse da palavra dada á Princezinha Joanna, pois pretendia agora casar-se com a filha do Temerario, Maria de Borgonha, a que havia de ser mãe de Fillipe, o Formoso, e avó de Carlos V.

O destino, porém, personalizado em Luiz XI, que não perdoava a um inimigo, embora fosse seu irmão, enviou-lhe uma maleita que o levou, a 25 de Maio de 1472.

Aos dez annos achava-se D. Joanna viuva, sem ter sido casada. Lastimaria a perda do promettido esposo? Ninguem o póde dizer; como tambem os escriptores não nos elucidam acerca de uma negociação, esboçada ainda em vida do noivo francez, para a casarem com D. Fradique, filho do Rei de Napoles.

O que é certo é que se trabalhou n'um projecto de casamento com o Infante *Fortuna*, sobrinho de D. João II, de Aragão. Não teve este episodio seguimento, porque o Infante *Fortuna* desgostou com a sua arrogancia e altivez os nobres de Castella, quando veio a Madrid. Teve, pois, de retirar-se, vindo depois a casar-se com uma senhora portugueza.

*
* *

O casamento com o Rei de Portugal é, sem duvida, o facto capital na vida de D. Joanna, e em volta d'elle se deram muitos dos acontecimentos mais importantes da historia da Peninsula n'essa quadra.

O Rei D. Affonso V enviuvara no inverno de 1455, com 25 annos, de sua infeliz prima, a Rainha D. Izabel, morta em Evora poucos mezes depois de dar á luz o que veio a ser D. João II. A longa viuvez do Rei cavalleiro não foi atravessada por qualquer episodio amoroso, porque (lá o diz o chronista) «sendo aquella edade de maiores pongimentos e alterações da carne, tendo para isso muita disposição e desejo, foi depois acerca de mulheres muito abstinente, *ao menos cauto*.»

Ao menos cauto. Estas trez palavras envolvem porventura allusão a clandestinas ou passageiras aventuras de que não ficaram vestigios, e que para a historia são indifferentes.

O sonho de Africa — a ambição de Castella — absorveram por completo o seu animo.

Para a realização d'esta viu feliz ensejo nas tentativas feitas por seu cunhado Henrique.

Quando este se convenceu de que nenhum auxilio lhe vinha de Luiz XI, e farejou que o Duque de Guiena tratava de se desligar de D. Joanna, mandara em 1471 uma Embaixada a Portugal propôr o casamento d'esta com Affonso V. El-Rei estava já a caminho de Africa, levado na ancia de tomar Arzilla, de conquistar Tanger. Ficou addiado, mas não desfeito o projecto. Os dois Reis combinaram encontrar-se entre Elvas e Badajoz para tratarem d'esse casamento. Fernando e Izabel sempre alerta, e de

olho attento, mandaram Embaixadores para embaraçarem. Conseguiram. E pouco depois reconciliavam-se com Henrique IV por intermedio de Cabrera, seu antigo pagem, e agora mordomo, no alcacer de Segovia. Para celebrar o restabelecimento de relações entre os adversarios houve no dia da Epiphania solemne passeio dos Principes pela cidade, e á noite um banquete preparado pelo perfido Cabrera.

Foi n'esse agape que o Rei se sentiu repentinamente enfermo. Nunca mais se curou, morrendo poucos mezes depois. Sua filha D. Joanna, no manifesto que annos depois espalhou, para affirmar os seus direitos, accusa sem rebuço sua tia Izabel de ter proporcionado o veneno que ajudou a leval-o d'esta vida.

Tem-se debatido muito se deixou ou não um testamento.

Não entraremos n'essa fastidiosa questão, nem procuraremos desvendar a verdade acerca do mysterioso cofre escondido pelo Cura de Santa Cruz, em Almeida, e onde se dizia estar encerrado aquelle documento.

O certo é que a ultima vontade do Rei foi que sua filha herdasse a corôa e casasse com D. Affonso V.

Era uma derradeira pirraça ao partido dos futuros Reis Catholicos.

Em Junho seguinte morria sua mulher, a mãe da Princeza D. Joanna, no convento de S. Francisco de Madrid, n'um quarto sobre a portaria, de onde por uma rotula aberta para a egreja ouvia missa e encomendava a Deus a sua alma amorosa.

E essa que fôra tão linda mulher, tão alegre e buliçosa, tão sensivel de coração, e fulgurante de espirito, a irmã de Affonso V de Portugal, e a Rainha de Castella, assignava o seu testamento — *La triste reina!*

N'esse testamento ha um legado a favor de D. Pedro

de Castella em reconhecimento por ter favorecido a sua evasão do castello de Alacjos, e talvez por ter reconhecido no coração d'esse D. Pedro *el Mozo* a unica dedicação sincera que encontrou na vida. Ha tambem uma ultima recommendação reveladora de um movimento de garridice posthuma, de um derradeiro cuidado com a sua pelle mimosa.

Pede ella que a enterrem «*en algum lugar hueco que no llegue luego la tierra sobre mi*. Arripiava-se, na sua vaidade de mulher bonita, pensando que a terra aspera havia de molestar a epiderme do seu corpo delicado.

A filha tinha então treze annos. Estava confiada agora (sempre aos baidões) á guarda dos Marquezes de Vilhena, e era o maior estorvo que Izabel a Catholica, sua tia, topava no caminho.

Logo depois da morte do Rei seu irmão, rapida nas suas decisões e energica em leval-as a cabo, fez levantar um alto estrado na praça principal de Segovia, e sobre elle se coroou Rainha.

Usurpava assim os direitos da sobrinha. Mas não se embaraçava com essas ninharias a alma audaz da resoluta mulher, que não recuava mesmo em allegar, para defesa das suas pretensões, a illegitimidade d'aquella creança, fazendo resuscitar a discutida impotencia de seu irmão.

Em volta de Izabel e de Fernando agrupava se outra vez grande parte dos nobres. E, o que é curioso: entre elles figura o Duque de Albuquerque, aquelle D. Beltran de la Cueva que muitos apontavam como pae de D. Joanna.

Ia assim enfileirar-se entre os do campo adverso á sua supposta filha, que d'elle herdava a alcunha de *Beltraneja!*

Esta, a franzina flôr batida pelas ventanias da politica, abrigava a sua incipiente puberdade no palacio dos Vilhenas, em Madrid, onde, com aquelle ar pensativo de que o

retrato nos dá a impressão, recebia inquieta as homenagens dos seus partidarios, entre os quaes o riquissimo Duque de Arévalo, o brilhante Marquez de Cadiz, o Grão-Mestre de Calatrava, e mais depois o despeitado e poderoso Arcebispo de Toledo.

*

* *

Veio então uma missão a Extremoz pedir a El-Rei D. Affonso V o seu appoio a este partido, e offerecer-lhe em troca a mão da sobrinha e a corôa de Castella e Leão.

De novo subiram ao cerebro do monarcha os fumos perturbadores nascidos na ambição politica, no instincto batalhador, na generosidade da sua indole, e nas leis da cavallaria que o arrastavam a defender os direitos de uma senhora fraca.

No Principe D. João seu filho, a esse tempo já casado, o sonho de dominação na Peninsula tomava fórmas menos romanescas, mas de maior alcance.

Antes do Conselho que se reuniu em Extremoz, o pae e o filho trocaram impressões sobre o assumpto, que para ambos era grave e importante. Os dois Principes passeiavam na grande sala que fôra dos aposentos de D. Diniz, junto a um eirado, de onde se dominava a paizagem ondulada.

O pae, então na volta dos quarenta annos, tinha ainda boa presença com a sua barba negra, vestes largas, e uma precoce calvicie, que não o envelhecia.

Seduzia-o a invasão de Castella e o seu casamento, como continuação gloriosa da empreza de Africa.

O filho, com os seus dezenove annos incompletos, escutava attento, meditativo, reflectindo, emquanto o seu Rei e Senhor perorava com loquacidade exuberante, e ia

expondo, com verbosidade meridional n'um discurso cheio de «palavras bem ordenadas entoadas com mui gracioso orgão» o plano da campanha, e as vantagens do consorcio. O Principe, assentindo com a cabeça, applaudia.

Applaudia com enthusiasmo a guerra; mais moderadamente o casamento. E olhando por cima dos muros da cidadella, com aquelles olhos negros, cujas alvas ás vezes se injectavam de sangue, a estrada que leva de Villa Boim a Elvas, e d'alli a Badajoz, via-se já, cavalgando á frente de uma hoste atravessar a fronteira, que, na sua volta victoriosa, já não existiria como separação dos dois reinos.

Entretanto a sua intelligencia pratica levava-o a ponderar, com «voz vagarosa entoada pelos narizes» que fôra um erro não se haverem effectuado os casamentos em tempo projectados de Affonso V com D. Izabel, agora a sua inimiga, e d'elle proprio com a pequena Joanna que brevemente ia ser sua madrasta. Teria sido uma ancora com dois arpões, que seguraria melhor a successão da corôa de Castella.

Agora era necessario combater. Embora!

Seu pae era ainda robusto; elle proprio fôra, havia pouco, armado cavalleiro em Arzilla, e fervia-lhe nas veias o sangue do bisavô — Aljubarrota, Atoleiros, Valverde... e a sombra do Contestavel, voavam-lhe na imaginação. Mas seria necessario convocar o Conselho? Então apparecia n'elle o estadista com as argucias de João das Regras.

As duas figuras do pae e do filho symbolizavam n'esse momento as idéas de que cada um era representante, na transição entre o mundo medieval que acabava, e a nova philosophia politica que a Renascença havia de fazer dominar.

Em D. Affonso V encarnava-se a concepção feudal do Rei governando com os nobres guerreiros e senhores de terras que, juntamente com as ordens militares, tinham

conquistado o solo, expulsado a mourama, e dado vida ao organismo portuguez.

No Principe podia adivinhar-se já o futuro D. João II, em cujo cerebro fermentavam, ou innatas ou adquiridas, (por esse phenomeno que faz aspirar inconscientemente ideias que andam em suspensão pairando na atmosphera intellectual de uma época), as maximas de Machiavel, e os processos de Luiz XI.

N'aquella hora, porém, a guerra seduzia os dois temperamentos.

Mas pressentiam obstaculos no Conselho.

Resolveram convocal-o desde logo.

Excellente Senhora

RAINHA E MONJA

CAPITULO II

SUMMARIO

Os esponsaes de D. Joanna e D. Affonso V — Sonho da unificação das duas côroas — Batalha de Toro — Amores de D. João II — Joanna — a — Noiva — O marido em França — D. Joanna em terçaria — Manejos dos Reis Catholicos — Profissão da Excellente Senhora — O ex-marido morre — O enteado estabelece-a na Côrte — A velhice — Lei historica.

Tinhamos deixado no capitulo precedente D. Affonso V e seu filho, o Principe D. João, discreteando, n'uma sala do castello de Estremoz, acerca das vantagens do casamento do Rei com sua sobrinha, a Infanta D. Joanna de Castella, e da declaração de guerra a Fernando e Izabel, usurpadores dos direitos d'esta.

Presentiam, porém, embaraços no Conselho, que havia de convocar-se.

Effectivamente levantaram-se objecções. O Arcebispo de Lisbôa, D. Jorge da Costa, que depois foi chamado o Cardeal de Alpedrinha, e o Marquez de Villa Viçosa, futuro Duque de Bragança, expuzeram os inconvenientes da empreza, e a pouca confiança que lhes mereciam os partidarios de D. Joanna.

Por seu lado inspirava tambem pouca confiança ao Principe, o Bragança, em quem já então presagiava um rebelde.

Apezar das razões serem de peso, e os perigos da expedição reaes, os alvitres do Arcebispo foram tomados á conta de demasiada prudencia, e os do Bragança de parcialidade suspeita, por ser proximo parente de Izabel de Castella.

Para contemporizar resolveu se enviar a Hespanha D. Lopo de Albuquerque, depois Conde de Penamacôr, afim de reconhecer as forças deque dispunham os partidarios de D. Joanna.

O Principe mordia o freio, impaciente, e colleccionava já na boceta dos seus rancôres, motivos para architectar a traição do Duque de Bragança.

D. Lopo voltou com noticias animadoras. Tudo se preparou então para a guerra. E D. Affonso V partiu de Arronches, em Maio de 1475, entrando em terras de Castella.

Seu filho, D. João, mais uma vez teve que reprimir o seu ardor em nome da razão de Estado, quando viu partir o aguerrido exercito. Ficou regendo o Reino. Mas não deixava de espreitar occasião em que tivesse de intervir.

Entretanto o pae caminhava no sonho em que perpetuamente viveu, namorado de gloria, avido de conquista.

Dirigiu-se a Plasencia onde o esperava a Princeza D. Joanna com o Duque e a Duqueza de Arevalo, o Marquez de Vilhena, e grande parte da nobreza que se lhe conservava fiel.

A noiva não era uma belleza, e as suas formas na crise da puberdade pronunciavam-se ainda indecisas. Mas, a acreditarmos no retrato que d'ella existe, a correcção das feições, o inclinar da cabeça sobre o hombro direito n'um

gesto de ave carinhosa, os seus grandes olhos profundando o nevoeiro atravessado de intrigas que a rodeiava, e na bocca aquelle enigmatico sorriso que tanto pode significar conformidade, como desdem pela baixeza das paixões humanas, que jogavam com o seu destino, essa physionomia é interessante. E decerto o régio noivo, quando a viu, toucada com a mantilha branca, que uma cadeia de pedras finas apertava, e o manto pendendo-lhe com graça dos hombros debeis, podia sentir, se não amor, pelo menos um sentimento feito de ternura e protecção, que em alguns corações o substitue.

E da parte d'ella?

Aquelle homem era seu tio, mas era ainda novo.

As pompas da realeza, e a fama da sua bravura, davam-lhe um prestigio especial perante a alma, tão amarrotada pela sorte, da pobre Princezinha.

Olhava-o como um libertador da sua vida, como a mão providencial que lhe abria uma janella para um mundo de sentimentos por ella entrevistos, adivinhados, mas ainda desconhecidos.

Chegando Affonso V a Plasencia, levantou-se na maior praça um alto estrado ao qual subiram os dois noivos, celebrando-se solemnemente os desponsorios, e sendo na mesma occasião acclamados e jurados Reis de Castella, de Leão e de Portugal.

Extranhas nupcias!

Logo que desceram do estrado, foi cada um para seu aposento, pois, sendo tão proximos parentes, careciam de dispensa do Papa para consumar o matrimonio.

Mas continuaram juntos seguindo em direcção a Arévalo, caminhando de noite e de dia, sempre em arraial, e com grande acompanhamento de tropas, por atravessarem terra inimiga. Assim eram alumiadas com uma pallida lua de mel essas bodas originaes, em que, substituindo epitha-

lamios, madrigaes, beijos e caricias, eram lançadas proclamações politicas, e ocupado o tempo em preparativos de guerra! Então é que foi lançado o celebre *Manifesto*, para affirmação das suas reivindicações.

Não foi ella decerto que escreveu esse maçudo e interminavel documento, em que são meudamente narrados os acontecimentos com o fim de assegurar os seus direitos. Mas é provavel que, antes de o assignar, lhe fizessem d'elle leitura, e não deixaria a pobre creança de sentir no paladar da sua alma o travo acre das retaliações n'elle exaradas, das referencias á criminosa ambição de sua tia, aos manejos por ella empregados para a prender e lhe tirar a vida, e á accusação de ter mandado envenenar seu pae. E mal comprehendendo as allusões n'esse manifesto feitas á sua legitimidade, e ás particularidades da vida conjugal de seus paes, havia de adivinhar um mysterio doloroso para o seu delicado sentir!

Seguiu-se então a odysseia que tem como remate a batalha de Toro, odysseia semeada de erros militares e de actos de bravura, em que á fraqueza de alguns se contrapõe a valentia do Principe D. João, que viera em soccorro a seu pae; a vertiginosa actividade de D. Affonso V; a heroicidade sublime do Alferes da bandeira Duarte de Almeida o *Decepado*...

Esboçando esta épopéa com a sua penna evocadora Oliveira Martins, no derradeiro livro, termina com duas pinceladas de mestre.

«Os mais, porém, passada a ponte, batiam offegantes ás portas de Toro. Por aqui o tumulto, os gritos, enchiam o ar; por além enchia-o o clamor e as trombetas do acampamento do Principe, e a todo este bulicio juntava-se impassivel o sussurro do cahir da chuva na treva negra impenetravel.

Quem vencia?

A noite!»

Os Reis Catholicos festejaram a victoria na cathedral de Toledo.

Por seu lado os nossos chronistas reclamam-n'a para o Principe portuguez, que, segundo diz Ruy de Pina, «achando se só no campo, e sem receber na sua pessoa nem na sua gente rota nem destroço, antes o tinha feito nos contrarios, houve-se por herdeiro e senhor da propria victoria.»

Mas quem venceu afinal?

Lá o diz o poeta: A noite.

Sob o ponto de vista militar, talvez se possa considerar a victoria indecisa.

As vantagens, porém. materiaes, moraes e politicas, aproveitou-as sobre tudo Izabel a Catholica, a ambiciosa, sagaz e energica soberana, cuja actividade vigilante nunca esmorecia, que organisava o seu partido, que dispunha os preparativos da guerra, que solicitava auxilios, que levantava animos, que angariava partidarios, e que, embora, n'um estado adeantado de gravidez, corria d'um lado a outro a cavallo, até que um dia, n'um galope, de Toledo para Tordesilhas, teve um aborto, o que não a impediu de poucos dias passados recomeçar a sua faina. Venceu, portanto.

E a unidade da Hespanha ia ser feita por essa Princeza, que, á mingua de legitimidade incontestavel, tinha de sobra uma qualidade superior no governo dos homens — a tenacidade.

A herdeira, a legitima Rainha, Joanna-a-noiva, essa, depois da bathalha de Toro, ficou guardada n'aquella cidade pelo Duque de Bragança, que se roía de raiva no cumprimento d'aquella missão, a qual por ser inactiva, embora arriscada, elle julgava menos propria dos seus brios militares.

Quando lhe vieram contar do combate, espumava, de-

penando as barbas». E tanto esbravejou invectivando os cavalleiros que não sabiam dar conta do seu Rei, que o Principe D. João com a sua voz fanhosa interveio, tentando moderar-lhe a furia. Debalde!

Trocaram-se palavras azedas, como azedos foram sempre os sentimentos reciprocos d'esses dous homens, até á tragedia de Evora.

Emquanto o Principe tentava acalmar o Bragança em ebulição, a infantil Rainha olhava afflicta em redor, á cata do marido, de quem o enteado, consternado, não sabia dar lhe conta.

No dia seguinte foi o Principe á camara da madrasta tranquillizal-a. D. Affonso V ficara salvo em Castro Nuño.

Achava-se n'essa occasião entre as donas e donzellas da Rainha uma que se destacava das demais pela sua mocidade, belleza e distincção de raça. Era D. Anna de Mendoça, a preferida das Damas da nova soberana. E d'ella não arredava os olhos o Principe D. João, emquanto relatava á madrasta a retirada d'El-Rei seu Pae. Não escapou este commercio de olhares ao Duque de Bragança, que desde logo ficou desconfiado do sentimento nascente, e talvez ainda indefinido no animo do proprio Principe.

D. João partiu ferido na aza. A filha de D. Nuno Furtado de Mendoça, Aposentador-mór de seu pae, causava-lhe funda impressão; e quando retirou de Toro já pensava como havia de tornar a vel-a.

D. Affonso V e sua mulher D. Joanna pouco se demoraram em Castella. Entrando em Portugal pela Guarda, separaram-se, indo elle para o Porto tratar dos aprestos da sua viagem a França, e ella para Coimbra acompanhada pelo Conde de Villa Real e Bispo de Vizeu. Alli a esperava D. João, que a escoltou até Abrantes, onde havia de ficar entregue a D. Lopo de Almeida, Conde d'aquella villa.

Foi decerto durante essa viagem vagarosa, porque era feita a cavallo, que se adiantou o romanesco idyllio do futuro D. João com a que havia de ser mãe do seu filho D. Jorge.

Dava propicio ensejo ao galanteio a cavalgada em commum nesse verão de 1476, quando, para evitar os calores da estação, se caminhava pelas horas da tarde que ia cahindo, e o crepusculo lançava um manto complacente sobre a aproximação dos namorados; ou quando, depois, o plenilunio dissolvente despertava colloquios de perigoso interesse.

Ficou então esboçado o primeiro capitulo dos amores do Principe herdeiro, que teve de o interromper para ir ao Porto juntar-se com o Pae. A Rainha ficou com a sua Côrte em Abrantes, emquanto se preparava a desvairada visita de Affonso V a Luiz XI de França.

*

* *

Deixemos estes dois soberanos e a sua primeira entrevista, na qual o de França, matreiro, e sordido no trajar «com um chapeu sebento sobre duas carapuças, e o saio curto de mau panno, tendo ao pescoço uma beca de chamalote amarello, e calças brancas entretalhadas de muitas côres», se curvava humildemente, e o nosso Affonso V, leal, aberto e de animo cavalleiroso, escutava ingenuamente credulo as palavras do rapozão enredador. Deixemos a surpreza do bom Rei portuguez, quando Luiz XI lhe mandou offerecer cincoenta mil escudos «para elle convidar alguma gentil dama como era usança e cortezia do seu reino», convite a que Affonso V «com palavras de singular agradecimento, e com respeitos secretos que a seu estado real cumpriam, se enviou por então escusar». Deixemos tambem o encontro com Carlos o *Temerario*, e o ro-

sario de decepções soffridas pelo Rei de Portugal, para nos occuparmos agora da sua infeliz desposada, que elle estabelecera em Abrantes.

De accôrdo com Luiz XI (mas tendo este a certeza de que as tentativas seriam frustradas pelos manejos de Izabel e Fernando) foram enviados a Roma embaixadores encarregados de solicitar do Papa a necessaria dispensa para que os esposos consummassem o matrimonio. O Pontifice, influenciado pelos agentes de Hespanha, dava respostas dilatorias. Mais apertado, deu dispensas em termos vagos; licenças dependentes do arbitrio de Luiz XI! Este, por seu lado, excusava-se polidamente a novas entrevistas.

Affonso V começou então a comprehender a duplicidade do Rei de França; a conhecer a sua má fé; a suppôr mesmo que um bello dia este o entregaria aos seus inimigos. Sentiu apoderar-se de si o desalento que invade as almas sem refolhos, quando enrodilhadas nas perfidias dos adversários.

Em Honfleur, para onde se retirou a meditar no descalabro de todas as suas aspirações, rezava durante horas, escrevia apontamentos ou memorias intimas, que guardava n'um cofre; alongava-se pela estrada em romarias a uma capella, e, concentrado, pensativo, ensimesmado, resolvia partir para Jerusalem, deixar o mundo, retirar-se para o seio de Deus.

Um dia, ante manhã, a 24 de Setembro, partiu esquivamente com pouca comitiva, deixando cartas; uma para Luiz XI com «remoques dissimulados, reportados á sua desventura»; outra para seu filho, declarando que ia entrar em religião; e mais duas: a primeira para os seus vassallos portuguezes, que deixava em França; a outra para os que haviam ficado em Portugal.

E para sua Mulher?

Nada!

Vegetava a pobre Princeza em Abrantes ignorando o destino do marido e o resultado das diligencias junto ao Papa para obter as dispensas, emquanto elle se dispunha a abalar para a Terra Santa.

Parece haver aqui uma falha no caracter do cavalleiroso monarcha.

Mas o certo é que lhe fallecia animo para se dirigir francamente á sua semi-consorte, de quem ia affastar-se de vez.

Na carta que o desilludido marido dirigia a Luiz XI dizia que, desde que morrera a Rainha Izabel, sua primeira mulher, fizera a promessa de se dedicar a Deus, logo que o herdeiro podesse reinar; mas que havendo-lhe o Rei de Castella, seu cunhado, e os nobres, solicitado que casasse com sua sobrinha, e vendo os direitos d'ella atacados, resolvera ir em seu soccorro e unir-se a ella, no que não desservia Deus, pois concorria para o bem do Estado.

Tem uma certa nobreza e elevação os termos d'esta carta, em que rememora os motivos por que entrou em Castella; as promessas dos nobres; o auxilio que d'elle, Luiz XI, esperara, e que lhe parecia agora perder tempo em aguardar.

N'esse documento não se allude á situação em que ficava D. Joanna, mas não deixaria de occorrer ao espirito do monarcha francez a singular sorte d'aquella, que já desposara seu irmão o Duque de Guiena, e que ia agora outra vez ficar sem marido.

Não tardou o Principe herdeiro, logo que recebeu a carta do Pae, em fazer-se acclamar Rei, o que se realisou a 10 de Novembro.

Mas d'ahi a quatro dias communicavam-lhe que seu pae desembarcara em Cascaes.

Conta-se que n'essa ocasião passeava na praia de Santos com o Cardeal de Alpedrinha e com o Duque de Bragança.

— Que fazer? exclamou elle, ao ouvir a noticia inesperada.

E parece que o Duque de Bragança respondera:

— Como o havereis de receber senão como vosso Rei?

Desagradou a resposta ao Principe recem-acclamado, e pegando n'um seixo da praia lançou-o com tanta força contra a agua, n'um gesto de colera reprimida, que á pedra foi correndo sobre a agua em arrepio.

O sagaz Cardeal, chegando os labios, n'um sorriso espirituoso, ao ouvido do Duque, segredou:

— Asseguro-vos, senhor, que aquella pedra me não dará a mim na cabeça!

Verdadeira ou não esta anecdota, o certo é que o Cardeal d'ahi a pouco partiu para Roma, d'onde nunca quiz voltar; e, logo nos principios do reinado de D. João II, a cabeça do Bragança cahia do cepo na praça de Evora.

Não foi certamente só por esta resposta; mas os motivos accumulavam-se.

N'esta ocasião o Principe D. João seguiu-lhe o conselho, e partiu em direcção a Cascaes a receber o Pae, que encontrou em Oeiras, e a quem prestou homenagem, renunciando o titulo de Rei.

Em D. Affonso V, como em todos os nervosos, aos fundos desalentos succediam-se reacções exuberantes.

Já não pensava em ir para Jerusalem, nem em fazer-se frade, nem mesmo em ficar só Rei dos Algarves, como n'um momento projectara...

Entravam-lhe agora outra vez no animo os impetos guerreiros e as ambições politicas — conquistar definitivamente Castella e consummar o seu casamento.

Mas, conforme já dissera na carta a Luiz XI, a graça do Senhor abandonara-o desde que se apartara do proposito de se consagrar a Deus.

A campanha que se seguiu, embora de ambas as par-

tes bem pelejada, foi infeliz e sangrenta, tendo sido vencido, ferido e derribado em Merida o Bispo D. Garcia de Menezes.

Entretanto lá, como aqui, as populações e os thesouros estavam exhaustos. Sentia-se necessidade de paz.

E para Fernando e Izabel a idéa fixa da existencia de D. Joanna, desposada do Rei de Portugal, e dos seus direitos á Corôa de Castella, dava-lhes pesadelos.

Foi por isso bem acolhida a idéa de uma entrevista de Izabel de Castella com sua tia a Infanta D. Beatriz de Portugal, sogra de D. João II. N'essa conferencia ficaram estabelecidas as bases do tratado das Alcaçovas, que foi assignado em 4 de Setembro de 1479.

Por elle é immolada sem piedade a innocente e infeliz D. Joanna, que, de Rainha de Castella, de Leão e de Portugal, passa a ser desde logo simplesmente — a *Excellente Senhora*.

*

* *

Ninguem tinha interesse em que ella fosse Rainha. Para os Reis de Castella era ella o espectro da legitimidade. Para o Principe D. João era um permanente pomo de discordia com Castella, e, se o casamento com seu Pae se consummasse, uma madrasta com possivel posteridade bem dispensavel, visto que, em seu filho D. Affonso, já estava assegurada a successão. Para o proprio Rei D. Affonso V, agora desilludido de vez, D. Joanna era um trambolho incommodo como a imagem de um remorso.

E' todavia de justiça dizer-se, ao contrario do que muitos affirmam, que, durante as negociações D. Affonso V tentou favorecer o mais possivel a sorte de D. Joanna. Mas de pouca auctoridade dispunha já. E ella, sempre afastada em Abrantes, nem sequer foi ouvida.

Por esse tratado perdeu tudo, e, (suprema ironia da sorte!), substituiam-lhe um marido quasi quinquagenario por um noivo de dois annos, o filho da sua maior inimiga.

N'esse tratado, que é extenso, e no qual se revela a clareza do entendimento, a astucia e a minuciosa previdencia de Izabel a Catholica, estipulava-se entre outras coisas que: Fernando e Izabel deixariam de intitular-se Reis de Portugal; que D. Affonso V e D. Joanna desistiriam do titulo de Reis de Castella; que D. Joanna não se poderia chamar nem Rainha, nem Princeza, nem Infanta, salvo se fosse casada com o Principe D. João (filho dos Reis Catholicos), com o qual, logo que elle tivesse sete annos, casaria por palavras de futuro, e, quando tivesse quatorze, por palavras de presente. Isto se elle n'essa occasião assim quizesse, pois, não querendo, ella receberia uma indemnização de cem mil florins. Convencionava-se tambem que, logo que o Infante D. Affonso (neto de Affonso V) chegasse aos quatorze annos, casaria com a Infanta D. Izabel, primogenita dos Reis de Castella.

Ficou tambem decidido que, para segurança do cumprimento do tratado, os noivos infantis, e bem assim D. Joanna, fossem entregues em *terçaria*, (como então se chamava a caução ou deposito em poder de terceira pessoa), na villa de Moura, á guarda da Infanta D. Beatriz, e que esta mandasse para Castella seu filho, o Duque de Vizeu. A D. Joanna dava-se, porém, a faculdade de escolher entre ficar em terçaria, ou tomar o estado de religiosa em algum dos cinco mosteiros de Santa Clara, em Portugal.

Foi então que a pobre menina, reconhecendo que «toda aquella concordia era uma honesta violencia», e que dispunham d'ella dando-lhe o engodo illusorio de um casamento com uma creança ainda no regaço da ama, teve um assomo de energia, manifestou finalmente uma resolução,

e recusou entrar na terçaria, preferindo recolher-se a um convento.

Não foi sem um mortal sentimento que a fragil Princezinha renunciou ao mundo.

Ruy de Pina seu contemporaneo, privado de Affonso V, e chronista que não costuma ser choramigas, deixa-se apiedar enternecido com as «dolorosas lamentações da ex-Rainha, e dos da sua Côrte, ao trocar os brocados e rendas que trazia pelos habitos pardos de Santa Clara, ao tirarem-lhe da cabeça a corôa real de Castella e Portugal, ao cortarem lhe os cabellos como a uma pobre donzella, e por maior aggravo e magua não lhe deixando os servidores de seu gosto e vontade, nem mesmo coisa que tivesse imagens de Estado».

Passou então a ser a *Monja*.

Os Reis Catholicos, quando a ella se referiam, chamavam-lhe desdenhosamente *la muchacha*.

E em Portugal foi officialmente chamada — *A Excellente Senhora*.

O primeiro documento em que este tratamento, que a Historia transformou n'um titulo, apparece, é (ao que suppomos) uma carta régia datada de Coimbra a 21 de Outubro de 1480.

Assignava-a quem?

O seu ex-marido El-Rei D. Affonso V de Portugal!

E diz assim: «A quantos virem esta carta fazemos saber que nos apraz que a muy Excellente Senhora D. Joanna, minha muito amada sobrinha, tenha de aqui em diante, e goze de todas as honras, privilegios, liberdades e franquias, que sempre tiveram e gozaram as Infantas filhas de Reis.»

Dava assim honras de Infanta á que fôra sua mulher!

Em todo este drama sente-se a mão de Izabel a Catholica, interessada em que a Irmã fosse definitivamente

encerrada n'um claustro; e sente-se a do Principe herdeiro de Portugal, que já prenunciava o que havia de ser a de D. João II.

Este tinha agora já ajustado o casamento de seu filho com a primogenita dos Reis Catholicos, dos quaes o filho varão, creança debil e doentia, não inculcava longa vida.

Seduzia-o outra vez a idéa da unificação das duas Corôas.

Aquellas duas creanças agora em Moura no poder da Infanta D. Beatriz poderiam vir a ser os Reis da Peninsula.

Que importava que a *noviça* de Santarem chorasse?

Era comtudo conveniente conserval-a de reserva, pois o mundo dá muitas voltas, e talvez a *Excellente Senhora* viesse a servir-lhe, como ameaça contra seus primos os Reis de Castella e Aragão.

D. João era realmente o Principe Perfeito.. na arte de reinar.

El hombre, como lhe chamou Izabel a Catholica, mostrára ainda, havia pouco, como, em praticar essa arte, sabia reunir a astucia e a força. Tratava-se da execução das *terçarias,* estava em Beja, e os Embaixadores castelhanos Fernando de Talavera e o Dr. Rodrigo Maldonado começavam a mover difficuldades para a entrega da Infanta Izabel. D. João, aborrecido com estas dilações, atalhou com uma resolução energica. Pegou em duas folhas de papel, e n'uma escreveu a palavra: *Guerra.* Na outra escreveu: *Paz.* E sem mais explicações enviou-as aos Embaixadores, que tinham plenos poderes de seus Soberanos. Cederam logo.

E de Moura, com grande acompanhamento da Côrte sahiu a Infanta Beatriz uma legua, a receber a Infantasinha, que os Embaixadores entregaram, e aos quaes ella confiou seu filho, o futuro Rei D. Manoel.

Entretanto ia passando o tempo do noviciado da *Excellente Senhora*, primeiro em Santarem, agora em Coimbra.

N'esta cidade realizou se com grande apparato a profissão.

*

* *

No Mosteiro de Santa Clara (hoje em ruinas quasi soterradas), junto ao Mondego, ia grande azafama n'aquella manhã de 15 de Novembro de 1480.

Logo cedo começaram a chegar todos aquelles, que deviam assistir a tão solemne ceremonia.

Veio primeiro na sua mula de gualdrapas franjadas de ouro, descendo da Sé por Almedina, e atravessando a ponte, o Reverendo Bispo D. João Galvão, Conde de Arganil, rodeado do Cabido.

Vieram tambem os Embaixadores de Castella Fernando de Talavera e doutor Maldonado, que traziam instrucções para presenciarem o acto da profissão, e se assegurarem de que por sua livre vontade (!) D. Joanna ficava enclausurada.

Chegou tambem, alquebrado e pesaroso, o Conde de Abrantes, D. Lopo de Almeida, Senhor do Sardoal, que fôra mordomo-mór de D. Joanna, e em casa de quem ella estivera mais de dois annos.

Havia-se-lhe affeiçoado sinceramente, e era talvez o unico de toda a assistencia, que possuia o segredo da alma da infeliz noviça.

Depois chegaram n'um grupo o Doutor João Teixeira, desembargador, e vice-chanceller; Ruy de Sousa, meirinho-mór e corregedor da cidade de Lisboa; o confessor de El-Rei, Frei Antonio d'Elvas, e alguns castelhanos da casa dos Reis Catholicos.

E chegava tambem, vindo dos Paços de a par Santa Clara, e logo subindo junto ás grades do côro, da parte de fóra, o Principe D. João, filho de El-Rei Affonso V, que pessoalmente ia assistir á profissão da que fôra sua madrasta.

Depois de tangidos os sinos chamando a capitulo, e, findo este, appareceu em fila a communidade por detraz do côro alto.

D. Joanna, já com o habito de freira, vinha acompanhada pela Abbadessa D. Margarida de Menezes, e pelas demais religiosas, entre as quaes D. Joanna de Vilhena, D. Ignez d'Athayde, D. Beatriz de Baeça, D. Violante da Silva, e outras muitas, que no seculo tinham sido nobres, e moças, e aduladas...

A luz d'essa manhã de fins de outono coava-se pelas vidraças coloridas das janellas em ogiva, incidindo no cofre que encerrava o corpo da Rainha Izabel de Aragão, fundadora do Mosteiro. E parecia que o seu espirito, accordado de subito, perpassava n'um ligeiro fremito entre a assistencia, dando uma singular significação áquella estranha ceremonia. Ao mesmo tempo as vozes dolentes do orgão enchiam as arcarias gothicas, recordando as queixas amorosas da *linda Ignez*, outra victima das exigencias da politica, que alli bem perto expiára as culpas do seu coração.

Mas esta, que morria agora para o mundo, tambem sacrificada, não sentira ao menos, como a outra, uma compensação ás angustias soffridas, no abrigo de uma affeição retribuida!

Em meio do côro o franciscano Frei Diogo d'Abrantes com voz estridente chamou-a por trez vezes, gritando:

—«*Veni sponsa Christi!*

Ella, pallida e trémula, respondeu á primeira:

—«*Ancilla Christi sum*. Eu sou a escrava de Christo.»

A' segunda com voz mais sumida accrescentou:

—«*Christi sum desposata*. Eu sou a esposa de Christo.»

E á terceira já apenas n'um sopro:

—«*Annulo suo subarravit sue*».

E enfiou no dedo o annel symbolico dos esponsaes.

Era finalmente monja!

A assistencia dispersou levando impressões desencontradas. De allivio alguns, outros de oppressão e tristeza.

Viera a Coimbra, e assistira ao acto solemne da despedida da que fôra sua ama, a ephemera côrte da infeliz Rainha: a sua camareira-mór Condessa de Abrantes; algumas das suas damas, e entre ellas D. Anna de Mendoça.

O Principe D. João notára a sua presença e procurava com o olhar insistente, reatar o idylio começado no convento de Abrantes e continuado no Vimieiro.

Haviam passado quatro annos, mas na memoria dos dois as brazas, sob a cinza, conservavam-se ardentes.

Ella partiu d'ali para Cernache do Bom Jardim, onde estava a familia.

O Principe foi-lhe no encalço. «Moça e formosa» a sua companhia nos passeios pelos bosques de Cernache, essa pittoresca região da Beira, onde as manhãs do inverns eram illuminadas por um sol creador, e as noites á lareira perfumadas com o aroma da resina no fogo, tinha um encanto especial para o moço D. João.

Nove mezes depois nascia o Senhor Dom Jorge.

Emquanto D. João e a antiga dama da sua madrasta entremeavam com entrevistas furtivas o seu romance amoroso, e ás grades da cela de Santa Clara chegavam as vozes das raparigas, que alli perto, nos salgueiraes do Mondego, batiam a roupa em descantes, esperando os namorados, meditava a monja sobre a sorte mofina que abafava a sua mocidade nas pregas do habito severo.

A esse tempo D. Affonso V, seu ex-marido, consumia-se mortificado.

D'elle diz o chronista que: «depois da profissão da Excellente Senhora foi em ponto de morte, nunca mais foi alegre, e sempre andou retrahido, maginativo e pensoso, mais como homem que aborrecia as coisas do mundo, que como Rei que as estimava».

Sorumbatico e misanthropo pensava já em substituir as largas vestiduras, com que disfarçava a obesidade, pelo habito de leigo varatojano.

Assim o communicou a seu filho quando em Beja tiveram aquellas *praticas secretas,* em que lhe notificou que ia reunir côrtes, e entregar-lhe a governação.

Mas, accommettido de febres, arrastou-se até Cintra, onde foi morrer.

Parece que, com a profissão da Excellente Senhora, morta para o mundo, e com o fallecimento de D. Affonso V, deveria acabar aqui a triste historia.

A monja, porém, havia de ressuscitar, que assim o exigiam razões de Estado.

D. João II, agora Rei, encetára a sua lucta contra a nobreza, á frente da qual se puzera o Duque de Bragança. Entre os dois cunhados era antigo o odio, que se manifestava ora por motivos politicos, ora por causas domesticas, como ainda recentemente quando o Duque se permittiu censurar o Rei pelos seus amores com D. Anna de Mendoça.

Ora o Duque de Bragança, primo por seu pae de Izabel a Catholica, correspondia-se com esta soberana frequentemente. D. João II sabia-o, e não perdoava essas relações suspeitas com os seus inimigos, que não poupavam occasiões de incitar os grandes de Portugal contra elle.

N'esta lucta solapada, tortuosa, e implacavel, D. João II, dispunha de uma arma temivel — *A Excellente Senhora* —

que, embora encerrada no Convento, perturbava o somno dos Reis Catholicos.

Não foi pequeno o susto, que os assaltou, quando souberam que o Rei de Portugal fizera sahir da clausura D. Joanna, e lhe puzera casa com ostentação e apparato. E subiu de ponto a sua anciedade, quando ao ser preso um mensageiro que de Navarra se dirigia a Portugal com cartas para o Rei, e posto a tormentos, confessara, quando lhe apertaram as cordas, que fôra mandado pelo Bispo de Lamego. Pelas cartas e pelas revelações do padecente, (um tal Pedro de Montesinos), apuraram que se estava tratando do casamento da *Rainha Freira* com Francisco Phebo, rei de Navarra.

Izabel e Fernando saltaram com furia. E parece que chegaram a ameaçar D. João II de nova declaração de guerra, se não rompesse essas negociações.

O noivo tinha dezeseis annos quando isto occorria, e estava em Pau, no Bearn, aguardando a sequencia dos factos.

Mas em Janeiro de 1483 morria sem se conhecer o motivo.

Veneno? Suppoz-se isso, porque d'essa molestia, morriam alguns que eram estorvos na politica dos Reis de Castella.

Em todo o caso isso acommodou-os, tanto mais que não lhes convinha uma nova guerra, além de outras razões, porque sua filha a Infanta continuava em Moura, havia trez annos, em terçaria.

Os nossos Reis tambem alli tinham o filho unico, o Principe D. Affonso, e andavam sempre inquietos não só porque a peste n'esse periodo picava aqui e além, podendo invadir a villa de Moura, mas porque as contingencias politicas traziam ás vezes surprezas, como fôra a sorte d'esse pequeno Rei de Navarra, Francisco Phebo...

As terçarias estabelecendo como refens os Principes

para garantir o tratado das Alcaçovas, já não tinham razão de ser, visto que D. Joanna preferira entregar-se a Deus, a entregar-se a sua tia D. Beatriz, em Moura, embora aqui a vida fosse mais folgada que n'um mosteiro de Santa Clara.

Effectivamente, a Côrte hespanhola da Infantezinha, a portugueza do Principe D. Affonso, e a de D. Beatriz, a cuja guarda estavam ambos confiados, empregava alegremente, em festas e folganças, os ocios n'essa antiga fortaleza raiana.

Mas D. João II não se sentia tranquillo, e enviava embaixadas sobre embaixadas a Castella para se desfazerem as terçarias. Finalmente decidiu-se em Maio de 1485 que os Principes fossem entregues aos respectivos paes.

No tratado com que se rematou este negocio não se allude a D. Joanna.

Por que? Porque os Reis de Castella andavam trabalhando surdamente junto do Papa Xixto V, afim de que elle *espontaneamente* expedisse um breve ordenando que D. Joanna permanecesse no Convento, e ameaçando com penas espirituaes os que a induzissem a desobedecer.

D. João II assegurava aos seus primos de Castella que D. Joanna continuava em clausura, mas os Reis Catholicos tinham limitada confiança nas juras d'este Rei; e havendo o Pontifice morrido, obtinham triumphantes que Innocencio VIII tambem *espontaneamente* expedisse outro breve impondo a D. Joanna que não sahisse do Convento de Santarem.

Estava ella n'este Convento alguns annos depois (Novembro de 1490), quando se realizou o casamento da filha de Fernando e Izabel com o Infante D. Affonso, filho dos Reis de Portugal.

E' conhecida a descripção feita por Garcia de Resende dos festejos solemnes, que em Evora se realizarám por

este motivo, Banquetes, justas, torneios, em que o proprio D. João II figurou de cavalleiro do Cysne, attestam a alegria com que este monarcha commemorou aquelle casamento, que poria n'uma só cabeça as corôas de Portugal, Castella,, Leão e Aragão, fundidas em breve n'uma corôa unica, a de toda a Peninsula Hispanica e suas vastas possessões em todo o mundo.

Não contava o ambicioso Rei com o destino sinistro, nem antevia a quéda de seu filho na margem do Tejo quando, ao jogar o *pareo* com D. João de Menezes, foi arrastado pelo cavallo que montava, e levado agonisante para a cabana de um pescador.

Duarte Nunes do Leão, o chronista, faz notar que a *Excellente Senhora,* do mosteiro em que se achava, «o podia ver deitado em uma pobre cama de palha de um pescador onde acabou, tomando Deus, segundo a todos pareceu, por aquella afflicta mulher, a vingança».

Não é de suppor que a freirinha, encostada ás grades da sua cela, presenceasse a tragedia que tão profundamente ia abalar a alma rija de D. João II, e deixar na viuvez a Princeza que entrara em Portugal vestida de «brocados ricos e ollandas delgadas, e agora ia sahir com pobre burel e grossa estopa, cortados os cabellos dourados, e, em vez de coberta de ouro e pedrarias em cima de ricas facas e trotões, ia viuva envolta em vaso e almafega em cima de azemolas, escondida de todos».

Do covento em que jazia a *Excellente Senhora* não é certo avistar-se o theatro da catastrophe, nem condiz com a indole bondosa da sua alma rejubilar com a angustia dos seus oppressores attribuindo-a á Vingança de Deus.

E' plausivel, porém, que, assim como mezes antes os echos das bodas de Evora tinham chegado ao Mosteiro de Santa Clara, tambem agora os gemidos das carpideiras e as lamentações e prantos de todos os que rodeavam o

agonisante, echoando nos claustros do convento, viessem trazer á alma da pobre monja desencontradas reflexões sobre a fragilidade das alegrias humanas.

O animo de D. João II quebrou com o duro golpe que sobre elle descarregou a clava do destino, pulverisando-lhe as ambições politicas.

Não se oppoz portanto, antes fávoreceu a sahida da *Excellente Senhora*, que de Santarem veio para Lisboa estabelecer-se nos Paços do Castello, ou da Alcaçova, com a grandeza propria de uma Rainha.

Era a sua dotação de 1:400$000 réis, somma relativamente importante, pois a receita ordinaria do Estado n'esse tempo não excedia quarenta e trez contos.

Ao serviço tinha numeroso pessoal de Damas, Moças da Camara, Donas, Officiaes, Capellães e Cantores, Moços de Capella, Estribeiros, Reposteiros, etc,

Entre as oito damas figurava a Camáreira-mór D. Maria de Menezes, pois a esse tempo já a Condessa d'Abrantes estava encerrada no sumptuoso mausoleu de Santa Maria do Castello d'aquella villa, com seu marido «para que não fossem apartados, pois com grande amor e concordia 50 annos juntamente viveram».

Não deixa de ser curioso repassar nas *Provas da Historia Genealogica* a «Memoria das Pessoas de que se compunha a casa da Rainha D. Joanna chamada a *Excellente Senhora*».

Além dos nomes de todos aquelles que n'aquelle Paço exerciam seus officios, encontram-se o das duas Fernandes «ambas Mourisquas de retrete», o de Izabel de Siqueira «que tinha carguo da botica, e tinha uma Mourisca como ajundante; o de Diogo Raposo mantieiro «que tinha uma escrava para a manteiaria», o de Mestre Martinho que «depois que o Doutor Montojo falleceu ficou por fisiquo»; mestre João Surgião e sua mulher Izabel Parda»: etc.

E' tambem curioso, como estudo para os costumes do tempo, percorrer os numerosos alvarás da Torre do Tombo, em que se mandam entregar á *Excellente Senhora* diversas cousas, taes como dinheiro, roupas, um escravo, *almiscar*...

Este prefume parece ter sido então muito elegante, pois Garcia de Resende no Capitulo em que lamenta a sorte do Principe D. Affonso exclama: «e os narizes criados em tantos cheiros, tanto ambar, e *almisere*, tantas pastilhas, caçoilas, e pivetes, e tantas aguas cheirosas, estoraques, bejois, etc.»

Vivia pois a Rainha-Monja com ostentação na sua casa do Castello, em Lisbôa, e era respeitada pelos Reis e pela Côrte, quando El-Rei D. João II a quem, pela morte de seu filho unico competia designar herdeiro, pensou em fazer Rei de Portugal seu filho bastardo D. Jorge.

E porque não se desvanecera de todo o sonho das duas corôas, tentou unil-o a uma das filhas dos Reis Catholicos.

Para isso enviou secretamente a Castella Lourenço da Cunha, que foi recebido pela Rainha Izabel.

Ouvindo esta o motivo da Embaixada respondeu com ironica e intencional cortezia que não podia dar sua filha, mas que seu marido tinha uma filha natural que decerto seria concedida ao Senhor D. Jorge.

O Enviado portuguez mordeu os beiços, hesitou levemente, e depois respondeu: — El-Rei Meu Senhor tem mais em vista aparentar-se com Vossa Alteza que com El Rei D. Fernando. Por isso se Vossa Alteza tem uma filha bastarda El-Rei a tomará para seu filho!

A Rainha engulio a affronta.

D. João II premiou o atrevido Embaixador, mas tirou d'alli o sentido.

Pensou-se então novamente em casar a *Excellente Se-*

nhora com o filho dos Reis Catholicos, o Principe D. João.

Mas não resultando d'ahi vantagem politica para nenhuma das partes, e não tendo D. Joanna grande interesse em unir-se ao seu sobrinho, já porventura marcado com o estigma de tisica, que havia de consumil-o, foi este projecto abandonado, continuando a *Excellente Senhora* no seu Paço a assistir, testemunha intelligente mas silenciosa, aos acontecimentos notaveis que occorreram nos reinados de D. João II, D. Manoel e D. João III.

Nos testamentos dos dous primeiros é ella recommendada com solicitude e carinho aos successores, para que lhe conservem «*o seu estado real, e a visitem, e a honrem como ella merece*».

*

* *

Durante o resto da sua vida, que se prolongou até 1550, foi envelhecendo com relativa tranquilidade.

Mas não sem que duas aventuras inesperadas viessem coroar a série de baldões a que a pobre senhora esteve exposta.

A primeira foi mais uma tentativa de casamento que a veio surprehender, quando ia nos quarenta e dois annos, e as neves do inverno da vida lhe iam abafando os impetos do coração de virgem, se porventura alguma vez elle palpitou amoroso.

Quem a pretendia?

E' tão inverosimil o caso, que alguns historiadores não lhe deram curso. Mas está attestado por Zurita nos «Livros dos annaes da Corôa de Aragão», e por Salazar Mendoza na «Historia do Cardeal».

O pretendente era D. Fernando, Rei de Castella e de Aragão, o seu acerrimo adversario, o impugnador da sua legitimidade, o diffamador de sua mãe.

Porque? Com que intuito?

Izabel, a Catholica, fallecera a 26 de Fevereiro de de 1504. Ficando viuvo D. Fernando, malquistara-se com seu genro Filippe o *Formoso*, e com os grandes de Castella, partidarios de sua filha. Quiz vingar-se d'elles unindo-se á *Excellente Senhora*, que reivindicaria os seus direitos á corôa de Castella.

Frustrou o projecto a nobre altivez com que a pretendida esposa rejeitou a proposta apresentada por D. Rodrigo Manrique, o enviado de Fernando.

Devia affluir n'essa occasião ao espirito da Rainha Monja uma revoada de sentimentos, não deixando talvez de experimentar uma leve satisfação (a vingança é tão humana!) quando viu humilhado pela sua recusa o causador da maior parte das suas desgraças.

Elle consolou-se breve, e foi unir os sessenta e tres annos, que já lhe pezavam, á mocidade de Germana de Foix, no intuito de deixar successores á casa de Aragão.

Teve um filho, que morreu com poucos mezes. E não teve mais, porque se achava exgotado, attribuindo alguns a sua morte a drogas que tomara para ter geração.

Morria tambem envenenado, mas com um toxico extravagante, propinado por elle proprio!

A outra aventura, da qual D. Joanna não chegou talvez a tomar conhecimento, tem o seu quê de mysterio, e não é referida pela maioria dos historiadores.

N'uma carta escripta por Martin de Salinas encontra-se que: em sexta-feira da Paixão de 1525 soube-se em Madrid, que alguns Portuguezes e Hespanhes tinham tratado com o Rei de França raptar *A Beltraneja* (ainda lhe chamavam assim!) e que, na barra de Lisboa, um galeão esperava para a levar.

Dois frades que estavam no conluio foram presos em Badajoz pelo Conde de Cabra.

O incidente não teve seguimento, nem mais se soube para que o Rei de França protegia este rapto.

D. Joanna, se d'isto soube, não se perturbou, e mais se firmou no proposito de se despojar dos tenues direitos, por ventura ainda suspensos sobre a sua çabeça agora já branca.

Dois documentos restam attestando a sua abnegação; — o auto de abdicação — e o testamento.

Pelo primeiro transmitte todos os seus direitos a El-Rei D. João III de Portugal, que em linha directa descendia de D. João I, de Castella. Lendo este documento em que D. Joanna se intitula; «por la gracia de Dios Reina de Castilla, de Leon, de Toledo, de Galicia, de Sevilla, de Cordoba, de Murcia etc.», dir-se-hia que a esse tempo não existia o Imperador Carlos V, ou que D. João III, que estava presente á outorga, pensava, sem medir o alcance da utopia, em tomar-lhe o lugar!

Não é de crer que nem o Soberano nem o Barão de Alvito, Vedor da Fazenda, nem Luiz da Silveira, que foram testemunhas, pensassem ser possivel resuscitar antigas pretenções.

A abdicação foi, pois, uma mera formalidade platonica, sem sombra de hostilidade para com Carlos V, cuja irmã D. Catharina, d'ahi a pouco mais de dois annos havia de casar com D. João III.

A *Excellente Senhora*, que por um movimento d'alma, raro n'ella, julgou dever affirmar mais uma vez a sua realeza, despojando-se dos seus direitos com o fundamento de que «já não tinha idade para se casar e ter herdeiros», não deixa de aproveitar a occasião para clamar contra as injustiças e extorsões de que fôra victima por parte de sua irmã, e não poupa o sobrinho, «Carlos electo emperador que ahora dichos reynos y señorios indebidamente, contra derecho e por fuerza tiene occupados».

A este inoffensivo protesto, que não incommodou sobremaneira Carlos V, nem impediu que a Rainha D. Catharina, quando chegou a Lisboa prestasse homenagem á sua infeliz tia-avó, seguiu-se pouco depois o testamento, escripto por seu proprio punho, e com aquella *terrivel lettra* que, ao proprio auctor da «Historia Genealogica», custou a decifrar.

Pouco interesse tem esse documento que apenas se occupa de legados, pios ou reconhecimentos de dividas. N'elle se manda amortalhar com o habito de S. Francisco e sepultar-se no Convento do Varatojo.

Por uma derradeira vaidade, ou por um movimento adquirido, assignou: *Yo la Reina*.

Diz Frei Manuel da Esperança, na sua Historia Seraphica, que n'uma carta de El-Rei D. Sebastião a sua avó D. Catharina se allude a um segundo testamento pelo qual a *Excellente Senhora* se mandava sepultar em Santa Clara de Lisboa.

Essa egreja foi arrazada pelo terremoto.

As cinzas de D. Joana foram dispersas. Nada resta do seu corpo!

*

* *

Mas a memoria de Rainha Monja não se apagará, porque n'ella se encarnou pela primeira vez a idéa da União Iberica realizavel pela identificação das dynastias.

Se o seu projectado casamento com D. João II se realizasse, se o seu casamento com D. Affonso V se tivesse consumado, os successos historicos teriam tomado outro rumo.

Carlos V., não teria existido.

A poliitica de Filippe II não teria razão de ser.

Alcacer Kibir não afundaria Portugal.

E seria inexequivel 1640.

Mas se é certo que a historia não se póde fazer com hypotheses, não é menos verdade que ninguem póde eximir-se a pensar que uma lei mysteriosa do destino impediu que a *Excellente Senhora* tivesse geração; que essa mesma lei tirou a vida no areal de Almeirim ao filho de D. João II; que matou quasi á nascença o filho de El-Rei D. Manoel; e que armou os braços dos conjurados do Primeiro de Dezembro.

Essa lei, inexplicada mas de imperiosa realidade, manteve (e praza a Deus que mantenha) através dos tempos com propicia sorte, e sequencia na tradição historica — a autonomia de Portugal!

A Côrte em Setubal e os Porquês Anonymos

SUMMARIO

A esmeralda da Rainha — D. João II — Contrastes — O camareiro e o pagem da escrivaninha — Tragedias — O cancioneiro — Os porquês de Setubal — Má lingua.

Encaminhava-se a Côrte, de Santarem para Setubal, e era rei D. João II...

Este nome e o seu reinado evocam logo na imaginação dos menos lidos em Historia um quadro de violenta intensidade no claro-escuro, de frisantes contrastes na vida social, de oscillações extremas no balanço dos acontecimentos, ora tragicos e lugubres. ora festivos e graciosos, ora de descommunal grandeza historica, ora limitados ao palco das frivolas diversões mundanas.

O proprio caracter do monarcha, o seu modo de viver e os seus costumes, tocam as extremidades na escala chromatica da psychologia humana.

O caso que Garcia de Rezende revela, introduzindo-nos indiscretamente na alcova de D. Affonso V e de sua mulher a Infanta D. Izabel, parece presidir ao destino de seu filho o rei D. João II.

«Estando El-Rei (Affonso V) em Almeirim, diz o chro-

nista, vindo um dia da caça, foi alli de caminho á casa da Rainha e teve com ella ajuntamento. A Rainha tinha em um annel uma esmeralda de muito preço, que muito estimava, a qual por esquecimento não tirou do dedo, e se lhe quebrou em pedaços. E quando assim a vio, pesando-lhe muito, disse a El-Rei:

— Senhor, a minha esmeralda, com que tanto folgava, é quebrada!

E elle lhe respondeu:

— Senhora! tomai-o em muito boa estreia, que prazerá a Nosso Senhor que agora concebereis um filho que estimareis mais que todas as esmeraldas do mundo».

E os pedaços d'aquella preciosa gemma, que se quebrou no momento de elle ser concebido, lançam na vida de D. João II radiações de opposta luz, e são como um presagio, ou sinistro, conforme o receiava sua mãe, na sua supersticiosa queixa, ou de boa estreia e de favoravel agouro no vaticinio optimista do pae.

E effectivamente assim decorreu o seu reinado. Foram as luctas, na ancia de engrandecer o poder Real, com os Duques, seus parentes, e com a nobreza. Foram as conspirações, os aprisionamentos e as mortes violentas. Foram as aparatosas justas e torneios, as carreiras e as montarias nas matas e coutadas. Foram os famosos *Serões*, durante os quaes os consistorios de gaya sciencia, o *trovar palenciano*, os bailes mouriscos e os amorosos enredos, enchiam as salas com tão variadas e espirituosas *cousas de folgar*.

Foram, no ajuste do casamento do Principe D. Affonso, os momos Reaes em Evora, as danças e folias nas ruas principaes, em que com alvoroço e alegria até os velhos e as velhas foram bailar juntos diante da Rainha, dando-se então aquelle episodio pittoresco, quando ao vir El-Rei da Sé, em grande estado, lhe sahio ao encontro, na rua da

Selaria, cantando com um pandeiro, D. Briolanja Henriques, *dona mui honrada,* que El-Rei com prazer tomou nas ancas da mula, e levou assim com muita honra onde a Rainha estava. Foram os famosos festejos de Evora por occasião do casamento do Principe, mais brilhantes ainda que os das bodas do Duque de Borgonha com Izabel de Portugal. E, no reverso da medalha, foram as angustias pela morte desastrosa d'esse filho recemcasado, que, n'uma tarde de verão, correndo o páreo nas margens do Tejo, junto a Almeirim, cahe mortalmente ferido e expira, na cabana de um pescador, entre as lagrimas da mãe a Rainha D. Leonor, da linda Princezinha sua mulher, e de numerosa concorrencia que chora afflicta, «dando todos em si (diz o chronista), muitas bofetadas, depennando mui honradas barbas e cabellos, e as mulheres desfazendo com as unhas e mãos a formosura dos seus rostos que lhe corriam em sangue».

Contraste são tambem n'este reinado as emprezas confiadas a Affonso de Paiva e João da Covilhã, para o descobrimento do caminho da India por terra, e a Vasco da Gama para ordenar a armada que mais tarde havia de descobrir esse caminho por mar, contrapondo-se á infeliz recusa dos serviços de Colombo.

E' contraste ainda a prohibição de usarem as mulheres e os homens, sedas, brocados, saparias, borlados e canotilhos, a não ser nos gibões, carapuças, pantufos, sainhos e cintas, ao passo que se organizavam os festejos de Evora, em que a ostentação de riqueza e do luxo não tiveram limites.

E maiores ainda são as manifestações oppostas da propria alma d'esse Rei que, agora nos apparece inflexivel, frio, inexoravel, proseguindo a sua obra de vingança contra os que haviam conspirado, sorrindo dissimuladamente áquelles que já destinara para victimas, e logo depois,

mostrando no branco dos olhos umas veias e magoas de sangue, com que nas cousas de sanha, quando d'ella era tocado, lhe faziam o aspecto temeroso»; que umas vezes encontramos chorando a morte tragica do filho ou a doença da Rainha, emquanto outras vezes nos apparece folião, prazenteiro, amigo de folgar, entrando em jogos e torneios, e figurando elle proprio de *cavalleiro do cysne*, deslumbrante de pompa, nos ricos mômos que se realizaram na monumental sala de madeira durante as festas d'Evora. E para em tudo haver contrastes, os seus dous intimos formam uma antithese viva. São antipodas diametralmente oppostos na superficie em que gravitavam.

Embora, como diz o chronista, fosse sempre «privado de privados», teve continuamente no seu valimento: de uma parte o sisudo camareiro Antão de Faria, com quem sempre se entendeu não só em negocios de Estado, como na investigação das tenebrosas meádas relativas ás conspirações; da outra parte, o gordo pagem da escrivaninha, muzico, poeta, e debuxador, o jovial e folgazão Garcia de Rezende, que ás séstas, ou quando o Rei estava deitado á noite na sua camara tangia guitarra, e recitava as trovas de Jorge Manrique, que começavam:

«*Recorde el alma dorida*».

O *camareiro* e o *pagem da escrivaninha* symbolisam as duas feições da côrte, a mais brilhante da nossa Historia, onde ora se attendia ás graves questões do Estado e ás emprezas que haviam de transformar o mundo, ora ás frivolas mundanidades e ás coisas de prazer; onde, ás tragedias sanguinolentas, succediam os certamens poeticos de casuistica amorosa.

*

* *

Encaminhava-se (como vinhamos dizendo) de Santarem em direcção a Setubal El-Rei D. João II, acompanhado da Rainha, do Principe, e de numerosa comitiva, n'essa linda primavera, que se seguiu á Paschoa de 1484, cavalgando pelas lezirias, e entretendo-se no caminho em montarias, caçadas, banquetes, prazeres e festas.

Amargos deviam ser para alguns os manjares d'esses banquetes!

E, porventura perturbados com presentimentos funestos os prazeres d'outros, que nesse cortejo seguiam.

Nos espiritos sentia-se ainda o abalo profundo causado no anno anterior pela tragedia da praça de Evora, e na mente de muitos dos personagens d'esse festivo acompanhamento, alegre na apparencia, iam-se desenhando scenas similares, e viam-se, no acastellar de algumas nuvens que appareciam no horizonte, como prognosticos, vagas linhas de um cadafalso e de um cutello de algoz.

Recordavam então alguns aquella descuidada confiança com que o Duque de Bragança, no empenho de fazer valer os seus direitos, quando da exigencia das mensagens, enviara o seu vedor João Affonso ao palacio de Villa Viçosa buscar os titulos que tinha guardados n'um cofre; e como Lopo de Figueiredo, ajudando a abrir o cofre, topara com documentos compromettedores, que metteu dissimuladamente n'uma manga, abalando ás escondidas para Evora, a mostral-os a El-Rei, que logo, vendo n'elles motivo para condemnar o Duque de Bragança, os mandara copiar por Antão de Faria.

Lembrava-se tambem da dissimulação com que El-Rei tratara cordealmente o primo, emquanto organizava o jul-

gamento; e recordavam a terrivel sala armada de pannos, representando a severidade da justiça de Trajano; e a mesa, com todos os juizes, em cujo topo estava o Rei, tendo ao lado o Duque; e o supplicio d'este sobre o patibulo, vestido com a loba roçagante, o capello e a carapuça de lã; e o mysterioso algoz que o degolara...

Muitos dos que, n'esta alegre comitiva, iam galopando e correndo as lebres que os galgos perseguiam, ou os açores, que os falcoeiros lançavam, reflectiriam n'aquelle poder de dissimulação do Rei e sentiriam na espinha dorsal um arripio com a apprehensão de que, o ar despreoccupado que D. João II affectava, encobriria algum sinistro designio.

O sequito era numeroso, e na cavalgada brilhante destacava-se, montando com garbosa elegancia, o moço Duque de Vizeu, irmão da Rainha, que alguns diziam estar ajustado a casar com a Princeza D. Joanna, irmã de El-Rei, agorà no convento de Aveiro.

Ia um tudo-nada pallido; ou ainda sentindo-se da doença que o retivera mezes antes em Thomar; ou fosse da commoção nascida do enredo tenebroso em que andava enleiado.

Junto d'elle choutava em nedia mula, D. Garcia de Menezes, o Arcebispo de Evora, filho do Conde de Vianna, a quem havia pouco João Fogaça fizera aquella trova:

Vindo, Senhor, este dia
do Paço bem enfadado,
vi rapado Dom Garcia
vi Dom Garcia rapado,
vi-o tão abocetado,
e tão porrym,
que disse logo antre mim
este omem vem enganado.

Elle tambem n'esse dia ia *abocetado* e retrahido, parafusando na maneira de pôr em pratica os conselhos que dera ao inexperiente Duque, ou, porventura, pensando na Margarida Tinoca, a formosa rapariga, sua amante, a quem tanto queria, e a cuja fidelidade talvez alludisse o ultimo verso da cantiga do Fogaça.

Perto d'estes dous, e conversando a miude com D. Filippa de Vilhena, a quem servia, antes de casar com D. Brites de Sousa, cavalgava Fernão da Silveira, o Moço, filho do Barão d'Alrito, poeta satyrico muito apreciado, e a quem estavam destinadas aventurosas peripecias, como adiante referiremos. Este Fernão da Silveira, tempo antes fôra chamado á presença do Rei, e quando alli chegou, perguntou este ao moço da Camara:

— A quem te mandei chamar?

— A Fernão da Silveira, respondeu o criado.

Então o Rei, zangado, exclamou:

— Não foi este, mas Fernão da Silveira, o *Bom*.

Referia-se ao *Coudel-Mór*, que tambem se chamava assim.

Seria por este caso que o *Regedor* entrou na conspiração? ou a antipathia do Rei teria nascido por o saber entre os seus inimigos, visto que elle pertencia á casa do Duque de Vizeu?

O certo é que o odio era reciproco. N'essa jornada, porém, D. João II não manifestou o seu rancor, talvez porque nada soubesse de certeza acerca d'este, como ácerca de outros, que alli vinham, entre os quaes D. Guterre Coutinho, filho do *Marichal* e irmão de D. Vasco, que foi depois Conde de Borba; os Ataydes, pae e filho, ambos poetas, o Conde de Penamacôr, D. Lopo de Albuquerque, Camareiro-Mór de D. Affonso V.

Chegando a Côrte a Setubal, foi o Rei alojar-se nas casas de D. Nuno da Cunha, depois chamadas Paço do

Duque de Aveiro, (onde modernamente esteve o Hotel Escoveiro), e os da Côrte distribuiram-se pela villa, indo o Duque de Vizeu, com sua mãe, para Palmella.

Foi então, logo a seguir, que Diogo Tinoco, o irmão da amante do Bispo Dom Garcia, se dirigiu secretamente ao Camareiro, Antão de Faria, communicando-lhe que desejava fazer revelações importantes a El-Rei.

Confiava o Bispo plenamente no irmão da Tinoca, o que justifica o verso do João Fogaça, que dizia:

Este homem vem enganado!

O delator disfarçou-se com habitos de frade, foi ao convento de S. Francisco, e, misturando-se com o povoleu, abeirou-se do Rei, já prevenido.

Contou-lhe então, fazendo valer a importancia da denuncia, que ainda em Santarem o Duque de Vizeu, seu cunhado, que morava nas casas do Arcebispo de Lisboa, junto do Mosteiro de S. Domingos das Donas, se avistára muita vez com D. Garcia, que morava nas casas de Affonso Caldeira junto ao postigo de Santo Estevam, e que juntamente com outros conspiradores, que nomeou, tinham resolvido matal-o.

Esta denuncia, que foi paga com cinco mil cruzados em ouro, e com uma renda que o Judas não chegou a receber, por ter morrido, foi confirmada por uma delação semelhante, feita por D. Vasco Coutinho, aquelle de quem o Arcebispo disse, sabendo que estava mettido no caso: «muito me dóe o cabello de D. Vasco.»

D. João II certificou-se da verdade das denuncias, pois que até de uma vez, que andava passeando a cavallo no Troino, e sentindo-se perseguido, teve que encostar-se contra á egreja da Annunciada, por confiar que estando de frente não o atacariam; e de outra vez intentando D.

Pedro d'Atayde e D. Guterre Coutinho, ao descerem uma escada que levava ao quarto da Rainha, executar o golpe, se embaraçaram de maneira, que El-Rei, voltando-se para D. Pedro, lhe disse:

— Que é isso?

Ao que elle respondeu:

— Senhor! Escorreguei!

— Guardae-vos de cahir! Respondeu o Rei com intenção.

Por ultimo, soube que estava planeada a sua morte ao regressar de Alcacer. Trocou as voltas, veio por terra, e logo no dia seguinte mandou chamar o cunhado que estava em Palmella.

Este veio. E ao cahir da noite o Rei levou-o a um guarda-roupa no andar superior, onde, depois de trocarem poucas palavras, que a tradição poz na bocca dos personagens revestidas de emphase dramatica, o apunhalou.

Póde imaginar-se o que se passou na pacata Setubal, logo que El-Rei mandou cerrar as portas da villa, guardar os caminhos e «pregoar grandes e temerosos pregões».

Foi um terror! Sobretudo, nas habitações d'aquelles que, mais ou menos, se sentiam ameaçados.

O Bispo estava a esse tempo em casa da Rainha. Chamado á rua por Fernão Martins, foi logo preso, e levado ao castello de Palmella, onde o metteram n'uma cisterna que estava sem agua, na qual, poucos dias depois, falleceu.

Seu irmão foi degolado alli em Setubal. Os outros tiveram egual sorte.

O destino de Fernão da Silveira foi diverso. A sua historia é accidentada. E assim como a sua veia poetica, que se revela ora arrogante, como n'aquella trova insolente com que respondeu ao rifão que uns castelhanos escreve-

ram á porta do Paço em Castella, quando lá estivera com o Duque de Vizeu; ora sentimental e melancolica, como nos versos que dirigiu a D. Filippa de Vilhena, por quem andou apaixonado; ora galanteadora, como na graciosa cantiga que dirigiu ás Damas da Rainha, fingindo-se morto, e figurando como cada uma d'ellas o lamentaria, assim tambem as aventuras d'este poeta cortezão, cuja figura pittoresca merece uma referencia, formam uma novella de interesse vario nos seus lances desencontrados.

E' assim que o vemos, logo que o Duque de Vizeu foi morto, e, não podendo já sahir de Setubal, porque as portas estavam fechadas, ser recolhido em casa de João Pegas, um velho escudeiro de seu pae, cuja ternura pelo menino que creára o levou á heroica abnegação de affrontar a ira do Rei.

Encofrou-o n'um buraco, que fez debaixo de uma arca, em que fingia guardar pão, e alli o alimentava todos os dias, resistindo a ameaças e promessas para o descobrir, simulando, nas suas respostas, sandice senil. Esteve de uma vez Fernão da Silveira muito arriscado, porque uma escrava preta, que havia em casa do Pegas, revelou a seu amo que, de manhã cedo, quando se levantava, ouvia gemidos que sahiam da arca. O escudeiro, receiando que a preta desse com a lingua nos dentes, ordenou-lhe que fosse buscar um balde d'agua ao poço do quintal, e, quando a viu debruçada para puxar o balde, precipitou-a no fundo, afogando-a assim com a sua perigosa suspeita acerca dos gemidos.

Permaneceu Fernão da Silveira uma temporada no seu arriscado esconderijo, até que um mercador, chamado Bartolo, o levou comsigo para Sevilha, vestido de mendigo. Alli teve affectuoso acolhimento por parte dos Reis Catholicos e de toda a côrte, enviando-lhe o Conde de Benavente, amigo de seu pae, todos os mezes um sacco com

duzentos escudos, de que elle só aproveitava cinco. Este Conde de Benavente um dia, na sala do Paço em Castella, deixou cahir uma luva para ver se Fernão da Silveira, como seu obrigado, a levantava. Este, porem, orgulhoso, sentou-se intencionalmente n'um tamborete, arrogancia que foi muito apreciada pelos grandes de Hespanha, e que, conhecida em Portugal, fez dizer a D. João II — «Fernão da Silveira aonde chegar ha de sempre ter lugar.»

Mais tarde, antes de passar a Avinhão, onde se refugiou, e antes que o punhal do Conde de Palhaes, um catalão, lhe tirasse a vida, dirigiu uma insolente carta a D. João II, accusando-o de grandes crimes, e lançando-lhe em rosto a opposição por elle feita ao casamento do Duque de Vizeu com a Infanta D. Joanna, para o que lhe mandara dar, dizia na carta, «cousa para não haver geração, e tratar com um cosinheiro para lhe dar peçonha».

Lendo esta carta, interessante por muitos motivos, tem-se uma ideia nitida da natureza dos argumentos inspirados ao moço Duque de Vizeu para o arrastarem á conspiração contra o cunhado, e sente-se a atmosphera de odios, que a acção decisiva, cruel, despotica e vingativa de D. João II creou na sua côrte.

Entretanto, como já dissemos, n'essa côrte em que paixões violentas agitavam as almas; em que emprezas esforçadas sacudiam os animos; em que se projectavam viagens, que haviam de alargar o mundo; e em que se promulgavam leis que haviam de transformar a nação; n'essa côrte e por esta época em que o terror e a angustia faziam vibrar os nervos e assombrar os espiritos; explodia tambem a ancia do prazer, desabrochavam como flôres de graça os passatempos espirituosos. E nunca houve tão luzidas festas, tantas caçadas, montearias, corridas de cavallos, certames de luctadores, jogos de barra, touros, cannas e justas; nunca houve tantos banquetes e en-

tremezes; e nos serões tão variados jogos de naipes; retortas mouriscas tão vistosas, e tão engenhosas côrtes de amor, com todo o esfusiar de trovas e cantigas de que se encontra um écho no *Cancioneiro Geral*.

Entre gente moça, e no fervilhar das diversões; entre amorosos despeitados, ambiciosos, ciumentos, irrequietos e intrigantes; entre os sentimentaes que compunham trovas, e os graciosos que rimavam cantigas, coplas e rifões, não causa extranheza que a malicia de alguns beliscasse ao de leve nas epidermes cortezãs, ou causticasse, em linguagem cuja licença e quasi obscenidade hoje seriam inadmissiveis, e que então eram moeda corrente, a vaidade e o amor proprio de muitos personagens d'essa deslumbrante scena.

Por isso, misturados com galanteios, e trovas de amor achamos no cancioneiro de Rezende debiques descaroaveis, allusões a baldas certas, caçoadas e leves troças, espirituosas caricaturas e desenhos burlescos de pessoas e acontecimentos.

São entre muitas: *as trovas do Conde de Vimioso a hum fidalgo que no serão d'el Rei se metteu em uma chaminé e fez seus feitos n'um brazeiro;* são as de Nuno Pereira a D. João Pereira *quando casou, porque a primeira noite foi dormir á pousada de João de Saldanha;* são as do Coudel mór a Pero de Souza Ribeiro, porque não sahia do bairro da judiaria; são as d'este mesmo ao Barão d'Avito, *sobre tres feridas que lhe deu uma porca no monte, sem lhe elle dar nenhuma;* são as de Garcia de Rezende a Manoel de Goyos, dando noticias da côrte; são... Quantas outras!

Em todas estas, e muitas mais que alli se encontram, as ferroadas são dadas a peito descoberto, entre contendores de ambos os sexos, pois que na *donzellaria da Rainha*, e entre senhoras da côrte, havia muitas que rimavam com

chiste, que sabiam manejar a ironia, e arremessar com graça dardos de satyrica malicia.

*
* *

Mas, um trecho se encontra sem nome de auctor no cancioneiro, que parece ter causado grande alvoroço na côrte, e que por ter apparecido anonymo e beliscar muita gente, provocou um movimento de curiosidade, e ateou ligeiras labaredas de despeito n'uns, e frouxos de riso n'outros.

Vinha esse trecho condimentado com os dous mais proprios temperos para dar sabor a um mexerico: o mysterio e a má lingua.

Foi por isso completo o exito dos celebres *Porquês*, cuja rubrica de Garcia de Rezende é a seguinte:

«*Estes sam os porques que foram achados no paço de Setubal, em tempo del rrey dom Joam, sem saberem quem os fez.*»

São trinta e duas quadras, em que, por fórma de libello articulado, cada *item* começa com um *porquè* de suspicaz ironia, e n'elles são apodados alguns, e algumas das que na côrte andavam por esse tempo.

Não era uma novidade essa fórma de escarnecer n'esta esquina do mundo onde a má lingua floresce, e onde a satyra e o epigramma tão facilmente se naturalizaram nas vernaculas *trovas de mal dizer*; nos conceituosos *arrenegos*, como os de Gregorio Affonso, o criado do Bispo d'Evora; nos chistosos *pareceis*, como os de Affonso Valente; nas chufas, zombarias e chocarrices, com que a malicia humana revestiu de linguagem portugueza a arte de troçar.

A este costume de satyrizar com *porquès* se referem João Lopes de Castanheda, na Historia da India, quando

falla «nos vossos romances e *porquês*» ; e Diogo do Couto nas Decadas, quando allude a uns *porquês* que alguns praguentos fizeram na India. E João de Barros, na sua : *Ropica pneuma*, diz : «quando me quizer vingar d'alguem, não hei de subir n'aquelle lugar de vingança ; mas ir-me-hei a Roma, á estatua de mestre Pasquim, e lançar-lhe-hei ao pescoço uns *porquês,* como se costuma em Hespanha.»

No caso de que agora nos occupamos, a celebre estatua mutilada, que tomou o nome do afamado alfayate de Roma, mestre Pasquino, cuja loja foi o centro da maledicencia contra os Papas, Cardeaes, e toda a côrte prelaticia, durante seculos, essa estatua, em cujo pedestal foram affixados tantos libellos diffamatorios, tantos ditos satyricos, tantos epigrammas virulentos, e que incommodou com os seus *pasquins,* os Borgias, e Leão X, e Sixto V, e ainda Bonaparte e Luiz XVIII ; essa estatua foi no seculo XV figurada por uma parede caiáda dos Paços de Setubal, onde foram collados por mão desconhecida, n'uma bella manhã, ahi pelos annos de 1486 ou 1488, os celebres *Porquês,* com petulantes e endiabradas allusões aos ridiculos e aos fracos de muita gente.

Não atacavam elles um Imperante, como as inscripções, que na antiga Roma appareciam affixadas nas estatuas de Cesar ou de Nero ; não dilaceravam reputações, como na Roma moderna os dialogos de Marforio com Pasquino, umas vezes em versos latinos com sabor a Juvenal, outras em baixo italiano, mas sempre flagellantes. Os *porquês* de Setubal eram mais da indole e natural do espirito portuguez, ou brutal no seculo XIV, quando a arraia miuda, tambem anonyma, cantarolava o «carneiro qual deram ao Conde de Andeiro e o cabrito qual deram ao Arcebispo», ou bonacheirão, como os *pasquins* que no seculo XIX appareciam nos corredores do Palacio de Belem, por onde havia de passar El-Rei D, João VI.

Os *porquês* de Setubal, de galhofeira memoria, seriam para quem os soubesse decifrar, nas minuciosidades das suas allusões, um espirituoso registo da vida mundana, naquella occasião, com os seus divertimentos, os seus amores e os seus ridiculos.

Seguirmos, verso por verso, cada uma d'essas quadras, identificar as personagens, explicar os acontecimentos a que se referem, seria longo, fastidioso, e em alguns impossivel, por se referirem a casos hoje esquecidos.

Sendo, porém, varias d'essas quadras allusivas a senhoras que andavam na Côrte, ou que eram n'ella conhecidas, a algumas nos limitaremos, por serem mais da indole d'estes artigos, indicando, tambem, como conjectura, o seu presumivel auctor.

* * *

Começam os *porquês* dizendo:

Poys que vemos tantos modos
d'omens, os quaes nam sabemos
rrezam é que preguntemos
o *porquê* o fazem todos.

A primeira quadra que se refere a vultos femininos, pergunta assim:

Porque tanto casamento
dona Felypa já vyo?
Porque de tanto enguento
Teyxeyra o rrosto cobrio?

Quem é esta voluvel D. Filippa, a quem o curioso bisbilhoteiro anonymo attribue tanto casamento? Póde ser, e é provavel que fosse, D. Filippa de Abreu, a quem dirigiram trovas, nada menos que vinte e cinco poetas, sendo, entre outros, o chaveiro D. Diogo de Menezes, o Conde de Tarouca, o proprio Garcia de Rezende, etc.

Quasi todos confessam estar presos dos seus encantos, e o Conde de Tarouca declara até:

Sam por ela tam perdido
e por seu gram merecer,
que, a meu ver,
da chagua que sam ferido
jaa não posso goarecer;
e por jsso, diguo eu,
duas myl vezes cad'ora
que sam sandeu
d'amores pola senhora
dona Felypa d'Abreu.

Ha tambem no Cancioneiro uma D. Filippa de Almada, que faz versos com auxilio de outros poetas. E ha tambem uma Dona Filippa Henriques, que dá motes para glosar a Duarte de Brito e a D. João de Menezes.

Finalmente, ha D. Filippa de Vilhena, a quem tambem alguns poetas fizeram trovas, e por quem andou apaixonado, antes de casar, Fernão da Silveira, o conspirador de que atraz nos occupámos, e que offereceu uma peça de brocado, para um gibão, a quem fizesse melhores trovas de louvor á Sra. D. Filippa.

Poderia referir-se a esta a pergunta sobre os successivos projectos de casamento. Mas é da outra (a D. Filippa de Abreu), que Simão de Souza diz:

«He de tantas perfeyçoões,
que todos os que a uemos
lhe deuemos
de dar nossos coraçoões.»

E' portanto, verosimil que seja esta a loureira rapariga que rejeitava pretendentes e desprezava casamentos.

Quem seja a Teixeira, que untava a cara com unguentos, é que não será facil averiguar, tanto mais que no seculo XV era vulgar o uso d'estas pomadas aromaticas, que

ainda hoje se applicam com o nome de *cold-cream*, e congeneres. O que tornou a Teixeira singular, foi carregar a mão na dose da droga com que lambusava o rosto.

Mais facil é identificar a senhora a quem se refere o *porquê* seguinte que indaga:

Por que dona Branca mais
presume do que'e fermosa?
Por que se vem a da Rrosa
aao serão e outras tays?

Esta vaidosa Branca, que presume ser mais formosa do que a julgava o autor dos *porquês*, foi de certo aquella rapariga com quem andou de amores o Principe D. Affonso. Por ella ter casado sentiu o moço Principe grande desgosto, como dizem as trovas que na sua bocca puzeram o Prior de Santa Cruz, e outros, e que começam assim:

Lhoran mis ojos
y mi corazon,
con mucha razon.

Chamava-se a presumpçosa namoradeira D. Branca Coutinha, e foi a esta que D. Martinho da Silveira, quando ella se casou, disse n'uma trova:

Doo na côrte polo serdes,
tomaram mil coraçoões
que namorastes,
por lembrar e por saberdes
quantas penas e payxoões,
lhe cá leyxastes.

Pedro Homem, quando foi do seu casamento, tambem lhe disse n'uma cantiga.

Poys a todos, se casaes,
o viuer seraa tam caro;
lembre-vos o desemparo,
senhora, que nos leyxaes!

Ao que parece foi Jorge de Mello, por alcunha o *Lageo*, Capitão donatario de Mazagão, quem tirou ao Principe a senhora que elle amara e servira.

O casamento effectuou-se por 1490. A esse tempo já a impressão causada pelos *porquès* se ia desvanecendo,

O marido morreu poucos annos depois, ficando ella viuva até 1530, anno em que falleceu em Santarem.

Mas quando ainda na côrte, e quando frequentava os serões, foi celebre pelos seus dictos espirituosos e as palavras *coutinhas* eram synonimo de requebro e galanteio. Uma vez o Coudel-Mór pede que lhe respondam a esta cantiga:

Faz-me muyto rrecear
De sseruir huma donzela
Ver muyta gente queyxar
Sempre dela.

Varias senhoras responderam ao hesitante namorado, que não sabia se devia ou não *servir a airosa donzella*. Uma d'ellas foi D. Branca, que acóde respondendo:

Por quanto mal vos já fyz
Vos aconselho aguora
Que olheys bem o que diz...

Outra que tambem respondeu ao Coudel-Mór foi D. Urraca. A esta senhora allude outro dos *Porquès*, dizendo que ella se parecia muito com seu pae. E como vem juntamente na mesma quadra com Francisca de Souza, pessoa autoritaria e carrancuda, supponho que ambas ellas eram creaturas enfadonhas no meio de *tanto rir, tanto folgar*.

O *porquè* diz.

Porque Francisca de Ssoussa
he tam chea d'autoridade?
porque ssay em tanta cousa
Dona Orraqua ao padre.

Na resposta que deu a Francisco da Silveira D. Urraca aconselhou-o a que se dedicasse á donzella por quem andava com tanto desejo de se perder:

Nam vos eyd'aconselhar
se nam que por tal donzela
he muyto per'estimar
morrer por ela

No *porquè* seguinte refere-se o mysterioso ironista a duas raparigas que ficam desenhadas pelos seus defeitos.

Porque tanto arrebyque
Ysabel Cardosa traz?
porque he tam máo rrapaz
Dona Margarida Anrrique?

Da primeira não ha outros vestigios, e d'ella fica apenas a memoria de ter cuidado minuciosamente na perfeição do seu traje, na perfeição do seu toucado, e sobretudo em arrebicar-se com pinturas, compondo o rosto com côr artificial...

Quanto á segunda, que pelo dizer do *porquè* era agarotada e deixou gaiata memoria com os seus ares de rapaz, ficaram d'ella uma resposta ao Coudel-Mór, em que lhe dizia:

Nam temays esta donzela
que nam he morte matar
se he por ela.

e deu tambem um motte a Duarte de Brito, que diz: que *mui mejor me seria*. Era esta D. Margarida prima por affinidade daquelle Garcia de Mello, o do Brazeiro, que se encontrou numa ridicula situação dentro de uma chaminé durante o serão d'El-Rei.

A quadra seguinte dizia assim:

Porque fala todo o dia
por todos Britiz Pereyra?
porque traz Dona Maria
sos braços tal rraposeyra?

Não nos deteremos com a primeira, uma das senhoras que deram o motte a Duarte de Brito e que é alcunhada de falladora, loquaz e tagarella, e vejamos porque a respeito de D. Maria, de quem não apparece o nome de familia, se falla nos seus braços e n'uma *raposeira*.

Ha muitas Marias no Cancioneiro. Bobadilhas, Cunhas, Eças, Henriques, Menezes, Mellos, Sousas e Tavoras figuram com este nome em versos, trovas e cantigas. Esta porém dizem ter sido D. Maria de Athayde, e já por alguem foi alvitrado que estes versos alludissem ao caso a que se refere o «Auto da morte do Duque de Vizeu», onde se lê:

«Em outro serão estando El-Rey em casa da Rainha deitou-se no seu arreguaço... e alevàtou-se, e mandou fazer huma alta dança e passou com a Rainha e foi-se deitar no reguaço de uma dama.»

O somno que D. João II dormiu nos braços de D. Maria (é de crer que *por bem*, pois foi em pleno serão depois de uma alta dansa) deu que fallar na côrte e o indiscreto autor dos *Porques* não deixou de badalar sobre o caso, abstendo-se comtudo, talvez por isso ser melindroso, de aclarar o nome da condescendente senhora em cujo regáço o Principe Perfeito bonacheiramente dormiu a formidavel raposeira.

Os dous primeiros versos da ultima quadra tambem nos dão uma feição caractersiica do rosto, e por ventura do caracter, d'uma interessante rapariga.

Diz a quadra

> Porque Dona Guyomareta
> nunca tem o rrosto quedo?
> porque nam dam com uma seta
> a Jacome e Azeuedo?

Quem serão estas raparigas? As duas ultimas, que o autor dos *porquês* desejava ver feridas symbolicamente por uma setta, são de certo aquella: Maria Jacome «a quem Sancho Pedrosa fez umas trovas porque estando de noite fallando com ella, sem que ella o conhecesse, lhe pedio que lhe dissesse quem era»; e esta: Beatriz de Azevedo, em cujo nome o camareiro-mór D. João de Menezes fez umas trovas por causa das carapuças de solia ou lã vulgar, do Conde de Villa Nova.

A Guiomar, porém, que pela volubilidade da physionomia, pelo tique nervoso que a sacudia, pela espirituosa fineza das feições, ou pela esperteza na expressão, aquella que, buliçosa *nunca tinha o rosto quedo*, e a que chamavam com alcunha affectuosamente familiar a *Guiomareta,* qual das trez Guiomares seria? Pois é sabido que, entre as casquilhas d'essa época, figuram as trez Guiomares, todas dignas de menção na chronica elegante.

O Conde de Vimioso nas trovas que mandou de Santos, alguns annos depois, dirigidas a D. Rodrigo de Castro, dizia-lhe.

> Das tres grandes Guyomares,
> aquela que qua leyxastes,
> syngular das syngulares..

Foram ellas: D. Guiomar de Menezes, D. Guiomar Henriques, e D. Guiomar de Castro.

A de Menezes figura na cantiga que Dom João de Menezes, despeitado, dirigio ao Prior do Crato, quando

este lhe tirou D. Guiomar, com quem ambos andavam de amores.

Dizia assim o despeitado camareiro, a quem tinham roubado D. Guiomar:

Huma joya preciosa
cujo era que perdy,
sendo falsa e enganosa
nunca cousa mays senty.

Leuou-m'a mas nam por ter
melhores trunfos nem mais,
com muyto poucos metais,
com muyto menos saber,
se nam soo por ela ser
tal que nunca pod'estar
hum'hora sem se mudar.

Como se vê pelos dous ultimos versos (e se a chronologia o permitte), poderia attribuir-se a esta volubilissima creatura o epitheto de *Guiomareta*, que não tinha o rosto quedo, mas que tambem não tinha o coração quieto, nem deixava socegar os dos outros; e a prova são as expressões das trovas que lhe dirigem Simão de Sousa e mais outros poetas, entre elles o commendador-mór de Aviz, o Barão de Alvito, Garcia de Resende, e outros:

Uossa graça e parecer
vay, senhora, de maneyra
que deue quem quer vyver
de fazer por vos nam ver
ahynda qu'ele não queyra.

Afinal, tantas cabeças estonteou, que em 1509 foi mandada para um convento, talvez por castigo, mas deixando grande desgosto e saudade no mundo alegre e galhofeiro, que animava com a sua graça azougada.

Garcia de Resende, estando com El-Rei em Almeirim,

refere n'aquella espirituosa carta que dirige em 1510 a Manoel de Goyos, que estava por capitão na Mina, entre outras bisbilhotices da côrte o seguinte:

D. Guyomar de Meneses
estaa fóra ha oyto mezes
do paço, num moesteyro,
nunca mays ouue terreyro
nem no baylar antremezes.

Tal era a falta que fazia a endiabrada Guiomar.

Mas talvez não seja esta a dona dos *porquês,* e seja D. Guiomar Henriques, como alguns conjecturaram.

Nas trovas em que o poeta João Gomes de Abreu conta casos e historietas a Dom Duarte de Menezes, que estava com El-Rei em Aragão, diz-lhe, depois de referir como as senhoras.

andam gordas já de rryr
nesta Lixboa.

de como Braz Corrêa,

quer o paço vyr rroldar
bõos fidalguos aa cadea
quer leuar:

e tambem como ao dar das dez horas no terreiro, onde se conversava,

andam loguo beleguyns
pela costa passeando,
se vos acham hy falando
eys vos ys;

e outras coscuvilhices do soalheiro cortezão, o seguinte:

«Em Anrriquez Guyomar
vos nam fallo ao presente
porqu'estando ela doente
me quizera desonrrar.

Diz que disse d'ela mal
está de mym descontente
e sser disso ynocente
nam me val.»

Aquella referencia que supunha ter o poeta mexericado a seu respeito póde levar a inferir ser esta a Guiomar dos *porquês*.

A nós, porém, quer-nos parecer que será antes uma D. Guiomar de Castro, a quem muitos poetas fizeram versos (alguns pouco benevolos) e que se encontrou em situações escabrosas se dermos credito a diversas allusões que a ella se fazem no Cancioneiro.

Topamos primeiramente com uns versos que lhe dirige Nuno Pereira, fazendo referencias ao supposto parentesco entre os dous; outros de Affonso Valente, em que ha mais paixão do que poesia, e ainda uma glosa a um mote que ella lhe dera.

O que, porém, começa a tornar-se picante, e de difficil relato, é aquelle caso em que ella figura, e a que o poeta Fernão da Silveira allude nos versos que o cancioneiro intitula: «A Dom Rodrigo de Castro, que beijou uma dama, e ella metteu-lhe a lingua na boca».

Não as transcrevemos, com o receio de estomagar o leitor desprevenido, e pouco affeito ao *franc-parler* e á desenvoltura dos costumes n'estes fins do seculo XV.

Pelo mesmo motivo não trasladamos as trovas dirigidas a uma innominada Sapho com costumes mais que duvidosos, que envolveu D. Guiomar n'aquella aventura lesbia perpetuada na tradição pelas chufas dos poetas palacianos.

Entre outros, D. João de Menezes, em trovas que alliam uma pittoresca crueza de expressões á mais brejeira intenção, e que no cancioneiro tem por titulo: «A uma

dama que rufiava e beijava D. Guiomar de Castro», dizlhe:

Senhora, eu vos nam acho
rrezam para rraffyar
e beyjar tam sem empacho
Dona Guyomar...

. . . . . .

. . . . . .

Paremos aqui, para não sermos mais indiscretos que os linguarazes chocalheiros da *apostilla de máu dizer,* que perseguiu a leviana D. Guiomar.

Entretanto, não foi ella tão prejudicada pelos praguentos, que não casasse logo depois com Ayres da Silva, Regedor das Justiças, pessoa séria, sizuda e grave.

Parece que se realizou este casamento pelos annos de 1482; e sendo assim já ella estava casada quando appareceram no Paço de Setubal os mysteriosos *porquès.*

O marido, Regedor da Justiça, procederia a qualquer investigação para saber quem seria o autor dos *Porquès,* que implicavam com sua mulher e com muitos dos personagens da Côrte, taes como o Marquez de Villa Real, Jorge de Mello o Conde de Marialva, Affonso de Albuquerque e outros?

Apezar da impressão produzida n'aquella roda, e apesar da situação de alguns, com os quaes essas quadras debicavam, não consta que se tivesse conseguido averiguar quem fosse o seu auctor.

*
* *

Seria elle, como alguns suppoem, o poeta João Gomes de Abreu?

E' possivel, pois esse poeta era grosador impenitente e *má lingua,* como já sabemos, e elle mesmo o confessa nos seus versos mais de uma vez.

Ao saber que alguns lhe tinham feito trovas com malicia «porque, estando na costa dos paços andando de amores, lhe cahio o cavallo pela ribanceira e, morrendo, elle o mandou esfolar e vender a pelle», antes mesmo de ver essas trovas (pois estava desterrado em Lorvão), diz de lá, n'uma arremettida minaz:

Ueo-m'aas orelhas ter,
qu'a ond'ando degradado,
Que me tem já lá trouado.

Quem quyser trouas fazer
Seja bem certificado
Que seraa rrijo cimbrado.

O verbo *cimbrar* é hoje de significação indecisa, mas elle esclarece-a no seguimento e não deixa duvidas do que seja, quando adiante diz:

A Tynocos e a Noronhas
ponho culpas poucachynhas,
porque já em trouas minhas
descobry suas vergonhas.

Ora, reflectindo que Fernão Tinoco é um dos alvejados nos *porquês*, entra-se effectivamente na conjectura de que seja este João Gomes o seu auctor,

Accresce que elle foi accusado, n'uma das trovas, de têr vendido as crinas do cavallo morto a um tal João Caldeira.

E um dos *porquês* lá diz:

«Por que anda Joam Caldeyra
tam caluo pola manhãa?»

Estas circumstancias, e o tom caustico e mal-creado que dá ás suas trovas, deixam effectivamente suppôr que elle tivesse composto a celebre versalhada.

Quem sabe mesmo se o degredo para Lorvão, que

soffreu e de que se queixa, não seria uma vingançazinha do Regedor das Justiças, casado com a Guiomareta?

Tem sido dado como causa a este desterro o elle haver pertencido á Casa do Duque de Vizeu.

Póde ser que esse fosse o motivo mais ou menos apparente, e que o verdadeiro nascesse no rancor de Ayres da Silva, sabendo que a *linguinha de prata* de Gomes de Abreu tinha feito reviver a chronica da sua Guiomar.

Os *porquês* têm um *cabo,* terminação ou arremate, como muitas das trovas do cancioneiro, e n'estas o sarcastico anonymo, dando largas á sua musa chocarreira, despede-se com a seguinte quintilha, que transcrevemos apezar do seu final carnavalesco:

«C'os porquês deveys folguar,
poys que a ninguem empece:
e rria quem se alegrar,
e quem nam, va-sse beyjar
onde lh'a pelle fallece».

*
* *

Se a alguem parecer que nos detivemos demasiadamente a depennicar nos *Porquès* responderemos com as palavras de Garcia Resende o do gordanchudo chronista:

«E que a alguns isto pareça sobejo, outros haverá que folgarão de o ouvir, que quem escreve não póde contentar a todos, e não fará pouco se de poucos fôr tachado».

Uma noiva do Prior do Crato

SUMMARIO

Portugal enfermo — As ruas de Lisboa — Sebastianistas — Os pretendentes ao throno — D. Antonio, o filho da Pelicana — Lisboa seduzida — A odyssêa do Prior do Crato — Acclamação — Projectos de casamento com a Senhora D. Maria — com D. Juliana de Lencastre — com D. Filippa de Portugal — Os Vimiosos — A batalha de Alcantara — A noiva perseguida — A clausura — Soror Filippa de Jesus.

Enfraquecido o organismo pelas estroinices generosas da exuberante mocidade — com os esforços para a expulsão da mourama; com os arremessos contra a ambiciosa Castella; com a expansão para as terras de além-mar: e, sobretudo, gastas as forças de velho soldado com os prazeres e delicias conquistadas — o ouro, as especiarias, os os escravos, e todo esse debilitante veneno dos *fumos Orientaes,* Portugal envelhecia precocemente.

Ás miserias physicas, aggravadas recentemente com a chaga, hiante ainda, de Alcacer-Kibir, juntavam-se, com o exgotamento nervoso, todas as allucinações proprias dos descalabros organicos. Depois da mania do luxo e da ostentação seguira-se a crise de pusilanimidade, symbolizada no espectro de Rei, que foi o Cardeal D. Henrique.

A superstição symptomatica nos agonizantes apavora-

dos, o abandono moral que deixa invadir a alma de um messianismo cheio de anciedade, e, mais grave que todos os males, quando o doente é uma nação, a demencia, tanto nas classes dirigentes como nas dirigidas, corroiam até ás mais fundas raizes a magestosa arvore lusitana.

Da nobreza, os que não tinham ficado com os esqueletos ao sol, nas areias da Africa, gemiam uns nos carceres de Fez, outros agenciavam o resgate empenhando os bens, e contratando com mercadores judeus a remissão do captiveiro.

Em Lisboa as senhoras oravam recatadamente nas suas capellas, pedindo pelas almas dos entes queridos, ou eternizavam-se em conversas lastimosas nas portarias dos mosteiros e adros dos templos, seguindo depois pelas ruas dos bairros nobres, acompanhadas de numeroso sequito de mulheres embiocadas, creadas brancas e escravas mouras ou pretas, que, com tregeitos e gestos desordenados, alardeavam tristezas, emquanto na peugada o escudeiro velho gemia e choramingava, lamentando a sorte do amo ausente.

O povo, já *sebastianista* (sebastianista de nascença), namorado e saudoso da imagem do moço Rei, fundia na sua imaginação, nebulosamente poetica, esperanças, terrores, duvidas, odios e desalentos.

Voltaria o *Encoberto?*

Sim. Havia de voltar, e com elle renasceria nas almas a confiança; affastar-se-hia o espectro da dominação hespanhola; desappareceriam as dissenções dos partidos; cahiriam as oppressões minazes, desvanecer-se-hia essa sombra de Cardeal-Rei, que todos desejavam saber:

no inferno, por muitos annos.

Mas emquanto de entre os nevoeiros do sul não despontasse o *Desejado*, o throno, occupado por aquelle es-

queleto vivo, estava á mercê de uma nuvem de pretendentes.

A recordação do Mestre de Aviz começou então a esvoaçar captivante em muitos cerebros.

D. Antonio, Prior do Crato, seria Rei. O Rei da plebe, como o Mestre. Manoel Nobrega seria o João das Regras. Condestavel seria o Conde de Vimioso, o seu Nun'Alvares. Faltava, porem, uma Rainha. Achar-se-hia uma D. Filippa? Talvez!

* * *

O povo, na simpleza da sua logica, não attendia á força juridica com que cada um dos pretensores queria fazer valer os seus direitos á Corôa de Portugal, e personalisava em D. Antonio a causa da independencia nacional, ameaçada por Castella.

Era certo que a Duqueza de Bragança, filha do Infante D. Duarte, e, portanto, neta d'El-Rei D. Manoel, tinha direitos solidos. Mas a protecção que lhe dava o Cardeal, e a pouca sympathia que em geral inspirava o Duque, não tornavam popular a sua candidatura.

Era certo que Filippe II, de Hespanha, fôra filho de uma Infanta portugueza, a Imperatriz Izabel, e allegava estar mais proximo em grau e ser mais privilegiado pelo sexo e pela edade. Mas o odio a Castella não o fazia bem acceito.

Era certo que Raynucio de Parma era neto do Infante D. Duarte, por sua mãe, D. Maria, irmã mais velha da Duqueza de Bragança. E em favor d'este redigiram bem elaboradas defesas os doutores de Padua e de Bolonha. Mas eram subtilezas que o povo não entendia.

Era certo tambem que o Duque de Saboia, Manoel Feisberto, era filho da Infanta D. Beatriz, a filha de D. Manoel.

E até mesmo Catharina de Medicis allegava, como

base para a sua pretenção, uma imaginaria descendencia de Affonso III e de Mathilde, Condessa de Bolonha. Esta tambem esteve indicada para occupar o throno portuguez pelo projectado casamento com o Cardeal Rei, que, no decorrer da sua senil interpresa amorosa, trazia sempre comsigo o retrato d'ella. Extravagante teria sido o acasalamento do cachetico Cardeal com a astuta italiana, mãe dos ultimos Valois!

Mas de entre todos os pretendentes, o fructo dos amores do Infante D. Luiz, poeta e cavalleiro, com Violante Gomes, a graciosa *Pelicana*, esse D. Antonio que reunia em si valentia, bravura, prodigalidade e aquella força de encanto que seduz as mulheres e as multidões, era o bem querido do povo, e aquelle que se impunha pelo prestigio cá dentro, que mais preocupava os outros pretensores, e a quem os enviados de França e de Inglaterra mais cortejavam.

Tivera uma mocidade aventurosa.

Aos oito annos seu pae, o Infante D. Luiz, internara-o em severo noviciado, no Convento da Costa, perto de Guimarães. D'ahi passara ao opulento Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, onde era muito elogiado pela elegancia com que escrevia latim, e pela eloquencia com que fallava. Em Evora ouviu lições de theologia da bocca do virtuoso Bartholomeu dos Martyres. Mas o seu genio altivo, e a sua indole indomita, não se conformavam com a disciplina ecclesiastica que o Cardeal lhe destinava.

Brigou com elle. Brigou depois com um valido de D. Sebastião, por causa de um cosinheiro. E, talvez por ser assim brigão, e odiado pelo Cardeal, com quem nunca quiz conciliar-se, era o mimoso do povo.

Esforçado, atrevido, leviano, com todas as qualidades do soldado, embora algumas lhe faltassem para capitão, entrara na alma da plebe, como chefe prestigioso.

Batera-se como um leão em Alcacer-Kibir. Resgatara-se romanescamente, com a ajuda de um mouro, que fôra escravo de seu pae. Viera disfarçado de clerigo pela Hespanha a Portugal, onde logo começou a seduzir muitos espiritos pela cortezia singular das suas maneiras, e pela liberalidade com que sabia recompensar e attrahir.

Tinha, então, á volta da Africa, quarenta e tantos annos. Em Santarem foi acclamado, com tumultuoso enthusiasmo, pelo improvisado alferes-mór Antonio Baracho, de Villa Franca, que, atando na lamina da espada nua um lenço, em guiza de estandarte, gritou ao populacho delirante: «Real! Real! Real! por D. Antonio, Rei de Portugal!»

Mas correra sangue, o que podia prejudicar a sua causa. Então D. Antonio atalhara: «Rei, não! Defensor! Só defensor!»

E' que lhe passára talvez pela mente que assim tambem começara o Mestre d'Aviz, seu modelo. Depois, montado n'um cavallo, entre as acclamações da plebe, marchou para Lisboa, onde tomou conta do Governo.

Era *formoso* e *lustroso,* segundo assevera uma testemunha, que o viu entrar na Capital, montado n'um cavallo branco, com um grande chapeu de tafetá, e um pelote de chamalote, com o seu ferragoulo ou gibão da mesma fazenda, e as calças *imperiaes* golpeadas com muitos feitios.

«N'essa occasião, accrescenta a mesma testemunha, foi do povo muito bem recebido, como havia desejado, e das mulheres formosas muito mais, que, não só com os olhos folgavam de o vêr por particular affeição, mas com as mãos o festejavam com aguas rosadas, borrifando-o como noivo que casara com Lisboa, quasi desesperada de o ter.»

De feito, a população de Lisboa amava o atrevido pre-

tendente, em quem sentia uma barreira contra a onda que alastrava de Castella. Recebeu-o com delirio, quando elle se dirigiu á Sé, acompanhou-o com acclamações até ao Paço, e com mais enthusiasmo ainda quando foi á casa da Camara, de cuja janella Manoel Nobrega, tomando a sério o papel de chanceller, pronunciou um discurso solemne, que consagrou aquella realeza.

D. Antonio ficou assim o 18.º Rei de Portugal.

A Setubal, onde os animos andavam tambem exaltados em pról do audacioso pretensor, foi enviado D. Francisco de Portugal, Conde do Vimioso, o novo condestavel de D. Antonio, para obrigar os governadores do Reino, (que n'esse lance tentavam fugir apavorados), a reconhecel-o como Rei.

Impedidos de fugir, resolveram prender o Vimioso. Mas os arcabuzeiros que o deviam encarcerar, e o povo, alvoroçado, abraçando a causa do monarcha ungido em Santarem, victoriaram o seu enviado, em vez de o meterem em ferros.

*

* *

E' conhecida a odysséa d'este pretendente, a quem os adversarios negavam os direitos, por ser illegitimo. E' sabida a historia do chimerico reinado d'este monarcha, sob cujos pés se desfez o throno. Mas o que ninguem lhe pode negar é a tenacidade notavel, a força de ambição indomita, a actividade infatigavel com que luctou, combateu, deu o seu sangue, arriscou a sua vida, sacrificou tudo, no intento de consolidar em si o poder e o mando.

Sabe-se como se revoltou contra a auctoridade do tio, que quizera illaqueal-o nos apertados nastros das ordens sacras, e como d'essa tutela se libertou. Sabe-se como, depois, levou vida aventurosa em Hespanha, onde despen-

deu largas sommas; em Tanger, onde se apossou da filha de um rei mouro; em Abrantes, Alemquer, Sernache, e Covilhã, ou na quinta de *Escarrigo*, onde conheceu algumas das mães dos seus numerosos filhos, amantes esquecidas, das quaes, á data do testamento, já nem recordava o nome!

Pouco escrupuloso nas suas ligações, e ainda menos nos casos de sentimento, o seu viver accidentado inspira ao discreto e respeitoso Antonio Caetano de Sousa a reflexão de que era «ornado de excellentes partes, que padeceram um terrivel eclipse na amorosa paixão de tratos illicitos, que desordenadamente seguiu».

Camillo Castello Branco, porém, cuja penna vernacula mergulha tanta vez em tinta composta de ironia e fel, affirma com irreverencia «que D. Antonio era muito caroavel de praticar com meretrizes, sem vergonha do seu habito de grão-prior».

Accrescenta tambem que Fr. Bernardo da Cruz, na sua chronica, diz que a roda predilecta do filho do Infante D. Luiz era a canalha. Diogo de Paiva, nas suas *Lembranças* (ineditas), conta tambem «que elle parava a conversar com femeas prostibularias de dia, na rua Nova, e nas praças publicas de Lisboa».

Com aquelle sarcasmo retintamente *camilliano*, commenta Camillo:

«Seria talvez para as moralizar. O Aretino coevo do Prior tambem as conversava nas praças e hospedava nos seus banquetes orgiasticos para as orientar na emenda da vida».

O que é certo é que o Prior do Crato encarnava em si muitos dos defeitos e tantas das qualidades de todos os aventureiros que, quando afortunados, a Historia acclama, mas que, se desprotegidos da sorte, só encontram vituperios de contemporaneos e de posteros. A este, uma das

forças com que a natureza o dotou, foi a firmeza de vontade, que o levou a arcar com todas as difficuldades oppostas á sua ambição. Uma d'ellas foi a da sua illegitimidade.

O pae, o Infante D. Luiz, o mais notavel de todos os filhos d'El-Rei D. Manoel, e a quem, para ser Rei, nada faltou senão a corôa; que, vivendo ainda o filho de D. João III, era chamado a *sacra ancora da nação, delicias de Portugal;* que no Conselho era o subdito mais leal do Rei; nos saraus, poeta elegante; nos torneios, garboso cavalleiro; e nas sciencias, discipulo dilecto de Pedro Nunes, de Lourenço de Caceres, e de Jeronymo Osorio; que foi auctor de trabalhos mathematicos e de autos theatraes; que foi o heroe do glorioso dia de Tunis, empreza para a qual partiu com um sequito numeroso, no qual se alistou o pequeno pagem de dez para onze annos, em que ninguem fez reparo, e que se chamava Luiz de Camões; esse Infante D. Luiz, ainda novo, apaixonara-se em Evora pela filha de Pero de Goes, a perturbadora Violante, flôr de graça, que alguns suppõem Judia e a quem chamaram a *Pelicana*. D'este idyllio nasceu o fogoso D. Antonio.

Pretendeu elle provar, e as testemunhas dramatizaram esse episodio romantico, que seu pae casara com Violante Gomes, pois que esta não lhe cedera senão quando o Infante, cego de amor, depois de a ter visto n'uma festividade, em que ella brilhava com todo o esplendor da sua formosura, lhe inutilizara os escrupulos, alliando-se por um casamento secreto.

Além das testemunhas, allegava D. Antonio a publica estima que o Infante lhe demonstrava, recusando casamentos com Princezas; e o modo como ella andava na Côrte, e a tratavam grandes senhores; fazendo notar o que acontecera indo ella ao Convento de Odivellas, n'um dia em que alli se achava D. Joanna d'Eça, camareira-

mór da Rainha D. Catharina, a qual, logo que ella entrou na egreja, lhe chegara uma almofada para sentar-se, o que não faria a não ser casada com o Infante.

Este processo, no qual figura uma sentença de Fr. Manoel de Mello, dada em virtude de jurisdicção conferida pelo capitulo da Ordem de S. João, a que D. Antonio pertencia, é fertil em peripecias. Alguns chegaram a affirmar que houvera casamento, sim, mas simulado, tendo o Infante D. Luiz representado um papel pouco digno, e que não estava em harmonia com a sua indole cavalleirosa.

Nada ficou provado. Mas isso não impediu que reconhecessem os fundamentos á pretenção de D. Antonio, os Reis de França, a Rainha de Inglaterra, o Duque de Brunswick e o Imperador de Marrocos.

Firme no seu intento, o Prior do Crato acclamado em Santarem, acclamado em Lisboa, acclamado em Setubal, nas barbas dos Governadores attonitos, e dos proprios Embaixadores de Castella, dispunha-se a resistir ás investidas de Filippe II, e consolidar na cabeça a corôa ainda vacillante.

Era necessario completar os attributos da realeza.

Havidos a corôa e o sceptro, urgia inventar uma Rainha.

No elenco do seu pessoal de reinante, em que já contava com o chanceller, e com o condestavel, faltava essa figura decorativa, essencial, para continuar a dynastia.

Onde buscal-a!

Varios projectos foram esboçados na sua fertil phantasia imaginosa.

*
* *

O primeiro, e de maior alcance politico, seria o enlace com a filha dos Duques de Bragança.

Tratou, portanto, de enviar como embaixadores á sua prima a Duqueza de Bragança, Fr. Manoel de Mello e Antonio de Sousa, de Lamego, a pedirem a mão de sua filha.

Concederia (mandava elle dizer com generosidade realenga) ao Duque o titulo de Infante, e a reversão da corôa aos filhos d'este, se elle não houvesse descendencia.

Este casamento, se se tivesse realisado, juntaria dois pretendentes. Teria talvez desviado a trajectoria do Destino, e teria attenuado o *virus* de corrupção, que as mãos funestas de Christovão de Moura inoculavam em todas as camadas sociaes, avariando o organismo da Nação.

Os enviados de D. Antonio encontraram em Villa Viçosa um acolhimento gelido, e trouxeram uma resposta cortez, mas negativa.

Esta noiva desejada era a *Senhora D. Maria,* filha primogenita dos Duques de Bragança, D. João e D. Catharina, que nascera em Villa Viçosa, em 1565.

Desde pequenina fôra promettida ao Duque de Parma, Raynucio I, seu primo co-irmão, tambem criança.

Mas o velho Cardeal-Rei lembrara-se de eleger a pobre menina para esposa, passando ella assim da espectativa de um marido tamanino, para a ameaça de um noivo valetudinario e decrepito.

Houvera entretanto, a intenção de a casarem com Filippe II, de Hespanha, e depois com o filho d'este, o Principe D. Diogo, que morreu moço. Finalmente, o enredador Filippe, fazendo luzir a idéa de a casar com seu filho Filippe, o que a tornaria Rainha do maior Estado da Europa, teve assim suspensa nos seus dedos perfidos a sorte da infeliz criança.

No meio de todos estes projectos não podiam ser recebidos com alvoroço alegre os Embaixadores do Prior do Crato, o filho da *Pelicana*, o rival que a arraia miuda amimava.

Entretanto, a malaventurada ia-se estiolando na tristeza de Villa Viçosa, em cujo castello velho foi morrer.

Voltou-se, então, o Prior do Crato para a filha do Duque de Aveiro, D. Juliana de Lencastre.

Era esta interessante criatura, aquella que a tradição diz ter dominado por um momento o coração esquivo d'El-Rei D. Sebastião, movimento sentimental d'essa alma arisca, que tantos receios causou á avó do Monarcha, a Rainha D. Catharina.

Caçadas na serra de Cintra, bailes de mascaras na casa dos Aveiros, em Carnide, encontros furtivos com o ephebo coroado, todos os episodios galantes d'esse ephemero se não imaginario romance, deixaram vestigios amorosos no coração de D. Juliana, que, depois do desastre de Alcacer-Kibir, ficou dez annos ainda por casar . . . esperando talvez o *Desejado*.

D. Juliana descendia, por seu pae, d'El Rei D. João II; por sua mãe, dos Ossunas, e era a mais rica herdeira de Portugal e de toda a Hespanha.

Ambicionava por isso a sua mão o Duque d'Alba e desejava-a para o filho o Duque de Ossuna, irmão de sua mãe, D. Magdalena Giron.

Pretendia a tambem D. Alvaro de Lencastre, primo do seu pae, que se arrogava direitos, não só á herança do ducado de Aveiro, mas tambem á mão da sobrinha.

Já não era moço. Além d'isso, a sua educação fradesca tornava-o pouco seductor; e a prosaica apresentação da sua candidatura, toda fundada em consultas de lettrados, não lhe dava prestigio perante a romantica idealista.

Tudo explica e legitíma a repugnancia de D. Juliana, cuja imaginação andava ainda povoada pelas imagens dos que heroicamente tinham morrido em Alcacer-Kibir : o seu Rei, o seu pae, e ainda o primo d'este, D. Jorge, que lhe destinavam para marido.

Afinal, ao cabo de dez annos, seu tio venceu. Conveniencias de familia, e a mão de ferro de Filippe II, obrigaram-n'a a ligar se a D. Alvaro, que tudo obteve, excepto o coração da Duquezinha. Entretanto, dizem os biographos que não foram infelizes e que viveram em *reciproca e estimavel* união.

De que elementos mysteriosos é formada a felicidade?

A de D. Juliana, se a teve, foi amassada com pedaços de illusões perdidas!

A este tempo, já desde muito o Prior do Crato desistira do seu pedido, pois, além de todos os motivos de recusa por parte da sentimental rapariga, havia porventura a recordação de ter sido D. Antonio, segundo se dizia, quem fôra denunciar á Rainha D. Catharina, e ao Cardeal-Rei, as assiduidades do moço D. Sebastião no baile em casa dos Duques de Aveiro, incidente que tanto perturbara o incipiente idyllio!

*

* *

O Prior do Crato resolveu então casar-se com outra parenta sua, D. Filippa de Portugal, irmã do Conde do Vimioso, D. Francisco, o seu condestavel.

O Mestre d'Aviz tambem se alliára com a familia do seu, pelo casamento do filho com Beatriz, a filha de Nun'Alvares, de quem os Vimiosos descendiam.

E a noiva, como a do seu modelo, tambem tinha o nome de Filippa, que tão harmoniosamente soava aos ouvidos d'aquelles que sonhavam com Valverde, Atoleiros e Aljubarrota!

Os Vimiosos tinham uma grande situação devida á nobreza da sua origem, ao talento natural com que quasi todos eram dotados, á força de animo que os distinguia.

Já D. Affonso de Portugal, filho primogenito do Mar-

quez de Valença e de D. Brites de Sousa, pretendera succeder na casa de Bragança.

D. João II, porém, que lhe conhecia as ambições, e que por isso o detestava, abafou a ousadia das suas aspirações, que subiam até ao throno, nas dobras das vestes prelaticias e fez d'elle o famoso Bispo d'Evora.

O filho d'este, nascido antes que elle tomasse ordens, foi avô d'aquelle que nos occupa agora, e distinguiu-se como um dos homens mais notaveis do seu tempo. Védor da Fazenda durante dois reinados; faustoso cortezão, caçador notavel, opulento amphitrião, a elegancia do seu viver e a cultura do seu espirito são celebradas nas chronicas e saltam a cada passo da penna de Gil Vicente, de quem foi protector. Poeta e trovador, as rimas, as cantigas e villancetes do Conde de Vimioso esmaltam em grande numero e superior merecimento as paginas do Cancioneiro de Resende. Militar, distinguiu-se em Africa, onde se bateu. E eram tão apreciados os seus dictos e sentenças que lhe valeram o epitheto de *Catão portuguez*.

Sá de Miranda, fallando d'elle, diz:

> Aquelle nobre e valoroso
> Conde, mais junto á casa alta real
> Abastará dizer do Vimioso.

E El-Rei D. Manoel comparava-o á joia mais preciosa da sua corôa.

Foi, a par das intellectualidades eminentes, um dos mais nobres caracteres da fidalguia portugueza do seculo XVI.

Sua mulher, D. Joanna de Vilhena:

> uma de sangue real
> que se criou em Castella.

é aquella que alguns criticos julgam ser *Aonia*, a enigmatica *menina e moça*, tão amada por Bernardim Ribeiro.

Do casal nasceram, entre outros, o Conde D. Affonso e D. Manoel de Portugal. Este, o que foi Embaixador, amigo e Mecenas de Camões, correspondente de Sá de Miranda, introductor do verso solto na lyrica portugueza, soldado do Prior do Crato, e de romantica memoria, pela paixão que dedicou a D. Francísca de Aragão. Aquelle, o 2.º Conde de Vimioso, que foi pae do Condestavel de D. Antonio.

Era D. Affonso ainda novo, pois tinha apenas dezeseis annos, quando foi na gloriosa expedição de Tunis com o Infante D. Luiz.

El-Rei D. João III destinara-o a casar com a filha do Duque de Bragança, D. Jayme.

Andava porém, na Côrte, e fazia parte da casa da Infanta D. Maria, pois era filha da sua camareira-mór, D. Joanna Blasvelt, uma formosa rapariga, chamada Luiza, por quem D. Affonso se deixou apaixonar doidamente.

Eram assim amorosos os Portuguezes. E saltavam por sobre todas as conveniencias para satisfazerem as aspirações do coração.

Apezar da ordem real, e das intimações paternas, não hesitou em se unir áquella que lhe prendera a alma, dando assim grande desgosto a seu pae, que, embora reconhecesse em Luiza sobeja nobreza, pois era filha de Francisco de Gusmão, senhor de Machico e Santa Cruz, na Madeira, preferia vel-o alliado aos Bragangas.

Estes Condes de Vimioso tiveram numerosa prole. Dos treze filhos, o mais velho foi D. Francisco, o ephemero Condestavel do Prior do Crato. E uma das sete filhas foi D. Filippa, que o pretendente resolveu collocar a seu lado no throno, logo que n'elle se achasse seguro.

Fallemos primeiro de D. Francisco, a quem este projecto tanto seduzia.

Achara-se elle com seu pae, com seu tio D. Manoel,

e com mais quatro Vimiosos, no dia fatal de Alcacer-Kibir, e alli esteve sempre, ao lado de D. Sebastião, no ponto mais arriscado, e de maior honra.

Mais morto com a desgraçada morte de El-Rei do que vivo para as esperanças de liberdade, como diz um seu biographo, ficou prisioneiro dos Mouros.

O seu captiveiro foi duro, mas foi providencial.

O viver de alguns fidalgos captivos, longe de ser a folia mundana ou a orgia jovial que certos escriptores malaffectos lhes attribuem, pintando-os como «depravados que traziam do reino o habito de ostentar sedas, lograr perfumes, passear damas, inquietar donas virtuosas e honestas, andando com a barba no ar, soberbos mais que Lucifer, e transportando para a terra d'Africa a opulencia e o fausto, pousando em casas formosas de Judeus, com ricas camas, magnificentes tapeçarias, custosos vestuarios, jogos e banquetes»; longe de ser essa feira de prazer descuidado, era um triste cahir de sonho, como seria natural, em seguimento a tão grande catastrophe.

Os escriptores sérios, ou seja Mendoça, na *Jornada d'Africa*, ou D. Antonio Caetano de Sousa, na *Historia Genealogica*, affirmam que: «todo o tempo que durou o captiveiro, mostrou D. Francisco, na grandeza do seu animo, a piedade christã que professava, porque com valor animava a alguns afflictos fidalgos a soffrer o duro jugo com constancia, e aos demais soccorria com generosa caridade, para que fossem menos penosas as faltas que padeciam».

A sua casa era refugio e abrigo para muitos, e a sua mesa estava franca para todos os que necessitavam.

Gastou muito, sim, porque era bizarro e quasi prodigo, gastou perto de cem mil cruzados da sua fazenda, mas foi em auxiliar a uns, pagar dividas a outros, e remir muitos, que assim lhe deveram a liberdade e a vida. Era mo-

ço, era generoso, e a sua figura não passava despercebida.

Por isso, Lela, a bella Moura, irmã do Xerife, sentiu o coração e os sentidos tão presos pelo guapo Conde portuguez, que até lhe deu a entender, que se faria christã para o haver como esposo. Embora elle, segundo diz Mendoça, tratasse a princeza sarracena a *modo de zombaria,* ella, possuida de amorosa loucura, não duvidou dar um banquete em Domingo de Paschoa a D. Francisco, e a alguns fidalgos seus parentes e amigos.

Muley Hamed, o Xerife, a cujos ouvidos teria porventura chegado o echo das eroticas investidas da irmã, mandou chamar o irresistivel Vimioso. Quando este, julgando caminhar para a morte, se approximou do poderoso irmão de Lela, ficou surprehendido ouvindo que lhe propunha resgatal-o por vinte mil cruzados. O ardiloso barbaro arrecadou a somma e viu-se livre do seductor da irmã.

Lela não se manifestou rancorosa, e viu partir sem protesto o seu ingrato D. Francisco.

Pretendem alguns historiadores que o pae d'este ficara captivo e ignorado em Marrocos; que ainda lhe sobreviveu; e que, por isso, D. Francisco não herdou o titulo de Vimioso.

São especiosas as razões dos que tal affirmam. Mas, na verdade, não é crivel que D. Francisco ignorasse que o pae vivia, que desconhecesse o seu paradeiro, e que, sabendo-o, não o resgatasse, elle, que se havia empenhado para remir extranhos.

Voltou a Portugal, ao triste Portugal de então, onde a incompetencia dos que governavam e o desvairamento dos governados preparavam ao Reino um captiveiro bem mais duro que aquelle de que D. Francisco se resgatara!

O ambiente não favorecia o desabrochar da *vis poetica*, tão da natureza de sua familia. Entretanto versejou

com felicidade, e os biographos apontam algumas obras suas; entre outras, um soneto em cinco linguas, hespanhola, latina, franceza, italiana e portugueza, que lhe deu grande fama em Pariz, quando lá esteve.

O seu genio irrequieto, o seu amor á Patria livre, as relações de amisade e parentesco com o Prior do Crato, levaram-n'o a abraçar com enthusiasmo a causa d'este pretensor. Seguiram o mesmo partido todos os membros da sua familia, o que os tornou odiados pelo Cardeal, e perseguidos pelo terrivel Filippe II.

Com o Prior esteve elle na acclamação de Santarem; com elle na entrada em Lisboa; com elle na batalha de Alcantara, a 5 de Agosto de 1580.

N'aquella madrugada clara do verão de Portugal, emquanto o exercito hespanhol do Duque d'Alba se espalhava em boa ordem pelo terreno accidentado que vae desde a Junqueira a Santo Amaro até á margem do regato, a que a ponte de Alcantara dava o nome, as hostes bisonhas do Prior do Crato, compostas de povo ignorante da arte da guerra, de frades sahidos dos conventos, de presos soltos das cadeias, de escravos negros e mulatos, e de alguns nobres que commandavam aquelle bando indisciplinado, tomavam posições na margem esquerda, e occupavam a casa unica d'aquelle sitio ermo, rasgando setteiras e fazendo d'ella um reducto. O Prior do Crato e o seu Condestavel corriam de um ponto a outro, levantando o animo dos improvisados terços.

Na cidade, o infatigavel Bispo da Guarda mandava tocar os sinos a rebate, e um bando percorria as ruas com tambores e trombetas, para despertar os moradores, e arrancar das camas os remissos em virem bater-se.

Armavam-se forcas para n'ellas se pendurarem os que se esquivavam ao combate.

Quando os arcabuzeiros e mosqueteiros hespanhoes

se encontraram na ponte com os soldados do Prior, eram exhortados com os discursos do valente carmelita descalço Estevão Pinheiro, n'esse momento unico d'aquella rapida batalha, em que a sorte das armas pareceu favorecer os Portuguezes, lá estava o Conde de Vimioso com o montante nas mãos, pelejando, e persuadindo os seus com tanto valor, que durante algum tempo impediram a passagem dos Castelhanos.

E quando a batalha já estava perdida e o Prior teve que retirar, acompanhou-o o Conde de Vimioso, ferido na cabeça, mas não abatido de animo, até áquella pousada da rua dos Poyaes de S. Bento, onde o pretendente derrotado passou a ultima noite antes de sahir de Lisboa.

Logo em seguida, por ordem do Prior, o Vimioso partiu para França, n'uma missão diplomatica, tendo que atravessar a Hespanha, que lhe era hostil, e por onde, disfarçado com trajo italiano, e com o nome de Trivulcio, passou inclemencias e rigores, estando prestes a ser preso.

* * *

A esse tempo já toda a sua familia era perseguida, por ordem de Filippe II.

O noivado da irmã tivera um inicio infeliz, e o coração, que por um momento latejou com a aspiração a umas nupcias reaes, confrangia-se agora com o desastre do noivo, com a perseguição de que eram victimas todos os seus, e com o ver sua mãe ameaçada da vindicta violenta do Rei invasor.

D. Filippa era a nona filha do Conde de Vimioso, D. Affonso, e de D. Luiza de Gusmão, em que já fallámos.

E' Frei Lucas de Santa Catharina, na continuação da Historia de S. Domingos, começada por Frei Luiz de Sousa, quem nos diz que «era publico (em virtude de pacto

feito entre elle, D. Francisco e D. Antonio), que, chegando este a ver-se com posse pacifica do Reino, daria a mão de esposo a D. Filippa, que, ajuntando as qualidades de sangue, ás de uma formosura rara, antes lhe vinha a parecer a corôa tributo que ventura».

Sobre ser formosa e, então, muito na flôr dos annos, era doutissima em escripturas e latinidade, e o seu encanto e dotes naturaes faziam-n'a buscada e pretendida da mais qualificada nobreza.

Quando foi da tempestade politica qua lhe levou o noivo, e o irmão para fóra do Reino, logo sua mãe com todas as filhas se retirara para Aldeia Gavinha, no termo de Alemquer, a poucas leguas de Lisboa.

Filippe II, a quem não soffria o animo deixar em liberdade a noiva do pretendente, resolveu encarceral-a com toda a familia.

Mandou para isso um official de guerra, chamado Jeronymo de Mendonça, acompanhado de cincoenta arcabuzeiros e trez carroças, a Aldeia Gavinha, prender as pobres senhoras.

Na primeira carroça entrou a Condessa, sete filhas e trez filhos. Na segunda foram entrouxadas dezeseis creadas. E na terceira iam os alcaides, que estavam encarregados de prender em Alemquer outras senhoras.

Lá se encaminhou o triste cortejo por Arronches, Ciudad Real e Almagro até o Castello de S. Torquato, em Hespanha. Pode calcular-se o que foi essa amargurada jornada, com descommodos physicos inevitaveis n'aquelle tempo, e, sobretudo, para as que eram tratadas como criminosas. Pode imaginar-se a angustia d'aquelles corações.

A' carroça onde a Condessa D. Luiza era conduzida com dez dos seus filhos, chama Frei Lucas de Santa Catharina — um *carro da mancha*.

Recorremos, para saber o que seria esta especie de

conducção, aos excellentes *Indices* (ainda ineditos), compilados com tanto amor das boas cousas portuguezas pelo erudito Visconde de Castilho II, que amavelmente nos facultou a sua consulta. Informa elle, n'esse precioso repositorio:

«Confesso que não sei ao certo o que vinha a ser, mas imagino seria um vehiculo para viagem longinqua, um d'esses carros alemtejanos, ainda vivos, antiquissimo *carrus arcuatus* que é romano e carthaginez. e continua a ser luzitano da gemma. Que o diga o diccionario de Rich. Para jornadas longas prestavam se estas carroças cobertas, onde se podia dormir estirado, e se transportavam alfaias e gente com bastante commodo, recovagens e mercadorias, quando as estradas eram más, e não havia caminhos de ferro nem diligencias organizadas.

O seu vagaroso, mas seguro andamento, ao som monotono e soporifero da guizalhada das mullas, tinha o que quer que fosse de agradavel ao longo das charnecas enormes...

Mas «Carro da Mancha? da Mancha, porquê? Occorre ao espirito a Mancha, de Cervantes, com as suas carrinholas populares e os seus coches senhoris, que tudo tão bem conhecemos pelo D. Quixote.

Tomariam esses carros o nome da provincia castelhana, e conserval-o-hiam em Portugal».

Foi, pois, uma d'essas carretas que, n'um dia triste de outomno, despejou a sua preciosa carga á porta do Castello de S. Torquato, em Castella. N'esse castello passaram a alquebrada Condessa e as suas filhas combalidas, trez annos de desterro, durante os quaes soffreram duras privações.

A mais formosa das prisioneiras era a noiva do Prior do Crato, que, embora com o espirito já voltado para Deus, conservava ainda no coração o doce sentimento de

uma intima ternura pelo infeliz ausente, e uma ligeira ambição de cingir a corôa real.

Se a fortuna o não protegesse, então, via já entreabrirem-se as portas do convento, onde, n'esse tempo, tantos membros da nobreza, e muitos da sua familia, ou iam espontaneamente buscar refugio para as almas atormentadas, ou eram sepultados por poderosas razões de Estado.

Suas irmãs todas vieram a tomar habito, por ordem de Filippe II. E de seus irmãos, alem de D. João, a quem chamavam o Bispo Santo, tambem D. Luiz, Conde de Vimioso, professou depois de muitos annos de casado, dissolvendo o matrimonio, de accordo com sua mulher, que tambem foi freira.

Esse *santo divorcio,* como lhe chama o chronista de S. Domingos, é um dos episodios curiosos para o estudo da psychologia d'esse tempo.

E não é menos curioso ler as paginas d'aquella chronica, onde é narrado o drama de familia; a resolução dos conjuges, os embaraços sociaes, e a vibrante despedida da Condessa, abraçada a uma cruz, dizendo aos filhos: «Bem sei que o mundo chamará a esta resolução despego... sei que vós outros sois pedaços d'alma... Deixar-vos por buscar a Deus, é pôr-vos na mão de Deus, e melhorar-vos de pae não é privar-vos de mãe».

Esta resolução foi, depois, imitada pelo brilhante cavalleiro, que no seculo se chamava Manoel de Sousa Coutinho, e que, com sua mulher, D. Magdalena de Vilhena, tomou egual deliberação, indo cada um enclausurar-se n'aquelles mesmos conventos do Sacramento e de Bemfica.

Ella fôra casada com D. João de Portugal, um Vimioso. A voz publica dera-o por morto em Alcacer-Kibir, deixando-a viuva e tão formosa que captivou o nobre Manoel, com quem casou. Tiveram uma filha. Depois... Depois... Quem não conhece o *Frei Luiz de Sousa?*

Mas quem, porventura, pode conhecer ao certo os motivos intimos que levaram os dois conjuges ao convento?

A morte da filha? O apparecimento do mysterioso peregrino, chegado d'Africa? A suggestão nascida no exemplo dos Vimiosos, seus parentes, que antes tinham ido em busca do *ocio santo?*

Nas paginas da Historia de S. Domingos, o continuador de Frei Luiz de Sousa não esclarece esse segredo d'almas...

*

* *

Mas iamos nós dizendo que D. Filippa de Portugal, a graciosa irmã do Condestavel, expiava, no Castello de S. Torquato, a culpa de ser a promettida esposa do Prior do Crato.

Chegavam-lhe lá, decerto, apezar dos rigores da prisão, as noticias mofinas da desfortuna do Rei sem corôa, seu promettido. E com o coração alvoroçado acompanhava-o em imaginação a Santo Antonio do Tojal, onde fôra curar-se das feridas recebidas em Alcantara; depois, seguia-o na sua marcha para o norte, com o ataque a Aveiro, e a sublevação ephemera do Minho.

Ouvira talvez tambem que pela sua cabeça o inflexivel Filippe II promettera oitenta mil ducados, e enternecera-se sabendo que, refugiado em choupanas de humildes lavradores, e em mosteiros pobres, D. Antonio encontrara generosa hospitalidade, sem que ninguem o denunciasse, até que poude partir para Pariz, esperançado no apoio de Henrique III e de Izabel de Inglaterra.

Saberia tambem que seu irmão, o Conde de Vimioso, já em França, sempre faustoso e bizarro, recebera o seu Rei, organizando, com a propria fazenda, uma guarda real

de cem alabardeiros fardados á tudesca para escoltarem D. Antonio.

A encarcerada noiva teria tambem noticia de que cincoenta e oito navios, commandados por Filippe Strozzi, tinham partido de França, em apoio da causa do pretendente demandando a Ilha Terceira, fiel a D. Antonio.

Depois soube tambem da fatal batalha naval, e que seu irmão, D. Francisco, o Condestavel, batendo-se valentemente na nau-almirante do Senhor de Brissac, recebera trez balas de mosquete, que o deixaram mal ferido e que, feito prisioneiro, morrera trez dias depois, sendo o seu corpo salgado, envolto n'um ceirão e atirado ao mar...

O desastrado fim do Condestavel deu a liberdade ás prisioneiras do Castello de S. Torquato.

A Condessa D. Luiza e suas filhas vieram logo para o Reino. E a pobre senhora, chegando, exhausta e alquebrada, a Santo Antonio do Tojal, deixou-se morrer...

Não tardou uma ordem do severo Filippe de Hespanha, mandando recolher em diversos conventos as sete filhas da Condessa de Vimioso.

Filippa, a noiva, com uma irmã, D. Estephania, foram para o Convento de Santa Catharina de Sena, em Evora.

Fez votos simples, mas não professou logo. Talvez ainda a embalasse a esperança de ouvir um dia, atravez das grades da sua cela, o echo de uma nova acclamação do noivo!

Effectivamente, ainda depois da derrota da Terceira, D. Antonio veiu com uma Armada da Rainha Izabel tentar a conquista de Portugal. Desembarcara em Peniche. Chegara aos muros de Lisboa... mas regressara desilludido a França.

Quando, em 1595, o tenaz e corajoso pretendente morre em Pariz, na miseria, deixando um testamento, que é um

curioso documento de ingenua desillusão e de inconsciencia, já a esse tempo a pobre noviça de Evora passara para a Madre de Deus de Lisboa. Adivinha-se-lhe o espirito nas palavras do chronista de S. Domingos: «Era meiga, humana, tratavel e, sobretudo, compassiva. Na oração, era continua, e no dom de lagrimas que tinha n'ella, se mostravam as suavidades com que Deus enriquecia sua alma».

Rezava e chorava, a infeliz rapariga, a quem tantas vezes haviam dito que subiria os degraus do throno.

A' falta de corôa de rainha, quando depois passou para o Convento do Sacramento, fundado por sua cunhada, foi eleita pela communidade sua prioreza.

As circumstancias e pormenores da vida conventual de Soror Filippa de Jesus Maria (seu nome claustral) são contados com singeleza e graça por Frei Lucas de Santa Catharina, que anima a sua pintura com toques de côr local.

Remettemos a essa chronica o leitor curioso de saber os incidentes da existencia monacal da interessante prioreza, que, se foi austera, e, sobretudo, austera comsigo propria, nunca a sua alma perdeu aquelle perfume de poesia que, na hora extrema, a fazia sonhar com *anjos* e musicas celestiaes, inclinando a cabeça para parte indeterminada da cella...

A sua voz, que foi suave e doce, como a de Myriam, irmã de Moysés, que ao som do tamboril dirigia o côro das mulheres biblicas, e como a de Deborah, virgem guerreira, a quem chamaram a abelha de Ephraim, estava tanto no ouvido da communidade, que no momento da sua morte as ingenuas madres do Sacramento julgavam ouvil-a no côro, de que o seu cantar era a alma.

Sobreviveu ao noivo terrestre perto de vinte annos. Mas já desde muito voara da sua imaginação a esperança de ser Rainha de Portugal.

* * *

Essa prioreza do Sacramento, noiva de um chimerico Rei indigente e morto no exilio, que fôra bella na mocidade; a quem, pela nobreza do nascimento, e pela eleição do promettido esposo, estivera destinada uma radiante glorificação; e que, depois, desvanecidas as illusões, aprisionada n'um castello, pela vontade do tyranno, enclausurada n'um convento, agonizava em delirio, tinha não sei que symbolica analogia com o destino da patria portugueza, agrilhoada, subjugada, captiva, nos ferros d'esse mesmo Filippe II.

A freirinha, entretanto, foi mais feliz. Morreu julgando ouvir vozes celestiaes, e poetizada na saudade das companheiras, que dias depois ainda suppunham entrever no côro a sua sombra ligeira, amavel phantasma, que perpassava suavemente entre ellas.

E o misero Portugal, esse, atacado de demencia, que nas nações doentes precede a paralysia geral, corrompidas todas as classes, desvairadas as almas, e entregue cada qual aos odios, ás recriminações e ás denuncias, entrava no affrontoso captiveiro atacado pela loucura a que se refere a sentença de Euripides:

«*Quos vult Jupiter perdere dementat prius*».

Matronas de 1640

SUMMARIO

A Duqueza de Mantua — Vice-Rainha de Portugal — Oppressões — O clero. — As prophecias — O Encoberto. — O Duque de Bragança — Villa Viçosa — D. Luiza de Gusmão — Conjuras. — A casa dos Almadas — D. Filippa de Vilhena e D. Marianna de Lancastre armam seus filhos cavalleiros. — O Drama de Garrett — A restauração — Expulsão da Duqueza de Mantua — As mulheres portuguezas.

Era filha do Duque de Saboya Carlos Manoel, e de D. Catharina, Infanta de Hespanha, a Princeza Margarida, que em 1635 veio governar Portugal na qualidade de Vice-Rainha, ou antes como *Viso-Rey*, que era assim que se dizia n'aquelle tempo.

Foi fertil de solavancos a sua existencia.

Casara ainda nova com Francisco de Gonzaga, Duque de Mantua, e tivera d'elle uma filha.

Enviuvando, devia esta filha succeder-lhe como herdeira do ducado. Mas Carlos de Gonzaga, primo do defuncto Duque, (estes Gonzagas eram ricos de ambições e pobres de escrupulos), reclamou para si a successão, allegando que a varonia ficava extincta na sobrinha. E, julgando evitar difficuldades, casou com ella.

Mas se a França protegia a pretensão d'este Gonzaga Duque de Nevers, pelo contrario a Saboya, e Castella,

d'onde a Princeza Margarida procedia, oppunham-se ás ambições francezas.

Por seu lado o Imperio da Allemanha recusava dar a este Duque a investidura, e intentou occupar, como feudo imperial, os seus Estados. D'esta lucta de pretensões originou-se a guerra feroz, que ensopou de sangue os campos da Lombardia. Durante esta conflagração a Duqueza Margarida, desterrada pelo genro e pela filha, foi para Pavia, onde Filippe IV de Hespanha, e III de Portugal, a entreteve n'um governo facil e tranquillo.

Ora, por este tempo andavam na côrte de Hespanha dois irmãos, de levantada prosapia, e descendentes de uma nobre senhora portugueza. Eram elles o Duque de Villa Hermosa, e seu irmão D. Francisco de Borja, Principe de Esquilache.

Corria-lhes nas veias o sangue da formosa Francisca de Aragão, que casara com D. João de Borja, filho do Santo Duque, quando ella era dama da Rainha D. Catharina, e elle Embaixador de Hespanha em Lisboa.

D'esta origem lusa, tirou o Conde Duque de Olivares omnipotente Ministro de Filippe IV, motivo para o projecto de enviar D. Francisco a governar Portugal. Mas não contava com a inveja e o ciume do primogenito, o Duque de Villa Hermosa, a quem não soffria o animo ver o seu irmão mais novo n'um posto da importancia que tinha o vice-reinado de Portugal.

Dissimuladamente oppôz-se á candidatura do irmão, e com astucia e velhacaria insinuou a Olivares que mais convinha nomear para este alto cargo a Duqueza de Mantua, que era prima co-irmã do Rei de Hespanha.

Foi assim que a Princeza Margarida, que pelo rancor do genro e passividade da filha tinha sido desterrada, e que vegetava socegadamente no governo de Pavia, agora era atirada, em resultado dos ciumes entre os Villa Her-

mosa, para o *quasi throno* de Portugal, em volta do qual já rugiam as ondas agitadas das revoltas; já se urdiam surdas conspirações; sob o qual já se minavam galerias de intriga e rebentavam reinvindicações de patriotismo suffocado.

Veiu ella, nova ainda, mas já molestada pelo infortunio, occupar nos Paços da Ribeira o logar dos Reis naturaes d'este Reino.

A dominação hespanhola a que Filippe II quizera dar no inicio, logo depois da conquista, a apparencia de uma annexação sem opprobrio, simulando acatar as regalias, fóros, e privilegios, dando a Portugal a illusão de um governo quasi autonomo com duas corôas n'uma só cabeça, em breve se transformará, ainda nas mãos do astuto Rei, n'uma escravidão apenas mascarada.

Com o terceiro Filippe, esperou ainda a nação ver respeitada a independencia, que nas côrtes de Thomar lhe haviam promettido. Foi por isso aquelle monarcha recebido com carinhoso acolhimento em Portugal. Quando se encaminhava do Barreiro a Lisboa n'um cortejo fluvial, cujo esplendor o deslumbrou a elle proprio, um Neptuno em carro marinho puxado por tritões festivos veiu ao seu encontro, sulcando as agoas mansas do Tejo, saudal-o apparatosamente, como verdadeiro interprete da voz de todo o povo. Os poetas consagrados — Quevedo, auctor do «*Affonso o Africano*» e — Rodrigues Lobo o cantor do «*Condestabre*, thuribularam em verso o Rei hespanhol. E as folias e chacotas das regateiras, das colarejas, e das padeiras iam, em danças, bailar com alacridade em frente dos Jeronymos, onde Filippe se alojára, assegurando-lhe em nome da arraia meúda o seu amor filial.

Portugal envenenado delirava morbidamente. Mas em breve se desfizeram os fumos da intoxicação, e o pallido e ruivo Filippe, mostrando-se-lhe tal qual era, sahia en-

fastiado e sem deixar saudades, indo pouco depois morrer asphyxiado por um brazeiro, que a etiqueta não permittiu que lhe arredassem a tempo.

Desde então o corpo da nação moribunda foi sujeito a copiosas sangrias, e não se lhe pouparam humilhações.

A um Filippe, devoto e retrahido, seguiu-se outro Filippe indolente, femeeiro, e artista. Ou para melhor dizer, ao Duque de Lerma, succedeu Olivares, o famoso valido de Filippe IV, e o melhor instrumento que o destino podia ter escolhido para fazer levantar o *Lazaro* portuguez.

Dava a Portugal uma Vice Rainha, atropellando as promessas feitas em Thomar; e junto a ella, como secretario, (euphemismo que encobria o cargo de ministro dos seus designios), punha Miguel de Vasconcellos, cuja entranhada sanha contra este paiz (originada na morte de seu pae, que elle attribuia a perseguições da nobreza), o tornava odioso a todos os portuguezes. Inspirado por outro renegado, aquelle Diogo Soares, que nos Conselhos de Madrid distilava fel contra a sua patria, o Conde Duque de Olivares ia, por intermedio do Vasconcellos, ferindo todos os pontos delicados do miseravel e combalido corpo lusitano. Amesquinhava o orgulho da nação, bulia-lhe nas crenças, atacava o clero, crivava de impostos o contribuinte, cobria o paiz de exacções.

O povo, sentindo-se esmagado com tributos de fazenda e de sangue, (porque a Hespanha exigia levas de soldados para combaterem em França) rumorejava ao principio; rugiu depois. Por isso não era raro que os pescadores da barra encontrassem nas redes que iam levantar nas immediações da Torre de S. Julião, de mistura com os robalos, os pargos e as pescadas do alto, alguns cadaveres de resmungões contra o governo hespanhol, que os agentes de Miguel de Vasconcellos despenhavam de cima dos muros da fortaleza.

A outros, se lhes dava a mania de murmurarem, ministrava-se-lhe aquella droga de que falla Faria e Sousa, na sua *Europa portugueza,* quando explica as razões por que não escreve minuciosamente a historia dos Filippes.

«Para estas vidas Felipinas, diz o imaginoso polygrapho, voy juntando lo que puedo, y por no unirlo al cuerpo de la Historia dexolo assi en paralelos divididos porque unidos a ellas no me venga algun daño, pues es cierto que verdades siempre amargaran, y mucho mas á los Principes, como esta para la vida de Felippe III de Portugal y IV de Castilla, que sustenta con gran dispendio una botica de differentes venenos en la calle de San Bernardo en unas casas que quedan pegadas al Sãto Christo del Perdon en que vive Don Marcelino de Faria y Gusman, Alcayde de Casa y Côrte de Madrid, que se dava por pariente mio, y que es el boticario desta botica por orden del Conde Duque; y que despues de el salir de las casas, fuy yo a vivir en ellas adonde hallé diferentes suertes de alambiques por donde se distilava este chocolate preparatorio para la muerte, porque en algun sugeto hablando verdades (o por otras cosas) luego le davam en el pecho (o por otras partes conforme la calidad del veneno) con una xicara deste chocolate, y anocheciendo con vida amanecia sin ella.»

Eram estes os remedios, e outros egualmente innocentes, que o valído e o Vasconcellos usavam nos seus processos governativos.

Determinando irritar por todas as fórmas Portugal, para que de uma revolta tirasse pretexto para definitivamente o esmagar e reduzir a uma provincia, annullando o dualismo, não contava Olivares com dois elementos poderosos que iam contrariar os seus planos: no exterior a engenhosa politica de Richelieu fomentando as revoltas da Catalunha e animando as de Portugal, cá dentro as ener-

gias latentes que o enfermo do Occidente encontrou em si para sacudir as golilhas e mordaças castelhanas.

Se o duello entre o complicado cardeal francez e o enfatuado ministro hespanhol favoreceu poderosamente a revolução de que surgiu o Portugal restaurado (pois sempre as influencias externas exercem uma acção indirecta, mas efficaz nos acontecimentos nacionaes), não é menos certo que os rigores ineptamente usados pelo Governo despertaram as forças do animal que Castella julgava enfraquecido e domesticado.

Os tumultos de Evora e o pittoresco mas sangrento episodio do *Manuelinho*, alvoroçaram o Governo da Vice Rainha.

Então o povo mexia-se? Castigar-se-hia!

Quem o agitava? A nobreza?

Chamar-se-hia a Madrid! Mandar-se-hia à Catalunha!

Seria o clero? Já no reinado anterior o Padre Alvares, do alto do pulpito gritara com eloquencia — *Surge et ambula*, tomando significativamente para thema do sermão o evangelho do paralytico. Pois se o clero recalcitra, firam-se os bispos, firam-se os padres nos seus interesses, nas suas dignidades, nas immunidades de que são tão zelozos! O caso do recebedor da collecta Alexandre Castracani é typico. Tinha-se desavindo com os ministros castelhanos, e ordenaram estes ás justiças que lhe cercassem a casa, lhe cortassem as communicações com o exterior, e o privassem de alimento. Assim enclausurado, o padre atirou-se da janella abaixo. Levaram-n-o para o Convento de S. Francisco e, depois de pensadas as feridas e contusões, levaram-n-o preso para Madrid. O Italiano vingou-se lançando um interdicto sobre Portugal, o que representava uma dolorosa oppressão para as consciencias, que ficavam assim privadas da consolação dos sacramentos, e para o clero um importante cerceamento dos seus proventos. Supremo erro!

Contra o poder castelhano, personificado no Conde Duque de Olivares, e contra a Duqueza de Mantua e Miguel de Vasconcellos uniram fileiras as hostes ecclesiasticas. Desappareceram os odios monasticos. Os dominicanos, e com elles o grande poder da Inquisição, alliaram-se aos Jesuitas, os subtis directores de consciencias. E então no pulpito, no confessionario, nos claustros, foi prègada a guerra santa.

Na imaginação poetica do povo, na sua alma inflammavel e accessivel a todas as suggestões messianicas, foi de novo cultivada com engenhosa phantasia a flôr mysteriosa do sebastianismo. Desabrocharam com singular exuberancia as prophecias annunciadoras do *Encoberto* e as trovas relativas á sua chegada. A figura do Duque de Bragança era apresentada ás almas famintas de *nacionalismo* como precursora do *Desejado,* que sessenta annos antes entrara nas brumas da lenda, envolto heroicamente no manto da desgraça. Varios trechos das Sagradas Escripturas entendiam-se e interpretavam-se como referentes a Portugal. Nas prophecias de Isaias as allusões ás *remotissimas ilhas* envolviam sentidos significativos de acontecimentos proximos. Gonçalo Annes Bandarra, o sapateiro de Trancoso, citara a visão prophetica de Esdras como annunciadora. E n'uma das suas trovas affirmava solemnemente:

«Trinta dous annos, e meyo
Averá sinais na terra,
A escriptura não erra:
Aqui fez o conto cheio»

E os interpretadores aclaravam o texto: *trinta dous* ou *dous trinta* são os sessenta annos ao fim dos quaes acabaria a dominação extrangeira... E assim por diante.

A's vezes os sebastianistas verdadeiros hesitavam sobre se deviam acceitar D. João de Bragança como legi-

timo Rei. Mas explicava-se-lhes que os destinos assim o haviam determinado. Os vaticinios abundavam. No verão de 1637, quando foi dos levantamentos de Evora, andava Portugal buscando Rei para acclamar; e n'este tempo appareceram nas praias de Cezimbra treze ou quatorze seixos pequenos e ovados, que tinham em relevo esta palavra — *O Duque*.

Que mais premptoria indicação podia haver? Os fados assim o apregoavam. Mas além disso Bandarra n'outras trovas dizia:

«Já o tempo desejado
He chegado,
Segundo firmal assenta
Já cessaram os quarenta
Que se ementa
Por um dicto já passado
O Rey novo levantado...

. . . . . .

«Saya, saya este Infante
Bem andante
O seu nome he João
Tire e leve o pendão
E o guião.

. . . . . .

Sim! que mais claro vaticinio podia haver?

Os sebastianistas (e sebastianista é todo o Portuguez) perante esta intimação não duvidavam da força dos signaes e prognosticos.

O livro intitulado: — *Jardim ameno* é um curioso alfobre de prophecias, sonetos ao divino, vaticinios, sonhos e presagios annunciadores da chegada milagrosa de El-Rei D. Sebastião.

E outro que se intitula: *Restauração de Portugal prodigiosa*, publicado com o nome supposto de Gregorio de Almeida, é um vasto commentario dos evangelhos sebastianistas, precioso interpretador de prophecias, minucioso

chronista de piedosas fabulas, em que o seu auctor, ou seja o Padre João de Vasconcellos, ou Manuel de Escobar, ambos Jesuitas, apresenta com complicadas explicações de textos o Duque de Bragança como logar-tenente do *Encoberto,* e predestinado por Deus para remir o Reino da sujeição extrangeira.

A nação estava assim bem preparada para a empreza, e n'essa empreza estava empenhada a fé, o interesse, e aquelle resto de cavalheirismo dormente no fundo da alma lusitana. Cumpria agora entrar em acção.

*

* *

Jorge de Mello, Mestre de campo de um dos terços, recrutado na Beira, voltava n'um dia do fim do verão de 1640 de Coimbra, onde o tinham chamado as suas obrigações.

Antes de chegar a Santarem, a casa de seu irmão D. Francisco de Mello, Monteiro Mór do Reino, e durante as longas horas de marcha a cavallo, pelos caminhos que conduziam a Lisboa, sentia borbulharem-lhe no cerebro, e no animo fogoso, desejos de revolta e de emancipação, formulando-se vagamente em projectos de um movimento contra a oppressão de Castella. Humilhava-o a ideia de que, tanto elle como o resto da nobreza portugueza serviam um Rei extrangeiro, ou antes um valído poderoso que os reduzia á condição de seus satellites, e que aquella espada, que batia agora nos flancos do seu cavallo iria, amanhã, ao serviço de Hespanha, batalhar na Catalunha.

Com effeito todos os nobres de Portugal, sem exceptuar o Duque de Bragança, tinham sido convocados para se acharem em Madrid, e d'alli irem no sequito de Filippe IV suffocar a revolta dos Catalães, e castigar a sua rebelião.

Não havia illusões sobre a sorte que esperava o Duque de Bragança.

Ficaria decerto em alguma fortaleza do caminho, para evitar a repetição das scenas de Evora, onde fôra acclamado dois annos antes, com grande desprazer da Duqueza de Mantua.

E egual sorte teriam os da nobreza que não se sujeitassem a ficar servindo em Hespanha.

Agora que as cousas tinham chegado a esse ponto, o animo audaz de Jorge de Mello aconselhava-o a manobrar sem demora, aproveitando a ebulição em que se achava o Reino. Em Santarem seu irmão Francisco applaudiu o seu designio. E logo determinou d'alli mesmo instar com seus amigos para se unirem.

Chegando á sua casa em Xabregas, Jorge de Mello quando se apeou do cavallo, ao cabo da fatigante jornada já trazia o plano formado.

E, de animo resoluto, ainda empoeirado da estrada, dirigiu cartas para o Alemtejo ao Marquez de Ferreira, a Rodrigo de Mello e a outros, para arrolarem aquelles da sua classe, que julgassem mais aptos para a melindrosa empreza.

O palacio dos Mellos — Monteiros-móres, em Xabregas, que é hoje dos Condes de Castro Marim, Marquezes de Olhão, prestava-se pela distancia e pela situação ás primeiras reuniões. A ellas concorreram D. Miguel de Almeida, D. Antão de Almada, D. Antonio Mascarenhas e D. Pedro de Mendoça.

Este ultimo que era Alcaide-mór de Mourão, no Alemtejo e que tinha entrada facil nos paços de Villa Viçosa, partiu logo para alli a offerecer ao Duque a direcção do movimento.

O Duque, ouvindo-o, sorriu acolhedor.

Mas não resolveu de prompto.

Pedro de Mendoça e o seu correligionario Jorge de Mello, ambos fogosos de genio, tomaram á conta de hesitação ou de negativa, o que era simplesmente tino e sensata reserva.

Estavam todos no seu papel.

O Duque ponderando as circumstancias, os dous agentes avivando as instancias.

Mas tão inquietos de animo que, sentindo-se agastados com o retrahimento de D. João, n'uma das reuniões secretas de Xabregas, determinaram convidar, segundo se diz, para chefe D. Duarte, irmão do Duque, que n'essa occasião se achava em Allemanha. Como, porém, este candidato estava longe, e era duvidoso que acceitasse, houve então alguem que alvitrou, faltando o Duque, que se constituisse uma *senhoria* livre, ou republica aristocratica, á imitação das de Veneza ou de Hollanda.

Os inconvenientes eram tão palpaveis e tão grandes, que desde logo se revelaram n'essa reunião com a escolha de um cabeça. E' que Doges ou Stathouders não eram plantas que vegetassem n'este alegrete occidental da Europa.

Reflectiram sensatamente os proprios conjurados, e apreciaram o bom fundamento das ponderações do Duque. Decidiram instar novamente com elle.

Foi desde então que se começaram a reunir com frequencia em casa de D. Antão de Almada.

Todos conhecem esse palacio no canto do Rocio, e não longe de S. Domingos, pertencente aos Condes de Almada, e onde ainda ha pouco estava installado o quartel general.

Por detraz tem esse palacio um jardim e n'elle, ao fundo, um pavilhão, d'onde subia uma escada estreita que conduzia a um mirante. N'esse mirante uma pequena porta abria para uma viella que se encostava ao muro do convento das commendadeiras da Encarnação.

Por essa porta se escoavam mysteriosamente embuçados nas amplas capas, os principaes conjurados. E n'aquelle pavilhão do jardim, acobertados com o negrume da noite, trocavam impressões, combinavam planos... e resolveram afinal enviar Pedro de Mendoça novamente a Villa Viçosa. Apezar de um achaque que o sujeitou a quatro sangrias, montou ligeiramente n'um cavallo troteiro, e elle ahi vai a caminho de Evora, onde aproveitou a occasião para despertar o animo de alguns parentes, e d'alli passou a Villa Viçosa, onde n'uma clara manhã de Outubro se ia apear á porta do palacio, quando lhe disseram que o Duque andava na mata, á caça. Para lá seguiu sem detença. A mata é ampla, accidentada, e fertil em brenhas de agrestes urzes, tojos e copadas azinheiras. Por ella o Duque se alargava ás vezes com os seus monteiros, internando-se nas selvas onde, não raro, passava a noite n'uma espera.

Pedro de Mendoça farejou como um podengo, e batendo mato como em busca de uma peça de caça, encontrou D. João encostado a uma sobreira, sósinho, aguardando que os cães levantassem um javardo.

Em vez d'essa féra trazia-lhe o destino uma corôa!

Interrogou o recem-chegado. Elle expôz-lhe ao que vinha: — Que os fidalgos tinham resolvido acclamal-o quer elle quizesse quer não; que tinham por si o povo; que as alterações na Catalunha, a guerra de França, a boa vontade de Richelieu tornavam a occasião favoravel, e a resolução urgente...

O Duque escutou-o attento.

Ao longe ouvia-se o som das buzinas dos moços do monte.

O aroma acre das estevas embalsamava o ar. E no animo do Duque de Bragança ia-se debatendo o pleito. Acceitaria, sim. Era esse o seu dever. Acceitaria!

Mas, adeus então as alegres matinadas de caça com as ruidosas partidas para a tapada entre o rinchar dos cavallos, o latir dos sabujos, lebreus, e o alarido dos couteiros; adeus toiradas no rocio do Palacio, e espectaculosas justas e torneios em frente das janellas povoadas pela Duqueza e pelas suas damas emplumadas festivamente; adeus ceremonias na capella, onde a musica, que elle proprio compunha, era executada com mestria; adeus saráos e comedias nas quaes as formosas comicas, e provocantes cantoras representavam, além dos seus papeis, o da tentadora paradisiaca em idylios silvestres, que terminavam nas sombras dos bosques de loureiros junto ao Paço. Acceitaria. Estava a isso resolvido. Mas o assumpto era melindroso, e o seu caracter oppunha-se a decisões precipitadas. Não o embaraçavam receios ou pusilaminidade.

Bem demonstrou que não tinha medo quando mais tarde partiu para Lisboa, sem escolta, e por caminhos pouco seguros.

Nem tão pouco tinha deferencias para com o governo de Castella, pois bem sabia que obedecendo á ordem que o mandava a Madrid, além de vassalo ficaria prisioneiro. Não. A sua hesitação era sobre a opportunidade.

Queria que Mendoça o informasse miudamente.

Iam caminhando a pé em direcção ao Palacio. Mendoça explicava, insistia, mostrava-lhe as cartas que trouxera do Marquez de Ferreira, do Conde de Vimioso . .

Pela estrada que vem d'Elvas approximava-se então um cortejo. Era o Bispo d'aquella diocese que vinha visitar o Duque de Bragança.

O prelado pouco caroavel ao Duque, era suspeito. Interrompeu-se a conferencia.

No Paço o Duque, depois de despedir o inopportuno Prelado, consultou o secretario Antonio Paes, seu amigo intimo, e consultou sua mulher.

O secretario concordou em que para um Principe nenhuma cama seria melhor para morrer que a de campanha. D. Luiza de Gusmão, intelligente, energica, varonil, e ambiciosa, lembrou-se de que na sua mocidade uma dama da Rainha de Hespanha lhe affirmara que um astrologo mouro lêra nos astros, que a filha do Duque de Medina Sidonia havia de ser Rainha.

Quando o Duque lhe confiou a sua resolução, ella acudiu promptamente: «que melhor era morrer reinando que viver servindo».

Pedro de Mendoça, exultando com a decisão do Duque e com o apoio da Duqueza, abalou para Lisboa, e n'uma das reuniões que então se realisavam nos aposentos occupados por João Pinto Ribeiro no Palacio dos Duques, (onde ha pouco era o Thesouro velho), referiu o que se passára.

Os conjurados vinham alli de noite, quando os creados do palacio estavam já recolhidos, e não os podiam presentir.

Deixavam os cavallos ou coches em sitios desviados, e entravam a um e um, atravessando salas em trevas, e juntando-se, nunca mais de quinze, no quarto de João Pinto Ribeiro, alumiado apenas por duas velas sobre um bufete.

O scenario era proprio da empreza, os personagens eram dignos da grandeza do drama.

N'uma d'essas reuniões discutiu se o plano. Atacar primeiro o Castello? Seria arriscado o exito. Ir directamente ao Paço, era mais seguro.

Que destino dar á gente do Governo? Alguns mais exaltados reclamavam a morte para todos. Devia matar-se o Arcebispo de Braga, D. Sebastião de Mattos, que tão affecto era ao governo hespanhol; e o Marquez de la Puebla, e o Conde Bayneto... Mas antes de todos seria morto Miguel de Vasconcellos.

D. Antonio Tello reclamou para si a tarefa de despachar para o outro mundo o Vasconcellos, e mais alguns traidores.

Então José de Mello levantando-se exclamou: «Toquemos a campainha e ponhamos as capas pela cabeça, como se faz na Relação quando é sentenciado algum réo á morte».

D. Miguel de Almeida, com a autoridade dos seus oitenta annos, interveio: «Que não se derramasse sangue inutilmente. Bastava sacrificar Miguel de Vasconcellos».

Sobre o destino d'este não houve discrepancias.

Sahiram com precauções, encostados aos muros, porque sabiam que a Duqueza de Mantua fôra prevenida, e os mandára vigiar. E não deixavam de ir preoccupados tambem com o discurso que pronunciára D. João da Costa, moço valente e audaz, que era de opinião que se esperasse, pois achava as coisas mal preparadas... Mas para recuar era tarde. Portanto na ultima conferencia, em casa dos Almadas, determinou-se o dia de sabbado, primeiro de Dezembro.

A esse tempo já o segredo andava divulgado de bocca em bocca. O publico começava a pressentir o movimento. Na atmosphera respirava-se aquella inquietação caracteristica, que é prenuncio certo de abalos sociaes.

Nos locutorios dos conventos ferviam as conversações, e a chegada do *Encoberto* era anunciada para breve. Entre o povo segredavam-se boatos propheticos, e indicavam-se os nomes dos nobres conjurados. Na sexta-feira, á tarde, uma criada de D. Antão de Almada, mandando um escravo negro á casa de certa senhora, cujo marido estava preso e fôra perseguido por Miguel de Vasconcellos, gritou para o mensageiro que se achava no pateo:

— «Dize á tua senhora que se não consuma, porque amanhã ha de ir o Sr. D. Antão com outros fidalgos

matar o Secretario de Estado, e soltar o senhor seu marido».

Esse Secretario imprevidente, confiando no seu poder, e quasi sempre bebado, não dava ouvidos nem a avisos dos esbirros, nem ás denuncias dos traidores, nem ás bisbilhotices dos semeadores de noticias.

A Duqueza de Mantua, essa, inquieta mandava correios a Madrid, avisando seu primo Filippe IV de que a Nobreza andava agitada e conspirava. De Madrid foram expedidas ordens para serem presos alguns fidalgos.

Essas ordens chegaram a Lisboa depois do primeiro de Dezembro.

Bem avisados andavam, pelo que se vê, os conjurados precipitando a empreza, embora com poucas probabilidades de exito.

Confessaram-se, commungaram e n'essa vigilia de sexta para sabbado, tomaram as ultimas disposições.

*

* *

Na vizinhança da casa dos Almadas, na rampa, que vae do actual largo de S. Domingos para a calçada do Garcia, e junto ao palacio que recentemente pertenceu aos Barões da Regaleira, existia, ainda não ha muitos annos, um edificio com feição muito antiga. E' tradição, e tradição verosimil, que n'essa habitação morava por aquelle tempo a familia dos Condes de Atouguia.

O Conde, D. Luiz de Ataide, senhor de Peniche, e de outras mais terras, morrera deixando viuva moça e formosa D. Filippa de Vilhena, filha de Jeronymo Coutinho, e de D. Luiza, da casa dos condes de Faro.

Filippa de Vilhena ficára com duas filhas e dois filhos. Foi illustre esta descendencia.

As filhas deixaram na historia uma doce e suave memoria de belleza, de graça, e de intelligencia.

Foi a primeira, D. Maria de Ataide, que morreu na flôr da edade, sendo dama da Rainha D. Luiza, e celebrada pelos melhores poetas do seu tempo. Nas suas exequias effectuadas em S. Francisco de Xabregas, pronunciou o Padre Antonio Vieira aquella oração funebre que começa: «*Maria optimam partem elegit*».

A segunda filha foi D. Luiza de Faro, Condessa de Penaguião, a quem chamaram o *oraculo da Côrte*, e a quem todas as senhoras parentas e amigas consultavam, não só nos casos difficultosos de consciencia mundana, como nas frivolas, mas importantissimas materias que diziam respeito a elegancias. A eleição de um vestido, a escolha de uma joia, o arqueado das anquinhas, o donaire dos guarda-infantes, e o frisar das plumas que enfeitavam os toucados, eram objecto de consultas a ella dirigidas, e com arte respondidas. Foi além d'isso escutada pelos homens mais insignes na governação e nas lettras.

Na epocha da acclamação eram as duas filhas de D. Filippa ainda quasi creanças. E muito moços tambem os dois filhos Jeronymo de Ataide e Francisco Coutinho.

São estes dois irmãos illustres pelas proprias acções. Mas a sua memoria perpetuou-se principalmente pelo gesto heroico de sua mãe.

O primeiro foi o 6.º Conde de Atouguia, que segundo refere o chronista brilhou pelo seu valor, desinteresse e zelo; foi um dos acclamadores da liberdade da patria, e na gloriosa jornada desempenhou um papel importante. O segundo foi um bravo soldado, e morreu com valor em Elvas, estando a servir na fronteira. Mas o que fixou os dois na galeria da historia, mais que os seus nobres feitos, foi o episodio de D. Filippa armando-os cavalleiros.

Na sexta-feira, vespera do dia aprazado, alli no jardim

dos Almadas seus vizinhos e parentes, fôra pelos conjurados destinado a cada um dos filhos da Condessa de Atouguia, occupação no emprehendimento que se ia realizar. Deviam entrar no Paço (empreza arriscada!) e apoderarem-se da Duqueza de Mantua, emquanto Antonio Tello liquidasse a sorte de Vasconcellos.

N'um quadro de azulejos que ainda hoje adorna o historico jardim dos Almadas desenha-se aquella sessão. N'esse painel vêem-se cinco conjurados em volta de uma mesa, sobre a qual está um tinteiro e uma lista de todos os conspiradores. Um d'elles, que se julga ser João Pinto Ribeiro, está de pé, com a sua cabelleira ainda empoada, e correcta casaca de sêda, tem a attitude de quem diz, como effectivamente no dia seguinte disse: «Não se alterem! Imos alli abaixo á sala Real dos tudescos e é um instante emquanto tiramos um Rei e pomos outro».

A isto deviam ir os dois Atouguias.

A Mãe soube-o, e comprehendeu o dever que se lhe impunha.

Depois de lembrar aos filhos o que deviam ao seu nome, e obrigação que lhes assistia de continuarem os creditos da familia, commungou com elles, e ella propria lhes afivelou os cinturões das espadas. E conforme diz Vicente de Gusmão Soares na sua *Lusitania Restaurada*:

> «No verdadeiro amor da Patria accesa
> A illustre mãe do Conde de Athouguia
> Os filhos com a propria mão armára
> E para a acção, que sabe, os exortára».

O facto foi celebrado. Nas exequias de Xabregas o Padre Antonio Vieira fallando emphaticamente na força de animo das Livias, das Rutilas, das Paulas e das Melanias, que tanto honraram a Roma gentilica e a christã, diz que, «se as matronas romanas tiraram ás portuguezas

o serem as primeiras, grande gloria é de nossa nação, que tirem as portuguezas ás romanas o serem singulares». E singulares foram de certo não só D. Filippa de Vilhena, mas D. Marianna de Lancastre, pois que esta tambem na dramatica vigilia de sexta para sabbado armou e exortou seus dois filhos Fernão Telles e Antonio Telles da Silva.

Era esta senhora viuva, havia quatro annos, de Luiz da Silva, 2.º alcaide-mór de Ceia.

Exaltadissima sebastianista, educou seus dois filhos n'aquella quasi religião, forjando as suas almas de rija tempera com a fé n'um Deus omnipotente, e a esperança segura na vinda do *Desejado*. Alguem, talvez o seu confessor, dissera-lhe que D. João, Duque de Bragança era o precursor do Rei legitimo, como as prophecias davam a entender.

Foi portanto com mais fogo que a outra, e mais enthusiasmo no coração, mas com egual força de patriotismo, que D. Marianna de Lancastre, no seu palacio proximo da Mouraria, na madrugada de 1 de Dezembro rezou com os dois filhos no recatado oratorio, e os armou tambem cavalleiros, contando-lhes como seu avô Braz Telles de Menezes acompanhara o Infante D. Luiz, filho de El-Rei D. Manuel, na jornada de Tunis, e como a elles incumbia seguirem as tradições de familia, conquistando o throno de Portugal para o seu legitimo Rei.

Deitou-lhes depois sobre as armaduras as amplas capas negras; e quando os viu assim embuçados e com os largos sombreiros cahidos sobre os olhos, entrarem no coche que os havia de conduzir ao Terreiro do Paço, voltou á sua capella a encommendar a Deus o destino d'aquelles pedaços da sua alma.

Um d'elles, Fernão Telles, foi depois em 1653 Conde de Villar Maior e pae do Marquez de Alegrete.

O outro governou o Brazil e, quando regressava, morreu n'um naufragio junto á barra de Aveiro.

D. Marianna de Lancastre, essa, logo depois da Restauração, foi nomeada Aia do Principe D. Theodosio, o herdeiro da Corôa.

Quando, da parte de D. João IV, a foram convidar para tão honrosa missão, hesitou.

Assaltavam-n'a escrupulos de, mudando assim para o Paço, faltar a El-Rei D. Sebastião. D. João IV apreciando esta prova de fidelidade, mandou tranquillizal-a, assegurando-lhe com bonhomia, que logo que D. Sebastião chegasse, lhe entregaria a corôa e o sceptro...

* * *

Accode n'este ponto perguntar porque terá D. Filippa de Vilhena o exclusivo da representação perante a posteridade, sendo D. Marianna de Lancastre apenas mencionada nos livros, mas esquecida do vulgo.

Ambas são de egual nobreza, ambas são geradoras de illustres descendencias; pois se de uma proveem os Atouguias, os Mascarenhas, Marquezes da Fronteira e Condes da Torre, os Condes de Penaguião, os Marquezes de Fontes, os Ribeiras Grandes, os Condes de Alva, etc., da outra descendem Condes de Villar Maior, Alegretes, Taroucas, Villa Nova de Cerveira, Ficalhos, etc.

Ambas são mencionadas pelo Conde da Ericeira, no *Portugal Restaurado*, por João Pinto Ribeiro, na sua *Usurpação-Retenção-Restauração*, e por muitos outros em centenares de folhetos da epocha, bem como por todos os historiadores modernos, que se vão copiando uns aos outros.

Entretanto, é só D. Filippa que figura nas pinturas, nas gravuras, nas novellas, nos poemas e nos dramas.

Porquê?

Garrett, cujo faro subtil, com tão boa fortuna, encontrou nos refolhos da Historia a poesia das tradições, quando pretende pôr no theatro uma figura representativa da heroicidade patriotica e da abnegação maternal, escolhe D. Filippa de Vilhena.

Alguem pretendeu já que a sombra de quasi esquecimento que envolveu D. Marianna de Lancastre, foi causada precisamente pela luz que o talento de Garrett fez incidir sobre D. Filippa. Será assim? Vejamos qual a influencia que teve no pubico o drama de Garrett e o seu valor em relação ás outras obras.

Se nos fosse licito um reparo; se fosse permittido encontrar senões nas obras primas do intangivel auctor do *Frei Luiz de Sousa;* se não peccassemos por hereticos, apontando uma inferioridade no romantico innovador do theatro portuguez, ousariamos avançar que uma das suas menos felizes tentativas foi o drama intitulado *D. Filippa de Vilhena.*

Escripto de afogadilho para uma recita do Conservatorio, ressente-se d'isso. A figura principal da nobre heroina dilue-se nas peripecias de um episodio amoroso, todo de phantasia e sem fundamento historico.

O filho mais velho, o D. Jeronymo de Ataide da Historia verdadeira, não é o rapazote amorudo da invenção de Garrett, todo occupado em retirar ao mesmo tempo uma priminha das garras do tutor, e a patria das garras da Hespanha. D. Jeronymo casou, é certo, com uma prima que foi sua primeira mulher, mas que não se chamava Leonor, nem era sobrinha de um imaginario Ruy Galvão. Era D. Maria de Castro, irmã de seu cunhado o Conde Camareiro-mór e filha de Francisco de Sá de Menezes, 2.º Conde de Penaguião.

Chamava-se Leonor, sim, como no drama de Garrett,

a sua segunda mulher. Mas esta já era viuva de D. Fernando de Mascarenhas quando casaram.

Além d'isso, a Filippa de Vilhena que Almeida Garrett, no segundo acto do seu drama, colloca na sala do docel do palacio dos Atouguias, junto a um altar, sobre o qual luzem as espadas e peças de armaduras, declamando, perante um ajuntamento de damas, cavalleiros, cidadãos, homens do povo e pagens, um discurso á maneira romantica, *tremendo-lhe a voz com choro,* e apontando para os retratos de familia, como Ruy Gomes no *Hernani*, não se assemelha á verdadeira condessa de Atouguia, alma stoica de mulher forte, sem apparatosas manifestações, tão soffrida na dôr, que, na morte de sua filha D. Maria de Ataide, (é Vieira quem o diz) não deixa ouvir uma queixa, e que *faltando ás dividas da Natureza, não falta ás obrigações de officio do Paço.*

Esta é a Filippa de Vilhena do primeiro de Dezembro, esta a que anima serenamente os filhos, sem concurso de pagens que afivelem as esporas, sem bater archaicamente com as espadas nas costas dos iniciados como nas investiduras medievaes.

A heroina de Garrett é mais theatral, impressiona mais vivamente a imaginação das platéas, e por isso talvez fosse pouco a pouco deixando passar para a penumbra do esquecimento a outra não menos heroica — D. Marianna de Lancastre.

Mas outros motivos tinham antes d'isso já concorrido para tal.

Ao passo que D. Marianna de Lancastre, tendo sido nomeada Aia do Principe D. Theodosio, apenas vive trez annos depois da sua façanha, a outra, D. Filippa de Vilhena, foi Camareira-mór da Rainha; teve o titulo de Marqueza; foi Aia do Principe que veiu a ser D. Affonso VI, e só morreu em 1651, brilhando na Côrte durante esses onze annos.

A sua figura hieraticamente aristocratica, o seu animo quasi duro no sentir, mas de grande nobreza e elevação, contrapõe-se á da sua collega, heroina tambem, mas cuja alma enternecedoramente sebastianista denota uma sensibilidade mais vibratil, um espirito poeticamente visionario, uma vida mais intensa no coração.

São duas figuras typicas da sua raça: uma representativa e imponente, outra levemente mystica, supersticiosa, recatadamente dedicada aos seus.

Necessariamente uma havia de resplandecer com fulgor, a outra sómente attrahir os que buscam na Historia vestigios d'almas, esboços de corações.

Para estes D. Marianna de Lancastre tem um interesse egual, se não superior, ao que inspira a Condessa de Atouguia. Ambas porém manifestaram nobremente o seu valor n'essa manhã de sabbado, 1 de Dezembro, que appareceu radiosa, e que havia de ser illuminada pelo sol da liberdade.

*

* *

Pouco antes das nove da manhã, no palratorio publico, que era por esse tempo o Terreiro do Paço, os ociosos que alli affluiram para vêr chegar os personagens da côrte da Duqueza de Mantua — damas hespanholas que vinham para a acompanhar á primeira missa, officiaes inspeccionando a guarda, pretendentes á babugem de favores — notavam com curiosidade que n'esse dia prematuramente, e em numero superior ao do costume, confluiam áquella praça coches, carruagens blasonadas, berlindas e liteiras puxadas por urcas possantes.

E não sabiam explicar o motivo porque todos traziam corridas as cortinas de couro ou de seda espessa, occul-

tando á vista dos indiscretos os seus mysteriosos passageiros.

Quando, na torre da capella Real, o martello do relogio bateu no sino a primeira pancada das nove, abriram-se subitamente as portinholas, e de todas se arremessaram vultos rebuçados em capas pretas, sob as quaes mal se occultavam arcabuzes, escopetas, pistolas, espadas, e punhaes.

De roldão parte d'essa turba, com o octogenario Miguel de Almeida á frente, invade o paço, derruba os cabides das alabardas dos tudescos, e vence a resistencia com que estes soldados tentam defender os aposentos da Duqueza Vice-Rainha.

De uma janella do Paço o velho D. Miguel de Almeida, figura veneravel, com as suas longas barbas brancas, grita commovido: «Liberdade! Liberdade! Viva El Rei D. João IV.»

Cá em baixo, na rua, Jorge de Mello e os seus tomam á sua conta a guarda castelhana, emquanto o *clerigo de Azambuja* e o Padre Nicolau da Maia, com um alfange n'uma das mãos e um Crucifixo na outra, amotinam o povo e rompem, á força de espada, pelas escadas do Paço acima.

Foi então que Antonio Tello, o qual promettera dar cabo de Miguel de Vasconcellos, acompanhado de muitos fidalgos, entre os quaes iam os filhos de Filippa de Vilhena, entrou na galeria que communicava com o forte, e invadiu a secretaria. O corregedor Albergaria quiz oppôr-se.

Gritaram-lhe: — «Viva D. João IV».

Respondeu: — «Viva El-Rei D. Filippe».

Retorquiram-lhe com duas balas e estenderam-n'o morto.

O official maior Antonio Corrêa, que quiz resistir, foi ferido, e arrastou-se ensanguentado por uma escada pequena para o quarto baixo do forte.

Garcez Palha, depois de combater corajosamente, viu-se obrigado a precipitar-se de uma janella, cahindo na praça d'armas dos castelhanos, com uma perna quebrada.

Finalmente, os conjurados arrombaram a porta dos quartos de Miguel de Vasconcellos, que se escondera, com uma clavina n'um armario de papeis. Uma escrava, ameaçada, denunciou-o, ou denunciou-se elle proprio, tremendo no seu esconderijo. Ferido por trez balas, os criados de Gastão Coutinho atiraram com elle para o Terreiro do Paço, onde a multidão aos urros lhe arrancou as barbas e os olhos, emquanto um mouro, que fôra seu escravo, sentando-se-lhe no ventre, recreava com esgares e truanices a plebe feroz.

Emquanto isto se passava, ia chegando aos aposentos da Duqueza de Mantua o rumor da tempestade, o rugir da multidão na praça, o tumulto nas salas. As suas creadas e cuvilheiras alvoroçadas, attonitas, apavoradas, não atinavam com os agasalhos e adornos da Vice-Rainha.

Ella, porém, com sangue frio compoz o penteado, e passando á sala da Galé assomou com animo viril a uma janella, d'onde gritou em alta voz:

— «Que es esto, portugueses? Ado está vuestra fidelidad?»

A este tempo entravam n'essa sala D. Miguel de Almeida, os dois Telles da Silva, filhos de D. Marianna de Lancastre, e outros que cortezmente convidaram a Duqueza a retirar-se. Arrogantemente recusou, e dispunha-se mesmo a descer ao terreiro. E quando os conjurados, com moderação, tentaram embargar-lhe o passo, voltou-se dizendo:

— «Que es esto nobles caballeros? Aquietaos que yo os prometto perdon del Rey mi señor y primo.»

Ao que elles responderam:

— «Já temos Rei portuguèz!»

O Arcebispo de Braga quiz vir em auxilio da Vice-Rainha, e começava a fallar . . . quando D. Miguel de Almeida o intimou a callar-se, porque já lhe tinha custado muito na vespera a livral-o da morte, a que estivera condemnado como o Vasconcellos.

O Arcebispo entupiu, e retirou-se. Mas a Duqueza furiosa e decidida, rompeu em improperios. N'esta altura D. Carlos de Noronha interveiu, pedindo-lhe que não desse occasião a que lhe perdessem o respeito.

— «A mi»? atalhou ella altaneira e soberba. «A mi? Como?»

Ao que elle respondeu: «Obrigando Vossa Alteza, se não quizer entrar por esta porta, a sahir por aquella janella».

A leôa, sentindo-se vencida e dominada, recolheu-se com as damas a um oratorio particular, onde, segundo escreve Gusmão:

> Bem que mostrando varonil jactancia
> Quanto mais teme, ostenta mais constancia.

Lá fóra a alegria nas ruas explodia, e a plebe gritava *milagre! milagre!* vendo o Christo de prata de Santo Antonio da Sé despegar o braço, como para abençoar a revolução triumphante.

Pelas ruas, bandos de fidalgos corriam a cidade levantando a população hesitante, e gritavam — Liberdade — para as janeilas, rotulas e adufas, atraz das quaes cabeças de burguezinhas espreitavam curiosas, e velhas timidas, de manteu, murmuravam *padre-nossos*.

Os conjurados, a quem preoccupava a situação do castello de S. Jorge, occupado por 500 mosqueteiros castelhanos, reuniam-se no Paço, e intimavam a Vice-Rainha a que por um decreto ordenasse a D. Luiz del Campo a en-

trega da fortaleza. Tremia-lhe a penna na mão raivosa quando assignava o documento.

Já porventura lhe tinham dito que havia de ser conduzida a Xabregas, e deixar este Paço que ia agora ser occupado pela Rainha de Portugal.

Sangrou então penosamente o orgulho da Duqueza, pensando em ser assim empurrada, ella uma Saboya, para dar lugar a uma Medina Sidonia . . .

Quando, pouco depois, era conduzida ao Paço de Xabregas pelo Arcebispo de Braga, e seguida apenas por alguns coches que levavam a sua reduzida comitiva, a altiva viuva de Francisco de Gonzaga, ia talvez já meditando o projecto de se vingar dos Portuguezes, e d'essa D. Luiza de Gusmão, que breve chegaria a Lisboa.

E' possivel mesmo que no coche que a levava pela Ribeira de Lisboa, e hortas de Enxobregas, ella confidenciasse os seus rancores ao Arcebispo, que egualmente odiava os Braganças, desde que os casara em Elvas; e que alli mesmo se lançassem as bases da conspiração, de que elle foi a alma damnada, e ella a iniciadora.

O que é certo é que desde logo o Paço de Xabregas, começou a ser o centro da conjura.

Quando D. João IV entrou em Lisboa, em plena glorificação, Rei de direito pelo sangue, e pela vontade do povo symbolisado e personificado na *Maranhan,* regateira-mór de Lisboa, que se sentava familiarmente no estribo do coche real, já em Xabregas o Primaz Sebastião de Mattos de Noronha, o Marquez de la Puebla e o Conde Bayneto, representavam o prologo da tragedia que mais tarde levaria ao patibulo do Rocio o velho Marquez de Villa Real, o moço Duque de Caminha e o Conde de Armamar!

Entretanto partia de Villa Viçosa a Rainha D. Luiza com o Principe D. Theodosio e suas duas filhas, D. Joanna e D. Catharina, que havia de ser Rainha de Inglaterra.

Ao passo que o cortejo avançava pelas planicies do Alemtejo, ia ella recordando a sua mocidade. E com a imaginação ia percorrendo os caminhos pelos quaes o destino a conduzira ao throno, throno que um mouro captivo, nobre de origem e sabio em astrologia, examiminando a posição dos astros vaticinara annunciando ao pae que ella havia de ser Rainha. (O Medina Sidonia chegara a sonhar com o throno de Hespanha!)

Depois recordava o ajuste de casamento com o Duque de Bragança e a chegada a Elvas, já com o noivo, rapaz de olhos azues e cabellos longos, esplendido no seu vestuario de taby anogueirado raso, polvilhado com 18:000 perolas; emquanto ella por seu lado na sua cota verde bordada, de nova invenção, com volta e *alça cuello* á castelhana, e com seu chapeu de plumas brancas, se ia abafando friorenta n'um *boheme* elegante. Recordava tambem as bodas e os espectaculosos festejos, cuja descripção enche um grosso volume intitulado *Epitome das festas* e dão assumpto para o famoso poema de Manoel de Gallegos. Depois sentia ainda o arrepio causado pelo primeiro ciume, que o seu coração ardente de hespanhola mal sabia suffocar, quando notava que «a delicia do Duque seu marido não parava sómente no theatro e no amor ás comedias, e que as continuas jornadas ao bosque e dilação n'elle» indicavam o interesse pelas que as representavam. Lembrava-se tambem com saudade do nascimento do primeiro filho, que serenou «domesticas discordias». Accudia-lhe tambem á memoria a progressiva influencia que começou a exercer no animo do marido com aquelle espirito superior e juizo claro, que havia de inspirar ao Embaixador francez Mr. Junt a memoria dirigida a Mazarin, em que diz que: «il lui serait difficile de se persuader qu'une femme peut être éclairée au point que l'est cette princesse». E finalmente evocava a parte que tivera nas conferencias de

Villa Viçosa com os emissarios dos conjurados que vinham offerecer o throno ao Duque . . .

N'esse throno ambicionado ia agora finalmente sentar-se, e ao seu espirito não deixaria de saltar a satisfação, talvez pouco christã, mas humanamente explicavel, sabendo que a Duqueza italiana, ao serviço de Castella, que cinco annos antes passara perto de Villa Viçosa, quando entrara como Vice-Rainha em Portugal, estava agora encerrada no Paço de Xabregas, de cujas janellas ia assistir com despeito á sua passagem no Tejo, em direcção a Lisboa.

Esse despeito mal contido da Duqueza de Mantua incitou-a a fomentar mais activamente a conspiração, cujo plano era deitar fogo, em 4 de Agosto, ao Paço da Ribeira, assassinar o Rei e lançar mão da Rainha e dos Infantes . . .

Foram então dadas ordens para que a Duqueza passasse do Paço de Xabregas para o Mosteiro das Commendadeiras de Santos-o-Novo, onde mais facilmente podia ser vigiada, e de onde lhe seria difficil communicar com os conspiradores, ou Hespanhoes ou Portuguezes, que tambem d'estes houve n'essa triste aventura.

Desesperada com a mudança, refinou na intriga. E, sendo conhecidos os seus enredos e manejos, recebeu finalmente intimação para sahir do Reino.

Obedeceu, fazendo-se victima, mas sem abater o animo. E lá partiu para Elvas, onde a alojaram no Convento de S. Paulo. Ahi o ouvidor de Villa Viçosa, por excesso de zelo, e invocando uma ordem Real, veiu examinar as bagagens da Duqueza. Exigiu ella que se respeitassem os seus papeis, que disse serem cartas do Pontifice, do Rei de Hespanha e do seu defuncto marido . . .

Insistindo o ouvidor, a duqueza arrogantemente rasgou os papeis nas barbas d'esse indiscreto e desastrado offi-

cial de justiça, e ordenou a um creado seu que ali mesmo os queimasse.

O ouvidor, perplexo, não ousou contrarial-a.

Martim Affonso de Mello, Governador das Armas no Alemtejo, conduziu-a cavalheirosamente ao rio Caya, não consentindo que os officiaes de justiça fizessem *pagar direitos pelo seu fato,* como tinham deliberado. E o Conde da Ericeira, no seu *Portugal Restaurado,* tambem mais cavalheiroso que verdadeiro, affirma que ella não deixou em Portugal *queixas do seu Governo.*

Escrevendo esta hyperbole, o nobre historiador esquecia que a Duqueza era cabeça de uma conjuração, que tinha por fim tirar a vida ao Rei e a independencia á Nação.

Quando ella ia passando o Caya, D. Luiza de Gusmão nomeava suas damas as heroicas senhoras que tinham armado os filhos para a revolução libertadora.

Trazia para junto de si D. Filippa de Vilhena, e dava-lhe o titulo de Marqueza nomeando-a Camareira-mór, logo que a Marqueza de Ferreira deixou este cargo.

A D. Marianna de Lancastre nomeou-a Aia do Principe D. Theodosio, demonstrando assim quanto confiava nas suas mãos para moldarem a argilla de que se fazem almas de homem.

*

* *

Estas são as mulheres de 1640.

A commemoração do primeiro de Dezembro está por tal forma banalisada, que o facto que se pretendeu consagrar vai-se desvanecendo e apoucando na memoria do povo.

E comtudo esse facto representa um arranco, tanto mais notavel quanto o organismo que o produziu se achava extenuado por uma anemia exgotante, nascida das

doenças adquiridas durante a opulencia, e das successivas sangrias applicadas pelos governos hespanhoes.

Um elemento, porém, persiste, que não deixa obliterar nem desvanecer na alma da Nação a gloriosa data. E' a recordação permanente das figuras femininas que para elle contribuiram, e cujas feições moraes são tão nobremente caracteristicas da mulher portugueza!

Cartas da Freira portugueza

SUMMARIO

Um breviario de amor — Os salões das Preciosas em França — Os *bureaux d'esprit* — As frivolidades da intelligencia e do amor — O apparecimento das cartas - O seu effeito—Quem era a freirinha — O seductor — A paixão — O convento — Desillusões — Quem escreveu as cartas? Em que lingua? Segundo penso foram escriptas em francez por Soror Marianna—As traducções— Obras primas de litteratura amorosa.

Emquanto houver almas femininas que vibrem, e corações que se enterneçam, as cartas da Freira portugueza serão lidas como um breviario de amor, e os threnos ardentes da monja sentimental hão-de acompanhar em unisono os arrebatamentos lyricos das mulheres apaixonadas.

Mais fremente ainda que a amorosa Heloisa, mais generosamente sublime na sua abnegação que Mademoiselle de Lespinasse, ella foi a inconsciente imitadora, a filha espiritual da abbadessa do Paracleto, e a precursora de toda uma litteratura epistolar, que encheu a França, e se espalhou pela Europa.

E assim como os philtros morbidos, destillados pela musa de Musset, se inocularam nas veias da geração romantica, e teem trasnmittido hereditariamente ás que lhe suc-

cederam a voluptuosidade, e o doce envenenamento das estancias das «Noites» : assim as phrases da Religiosa portugueza, surprehendendo, com a violencia do contraste, os cerebros frivolos das *Preciosas* do grande seculo, teem communicado a muitos espiritos o seu delirio sentimental.

Foi em França, na sociedade requintada que frequentara o salão de Julie d'Angennes, Duqueza de Montausier, que romperam inflammadas com a incandescencia da paixão as «*lettres portugaises*». Nos circulos em que o poeta Benserade pontificava, e Ménage fazia as delicias das *vaporosas;* nos *bureaux d'esprit* em que se tratavam com importancia as cousas futeis, e se discreteava com grave seriedade acerca das bagatelas e frivolidades da intelligencia; nas reuniões em que as *uranistas* disputavam com as *jobelinas;* n'esses consistorios de metaphysica sentimental onde a metaphora imperava e a periphrase cobria com o seu véo inintelligivel as vulgaridades da linguagem; n'essas rodas em que se expressava o amor emphaticamente por meio de madrigaes, e se poetava com engenhosos acrosticos; nos cenaculos onde a lingua franceza se dulcificára com formulas de convencional affectação, e o *billet galant* era a fórma usual da correspondencia *entre les beaux esprits,* em todos esses conventiculos elegantes as cartas da Freira portugueza, pedaços d'alma de appetecivel sabor, eram mastigados com soffreguidão pelos dentes miudinhos das bellas parisienses.

Eram cinco essas, cartas que, depois de andarem de mão em mão, como era uso nos salões onde as *Cathos* e as *Madelons* escutavam languidamente os requebros amaneirados dos *Mascarilles*, foram impressas n'um folheto, e que, no dizer do editor Claude Barbin, haviam sido dirigidas a um moço e nobre militar, que servira nas guerras de Portugal.

Alvoroçaram todas as almas sentimentaes; despertaram curiosidade e interesse n'aquelle mundo frivolo todo occupado em discussões de casuistica subtil; causaram uma verdadeira tempestade nas provincias que compunham a *carte du Tendre*.

E foi assim que uma freirasinha ignorada e desconhecida, escrevendo, do fundo de sua cella no convento da Conceição em Beja, com mão febril as phrases que borbulhavam do seu coração combalido, emquanto dos olhos negros rebentavam lagrimas que vinham cahir nas prégas do habito cinzento de S. Francisco, fez uma revolução no sentimentalismo mundano da sua epocha, revelou ás mulheres uma maneira inedita de ser amorosa, e poz á moda uma fórma litteraria de exprimir a paixão.

Foi tal a nomeada d'essas cartas, que as edições se succederam numerosas, e cada exemplar ía levando aos camarins elegantes o modelo para as expressões da correspondencia amorosa, e o diapasão para afinar os corações femininos.

Tornou-se proverbial a locução «sensivel como uma Portugueza». E Mme. de Sevigné logo dois annos depois escrevendo á sua filha, dizia: «Brancas escreveu-me uma carta tão expressivamente terna, que compensa todo o seu esquecimento passado. Falla-me no seu coração em todas as linhas. Se eu lhe respondesse no mesmo tom, a minha carta seria uma verdadeira *portugueza*».

Effectivamente a apaixonada Marianna *põe o seu coração em todas as linhas* d'essas cartas, e esse pobre coração amargurado, alanceado, transbordando de paixão, revela-se com tal grandeza morrendo-se de amor; tem gritos de ternura tão lancinantes na embriaguez do sacrificio, e de impenitencia amorosa na revolta contra o destino; é ás vezes tão sublime na abnegação e ao mesmo tempo tão humanamente mulher, que o nome da freira portugueza

figura na historia das amorosas celebres entre as de mais enternecedora memoria.

Foi tal a impressão causada pelas famosas cartas, que ha quem supponha que Racine se inspirou n'ellas para compor a figura de Roxane interessante heroína de «Bajazet».

Masson Forestier, um critico morto prematuramente, ha pouco, desenvolve engenhosamente esta these n'um artigo publicado na *Revue de Paris* de Abril de 1914, intitulado «Marianna la Portugaise et Racine».

«— Eh bien! (diz elle) si Racine s'etait inspiré pour composer sa Roxane des Lettres de la terrible Marianna?

«Marianna et Roxane sont deux recluses voilées à qui toute action au dehors est interdicte».

Embora levemente paradoxal o artigo é interessante e digno de ler-se.

*

* *

Com o apparecimento das cartas nas rodas mundanas e litterarias, em que simultaneamente se divulgavam aventuras galantes, e se discutiam novas locuções polidas, destinadas a enriquecer o vocabulario, a todos os espiritos acudiram logo interrogações interessadas, e a curiosidade feminina palpitou commovida.

Existiria realmente uma freira portugueza?

Quem seria o moço e nobre official que de longes terras trazia entrançado nos seus trophéos militares esse despojo sentimental, que attestava tão indiscretamente a conquista de um coração?

Na talagarça das conversações bordaram-se logo commentarios acerca dos episodios do romance que das cartas resultava vivo e arquejante.

Duvidavam alguns de que a religiosa existisse, e duvidavam da authenticidade das cartas.

Ainda annos depois Jean Jacques Rousseau, escrevendo a d'Alembert, dizia:

«As mulheres não sabem nem descrever, nem sentir o verdadeiro amor. Apenas Sapho, e outra, mereciam ser exceptuadas. Apostaria tudo quanto ha n'este mundo em como as *cartas portuguezas* são escriptas por um homem».

Esta heresia do philosopho de Genebra, que revela um tão desastrado entendimento de psychologia feminina, era communicada a quem?

Ironia da sorte! A d'Alembert, o pobre homem de genio, que trazia a sua alma toda occupada na adoração de M.elle de Lespinasse, e que tão dolorosas razões tinha para crêr na paixão d'ella... por outro.

Revoltando-se contra a affirmação de Rousseau, invocou, para demonstrar quanto as mulheres podem sentir, e como sabem expressar o seu amor, as cartas de Heloisa a Abelard.

Bem podia o desafortunado encyclopedista (se as conhecesse) mostrar as cartas que Julie de Lespinasse dirigia a Mr. de Guibert, o heroe do seu triste romance!

As cartas da religiosa portugueza continuaram por muito tempo ainda envoltas no mysterio, na duvida, na incerteza.

Rumorejava-se, é certo, o nome de Chamilly, Conde de Saint Léger, como sendo o destinatario das incandescentes missivas. Elle voltara, havia pouco, das guerras de Portugal. Era moço, era nobre, tinha a bravura e o garbo que seduzem as mulheres.

Quando, pouco depois, voltou da expedição de Candia, onde tinha sido ferido gravemente, não faltaram perguntas indiscretas, allusões transparentes, e porventura embocetadas censuras ao seu procedimento ingrato para com a religiosa, que em Portugal conhecera, e que por

elle, segundo affirmava o Duque de Saint-Simon, enlouquecera de amor.

Mas nada estava aclarado por então, e, se o nome corria de bocca em bocca, muitos tomavam esses rumores como artificio do livreiro, que, para apregoar a sua obra, inspirava á tagarellice parisiense a suspeita de que o heroe do idyllio seria aquelle official então no movimento ascendente da sua brilhante carreira.

O mysterio continuou. Algumas edições indicavam que as cartas tinham sido dirigidas pela religiosa ao Chevalier de C *. Outras chegavam a indicar o nome de Chamilly.

Mas só em 1699, isto é, trinta annos depois do apparecimento da primeira edição, é que n'uma collecção de cartas amorosas, publicada por Francisco Roger, se declara abertamente que as *portuguezas* haviam sido escriptas ao Chevalier de Chamillly.

Quanto á freira que de si propria dizia: «*Votre pauvre Marianne*», quem seria?

Procuravam os corações sensiveis saber da sorte da interessante victima do Conde de Chamilly já então Marechal de França. Mas se o nome foi conhecido, não se divulgou, talvez em attenção á situação da religiosa, que lá no convento de Beja se consumia na recordação dolorosa do seu romance.

Em 1810, já sobre aquelles amores tinha passado mais de um seculo, é que Boissonade, n'um folhetim do *Jornal de l'Empire*, revelou que, no exemplar que possuia, da primeira edição das cartas, uma nota cuja lettra lhe era desconhecida, dizia: «A religiosa que escreveu estas cartas chamava-se Marianna Alcoforado, religiosa em Beja, entre a Extremadura e a Andaluzia, e aquelle a quem foram escriptas era o Conde de Chamilly, chamado então Conde de Saint-Léger».

Esta nota de Boissonade, que pela primeira vez de-

nuncia o nome de familia da Freira, foi transcripta por D. José Maria de Sousa Botelho, Morgado de Matheus, na noticia bibliographica que precede a traducção das cartas que elle publicou.

Apezar d'isso, e da approximação que faz do nome da monja do do infeliz pagem Antonio Alcoforado, de romanesca e tragica memoria, continua adejando uma sombra de duvida ácerca da amorosa Freira.

Ainda em tempo que não vae longe, quando já se não podia negar a sua existencia, punha-se de reserva a authenticidade das cartas; e foram por muitos consideradas apocriphas, como o eram as sete attribuidas a «une dame du monde», e que acompanhavam as cinco primeiras em algumas edições.

O proprio Lopes de Mendonça, em 1852, precedendo uma tentativa de traducção, dizia: «As cartas de uma religiosa portugueza, seja qual for a sua origem historica *extremamente duvidosa e incerta*, dão a conhecer a mão e a alma de uma mulher». E mais adeante accrescenta que Herculano parece dar pouco credito á tradição que as attribue a uma religiosa portugueza.

Camillo Castello Branco, esse então não só entende que «a indole e a contextura da phrase rescende as olorosas meiguices do genero epistolar francez», mas impugna que «no periodo de D. Bernarda Ferreira de Lacerda e de Soror Violante da Cruz, uma senhora escrevesse n'aquelle estylo pouco natural, desenfeitado, desluzido do ouropel do tempo».

Pinheiro Chagas, n'um artigo que dedica ás cartas, e ao drama intimo e pungentissimo que revelam, diz que sobre ellas paira um mysterio difficil de decifrar.

Afinal appareceu o livro de Luciano Cordeiro, um estudo completo, que honra o seu auctor, livro *exhaustivo*, como o classificou o Conde de Ficalho, quando a elle se

referiu. N'esse minucioso trabalho de exegése, o mallogrado escriptor resolveu quasi todos os problemas que em volta das cartas se tinham levantado. E em resultado das suas buscas ficou demonstrada não só a identidade dos dois personagens principaes do drama, como esclarecidos outros pontos que interessam para a leitura das cartas.

Emquanto os eruditos excavavam, os criticos discutiam, os traductores apropriavam ás suas linguas as celebres cartas, e os poetas accommodavam em verso as amorosas queixas de Marianna; emquanto os mystificadores se enfeitavam com rapsodias phantasistas e accrescentamentos; as cartas, taes como eram escriptas, iam continuando sempre a ser lidas com commoção, porque são verdadeiras, e fazendo sentir a sua emoção communicativa, porque foram vividas.

Vividas como?

O romance é simples, o drama é na sua essencia quasi banal, mas os gritos de paixão que das cinco cartas se exhalam teem uma grandeza shakspeareana na sua desolação.

* * *

Na pittoresca Beja, em volta da qual a paizagem tão regionalmente alemtejana se estende longamente até aos extremos limites do horizonte; na Beja fidalga com os seus pergaminhos romanos, as suas tradições arabes, o seu castello e torre de menagem, vivia, meiado o seculo XVII, a familia dos Alcoforados.

Francisco da Costa Alcoforado e sua mulher Leonor Mendes tiveram varios filhos, e entre esses Marianna, que foi baptisada em 1640, sendo seu padrinho o Conde da Vidigueira. A sua biographia, ou antes, a biographia da sua alma, é feita pelas proprias cartas.

Desde muito pequena, doze annos ou menos, foi levada para o convento da Conceição. «Eu era moça e era ingenua (diz ella) fecharam-me desde creança n'este convento».

Aos dezeseis annos professava, e era feliz na sua tranquillidade passiva «a tranquillidade em que eu vivia antes de te conhecer».

Cresceu, e era uma linda rapariga. — «Disseste-me (confessa ella) que eu era formosa».

A sua vida animica, como a de outras freiras em alguns conventos d'essa epocha, era uma intensa preparação para o sentimentalismo exaltado, com as praticas religiosas impregnadas de ardente mysticismo, com as seraphicas visões que transportavam o espirito a regiões de infinita doçura, com as proprias orações dos livros que eram, como profanos madrigaes, hymnos de amor, repassados de um sensualismo semelhante ao do «Cantico dos Canticos».

E as longas permanencias no côro, onde o dourado dos entalhes caprichosos, as flores que adornavam os altares devotos, o aroma penetrante do incenso, as languidas harmonias do orgão, a convidavam a sonhar nupcias ideaes, traziam a alma da monja sonhadora assim cultivada n'aquella estufa espiritual, preparada e prompta para n'ella desabrochar a exuberante flor da paixão amorosa.

A pobre Marianna ia então na volta dos seus vinte e seis annos, edade sempre perigosa, sobretudo quando um coração impetuoso de peninsular está abafado n'um habito franciscano, e quando um espirito inquieto, preso no cerrado gyneceu conventual, corre atraz de uma chimera, e essa chimera começa a ser attingida...

Ora uma bella manhã em que uns prenuncios de primavera entravam pelas grades, trazendo dos campos baforadas do cheiro acre das estevas e rosmaninhos, em-

quanto eroticas borboletas, aos casaes, se perseguiam no ar, e toda a natureza desabrochava no seu renascimento periodico, chegou ella com outras companheiras áquella varanda de onde se avistavam as portas de Mertola. Viu então que ao longo da estrada se encaminhava um regimento de cavallaria franceza. Era o de Briquemoult, pertencente ao Exercito de Shomberg, que havia annos viera auxiliar os Portuguezes nas guerras contra a Hespanha, e que alli fizera centro de evoluções.

As freiras seguiram, com olhares curiosos, o attrahente espectaculo, seduzidas pelo brilho das fardas e pela desenvoltura dos officiaes que vinham galopando.

Os olhos negros de Soror Marianna distinguiram um que lhe pareceu ter olhado para ella com insistencia. E' ella que o conta: — «Estava eu n'essa varanda no dia fatal em que comecei a sentir os primeiros signaes da minha infeliz paixão. Pareceu-me que querias agradar-me, embora me não conhecesses, e que me tinhas differençado das outras que estavam commigo. E imaginei que quando passavas estimavas attrahir o meu olhar, e que eu admirasse o teu desembaraço quando atiravas para a frente o cavallo. Assustava-me quando o obrigavas a alguma evolução arriscada; sentia-me intimamente interessada por cada um d'aquelles actos. Sentia que não me eras indifferente, e tomava como dedicados a mim cada um dos teus gestos. Conheces de mais o seguimento de tudo isto...»

O seguimento foi esse breve, mas intenso idyllio que depois os lançou nos braços um do outro. Foram as passagens furtivas, quando elle fazia brilhar o seu garbo, com a vistosa farda, com a elegancia no manejo do cavallo, com o intencional olhar para as janellas; e ella encostando ás grades o busto airoso, seguia anciosa com o rosto enquadrado nas dobras do véo o galopar do cavallo emquanto o vulto querido se affastava.

Foram as visitas ao locutorio tão cheias de recatado encanto, ás quaes elle era trazido por amigos communs. Foram depois os arriscados e perigosos encontros, quando o moço militar se introduzia ás escondidas pelo mysterio da noite na cella, onde ella o esperava anciosa...

«Esse quarto onde (diz ella n'uma das suas cartas) tanta vez me vieste ver, e onde eu agora olho infinitamente o teu retrato, que me é mais querido que a propria vida».

Foi recordando essas horas inesqueciveis que ella depois lhe dizia: «Absorveste-me com a assiduidade das tuas caricias, abrazaste-me com os teus carinhos, senti em mim o encantamento nascido na tua ternura, deste-me confiança com os teus juramentos, e a propria violencia da minha inclinação me seduziu...»

«Attrahiste-me antes mesmo que me declarasses o teu sentimento, mostraste por mim tão grande paixão que me deixei enfeitiçar, e abandonei-me completamente ao teu amor...»

«Vae fazer um anno d'aqui a poucos dias que toda me entreguei a ti sem reserva...»

Esta ligação tinha para elles toda a delicia do fructo prohibido, e todo o attractivo do perigo a que ambos se expunham: os votos trahidos, a clausura violada, e as leis severas que puniam transgressões d'esta ordem.

Assim, diz ella: «Não me perdôo a mim propria, quando penso em tudo quanto te sacrifiquei. Perdi a minha reputação, expuz-me ao furor da minha familia, ao rigor das leis d'este paiz contra as freiras, e á tua ingratidão que me parece a maior das desgraças».

E n'outra carta: «Morria de pavor só de pensar que não me serias fiel; queria ver-te a cada instante, e isso era impossivel; aterrava-me o perigo a que te arriscavas entrando no convento; não chegava a viver quando te

sabia na guerra; desesperava-me por não ser mais formosa, e mais digna de ti; humilhava-me a obscuridade da minha existencia; parecia-me que o affecto que tinhas por mim te podia prejudicar; afigurava-se-me que não te amava bastante; temia a colera dos meus parentes contra ti; e encontrava-me n'um estado tão miseravel como aquelle em que hoje estou!»

Pobre freirinha amorosa, que bem sentia (ella propria o diz n'essas cartas) que elle, o ingrato, não merecia uma tão excepcional dedicação! A alma d'ella hyper-sensivel era um instrumento afinado para o amor; e como nas harpas eolias, as rajadas da paixão ora faziam vibrar as notas da extrema ternura, ora do odio violento, do desespero, da duvida, do ciume, da abnegação, do desprezo, mas sempre, e apezar de tudo superapaixonada.

O homem que motivara essa tempestade de amor não correspondia pela nobreza do seu espirito á grandeza d'aquelle sentimento. De *qualidades mediocres* conforme ella propria as classifica, reconhecendo que facilmente elle teria achado outra mulher talvez mais bonita com a qual tivesse sentido o mesmo prazer, «*visto que só te appeteciam os mais grosseiros*», o Conde de Chamilly — Saint Léger depressa se aborreceu dos excessos sentimentaes da freira, e receiando consequencias desagradaveis para a sua situação, para a sua carreira, para a sua vida, tratou de embarcar para França, d'onde escreveu poucas e vagas missivas. Depois esqueceu-a, casou por conveniencia, engordou, envelheceu, e foi Marechal de França.

Quando d'aqui partiu era ainda um bello rapaz, apezar de Saint Simon nas suas «Memorias», quando dá conta da nomeação de dez Marechaes em 1703, dizer d'elle: «Servira com reputação em Portugal e em Candia. Vendo-o e ouvindo-o ninguem poderia persuadir-se de que

tivesse inspirado um amor tão excessivo, como esse que é a alma das famosas *cartas portuguezas*». E diz mais: «Era um homem forte, gordo, da melhor indole, valente e honrado, mas tão tolo e tão pesado *(gros, lourd et bête)* que não se comprehende como tinha superioridade nas sciencias militares».

Mr. Duclos, porém, que não é tão malevolo como o Duque memorialista, diz: «O Marechal de Chamilly, celebre pela sua defeza de Grave, morreu tambem n'este anno (1715). Era formoso e bem feito, e servira na mocidade em Portugal, onde fôra vivamente amado por uma freira.

O que se vê, é que, á parte o talento militar que realmente tinha, era uma natureza banal, sem que, pela elevação do seu espirito, pudesse comparar-se á grandeza de alma de Soror Marianna.

E assim como Abélard, ainda mais do que pelo seu talento escolastico, ou pelo seu ridiculo infortunio pathologico, ficou na Historia, pelas cartas que lhe dirigiu Heloisa; Chamilly não é memorado da posteridade pelas suas façanhas em Valenciennes, em Dunkerque, ou em Furnes, mas por ter inspirado uma das mais violentas paixões de que ha memoria.

E para elle esse romance foi apenas um episodio passageiro da sua mocidade. N'uma triste cidade alemtejana, onde a vida era monotona e sem distracções, o moço official elegante, habituado ás conquistas faceis, e sem ter em que occupar a sua actividade, nos intervallos da guerra, relacionou-se com algumas familias distinctas, entre as quaes a dos Alcoforados, e empregou os seus lazeres em frequentar a grade do convento. Agradou-lhe a interessante freira. Entreteve-se em seduzil-a, no que não achou resistencia, e que não lhe foi difficil.

Não porque os conventos fossem em Portugal (como alguns julgaram ou quizeram fazer julgar) viveiros de

appeteciveis amantes, ou recintos povoados de faceis odaliscas, ás quaes a clausura, os votos, o recato forçado, o trajo monastico davam requintados encantos.

A lenda da devassidão dos conventos e da relaxação dos costumes monacaes, foi feita principalmente em pamphletos de sectarios, ou em romances engenhados por auctores de anecdotas picantes.

Houve, é certo, motivos (e de sobejo) que contribuiram para avolumar a tradição amorosa, galante e mundanal de alguns conventos. E a par das chronicas monasticas exaltando as virtudes das communidades, ou referindo milagres, attribuidos a freiras, de que estão cheios os agiologios; as reformas feitas pelos prelados, e as admoestações dos visitadores, são como que revelações indiscretas da vida, ás vezes pouco edificante em alguns conventos.

Desde as freiras de Lorvão, esse cenobio de libertina memoria, até ás dos *outeiros* nas grades e locutorios de alguns conventos do seculo XVIII, onde os vates da Arcadia e os peralvilhos vinham receber os motes e saracotear-se dengosos, desfazendo-se em requebros e phrases alambicadas, e recebendo em troca o covilhete de doce de marmellada, a talhada de toucinho do céo, e o copo de licor de rosa; desde a celebre D. Filippa d'Eça e da sua eleição no Convento das montanhas além de Coimbra, até aos aposentos luxuosos onde em Odivellas, Madre Paula, a *pimentinha* d'El-Rei, recebia, em tardes de merenda, o regio amante, ao som do cravo tocado pelas suas trigueiras mãos, quantos capitulos curiosos para a Historia dos amores freiraticos!

Mas a par d'esses casos excepcionaes que, em virtude mesmo das circumstancias que os revestiam, deixaram tão ruidosa memoria, e se fizeram notar pelo apimentado do escandalo, o viver da clausura feminina em Portugal era geralmente virtuoso.

N'esses asylos onde as almas escolhidas, ou os corações fustigados pelas tempestades da vida, buscavam a tranquillidade e a quietação espiritual, onde espiritos atormentados iam ás occultas chorar na confidencia de Deus, sobre as miserias da triste humanidade, onde, n'uma vida de obrigação se juntavam no côro em communidade as ovelhas do Senhor, implorando misericordia para com os seus semelhantes, ou nas solitarias cellas meditavam sobre a inanidade das cousas do mundo, onde santas creaturas gozavam o dom inestimavel da crença, e sentiam, com os cilicios, a voluptuosidade do martyrio; n'essas casas de Deus, ou fossem da ordem franciscana, ou da benedictina, ou da bernarda, a vida era modelar, a regra acatada rigorosamente.

Ainda em nosso tempo as freiras, ultimas reliquias do passado, inspiravam a Alexandre Herculano as mais enternecedoras e piedosas referencias. E a nós, que ainda as conhecemos já velhinhas, cantando no côro com voz fraca as vesperas e as matinas, deixaram-nos no espirito o vestigio inconfundivel da poesia dos claustros.

Soror Marianna não pode enfileirar em nenhuma d'estas categorias.

E' um ser áparte, uma victima allucinada da sua fatal paixão.

Tão fatal que, fosse qual fosse o desenlace, lhe havia de alancear a alma.

Quando soube que o amante se ausentara de Portugal, talvez para sempre, occorreram ao seu espirito desvairado as mais disparatadas soluções. — Disfarçar-se, fugir, seguil-o. «Se me fosse possivel (escreve ella) sahir d'este malaventurado claustro, não esperaria em Portugal o cumprimento das tuas promessas, e iria por toda a parte, sem a mais pequena reserva, procurar-te, seguir-te, amar-te».

E em outra carta: «Se desde que partiste de Portu-

gal me tivesses dado alguma prova de amor, teria feito os maiores esforços para sahir d'aqui; disfarçar-me hia, para ir ter comtigo. Mas, ai de mim! que destino seria o meu, se não te importasses commigo quando eu me encontrasse em França!»

Poz de parte o recurso, que no seu delirio lhe occorrera de procurar outro affecto como hygiene para o espirito doente. — Assim diz ella: «Prometto-te não te odiar. Desconfio muito dos sentimentos violentos para usar esse expediente. Quero crer que poderia encontrar n'este paiz um coração mais fiel. Mas quem poderia inspirar-me amor? A paixão de outro homem pode influir em mim? Por acaso a minha teve algum poder em ti? E, de mais, não me mostrou já a experiencia que um coração nunca esquece aquelle que lhe revelou os transportes de paixão que até então desconhecia?»

Era tal a acuidade do seu padecer, que lhe passou pela ideia suicidar-se. E então dizia-lhe: «Sê mais difficil de contentar. Dize-me se queres que eu morra por ti de amor. Peço-te que me dês esse auxilio, para que eu vença a fraqueza do meu sexo, e para que terminem todas as irresoluções com um acto de verdadeiro desespero. Um fim tragico faria com que ás vezes pensasses em mim, a minha memoria ser-te-hia querida, e talvez que uma morte extraordinaria te commovesse profundamente. Não será preferivel isso ao estado em que me deixas-te?» Este estado era tão pungente que a todos causava dó.

O irmão, talvez compadecido com a angustia em que a via, proporcionou-lhe ensejo de escrever desabafando. A propria mãe teve com ella uma explicação. «Toda a gente (escreve a pobre freira) notou a mudança que se operou em mim, no meu genio, nas minhas maneiras, em toda a minha pessoa. Minha mãe fallou-me n'isto. A principio com aspereza, mas depois bondosamente. Nem sei

o que lhe disse. Parece que tudo confessei! As freiras mais severas teem compaixão de mim, pelo estado em que me acho, o qual lhes inspira piedosa attenção. A todos impressiona o meu amor; só tu sentes uma profunda indifferença, escrevendo-me apenas cartas geladas, cheias de repetições, com metade do papel em branco, e mostrando sem rodeio que estás impaciente por as acabar. Dona Brites insistiu commigo ha dias para me obrigar a sahir da minha cella. E, julgando distrahir-me, levou-me á varanda, de onde se vê Mertola. Segui-a e logo me assaltou uma recordação cruel, que me fez passar o resto do dia a chorar. Trouxe-me outra vez para o quarto. Deitei-me sobre a cama e para alli fiquei a pensar na impossibilidade de me curar. O que fazem para me alliviar, exaspera a minha dor, e nos proprios remedios encontro motivo para me affligir».

A psychologia amorosa de Soror Marianna é reveladora da mais ardente paixão que uma alma de mulher pode sentir.

A sua incoherencia, ora adorando o infiel, ora odiando-o; os impetos, os desdens, a furia, a humildade nas suas manifestações, e o orgulho de mulher offendida no seu mais intimo sentimento; o desprezo agora, e logo a seguir a infinita ternura; as grandes resoluções de o esquecer, e ao mesmo tempo o pueril desejo de acompanhar o *Manoel* e o *Francisco*, creados que o acompanhavam na guerra; a violencia nas maldições, e as engenhosas formas de exprimir o carinho; o ciume que lhe despertam as mulheres de França; a fidelidade que lhe assegura, e ao mesmo tempo a ideia que lhe suggere de poder vir a ser amante de outro; a ancia de que todos conheçam o seu amor, e a amargura que lhe causa a perda da sua reputação; a segurança que lhe dá de que é maior felicidade gostar d'alguem violentamente do que ser violentamente

amado; a fórma como lhe falla da superioridade que offerece o amor de uma freira sobre o de uma mulher do mundo; a loucura da abnegação; a embriaguez do sacrificio; a abdicação da sua altivez ajoelhando espiritualmente aos pés do amante; a quasi felicidade no martyrio; a curiosidade feminina nascida na confidencia que elle lhe fizera acerca de uma mulher que deixou em França; a morbida avidez em ver o retrato d'essa rival odiada, mas que com submissão estaria prompta a servir... tudo quanto encerram essas cinco cartas, fórma o poema de amor mais intensamente sentido que jámais nasceu no coração de uma mulher.

E porque o drama que alli se revela não denota convencionalismo litterario, nem obedece a regras de escola, e porque as phrases irrompem espontaneas, e mostram a alma da monja em toda a sua esplendida nudez, essas *cartas* constituem uma *obra prima,* e a sua nomeada é universal.

Não pertencem a uma epocha, não obedecem a uma moda. São um producto unico do espirito humano.

* * *

Tem-se escripto muito sobre ellas.

Entretanto, um ponto ha que tem escapado á discussão, e que merece algum interesse, como o merece tudo o que se refere á religiosa portugueza.

Em que lingua escreveu ella as cartas?

Desde que pela primeira vez as li, e comecei a comparal-as com as traducções portuguezas, entrou commigo a suspeita, que pouco a pouco se tornou em convicção, ou, melhor, em quasi certeza, de que foi em francez que ella primitivamente as escreveu.

Ia, porém, esta ideia contra o que estava geralmente admittido.

E como então ainda era duvidosa a existencia da freira, encerrei o problema na gaveta das reservas.

Poderiam as cartas ser uma mystificação litteraria como muitas das que correram apocryphas n'aquella epocha: não só uma segunda serie que foi attribuida á Religiosa, e as respostas do Conde de Chamilly, que muitos consideraram authenticas, mas tambem, «Les nouvelles lettres de Mademoiselle de Lespinasse», e tantas outras obras de fancaria de livreiros.

Que ellas fossem *forjadas* em francez, acudiu ao espirito de alguns dos nossos criticos. Mas se Herculano, segundo diz Lopes de Mendonça, é de opinião que ellas fossem escriptas n'aquella lingua, dá pouco credito á tradição que as attribue a uma religiosa portugueza.

Apezar do seu talento, o nosso grande historiador era um fraco conhecedor do coração feminino, como tambem o era Jean Jacques Rousseau, que não duvidava attribuir as cartas a um escrevinhador de habilidade.

Ora, aquelles cinco pedaços de alma de mulher não podiam ser, sente-se que não foram, compostos a sangue frio por um escriptor, embora de talento. E a prova é que toda a «Nova Heloisa», ou as mais bellas paginas do «Monge de Cister», não palpitam vivas e amorosas como aquelles farrapos do coração da obscura freirinha.

Que deviam ser escriptas por uma mulher, é fóra de duvida.

E realmente o foram por uma Portugueza, e por uma Alemtejana de Beja.

Hoje a existencia da freira está demonstrada, no perfeito trabalho de exegese publicado por Luciano Cordeiro.

Mas, como todos os que o precederam no estudo das cartas, considerou-as elle uma traducção, e abalançou-se á versão, ou tentativa de restituição ao primitivo texto, que no seu livro apparece.

Outro é o meu pensar, pois não hesito em affirmar que Marianna Alcoforado, a heroina do drama de amor que nas cartas é esboçado, as escreveu em francez.

Ainda até hoje ninguem fizera esta observação.

Entretanto uma vez entrada no espirito, a evidencia torna-se flagrante.

Foi na lingua franceza que a freirinha redigiu as suas cartas.

Só me posso appoiar em argumentos indirectos, mas esses sobejam no meu espirito.

Soror Marianna era de certo instruida, como o eram geralmente as religiosas mais graduadas.

A sua educação feita principalmente com o estudo de humanidades, tornou-a sem duvida familiar com o idioma francez. Todo o Portuguez tem natural aptidão para as linguas extrangeiras, e é sabido que durante mais de dois seculos os nossos escriptores foram bilingues, empregando nos seus trabalhos com igual exito o portuguez e o hespanhol. No ensino feminino entrava ordinariamente o estudo do latim, ás vezes o do grego, e sempre o do francez ou italiano.

Ainda pelos fins do seculo XVIII, nos salões em que o espirito da Marqueza de Alorna pairava com fina graça levemente pedante, o passa-tempo favorito entre as senhoras empoadas e os peralvilhos da épocha era procurarem consonancias na *Eneida* e nas *Georgicas*, rimando com galantaria de sala os versos sonoros de Virgilio.

A Condessa da Ericeira, D. Joanna Josepha de Menezes, de quem no capitulo seguinte nos occuparemos, contemporanea de Soror Marianna, era versada em italiano, latim, castelhano, e francez, e d'ella ficaram ineditas muitas obras n'estas linguas, além de numerosas cartas á Rainha, todas em francez.

Este idioma vê-se portanto que era, como hoje, cor-

rente na sociedade. «*La parleure de France est plus delitible et plus commune à toutes gens*». Assim era no tempo de Brunetto Latini, assim o foi no de Soror Marianna, assim é hoje ainda.

Ora, o Conde de Chamilly não sabia decerto o portuguez, e, pouco intelligente, como o figura Saint Simon, não se apromptou em poucos mezes para comprehender a linguagem da freira.

Ella, na ancia de ser entendida, e manejando com facilidade o idioma d'elle, é natural que d'este se servisse.

Ainda hoje qualquer pessoa de mediana cultura, querendo dirigir-se a um Francez residente em Portugal, é na lingua d'elle que se lhe dirige. E' curioso que isto não tenha occorrido a quem tem estudado o assumpto!

Se lermos as cartas em francez, e as compararmos com as traducções que ahi correm, ou seja a do Morgado de Matheus, ou a de Filinto Elysio, a de Domingos José Ennes, os trechos de Pinheiro Chagas ou Lopes de Mendonça, e, finalmente, a de Luciano Cordeiro, facilmente nos convenceremos de que o original é a licção franceza, espontanea, correndo fluente, dizendo o que o coração sente sem preoccupações litterarias, ao passo que nas versões, embora devidas a cultores emeritos da lingua, falta a naturalidade, que é todo o encanto d'essas cartas. Umas são amaneiradas, n'outras sente-se que a phrase é rebuscada e artificial, em algumas as palavras de amor coadas pelo espirito do litterato perdem o aroma da alma apaixonada de Soror Marianna, e adquirem um leve fartum de «Secretario dos amantes».

As versões inglezas que conhecemos, especialmente a do Sr. Prestage, o benemerito lusophilo a quem muito deve a nossa litteratura, não enfermam d'aquelles defeitos, porque só pretendem *traduzir* as cartas, sem que se proponham, como alguns dos nossos escriptores, aparar com

esmero uma penna de pato, molhal-a no tinteiro imaginario da monja, e dar-lhes um estylo seiscentistia.

Já a traducção em verso que acompanha a edição de Prestage, embora curiosa, é, como a franceza de Dorat, um exercicio de acrobatismo litterario sem côr e sem graça.

O Morgado de Matheus, na excellente noticia bibliographica, escripta no mais puro francez, com que faz preceder a sua traducção na edição de 1824, apresenta um raciocinio que, sem que o pareça, dá força á nossa these, diz elle: «Um Portuguez, ou outro qualquer que conheça esta lingua, não poderá duvidar de que estas cinco cartas da freira tenham sido traduzidas quasi litteralmente do original portuguez. A construcção de muitas phrases é tal que, se as retraduzirem palavra por palavra em portuguez, apresentam inteiramente o genio e o caracter da lingua».

O que D. José Maria de Souza Botelho devia ter dito, era que a construcção da alma da freira é que era portugueza, o seu coração *sentia em portuguez;* a lingua em que exprimia esse sentimento não era um motivo erudito para torneio academico, mas apenas um instrumento para transmissão do seu pensamento amoroso. A traducção ia-a ella fazendo em si propria, ao correr da penna, tumultuariamente, emquanto lá em baixo, na portaria do Convento, a ordenança do Conde esperava impaciente, e quatro vezes mandava recado á freira para acabar a sua carta. «O official que deve levar esta carta (exclama ella), manda-me dizer pela quarta vez que quer partir. Que importuna pressa! De certo que abandona alguma desgraçada n'este paiz».

O proprio sabor, um quasi nada silvestre, que transparece no francez d'essas cartas, o seu leve exotismo, que foi um dos motivos do seu exito, a felicidade das expressões sem phrases rebuscadas, a fórma do tratamento, tão difficil em portuguez, em que quasi todos os traductores

tropeçaram, tudo nos está revelando que a licção original d'essas cartas foi a franceza.

Se os suppostos traductores, ou Guilheragues, depois Embaixador em Constantinopla, ou Subligny, o advogado em Pariz, tivessem emprehendido uma traducção, essa é que de certo accusaria o esforço empregado para ageitar a linguagem portugueza nos moldes da lingua franceza, pois qualquer d'elles não se limitaria a trasladar singelamente as phrases apaixonadas, e com certeza as vestiria com as pompas do estylo da épocha. Ora, as cartas da freira, em francez, não obedecem a moda nenhuma e são de todos os tempos.

Occorrerá de certo objectar que na primeira edição das cartas se diz peremptoriamente que ellas são *traduzidas em francez*.

O argumento colheria se as palavras do editor Barbin fossem um evangelho. Mas Barbin, o conhecido e afamado livreiro, em frente de cuja loja se passam algumas scenas do *Lutrin* de Boileau, é aquelle que Molière cita quando diz:

«*Eh bien nous nous verrons, seul à seul chez Barbin*».

Não escrupulizava o famoso mercador de livros em torcer a verdade.

A prova é que no prefacio da primeira edição das cartas declara, com desfaçatez inaudita, que não conhece o nome do destinatario d'ellas!

Barbin, além de tudo necessitava prevenir um movimento de duvida no publico acerca da proveniencia das cartas, pois ninguem acreditaria que uma obscura freira de um convento, nas arredadas terras de Portugal, escrevesse em francez aquella prosa tão captivante.

Declarando as traduzidas, todos as tomariam como taes.

E, effectivamente, mais tarde toda a gente aceitou que

ellas fossem trasladadas por Guilheragues ou por Subligny.

O que é possivel, o que é mesmo provavel, é que qualquer d'elles interviesse na *preparação* para o seu apparecimento em publico, e corrigisse algum erro de syntaxe, que mesmo os mais conhecedores da lingua extranha podem commetter; que emendasse uma ou outra phrase reveladora de extrangeirismo, a que, por muito que se seja douto, ninguem escapa, escrevendo em lingua alheia. Bem manejava Gil Vicente o hespanhol, e em algumas das suas peças n'esse idioma abundam os portuguezismos.

Se, portanto, Guilleragues ou Subligny intervieram, foi no amoldar de alguns trechos que, porventura, escaparam indomitos da penna irrequieta da freirinha, com saibo demasiadamente regional. Assim ficaria descarregada a consciencia do editor Barbin, chamando *traducção* ao texto francez.

O Abbade Feller escreveu, e outros autores de diccionarios historicos repetiram, que: Subligny *avait arrangé ces lettres.*

Este modo de dizer, que ao Morgado de Matheus offerece reparo, attribuindo-o ao pouco conhecimento que Feller tinha do portuguez, parece-me o que mais se approxima da verdade.

E, n'este caso, os factos ter-se-hiam passado assim:

O Conde de Chamilly, no regresso de Portugal, não soube resistir a um impulso pouco delicado de fatuidade, e vaidosamente se gabou ao seu amigo Guilleragues da conquista, em Portugal, da romanesca freirinha, cujas cartas lhe confiou.

«Esprit né pour la cour et maître en l'art de plaire»,
«Guilleragues qui sais et parler et te taire».

escreveu d'elle Boileau.

Mas d'esta vez não soube calar. Deu com a lingua nos dentes, e começou a espalhar-se a noticia do trophéo amoroso trazido pelo elegante Chamilly. Tiraram-se cópias, e uma d'ellas foi parar á loja de Barbin. Este, vendo no horizonte um bom negocio, obteve de Chanilly consentimento para que Subligny *as arranjasse*. E este apenas as teria retocado, deixando-as ainda cheias de defeitos, que o Abbade de Saint Léger lhes apontou quando d'ellas escreveu.

Finalmente, é o proprio Morgado de Matheus quem, escrevendo a sua excellente noticia bibliographica, nos demonstra quanto é natural que um Portuguez escreva em lingua franceza aquillo que é destinado a ser lido por Francezes.

* * *

Não desmerece a minha affirmativa o valor das celebres cartas.

Se Soror Marianna tivesse escripto primitivamente em portuguez, e se a traducção fosse devida ao diplomata ou ao advogado, seriam ignoradas, ou esquecidas, depois de apenas terem tido a ephemera celebridade do escandalo.

Taes como ella as escreveu figuram com extranho brilho na série das manifestações immortaes da paixão amorosa.

Sainte-Beuve, enumerando as obras primas que essa paixão tem feito nascer na humanidade, falla de Sapho, cujos suspiros de fogo nos aquecem ainda hoje, na *Phedra* de Euripides, na *Magica* de Theocrito, na *Medea*, de Apollonio, na *Dido* de Virgilio, na *Ariana* de Catullo.

«E entre os modernos (accrescenta elle), possuimos as *Cartas latinas de Heloiza*, as da *Religiosa portugueza*, *Manon Lescaut*, a *Phedra* de Racine, e raras outras producções, entre as quaes as cartas de Mlle. de Lespinasse».

Ainda assim, a nossa freira emerge com especial vigor entre essas todas.

E' que as outras accusam a sua origem directa ou indirectamente litteraria.

E as cinco cartas da freira portugueza são apenas um lamento de alma atormentada que se vai repercutindo, como um echo doloroso, pelas quebradas do tempo...

Condessa da Ericeira
D. Joanna de Menezes

Thespiadum Joanna choro dabat inclyta leges...

(*Padre Antonio dos Reys*, «Enthusiasmus Poeticus».)

SUMMARIO

Como eu a imagino - A sua familia — Os Menezes — A lenda de Ximena e dos dois Infantes — Os Condes da Ericeira — Um patriciado intellectual - O seu palacio — A sua livraria — O Portugal Restaurado — O casamento — O attentado — A Rainha D. Maria Francisca Izabel de Saboya O Poema da Condessa da Ericeira — Morte da Condessa.

Existe no Museu do Prado, em Madrid, um quadro representando, em tamanho natural uma senhora nobre da côrte de Fillippe IV, que chama a attenção de todo aquelle que se interesse por essa attrahente manifestação de arte, que é o retrato.

O caracteristico toucado que se divide em dous arredondados tufos sobre as orelhas, e que uma leve pluma encima; a riqueza do desenrugado justilho adornado de pedrarias; a amplidão do guardinfante almofadado com arqueadas anquinhas sobre os quadris; a intelligencia do olhar; e a serenidade que em toda a physionomia transparece, indicam que está ali alguem superior.

E' assim que eu imagino a figura de D. Joanna de Menezes, e a vejo desenhada no fundo magnificente da li-

vraria dos Ericeiras, cercada com a moldura auriluzente do pomposo seculo XVII, em cuja derradeira metade ella se destacou.

Camareira-mór de D. Catharina de Bragança, que fôra Rainha de Inglaterra, correspondente epistolar da Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, proeminente vulto no patriciado das lettras, a sua personalidade symbolisa majestosamente a aristocracia intellectual do seu seculo.

A familia em que nasceu e de que foi representante; a sociedade em que viveu; a atmosphera litteraria e artistica em que respirou; os dramas a que assistiu; tanto o nacional com as luctas para consolidar a independencia, como o da côrte, com o divorcio e segundo casamento da Rainha: a tragedia domestica que a tornou viuva; o papel que teve no movimento das academias do seu tempo; as obras que compôz, e o diapasão em que a sua alma vibrou, dão á individualidade da Condessa da Ericeira um interesse que a muitos, mesmo entre aquelles que melhor deitam os olhos ás cousas de outras éras, tem passado despercebido.

Esse interesse não é motivado por aventuras amorosas de que fosse heroina, nem causado por enredos palacianos que fomentasse; não provém da sua interferencia nas intrigas politicas, nem da parte activa que tomasse nos mexericos, em que foi fertil a sociedade d'aquelle tempo; esse interesse resalta da sua figura representativa, — aureolada com o prestigio que lhe provém das qualidades typicas da sua casta, e d'essa raça em que todos foram guerreiros, poetas, estadistas, homens de lettras, estudiosos, academicos, e cortezãos.

Filha do Conde D. Fernando, que escreveu a «Historia de Tanger», mulher do brilhante D. Luiz de Menezes, general de artilharia, e auctor do «Portugal Restaurado», mãe e educadora do poeta da «Henriqueida»; e ella propria polygrapha e polyglota, erudita e poetisa, tem na ga-

leria das mulheres illustres um lugar eminente, e faz reviver na nossa imaginação todo o espectaculo curioso do Portugal após a restauração, com as suas grandezas e as suas mesquinharias.

Os Ericeiras vinham de longe, e vinham de alto.

Conhecem a lenda do annel que figura nas armas dos Menezes?

Ahi pelos annos de 921 a Infanta Ximena, filha do Rei Ordonho II, que fôra seduzida e abandonada, fugiu para o lugar de Menezes em terras de Campos, no Reino de Leão, onde encontrou agasalho em casa de um honesto lavrador chamado Tello Sanchez. Occultou a Infanta a sua condição. Mas tão linda era ella, e tinha tal encanto, que logo o lavrador se deixou captivar, e lhe offereceu a sua mão.

Casaram. D'essa união nasceram dois gemeos que se foram creando na herdade do feliz casal.

Ora aconteceu que d'ahi a tempo se extraviou na serra visinha, separando-se accidentalmente da comitiva que com elle andava monteando, um caçador que veiu acolher-se ao logarejo, e pedir hospedagem a casa de Tello Sanchez.

Reconheceu logo Ximena no cançado monteador o Rei seu Pae, cuja colera tanto receiava.

Foi-se a uma arca e tirou d'ella um vestido de brocado que trouxera da Côrte, e n'esse rico estofo talhou dois gibões, com que vestiu os seus gemeos E quando preparava uma fritada de ovos destinada ao régio caçador, pois sabia quanto elle apreciava esse manjar, deixou cahir n'este um annel com um valioso rubi encastoado, que elle lhe dera. Ordenou então aos pequenos que fossem assim vestidos com as aljubetas de brocado servir a torta de ovos ao desconhecido hospede.

Não deixou elle de fazer logo reparo no trajo dos dois ephebos, para os quaes porventura o estava chamando a voz do sangue. Impressionou-o a offerta, e o condimento da

malassada sua predilecta. E mais que tudo surprehendeu-o encontrar na saborosa iguaria o annel com o rubi, que se recordava ter offerecido á Infanta sua Filha.

Olhando-o então ella anciosamente, leu-lhe nos olhos o perdão, e deixou-se cahir de joelhos a seus pés implorando-o.

Accrescenta a lenda que o Rei deu logo fóros de nobreza ao honrado lavrador Tello Sanchez, e reconheceu como seus netos, os filhos d'este e da sua filha Ximena, trazendo depois todos para a Côrte.

Mandou então celebrar justas festivas, nas quaes entraram os dois Infantes com escudos de ouro liso apresentando este mote:

«Si quieres saber quien son
Los dos dorados pavéses
Hijos de la hija son
De Ordoño de Leon
Y de Telo de Meneses.»

Y porque en aquellos tiempos (diz-nos um genealogista) y hoy se usa en algunas partes llamaren a las tortillas de huevos malassados, asi al escudo de sus armas llamaron — malassados de los Menezes».

Esta é a lenda. Mas quem consultar os linhagistas verá como de D. Tel Perez sexto neto de D. Fruela II, rei de Leão e Galliza, provem aquelle Martim Affonso Tello, pae de João Affonso Tello, da Rainha D. Leonor Telles, de D. Maria Telles, e do Conde da Neiva, o cavalleiroso guerreiro. E d'este se originaram entre outras casas nobres as dos Cantanhedes, a dos morgados de Ponte de Sôr, e os Marialvas, de que vieram os Ericeiras depois Marquezes do Louriçal e Condes de Lumiares.

Quem quizer conhecer a ascendencia d'essa familia: «*Illustre e dino ramo dos Menezes*», a que nas «Rimas»

Camões allude, e que glorifica no canto X dos «Luziadas», poderá ler, entre outras obras, a «Henriqueida», e suas notas minuciosas.

Não nos deteremos n'isso e saltaremos ao seculo XVII, a encontrar o 1.º Conde da Ericeira D. Diogo, a quem succedeu seu sobrinho D. Fernando de Menezes, que foi o pae da nossa Condessa.

N'esta familia o sangue fervia nas veias, e as idéas borbulhavam nos cerebros; e se, em vez das suas actividades terem desabrochado no periodo da decadencia, este D. Fernando e os seus descendentes immediatos tivessem apparecido dois seculos atraz, egualariam na estatura os heroes da grande época, pois que, folheando os fastos militares, encontram-se Menezes, ou seja batalhando no Ultramar, ou distinguindo-se nas guerras da Independencia, Montijo, Ameixial, Valverde, Montes Claros; ao passo que no Catalogo da Bibliotheca Ericeiriana figuram 145 obras, umas impressas, outras manuscriptas, devidas á penna dos senhores d'esta casa.

O Conde da Ericeira D. Fernando, logo depois de ter estudado a mathematica, o latim, e a philosophia, ardendo em ancia de se distinguir, abalou para Madrid, e d'ahi para Italia, entrando no sitio das praças de Alexandria, e outros.

Retirando-se depois para a sua casa do Louriçal, d'alli veiu chamado ao Paço pelo Conde da Atouguia, em nome de El-Rei D. João IV, que lhe confiou a empresa de fortificar os portos maritimos contra a invasão castelhana.

D'estas idas ao Paço resultou encontrar-se algumas vezes com uma das damas da Rainha D. Luiza, a graciosa D. Leonor de Noronha, com quem casou. E em 17 de Setembro de 1652 nasceu a pequena Joanna, que mais tarde veiu a ser a formosa Aonia — 3.ª Condessa da Ericeira.

*

* *

Aqui na vizinhança os mouros d'Africa commettiam com frequencia insultos, e causavam graves perturbações na vida e fazendas dos christãos com prejuizo para o nosso prestigio.

O Conde da Ericeira foi indicado para ir castigar os infieis, e logo nomeado Governador, e Capitão General de Tanger. Para alli partio em Fevereiro de 1659 levando sua mulher e a filhita.

Foi energico e foi justiceiro.

Mas como á parte algumas refregas com os mouros, a existencia lhe corria monotona n'aquella possessão, que já não era, como tambem fôra Ceuta, escola de heroicidades guerreiras, e campo de tirocinio para nobres e cavalleiros, empregava os seus ocios em juntar materiaes para a «Historia de Tanger», que depois escreveu, e em ensinar á filhinha os primeiros rudimentos das linguas franceza, italiana, e hespanhola.

Aproveitaram as licções á precoce discipula, pois, em qualquer d'estas trez linguas veiu a escrever com elegancia.

Entretanto na metropole os acontecimentos iam acompanhando os incidentes da politica européa.

A alliança ingleza impunha-se ao governo portuguez, e, para fazer reconhecer a independencia, contrariando os manejos hespanhóes, era necessario ir até ao sacrificio. Assim o entenderam os ministros da Rainha Regente, negociando o casamento da Infanta D. Catharina com Carlos II Rei de Inglaterra, e avolumando o seu dote em dinheiro, com os contrapezos de Bombaim e de Tanger.

Bombaim era considerada de somenos valor. Tanger,

diziam, só nos tinha custado sacrificios desde o tragico captiveiro do Infante Santo, ás recentes incursões dos mouros. Incluiu-se n'um dos artigos do Tractado a cedencia de Bombaim e de Tanger aos Inglezes.

Mas era conhecido pelos governantes o caracter do Conde da Ericeira, Governador d'esta possessão, e sabia-se quanto elle, não só apreciava a integridade do dominio portuguez, como a lealdade da população de Tanger, que, contra a imposição do Conde de Sarzedas, acclamara em 1650 o legitimo rei D. João IV.

Pediram portanto á Rainha que escrevesse ao Conde fazendo-lhe ver a necessidade da entrega d'aquella praça. Era facil de prevêr que lhe daria grande abalo receber aquella intimação.

Indignava-o a cedencia. Recusou cumprir o tractado.

No seu intimo a Rainha apreciou com sympathia a intransigencia do Ericeira, e a sua nobre repugnancia em executar uma ordem que reputava humilhante. Mas os dictames que lhe impunham a situação obrigaram a Rainha a escrever de novo. Respondeu elle insistindo na recusa, e pedindo que, se a cedencia era inevitavel, o dispensassem do governo d'aquella praça, e nomeassem quem viesse substituil-o.

Foi então nomeado D. Luiz de Almeida para proceder á transferencia da praça.

O Conde de Ericeira partiu!

Quando se afastava acabrunhado d'essa terra d'Africa, que tanto sangue custara, confrangia-o uma indizivel tristeza. Aquella entrega inflammava o seu animo patriotico, e escutando dentro em si vibrarem as estancias canoras do Canto IV dos «Luziadas», não dispunha de serenidade para avaliar as vantagens diplomaticas do tractado matrimonial, nem a previsão de que os Inglezes, com senso pratico, passado tempo, haviam de abandonar elles proprios

aquella praça, reconhecendo a sua posse inutil e dispendiosa.

Tempos depois, escrevendo a sua «Historia de Tanger», alimentava a esperança de que Portugal viesse a recuperar o seu dominio n'aquellas paragens ..

Generosa illusão!

A melancholia d'aquella alma sentindo angustiosa retalhar um pedaço da patria portugueza para ser entregue aos Inglezes, tem não sei que grandeza elegiaca e dá o calefrio d'uma prophetica visão! Na memoria da pequena Joanna nunca mais se apagou a recordação d'esses dias tristes.

* * *

Voltando ao Reino o Conde da Ericeira, cuidou então em escrever a sua obra, e de completar a educação da filha unica, que ia crescendo em formosura, e em excepcional vivacidade. Uma e outra empreza levou a cabo brilhantemente.

Na historia de Tanger apparece o seu retrato em gravura aos 68 annos. E' feio e desageitado.

Entretanto no seu olhar ha intelligencia e penetração que o buril do gravador, embora pouco perito, soube conservar.

Essa intelligencia legou elle á filha, e adornou o seu espirito, preparando-a para a grande situação que tinha de occupar.

Por esse tempo viviam já os Ericeiras na sumptuosa habitação, que tão bem emmoldurou o seu fausto viver.

Essa casa, famosa pela opulencia, pela elegancia architectonica, e pelas maravilhas que encerrava, fôra edificada em 1550, por Fernando Alvares d'Andrada, fidalgo da casa de D. João III e fundador do convento da Annunciada.

Uma sua neta, D. Izabel de Castro, casou com D. Fernando de Menezes, e por elle a herdaram os Ericeiras, que a engrandeceram e melhoraram, ajudados pela sua faustosa imaginação, bizarria de animo, e recursos da sua enorme fortuna.

Respigando nos livros onde d'essa vivenda se encontram noticias; o *Mappa de Portugal* de Baptista de Castro, as notas de Barbosa Machado, a *Chorographia* do Padre Carvalho, um artigo de Innocencio, e a «Lisboa Antiga» do nosso Julio de Castilho, Visconde de Castilho II, chegamos a reconstituir na imaginação esse palacio, um dos melhores da Capital, vivenda senhorial da illustre familia que n'ella abrigou prodigios de arte e thesouros de sciencia.

Ficava aquella fidalga residencia situada defronte do mosteiro da Annunciada, n'esse tempo fóra de portas, e recebia logo de estreia, ar puro das hortas de Valverde, hoje a nossa Avenida da Liberdade, e das almuinhas que subiam a encosta que ia dar ao Curral, hoje campo de Sant'Anna.

A vasta área que occupava, com as edificações e dependencias, era limitada ao norte por um terreiro que hoje é o largo da Annunciada, ao nascente pela rua que sahia das portas de Santo Antão, e que se chamava então Carreira dos Cavallos, ao sul por uma congosta estreita, que hoje se chama rua dos Condes e que era o prolongamento da actual Calçada da Gloria. Uma testemunha de vista diz que o palacio tinha 120 salas e quartos, e 10 pateos, além dos jardins, hortas, terreiros e eirados, e de todas as officinas necessarias a uma casa nobre.

Era magnifica a entrada. Ao centro de um claustro, circumdado de elegantes columnas, repuxava uma fonte, como nos pateos refrescantes da semi-arabe Sevilha, como nos mosteiros da Renascença peninsular, e como nas *villas* aristocraticas da antiga Roma.

Antes de subir a larga e airosa escadaria, que levava ao pavimento superior, ficavam logo á entrada, no rez do chão, os aposentos onde se achavam installadas as collecções, o medalheiro, os instrumentos de physica, os globos geographicos, os soberbos mostruarios onde estavam expostas as preciosidades bibliographicas, as obras de arte, as curiosidades scientificas.

E nas estantes, que cobriam as paredes, a famosa e inspirativa livraria ostentava as lombadas de encadernações de luxo. Entre estas a do celebre manuscripto intitulado «Vida do Imperador Carlos V», escripta pelo seu proprio punho; o «Livro de plantas naturaes», illuminado, que fôra do rei da Hungria; as «Cartas de marear» dos primeiros descobridores das nossas conquistas... E quantas outras maravilhas!

Nas salas d'esta por'entosa bibliotheca, amplas janellas abriam sobre as varandas e eirados — e multiplas fontes e cascatas, em que corria fresca agua, moderavam os calores ardentes do verão; emquanto no inverno numerosos brazeiros acompanhavam com conforto os estudiosos visitantes.

E não rareavam elles; que alli a hospitalidade scientifica e litteraria, proporcionada aos investigadores, era illimitada.

A esse bizarro acolhimento dos doutos e magnanimos Ericeiras, n'um tempo em que não havia bibliothecas publicas, e em que, além das livrarias e cartorios dos conventos, só em algumas casas nobres se encontrava leitura, deveram muito as lettras patrias. E não lhe regateiam por isso aplausos as referencias de muitos escriptores, entre os quaes D. Antonio Caetano de Sousa, que entôa o elogio d'essa suggestiva bibliotheca, onde «se achava asylo e direcção, e tinha cada um aquellas riquezas como proprias suas, podendo até levar de emprestimo obras, sem

reserva das melhores e mais raras, e ouvir os conselhos do generoso hospedeiro».

Essas salas onde se realizaram tantas conferencias eruditas, tantas sessões academicas, tantos torneios poeticos, tantas palestras e tertulias, e onde se respirava uma atmosphera de *cultismo*, ao mesmo tempo elegante e douto, (pois então, em toda a Europa, o mundanismo mais requintado não prescindia do condimento de um *preciosismo* litterario), essas lindas galerias, luxuoso templo de erudição, constituiam a estufa mais apropriada para fazer desabrochar aquella flôr de intensa cultura intellectual, que mais tarde havia de ser a Condessa da Ericeira.

Era n'esse meio de opulencia e de grandeza espiritual que se ia educando a filha unica do Conde D. Fernando, a pequena Joanna, a qual, depois das horas dedicadas ao estudo, e terminadas as licções de philosophia, latim e theologia com o grande latinista Antonio de Mello, da Companhia de Jesus, descia os poucos degraus que levavam aos jardins alinhados de buxos, onde se admirava a celebre fonte de Bernini, e junto da qual se servia a merenda. Alli perto, na rua assombreada e coberta de rêdes para viveiros de aves, chilreavam centenas de passaros cantores, trazidos ou enviados do Brazil, da Africa, das Ilhas, pelos parentes governadores ou vice-reis, emquanto ao longe, na horta, gemia roufenha a nora mourisca com os seus alcatruzes de barro, que entornavam agua com abundancia para a rega dos pomares.

Depois da merenda, quando as torres proximas do convento da Annunciada, e mais lá para o sul as dos conventos de S. Roque, do Carmo e da Trindade, chamavam ás vesperas, ou davam o signal das *Ave Marias*, subia com as suas aias e cuvilheiras a larga escadaria que levava ao pavimento nobre, atravessava as quatro grandes salas, onde das paredes pendiam os quadros de Ticiano,

Rubens, Corregio, Julio Romano, e outros, seguia pela extensa varanda de mosaico adornada com estatuas de marmore, bancos azulejados, e alegretes floridos, e entrava, ou no oratorio particular, ou, passando o terreiro, na tribuna sobre a egreja de que os Ericeiras eram donatarios, para alli rezar os officios proprios da estação do anno.

Quando a herdeira de tantas maravilhas chegou á edade casadoira, e a sua formosura ganhou fama na côrte e na cidade, enxamearam os pretendentes á sua mão, que foi ambicionada pelos mais brilhantes entre os nomes illustres.

* * *

Um houve, porém, que ella preferiu sem hesitar. Foi D. Luiz de Menezes.

Dizendo-se que o escolhido era seu tio, irmão embora bastante mais novo de seu pae, e considerando que tinha mais vinte annos que ella, occorre perguntar se esse casamento não teria sido um pacto de familia, um arranjo por conveniencias, em vez de um romance de amor, ou inclinação sentimental.

E' certo que n'aquelle tempo as allianças eram combinadas sem prévia audição ou consulta dos interessados. Pode tambem alguem suppôr que n'uma familia de doutos e eruditos, em que os poemas que compunham eram dispostos em cantos e oitavas, segundo as regras da arte poetica, e em que os discursos que proferiam eram armados em conformidade com as exigencias da rhetorica, tambem os casamentos fossem talhados pelo convencionalismo das pragmaticas, ou interesses sociaes.

Não se dava, porém, agora esse caso.

D. Luiz de Menezes, o escolhido, era o homem dotado com todas as qualidades e defeitos proprios para captivar um coração de 16 annos.

Fôra a imaginação n'aquella creança embalada com as narrativas dos triumphos obtidos por elle, já nos festejos brilhantes, cavalhadas, justas, e jogos de alcanzias na côrte, já nas arrojadas emprezas das campanhas do Alemtejo.

A individualidade de D. Luiz de Menezes é talvez difficil de definir; a sua alma por vezes apparece enigmatica, e são porventura susceptiveis de interpretações diversas alguns dos actos da sua vida. Mas é indubitavelmente uma figura superior com todo o prestigio e seducção que dão a bravura nos campos de batalha, a elegancia nas liças dos torneios, e a eloquencia nas academias.

Muito novo ainda distinguia-se nas batalhas das linhas d'Elvas, S. Miguel, Ameixial e Montes Claros; e contava-se aquelle caso de, ao quererem os hespanhoes vadear o Rio Dijebe, serem batidos brilhantemente pela artilharia de D. Luiz de Menezes, o qual na embriaguez do combate gritava com enthusiasmo aos seus soldados, communicando-lhes a coragem que electriza os exercitos, ao mesmo tempo que, generoso commandante, no calor do tiroteio, enchia as mãos de dobrões aos que se avantajavam nas pontarias dos tiros.

Venceu! E foi desde então que D. João d'Austria começou a sentir-se perdido, e a retirar-se, deixando abandonado o seu exercito, e *a sua Dama,* que, fugindo n'um coche, foi surprehendida... Mas isso não vem ao caso.

As façanhas dos combates deram grande reputação a D. Luiz de Menezes, que, moço ainda, foi general de artilharia.

Além das suas qualidades militares era um bello homem.

Dá d'isso claro testemunho o retrato em gravura na magnifica edição do seu *Portugal Restaurado.*

Circumdado por um ornato decorativo e rematada a moldura pelo escudo dos Menezes, vê-se o Conde da Eri-

ceira, D. Luiz, sentado junto de uma mesa, tendo segura na mão direita a penna com que escreve a historia das batalhas da independencia. Posto á esquerda sobre a mesa, e ao alcance da mão, o elmo emplumado dos combates, dá um desmentido áquelle desabafo do Padre Manuel Bernardes, que na sua *Nova Floresta* lamenta que «em Portugal as espadas largas de generassem em cotos e os capacetes se trocassem em perucas».

Cinge-lhe o busto a ferrea armadura das guerras, sob a qual apparece o porpõem de seda adamascada, sahindo-lhe das mangas os punhos de rendas finas. Perto d'elle, á direita, o tinteiro, onde vae mergulhar a penna na fervura da composição, e junto a raspadeira, com que se eliminam as phrases menos correctas, e se limam as arestas do discurso.

O rosto emmoldurado na ennovelada cabelleira é expressivo. Vivos os olhos, bem rasgada a bocca que se arqueia nos cantos em não sei que levemente dolorosa expressão que pressente amargura. Voluntarioso o mento, que assenta no laço refolhudo da golilha de cambraia.

Olhando esse retrato não custa a comprehender, e a admittir, que a mocidade da sobrinha se deixasse captivar pela mascula belleza do tio. Foi assim que ella o elegeu pelo coração, e o escolheu pelo quilate do espirito, no qual achava todas as qualidades da sua familia, em que o talento e o valor militar se transmittiam com o sangue.

* * *

Casaram! D. Joanna de Menezes adorou o marido, e seguiu-o para alguns dos pontos onde o levava a sua vida militar.

Teria elle realmente alguns dos defeitos que lhe são apontados?

E, se assim foi, daria ella por esses defeitos?

Os dizeres da *Anti-Catastrophe*, livro composto no intento de defender o Rei D. Affonso VI, que tão maltratado fôra na celebrada *Catastrophe*, devendo embora ser sempre sujeitos a reservas, são comtudo elucidativos.

Esse livro, aliás prodigo em elogios para o Conde da Ericeira, exaltando os seus talentos e valor na guerra, em que «ninguem se lhe avantajava, e muito poucos o egualavam», deixa entretanto adivinhar alguns senões, considerando-o ambicioso do valimento e das privanças d'El-Rei, tentando derribar o Castello Melhor no momento da sua omnipotencia, e para isso «inventor de movimentos, que não deixavam de causar alguns disturbios no exercito». Notalhe tambem genio travesso, e accusa-o de novelleiro, chegando mesmo a referir um caso em abono d'esta asserção. Sendo o Conde general de artilharia, e querendo El-Rei folgar uma tarde n'uma jornada para Salvaterra, formara uma companhia de cavallos, fazendo o Ericeira seu tenente, preferindo o ao Infante.

O Conde, então, julgando-se seguro no valimento, não duvidou dar a El-Rei conta de algumas das «sem razões» do ministro. Mas D. Affonso VI, que «tinha o Castello Melhor mettido no coração, tanto que ouviu fallar mal d'elle, sem máis resposta, lhe voltou as costas e negou a entrada no palacio.»

Data d'ahi a animosidade do Ericeira contra D. Affonso VI, que mais se aggravou quando se deu outro caso que fez grande barulho na cidade.

Uma noite, recolhendo-se do Paço com sua mulher e seu irmão, n'um coche puxado por quatro mulas, sahiram dos ultimos arcos da praça do Rocio, pela porta do mosteiro de S. Domingos, trez homens a cavallo que dispararam os bacamartes contra o coche, que vinha fechado, porque havia tempestade.

Uma das mulas cahiu logo morta, outra estrebuchava

agonisante, quando o Conde sahiu da berlinda em perseguição dos malfeitores, que se evadiram a galope, mas nos quaes elle julgou reconhecer trez dos chamados *valentes* de El-Rei.

A Condessinha com os seus dezeseis annos, alvoroçada, mas não apavorada, só cuidou em que o marido não padecesse, precipitando-se em seu seguimento para heroicamente se antepôr ao perigo. Os assassinos iam já longe. Recolheram os Condes com os creados a sua casa, que não ficava distante.

Correu logo no dia seguinte noticia do attentado, e muito se discorreu sobre o caso, querendo alguns filial-o nas desavenças entre o Conde e El-Rei D. Affonso VI, a quem attribuiram a ordem do assalto. Diziam outros que o Castello Melhor, sabendo que um creado do Paço, Francisco Banha, estava encarregado de dirigir o assalto e receando que isso fosse attribuido a vingança sua, dera ordem para apenas se executar a sentença nas mulas.

O que é certo é que elle manifestou grande pena, dizendo que com o proprio sangue compraria não ter isto acontecido.

D. Rodrigo de Menezes, irmão do Marquez de Marialva, que arteiramente dirigia a facção do Infante D. Pedro, correu pressuroso ao palacio dos Condes da Ericeira, no intento de dar maior publicidade á emboscada, e, avolumando o escandalo, trazer de vez o despeitado Conde ao partido do Infante.

Não foi, decerto, indifferente este episodio ao coração da Condessinha da Ericeira, que irresistivelmente começou a inclinar a sua sympathia para o partido do Infante e a sua piedade para a situação da Rainha, que considerava aggravada nos seus sentimentos de mulher, e profundamente infeliz, achando-se unida áquelle que julgava tão pouco digno d'ella.

Por seu lado á Rainha não passou desattendido o espirito tão ricamente dotado da Condessa, que reunia á sua alta situação uma cultura pouco vulgar, e que possuia como suas as linguas franceza e italiana, o que facilitava muito as suas relações.

Originou-se por isso uma correspondencia entre ellas, correspondencia que mais tarde formou um volume de cartas em francez tanto em prosa como em verso (pois a Rainha tambem versejava com talento), e que se conservava manuscripto na Bibliotheca Ericeiriana. Esse livro, com as demais preciosidades d'aquella livraria, ardeu no incendio que se seguiu ao terremoto de 1755.

Lamentavel, por muitos motivos, foi a perda d'esse volume, que decerto nos revelaria tantas cousas ignoradas, e que não só daria um mais completo conhecimento do valor da Condessa da Ericeira, mas ajudaria a restabelecer a verdade ácerca do feitio d'alma d'aquella Rainha, sobre quem tem chovido tantos doestos, e para cuja rehabilitação decerto muito concorreria a leitura da interessante correspondencia.

Tenho como certo que a estima que a Rainha D. Maria Francisca mereceu á virtuosa Condessa da Ericeira, é já por si uma demonstração de que esta encontrara qualidades fundamentaes na que fôra a espirituosa *Mademoiselle d'Aumale,* a qual, sahindo de Versailles, descuidada e leve mente frivola, entrou abruptamente no drama pungente que n'este canto do mundo se representava.

E mais: não me custa a crer que o commercio entre estes dois espiritos tivesse uma influencia decisiva no da Rainha, que, passada a crise em que o seu orgulho e o seu coração tanto padeceram, e em que por vezes as apparencias lhe são desfavoraveis, ao depois redimiu as culpas que teve, com o seu entranhado affecto ao marido e a educação espiritual que deu á filha.

Ora, que não foi indifferente a este cambiante a personalidade da Condessa da Ericeira, contribuiria certamente para o demonstrar (se o fogo a não tivesse devorado) a correspondencia alludida, como indirectamente o demonstram as obras que d'ella nos restam.

Se é certo que qualquer escripto, por menos pessoal e subjectivo que seja, encerra sempre elementos preciosos para a biographia do auctor, ou para o conhecimento da sua indole, nos trabalhos que nos ficaram impressos da Condessa D. Joanna encontramos elementos para avaliarmos a communicativa piedade que formava o fundo da sua alma.

E comparando-os com algumas das producções da Rainha na sua phase mystica, encontramos semelhanças de sentir, que nos revelam affinidades nos dois espiritos, embora distanciados pela diversidade de origem. Assim, na Elegia que a Rainha escreveu em francez, e que a Condessa da Ericeira paraphraseou em dez oitavas portuguezas (documentos que se encontram por extenso transcriptos ambos nas provas da Historia Genealogica) seguimos a trajectoria de uma alma no seu movimento ascensional em busca da felicidade, correndo atraz da chimera intangivel, julgando illusoriamente encontral-a nos prazeres do mundo, nas grandezas e vaidades, nas honrarias e festas, mas não podendo fixar-se senão na pratica da virtude e no seio de Deus.

O poema da Condessa que se intitula «*Despertador del alma al sueño de la vida*», revela tendencia semelhante.

Escripto em hespanhol, conté n trezentas oitavas, e é um producto genuino do gosto do seculo.

Na concepção metaphysica e theologica, na ordem e disposição das materias, nos conceitos e moralidades, obedece impeccavelmente ás regras que imperavam na lit-

teratura do tempo. Trocadilhos, metaphoras, hyperboles, jogos de vocabulos, hypotyposes, e equivocos emmaranham-se engenhosamente, e envolvem as ideias n'uma espessa nuvem de gongorismo.

Os phenomenos sociaes no seu parallelismo synchronico, produzindo-se quasi simultaneamente nos diversos paizes, apenas se distinguem na forma que lhes dá a indole do povo em que se manifestam. As ideias philosophicas, as tendencias politicas, as escolas litterarias, os cenaculos poeticos, os salões mundanos, isto é, a moda no pensar, no governar os povos, no escrever, no versejar, no vestir, e até no modo de amar, apresentam grandes analogias em toda a Europa nos meiados do seculo XVII.

A metaphysica aristotelica, e o idealismo religioso que Malebranche compendiou nos seus *Dialogos,* as doutrinas regalistas e o culto exclusivo da palavra, dominavam a maioria das intelligencias.

Alastrou então por essa Europa fóra uma especie de sarampo espiritual, que na Peninsula se chamou *gongorismo,* em Inglaterra o *euphuismo,* vulgarizado por Lely, na Italia o *marinismo* com os seus conceitos e antitheses, e em França o *preciosismo,* que atacou as almas complicadas da sala azul no Hotel de Rambouillet.

Entre nós o *culturanismo* floresceu exhuberante, exaggerando, se é possivel, as metaphoras com que Luiz de Gongora enfeitou as suas *Soledades* e o seu *Pyramo e Thisbe.*

Não é pois de extranhar que o espirito da Condessa da Ericeira, educado na convivencia dos modelos seiscentistas, formulasse na linguagem da rhetorica corrente as doutrinas peripatheticas de S. Thomaz de Aquino, de que a sua alma estava imbuida.

D'esse geito sentimental nasceram algumas das suas obras, duas das quaes apenas nos restam: a traducção

das *Reflexões sobre a Misericordia de Deus*, obra escripta em francez pela carmelita, que fôra Francisca de la Beaume, a docemente celebre Duqueza de la Valliére; e o poema a que já nos referimos.

A primeira, em linguagem portugueza, apenas nos interessa por ter sido dedicada á nossa D. Catharina de Bragança, e por nos revelar no estylo a vernaculidade da traductora.

Emquanto ao segundo, isto é, o *Despertador del alma al sueño de la vida,* embora alguns criticos o considerem escripto com «mais talento que gosto, mais saber que imaginação», e o achem «além de dogmatico, tão obscuro na phrase, que se chega a duvidar de que a auctora se comprehendesse a si propria», tem, sem duvida, qualidades incontestaveis. Costa e Silva, referindo-se a este poema, diz: «Os pensamentos são nobres e elevados, as suas doutrinas solidas, a sua linguagem é pura, a sua expressãe é forte e concisa, e os seus versos harmoniosos e correntes».

Estes dizeres, que pouco dizem, esta critica, que fracamente critíca, não dão uma ideia da obra, dos processos litterarios da Condessa da Ericeira, nem da technica da sua arte.

A leitura d'esse poema, que pelo seu estylo é a quintaessencia do gongorismo, faria talvez bocejar, se não adormecer, algumas das minhas leitoras (se as tenho!), tão avesso elle é ao paladar de hoje! Mas, se o respigar trechos n'um poema, prejudica a harmonia do conjuncto, ha vantagem em arrancar algumas passagens d'este, que são realmente formosas. Entre as nebulosidades metaphysicas do *Despertador del alma* ha quadros que nos fazem apreciar em cheio a elevação de pensamento d'essa caracteristica musa seiscentista.

*

* *

Resumiremos as transcripções; não porque não haja outros trechos dignos d'isso, mas para não alongarmos mais este artigo.

E', por exemplo, curiosa a sua concepção da vida. — Que és la vida? pergunta ella.

«Que es la vida, que tanto en sus engaños
Presume en su vilesa entretenida,
Si ya en adultos, ó ya en verdes años,
Se acaba de si propria consumida?
Es mas que un passo cierto, en desengaños,
Del ayre amontonada tierra unida?
Componiendola solo con desayre
Vapor de sangre, respiracion de ayre.

Es màs que una ceniza, que calienta
El fuego, que del Alma se produce?
Y elemental deste calor acuenta
Humos esparze, resplandores luce,
Hasta que el ayre, que animado alienta
Extinto solo a un soplo se reduce,
Y apagan con mortal desassossiego
Instantes de ayre, produccion de fuego?

Es màs que una ilusion, que en visos vagos
Busca insassiable, quiere vagabunda
Lo mismo donde encuentra los estragos.
Sin saber la razon, en que se funda.
Codicia incierta a funebres alagos,
Fantastica alegria, ancia jocunda,
Que antes que enfrene al razon su idea
Se muere por lo mismo, que desea?

Es màs que atomo inutil, que levanta,
Del polvo al ser, el Sol del Alma activa?
Hilo, que de la cera se adelanta
A luzir del incendio en ancia viva?

Y consumiendo lo que en vano encanta
En luzimento ageno, en llama altiva,
Vuela leve, remata por costumbre
Si como atomo al sol, hilo a la lumbre.»

E mais adiante, sempre glosando ideias abstractas, e discorrendo sobre a morte, a vida, o destino de além tumulo, enfia uma serie de comparações e de imagens que teem um certo encanto.

«Has visto florecer entre Amapolas
Vulgo ondoyante de la rubia espiga,
Que en gyros verdes, en doradas olas,
Del Sol esmalta la influencia amiga,
Hasta que la corriente en aguas solas,
De brumal patria en rapida fatiga
La innundacion rebienta, y se desata
Torrente de crystal, mina de plata.

Assi la vida que en dichosos visos
Alimento promete, gyros haze,
De verdes años, terminos precisos
El raudal de la muerte la deshaze.
Escarmienta del tiempo en los avisos,
Que al que en la tierra se erigió la baze,
Deslizado en lo mismo que levanta
Por el torrente le falto la planta.»

Ao longo d'essas trezentas oitavas ha descripções pittorescas que nos fazem assistir ás luctas dos elementos na natureza, ás tormentas e aos temporaes em que se encapellam

«Sin limites el mar, sin ley los montes»,

e mostrando-nos que atravez de tudo a cegueira humana vae amontoando vagas impressões sempre em busca de um ideal intangivel, só encontrando decepções

«En el Agua, la Tierra, el Fuego, el Ayre;»

chega afinal ao desolador nivelamento da morte que a ninguem perdoa.

Preoccupada sempre com os problemas que se referem ao destino ulterior do espirito humano, a Condessa da Ericeira, apontando emphaticamente o Relogio do Tempo, vai atravez do seu Poema despertando a alma do somnambulismo, da illusão, da utopia e do sonho.

A impressão causada por este poema quando appareceu, em 1695, foi de unisono applauso, e o alvoroço no Parnaso foi tal que até levou o academico D. José Barbosa a dizer no seu dithyrambico estylo:

«Não escreveu a Excellentissima Condessa com penna de aguia porque ha muito escreveu com penna de fenix, porque é unica.»

Quem fosse sua auctora ninguem o duvidava. Pois o nome de Apolinario de Almada, que o subscreveu, todos sabiam ser o de um criado da Casa dos Ericeiras. E a Condessa já anteriormente compusera outro poema em seis cantos sobre a fabula de «Andromeda e Perseu», que se não corria impresso, era conhecido, e valera-lhe ser cognominada — a Decima Musa.

Por que não assignou ella então o *Despertador?*

Não foi com o intuito de illudir os curiosos, pois seu proprio filho, o Conde da Ericeira D. Francisco Xavier, no prefacio da *Henriqueida* proclama abertamente o nome da auctora.

Seria uma altiva reserva que a levava a furtar ao publico a discussão sobre o seu merito, e seria pela mesma razão que deixava de dar á imprensa muitas das suas obras, taes como: — *A vida de Santo Agostinho*, *o Triumpho das mulheres, As Cartas á Rainha, As Cartas familiares* em francez, hespanhol, italiano e portuguez; os *Discursos Academicos,* as comedias; *o Poema funebre á Rainha,* e as *Obras poeticas*, perfazendo tudo 14 volumes que existiam na bibliotheca?

Ou haveria no espirito da Condessa da Ericeira, além

d'esse sentimento de orgulho, do desdem pela opinião das multidões, um motivo de melindre, talvez exagerado mas explicavel, para recorrer áquelle véo cryptonimico?

O acontecimento tragico que se dera cinco annos antes explica talvez a repugnancia em entregar o seu nome á estampa para correr mundo.

*

* *

O Conde da Ericeira D. Luiz, seu marido, procurara na morte o descanso da sua alma inquieta.

Aspirava elle a ser rival e emulo do Castello Melhor.

Não o impulsionava apenas a pueril vaidade, a ambição de brilhar, a ancia de supplantar o omnipotente ministro no valimento regio.

Sentia em si a materia prima de um estadista, ambicionava o mando supremo, e sonhava com a regeneração economica do paiz, aproveitando as forças vivas, tão descuradas até então.

Por isso, e quando posteriormente foi Vedor da Fazenda, dedicou grande parte da sua actividade não só aos problemas financeiros, como foi o da reformação da moeda, mas tambem ao desenvolvimento do commercio e da industria, introduzindo no reino algumas artes manufactoras e protegendo a fundação de algumas fabricas.

A sua obra, posto que imperfeita, valeu-lhe a denominação do Colbert portuguez.

Foi, por assim dizer, um precursor do Marquez de Pombal.

Desgraçadamente, porém, á força imaginativa, á superioridade de vistas, ao esforço no desejo de levar a effeito um grande plano, não correspondiam as faculdades praticas para a sua realização, o tino do administrador, a serenidade e persistencia na obra da execução.

Faltava-lhe o *quid* composto de *perspicacia* e de *sorte* que acompanha os grandes reformadores.

O meio social não o ajudava, e a estrada movediça e pouco firme que pisava não lhe consentia a marcha segura.

Começou a rasgar o seu espirito o espinho inquietador da apprehensão. Principiou a lavrar n'elle a desconfiança na sua capacidade politica.

O abysmo que julgava ver entre a concepção do seu plano e a realização d'elle, desequilibrava-lhe o animo.

Duvidava de si.

Agora a sua grande obra de historiador — O *Portugal Restaurado* — abrangendo os acontecimentos politicos desde 1640 até 1668, e em que puzera todo o seu talento e toda a sua sciencia não o satisfazia por completo; e não se decidia a dar á luz o segundo volume, já então acabado, e que sahiu posthumo.

A vida, que tantas sensações lhe dera, e á qual elle exigia tanto — aura militar, gloria litteraria, embriaguez de poder — gastara-lhe as molas da alma.

Apavorava-o tambem o aspecto da velhice proxima, emquanto a sua formosa mulher desabrochava no esplendor de uma radiante mocidade...

Temia, além d'isso, ir perdendo a vista, pois sentia já n'ella a fraqueza que affligia alguns dos membros da sua familia. A sua filha, recolhida alli perto no Convento da Encarnação, ia cegando lentamente.

Uma manhã, a 26 de Maio de 1690, levantou-se mais apprehensivo e melancholico. Desceu á bibliotheca. Não poude alli permanecer. Sahiu para o jardim onde na fonte com o Neptuno, que mandara construir pelo celebre Bernini, a agua corria monotonamente, com uma indifferença irritante. A atmosphera pesada d'esse dia, o aroma penetrante das rosas, dos goivos, das verbenas e alfazemas,

que nos canteiros abriam com o calor de um verão precoce, enervou-o. Subiu ás salas do andar nobre. Olhou pensativo as pinturas com que Carlos Lebrun, o pintor de Luiz XIV, representara as batalhas do Alemtejo, em que elle triumphara glorioso.

Sentiu em si por uma fórma aguda a dôr de viver, e a inanidade das coisas do mundo...

Ao fundo da galeria estava aberta uma janella sobre o jardim. Chegou-se a ella. Então, sentindo a attracção irresistivel que a morte exerce nos espiritos angustiados, sob a impressão da fallencia moral, precipitou-se sobre a areia do parque, e expirou ante o olhar pagão do Neptuno, que levantava arrogante o seu tridente na mythologica attitude!

Calcula-se quanto o tragico acontecimento assombrou todos. Comprehende-se a commoção que abalou a alma sentimental da Condessa, e o seu espirito intensamente catholico que o horror do suicidio aterrava. Foi uma catastrophe na sua vida. Foi uma ferida incicatrizavel no seu coração. Data d'ahi a tendencia mais accentuada para o refugio na religião, e nas praticas mysticas. Não abandonou, porém, o cultivo das lettras. Mas occultou o seu nome, e, modestamente, fez com que o poema sahisse com o nome do seu creado.

* * *

Ficaram á Condessa, do seu casamento, um filho e uma filha.

Esta ia emmurchecendo na clausura da Encarnação, a que se recolhera.

O filho, D. Francisco Xavier de Menezes, nascera a 29 de Janeiro de 1673 quando ella tinha pouco mais de 20 annos.

Foi educado nas tradições da familia, e por isso deixou mencionados na Bibliotheca Ericeiriana 43 volumes, escriptos pelo seu punho, e na historia litteraria a reputação *do maior erudito do seu tempo*. Pois se aos oito annos (pobre creança!) já era da *Academia dos Instantaneos*, e já assistia ás reuniões d'esta douta corporação, que se reunia em casa do Bispo do Porto, D. Fernando Correia de Lacerda! E com poucos mais annos pertenceu á *Academia dos Generosos*, foi protector da *Academia Portugueza*, censor e director da *Academia Real*, etc. «Não houve certamen poetico, diz ainda José Barbosa, em que não entrasse, e era de tão virtuosa hydropesia em juntar livros, que accrescentou á livraria que herdara mais de vinte mil volumes escolhidos, e seiscentos manuscriptos de muita estimação».

Foi este Conde de Ericeira o prototypo, a encarnação do academico na epocha em que, nos fins do seculo XVII e principios do XVIII, aqui e lá fóra pulularam, e enxamearam as Academias, estiolando-se algumas em ephemera existencia, florescendo outras por terem condições de vitalidade, acolhimento sympathico, e protecção official. Seria um estudo curioso o do movimento e destino d'essas Academias — a dos *Anonymos*, a dos *Applicados*, a dos *Illustrados*, a dos *Occultos*, a dos *Singulares*, a dos *Solitarios*, a dos *Unidos* — e tantas outras, que embora futeis nas suas disputas, e ingenuamente frivolas na escolha dos assumptos que tratavam (o que lhes tem acarretado o desdem de sabios e philosophos) não são destituidas de interesse, pois caracterisam a mentalidade d'aquelle tempo, e dariam quadros pittorescos dos costumes da sociedade.

O filho da Condessa da Ericeira, pertenceu, dirigiu, ou teve influencia em quasi todas, aqui e n'outros paizes.

Foi membro da celebre Arcadia de Roma onde o seu nome de pastor era: *Ormanio Paliseo.*

Correspondia-se tambem com Boileau, Renaudot e Bignon; e com os directores da Sociedade Real de Inglaterra. No nosso mundo litterario exercia um verdadeiro pontificado. O Padre Raphael Bluteau consultava-o para o seu vocabulario. A sua voz era escutada com respeito nas reuniões da *Academia dos Generosos.*

Fôra esta Academia fundada em 1647 pelo Trinchante-mór D. Antonio Alvares da Cunha, guarda-mór da Torre do Tombo, e pae de D. Luiz da Cunha, o celebre Ministro.

Realizavam-se as sessões aos domingos em casa de D. Francisco Manoel de Mello, e depois em casa do fundador, no alto das Chagas.

A lista dos seus socios era composta de toda a aristocracia do talento e do sangue. Funccionou 20 annos, renascendo depois por varias vezes, já com o mesmo nome, já com outros.

Resuscitou-a uma das vezes o Conde da Ericeira com a denominação de —*Academia das Conferencias Discretas e Eruditas.*

Reuniam-se os membros d'esta Academia nos domingos á noite na opulenta livraria dos Ericeiras, e a estas sessões concorriam entre outros o Marquez de Alegrete, Julio de Mello e Castro, o cosmographo-mór Manuel Pimentel, D. Raphael Bluteau, etc. E sempre a ellas assistia a figura insinuante da Condessa D. Joanna, a quem, por esse tempo já viuva, o luto severo do traje sublinhava as feições da belleza patricia.

Proferia ella por vezes discursos eruditos, ou lia communicações academicas, que mais tarde foram reunidas em volume.

Pelo seu valor intellectual, pela significação da sua in-

dividualidade, era a precursora das duas notaveis escriptoras, D. Maria Amalia Vaz de Carvalho e D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, a quem acaba de abrir as portas, com honra para si, a actual Academia, successora e herdeira da Real Academia de Historia, que já o fôra da dos Generosos.

* * *

A situação social da Condessa da Ericeira, a reputação de talento, e de saber, o conhecimento de varios idiomas, nos quaes discursava e escrevia com elegancia, indicaram-n'a naturalmente não só para a intimidade e commercio intellectual, da intelligente Rainha D. Maria Francisca Izabel de Saboya, mas tambem para a de D. Catharina de Bragança, viuva de Carlos II da Grã-Bretanha depois do seu regresso a Portugal. Tendo voltado para Inglaterra a Condessa de Fingal, e sua filha, que tinham acompanhado aqui esta Rainha, resolveu ella nomear para suas Damas as senhoras viuvas, que pelo nascimento e qualidades de espirito mais se distinguiam. Foram então no anno de 1695 chamadas as Condessas da Ericeira, de Pombeiro e de S. Lourenço; e tambem D. Archangela de Portugal, D. Ignez e D. Joanna de Tavora.

A primeira por ser mais velha occupou o logar de Camareira-Mór; e durante dez annos fez serviço junto d'esta Rainha.

Segundo refere Barbosa Machado, confiava a Rainha á sua prudente direcção assumptos graves, e «quando foi Regente por ausencia de seu irmão D. Pedro II, a Condessa da Ericeira tratava negocios de Estado com os ministros estrangeiros, entendendo-se com elles nas proprias linguas». Era, por assim dizer, um Ministro dos Negocios Estrangeiros da Rainha Regente.

Repartia ella então o tempo pelo governo da sua opulenta casa, e pelas occupações litterarias e academicas; acompanhava com diligente interesse o filho que andava n'essa occasião já vergado sobre *in folios,* compondo laboriosamente o seu poema a *Henriqueida*, com tão rigoroso cuidado nas regras da arte poetica e nos dictames dos mestres, que abafou a Musa sob uma manta felpuda de erudição. Ajudava tambem com seus conselhos de arte a Rainha D. Catharina, que depois de ter habitado os Paços de Alcantara, o do Conde de Redondo a Santa Martha, o do Conde de Soure no Bairro Alto, e o do Conde de Aveiras em Belem, toda se dedicava agora á edificação do Palacio da Bemposta, que ainda hoje chamam – Paço da Rainha.

Não deixava tambem a Condessa de Ericeira de visitar a miudo a filha, que entrara no convento da Encarnação, onde perdera a vista! Confrangia-se-lhe então o coração, e arrasavam-se-lhe de agua os proprios olhos, vendo os da pobre ceguinha, que tinham sido formosos, agora sem luz, em quanto a bocca, que conservava toda a frescura, entoava no côro os officios divinos, que por um esforço de feliz memoria aprendera de cór.

Mas não só a este, como a outros mosteiros ia com frequencia.

As visitas aos conventos eram então um dos passatempos favoritos.

As senhoras do seculo XVII em vez dos *five-o'-clock teas,* das *matinées,* dos torneios de *bridge,* com que as elegantes de hoje enchem as suas tardes, passavam as horas depois da sesta nos locutorios e grades dos conventos de fama.

Doces, licores, casos sagrados ou profanos, eram aperitivos para a ceia, para as vesperas, ou para as devoções em familia.

De uma vez, por uma tarde de Agosto quente, emquanto discreteava com algumas religiosas suas amigas, n'uma sala do convento de Santa Clara, a Condessa da Ericeira teve um ataque. E quando a trouxeram para a sua sumptuosa morada, onde o filho e a nora a receberam afflictos, estava moribunda.

Depois da sua morte celebraram-se pomposas exequias, proferiram-se do alto dos pulpitos eloquentes elogios funebres, compuzeram-se elegias exaltando a sua memoria.

Mas nenhum epicedio quadra tão bem á Musa magestosa do *culturanismo,* á aristocratica figura da lusa Aonia, como os versos que seu filho lhe consagra na *Henriqueida:*

... huma divina Musa
Que dos heróes herdando alta grandeza
Uniu Aonia na Hipocrene Lusa,
Virtude, discreção, sciencia, belleza».

Academicas

SUMMARIO

Um parenthesis. — O Duque de Lafões e o abbade Corrêa da Serra, fundadores da Academia Real das Sciencias. Razão do meu voto. D. Maria Amalia Vaz de Carvalho — Quem é, e que tem escripto — O seu *salão*. A vida do Duque de Palmella. D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos. Pluralidade de aptidões intellectuaes — As suas obras — O Cancioneiro da Ajuda — A edição de Sá de Miranda — A Infanta D. Maria.

Entreabrindo um parenthesis n'esta série em que temos convivido com «donas de tempos idos», permittam-nos os leitores que lhes fallemos em duas senhoras dos tempos que vão correndo.

Quando ao visitarmos um museu, acompanhados de um cicerone benevolo, vamos admirando com recolhimento as obras-primas que a antiguidade nos legou, e evocamos na imaginação os personagens alli representados, e os dramas de que foram heroes, as batalhas que venceram, as tragedias que originaram, os corações que esmagaram, os livros que produziram, a sua acção ou a sua influencia na humanidade, não desestimamos que o nosso guia, puxando-nos pelo braço e chamando-nos á realidade, nos mostre alli perto de nós, viva, mexendo-se,

interessando-se tambem pelo que nos rodeia, uma celebridade da hora presente — princeza, cortezã, actriz, millionaria ou escriptora acclamada.

Assim, quem porventura nos tiver acompanhado na excursão pelas galerias da Historia, onde tivemos ensejo de lhe chamar a attenção para algumas das figuras femininas que nos seus pedestaes se elevam, envoltas no véo de poesia que lhes vem, a umas do alvor da lenda, a outras da patina do tempo, a estas da graça de um gesto airoso, áquellas de uma recordação romantica, e ainda áquelloutras das manifestações do talento, sentirá prazer em que por um momento lhe desviemos o olhar das coisas do passado, e lh'o ajudemos a fixar em dois vultos contemporaneos a que o valor excepcional dá uma legitima nomeada.

E como a actualidade tem sempre um grande poder de attracção e de interesse, as duas senhoras a que nos vamos referir, além do merecimento das obras que prolongarão os seus nomes pelas camadas do futuro, despertam na hora presente em volta de si um borborinho lisonjeiro causado pelos applausos com que é saudada a sua eleição academíca.

No dia em que n'uma das salas do Palacio do Grillo, em Lisboa, D. João de Bragança, Duque de Lafões, conversando com o seu hospede, o Abbade Corrêa da Serra, lhe pediu que o coadjuvasse na organização de uma sociedade scientifica que substituisse a moribunda Academia da Historia, o douto naturalista abraçou logo com enthusiasmo a seductora e fecunda idéa.

D'esse colloquio nasceu a Academia Real das Sciencias.

O Duque, a quem o estudo e as relações com os homens mais notaveis da Europa no seu tempo, tinham dado, durante os 27 annos do seu pseudo-exilio, uma alta cul-

tura espiritual e um apurado gosto litterario, encontrou no sabio botanico o mais adequado collaborador para lançar os fundamentos d'aquella douta corporação. A ella presidiu, tendo por secretario Corrêa da Serra, e collocando-a sob a égide da Rainha D. Maria I.

Se é certo que as vicissitudes do tempo modificaram successivamente algumas das disposições do primitivo plano, e finalmente a mania demolidora e iconoclasta deformou as linhas tão nobres d'aquelle soberbo edificio, alterando radicalmente os seus estatutos, não é menos certo que, lá nas regiões, em que o divino Platão discreteia, (como em vida discreteou á sombra atheniense dos platanos e oliveiras do jardim de Academo), o espirito aristocraticamente desdenhoso do Duque de Lafões, o do Abbade Corrêa da Serra, conhecedor das fraquezas humanas, e o da Rainha soberanamente indulgente na sua magestade olympica porão de parte o desprazer causado pela mudança no portico da sua fundação, e o despeito legitimo que porventura os invada, para receberem com sympathia a noticia da entrada das eminentes recipiendiarias.

A mim, que ainda não passei aos espaços em que os espiritos se desprendem de preoccupações terrenas, e a quem um justo motivo (chamem-lhe melindre, preconceito, ou simples interpretação de um dever) me obrigou a separar-me de antigos confrades, embora com saudade, e pesaroso por contrariar a penhorante insistencía em me demoverem d'esse intento, a mim, que fiquei assim privado de acompanhar na sua recepção as duas novas academicas, resta-me o recurso de as saudar de longe, concretizando por esta fórma o meu voto, e juntando o meu applauso ao do publico.

Quem são ellas?

I

D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO

Ha na Academia Franceza, junto das cadeiras dos quarenta immortaes, uma cadeira imaginaria a que se chamou — *le quarante et unième fauteuil.*

N'ella se sentaram idealmente Descartes, Pascal, Molière, Rousseau, Diderot, Beaumarchais, Balzac, Mmes de Sévigné, de Staël, de Girardin, George Sand, e muitos outros a quem o preconceito, o odio, ou a intriga excluiram da celebre corporação.

Em Lisboa, na sala do antigo Convento de Jesus, essa cadeira era ha muito occupada por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.

Lembra-me que foi depois de uma das sessões ordinarias da Academia ás quaes El Rei D. Luiz presidia assiduamente, dirigindo com attenta solicitude as discussões, e demorando-se no final de cada serão em palestras prolongadas, ora com Silva Tullio acerca dos *Estudos da Lingua Materna*, que este academico publicava; ora com Thomaz Ribeiro, confidenciando interpretações de phrases de Shakespeare; ora com Thomaz de Carvalho, a respeito das publicações academicas; ora com Latino Coelho, inquirindo sobre os progressos do Diccionario, lembra-me que foi uma noite, depois do apparecimento de um livro em prosa, que vinha revelar uma nova face do talento vivaz da auctora da *Primavera de Mulher* e das *Vozes do Ermo*, que o regio Presidente, dirigindo-se com a sua voz um pouco velada, e o sorriso interrogador dos olhos claros a um dos *confrades*, suggerio que a Academia devia integrar-se com a acquisição d'aquella individualidade feminina.

E pouco depois, no final de uma das sessões solemnes, n'aquella magestosa livraria onde se reunia em grande gala a flôr da intellectualidade portugueza, e a gente do mundo elegante, encaminhou-se directamente á sua candidata, manifestando-lhe o desejo de a ver occupar um logar na bancada da frente, entre os academicos.

Desde esse momento ficou preenchida virtualmente a cadeira imaginaria.

Mas... se a muitos espiritos mais lucidos e progressivos seduzia a ideia da admissão de uma socia, ao que aliás a lettra dos estatutos se não oppunha, a outros acudiram logo os argumentos mais ou menos velhos e estafados, que durante muito tempo serviram, e ainda hoje servem, para estorvar a entrada de mulheres nas corporações scientificas, litterarias e academicas, ou fosse no claustro pleno da Universidade, ou nas profissões liberaes, ou nas ordens militares honorificas, ou nos cenaculos das lettras.

E confundindo o *feminismo* então já nascente e as suas ridiculas heroinas, as *suffragistas,* com o direito que assiste á mulher superior de conquistar pelos seus meritos os logares em competencia com o homem, encolhiam os hombros com ares levemente desdenhosos, e sem se atreverem a contrariar de frente a insinuação cavalleirosa do lettrado Presidente, oppunham a força tão poderosa nas nossas sociedades — a resistencia passiva.

Correram annos.

Entretanto, em cada um, com regularidade fecunda, ia apparecendo no horizonte da nossa litteratura um novo volume da infatigavel escriptora.

Foram as — *Cartas a Luiza* e as *Cartas a uma Noiva* — em que se agitam tantos assumptos de interesse feminino, e tantos problemas que dizem respeito aos deveres da mulher e á lucta para reivindicar os seus direitos; fo-

ram os — *Contos aos nossos filhos* — que levaram a muita imaginação infantil um bando multicôr de chimeras aladas; foram — *As nossas filhas* — breviario para educação das mães.

Intercalando-se n'estes livros tendentes a dirigir e a orientar os movimentos da alma feminina, esfusiavam os folhetins do *Jornal do Commercio,* scintillantes de ironia, e foi publicado o livro intitulado *Arabescos,* em que se definia já a capacidade da auctora para a litteratura historica.

*

* *

Sainte Beuve, Taine, Renan, essa trindade do pensamento, que ensinou a raciocinar a França durante a segunda metade do seculo XIX, e assentou as bases da critica litteraria n'aquelle periodo, teve n'este canto da Peninsula a sua genuina representante na auctora dos livros que se intitulam — *Alguns homens do meu tempo*, *Em Portugal e no Extrangeiro, Chronicas de Valentina, Pelo mundo fóra, Figuras de hoje e de hontem,* etc., etc.

O fervilhar de ideias que tem agitado os *cerebros* da epocha em que tem vivido, e o turbilhão de paixões que tem sacudido os *corações* n'este tempo de tão desordenadas ventanias sentimentaes foram sempre interessando a sua attenção, e d'esse interesse nasceu o livro a que chamou: *Cerebros e Corações.*

Assistindo curiosa a todas as luctas da intelligencia, a todos os espectaculos do pensamento, a todas as manifestações de arte que teem explodido por essa Europa, e como observadora vigilante, olhando do fundo da sua *chaise-longue,* ao canto d'aquella sala, verdadeiro *bureau d'esprit* onde, sem rotulo de preciosismo, tantas ideias se teem cruzado, e tantas notabilidades, indigenas ou de

arribação, se teem encontrado, vae tomando com a sua penna febril notas que, depois de colligidas, formam esse precioso livro que intitulou: *No meu cantinho*.

E porque o seu intellecto não crystallizou empedernido, e a sua critica progride parallelamente ao movimento que a philosophia contemporanea com os Bergson, com os Nietzsche, com os Ruskin, com os Barrés e outros, imprimiu ao pensamento moderno, a evolução manifesta-se n'ella produzindo os livros que se intitulam: *Impressões de Historia* e *Pelo correr do tempo*.

Quem ler cada um dos volumes a que acabamos de nos referir terá uma impressão do que seja o methodo critico das suas faculdades, que sabem envolver a mais enfadonha philosophia no veu ligeiro de um estylo malleavel, e apresental-a n'uma linguagem de transparencia crystallina, que a torna facilmente comprehensivel.

E quem ler todos os seus livros, que já são uns dezesete, poderá, como na serie dos *Lundis* de Sainte Beuve, fazer o balanço das ideias do nosso tempo.

Já por mais de uma vez tenho cedido ao impulso de escrever acerca d'este vulto feminino tão intellectualmente decorativo.

Não repetirei portanto o que em outros logares já disse fallando da sua individualidade.

Mas não resisto a transcrever alguns periodos em que Ramalho Ortigão, no prologo das Chronicas de Valentina, tão bem caracteriza o talento litterario de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, a quem se dirige, dizendo:

«V. possue em mais alto grau do que qualquer outro escriptor portuguez, as mais finas qualidades de um critico: a paciente laboriosidade de uma analyse commovida e terna, a visão de todos os pormenores compensadores, e de todas as concordancias attenuantes no conflicto dos sentimentos, a viva comprehensão dos mais diversos es-

tados d'alma, a vibratilidade nervosa da sympathia, o dom culminante de querer bem. O seu estylo é o mais apropriado ao seu methodo. Caldeado em toda a especie de substancias propicias á malleabilidade, flexivel e serpenteante, elle segue as sinuosidades do pensamento até á construcção da phrase perfeita, que é a phrase viva, viva da realidade artistica que tem dentro, lucida, sonora e trepidante».

Era assim que Ramalho se expressava julgando a escriptora, quando ainda a sua obra era a apreciação de factos e de ideias, ao passo que aquelles se iam dando no tempo, e estas desabrochando na atmosphera intellectual da Europa.

Mas, depois uma outra obra, um corpo homogeneo formado em trez grossos volumes veiu revelar que essa escriptora repentista possuia as qualidades essenciaes de um historiador: a concepção philosophica, as faculdades generalizadoras, a virtualidade da observação, a critica dos factos e o sentido do pittoresco nos accessorios da narração.

Essa obra é a *Vida do Duque de Palmella*.

*

* *

Tem uma historia esse livro.

A' porta do n.° 11 da travessa de Santa Catharina apeava-se, ainda ha poucos annos, frequentes vezes, a Duqueza de Palmella, neta do famoso diplomata, á hora em que tinha acabado o trabalho no *atelier* de esculptura, seu refugio artistico, ou no Paço o serviço de Camareira Mór, ou a inspecção ás Cosinhas Economicas, creação sua, que generosamente amava.

Vinha alli na confiança segura de que sahiria com o

espirito retemperado. E' que n'essa casa de Santa Catharina, como no salon da *rue de Belle-Chasse,* onde Mademoiselle de Lespinasse teve o condão de attrahir e conservar fiel a fina flôr dos espiritos cultos do seu tempo, D. Maria Amalia Vaz de Carvalho conhece e cultiva o segredo da sociabilidade e da conversação, sentindo e fazendo realçar o merecimento de cada um, e esquecendo completamente o seu.

Uma tarde a Duqueza, quando já se despedia, no prolongar da retirada que era uma das suas maneiras caracteristicas, encostada a um movel, com o geito um quasi nada indolente, geito que dava tanto encanto á sua figura patricia sempre envolta em sedas molles de pregas artisticamente dispostas como tunica de estatua, falou, a proposito não sei de quê, nos apontamentos auto-biographicos do avô, que possuia ineditos no seu archivo.

E, ou porque já trouxesse reservadamente esse designio, esboçado mas não formulado, ou porque no improviso da conversação lhe occorresse a possibilidade da realização de um projecto que desde muito afagava, expôz o desejo que tinha de que esses apontamentos servissem de nucleo a um trabalho sobre a individualidade politica e social do seu glorioso antepassado.

Então, quasi timidamente, e com aquelle sorriso infantil que era tão seu, formulou a esperança de que a sua interlecutora, de quem conhecia tantos medalhões historicos — Victoria Colonna, Savonarola, Dom Sebastião, e ainda os primeiros capitulos sobre a Marqueza de Alorna — quizesse realizar o sonho que a seduzia.

Maria Amalia porém, trazia n'esse tempo entre os dedos o trabalho sobre a famosa Alcipe. Hesitou em interrompel-o. Mas a sociedade em que tinha nascido e em que viveu D. Pedro de Sousa, a épocha e a scena em que representou tão dominante papel, o fulgor do seu talento,

todo o prestigio d'essa individualidade tão aristocraticamente personalizada, estavam-lhe annunciando um assumpto attrahente para a sua imaginação e para o seu estudo.

Com a vivacidade meridional e a phantasia nervosa que são as suas feições espirituaes predominantes, começou então logo alli a indicar como se poderia escrever a obra, como se deveria esboçar a epocha, tratar os personagens, colorir os episodios . . . e insensivelmente ia demonstrando que ninguem melhor indicado para realizar esse plano do que ella propria.

Quando n'aquelle fim de tarde seguia ligeiro para o largo do Rato o *coupé* que levava a neta do grande Duque, destacava-se no fundo de setim negro a sua airosa cabeça, já por esse tempo empoada pelos annos, e n'essa cabeça sorria a satisfação de ter attingido uma chimera. Ella propria, que em marmore executara já as figuras de Sá da Bandeira, o Bayard portuguez, e de Alexandre Herculano, o historiador, dous monumentos seus, ia saboreando o prazer de ter lançado as bases d'esse outro monumento em prosa, que havia de fixar na Historia a figura do diplomata do periodo liberal.

Ao mesmo tempo, em Santa Catharina, desenhavam-se na imaginação da escriptora as linhas geraes do architectonico pedestal, e os contornos da estatua do Duque de Palmella.

E assim foi lançada a primeira pedra d'essa obra, que se intitula modestamente—*A Vida do Duque de Palmella*, e que, em vez da biographia de um individuo, é a reconstituição de uma epocha.

E que epocha!

Isso a que chamamos o periodo constitucional, e que é a repercussão n'este canto occidental dos golpes cyclopicos com que o Destino arrasara o antigo regimen em França ; isso que é como que uma das ondas concentricas

chegando attenuada á peripheria da Europa; isso que é o effeito em cerebros portuguezes dos philtros perturbadores que tinham fermentado na retorta metaphysica e idealista da Encyclopedia, e que haviam sido importados nas mochilas dos soldados de Napoleão; esse periodo torna-se entre nós de difficil narração pelo emmaranhado da sua trama, e desencontrados movimentos dos personagens que n'essa acção dramatica representam. São elles: o Imperador; o Infante D. Miguel; a Rainha; Mousinho da Silveira, o legislador; Terceira, Saldanha, Sá da Bandeira, os generaes prestigiosos; — Silva Carvalho, o financeiro — e, entre todos, se não o mais intelligente, seguramente o mais perspicaz e efficazmente util na consolidação do throno da Rainha — o diplomata Duque de Palmella.

E' biographando-o que Maria Amalia faz a historia do periodo em que elle influiu.

E, não com o intuito pueril de amenizar a narrativa, mas porque o assumpto é suggestivo, e a penna é fertil de colorido, enriquece esse livro com episodios romanticos, lances apaixonados, noticias da sociedade mundana, retratos de figuras accessorias, e até caricaturas espirituosas. A historia da mãe do Duque, D. Izabel Juliana, esse heroico *bichinho de conta*, que luctou com o terrivel Marquez de Pombal, e que, casada á força como filho d'este, conservou o seu corpo puro através de trez annos de matrimonio nunca consummado, para se unir mais tarde a D. Alexandre de Sousa, unica paixão da sua vida; a romantica exaltação amorosa, inspirada pelo prestigioso D. Pedro a Madame de Staël, que, para se apoderar da sua alma, apagou todas as reservas, e d'elle fez o Oswald da sua *Corinne;* a vida em Italia: o «salão» da Condessa de Albany; a influencia de Alfieri, as relações com Humboldt, Gay Lussac e outros; a sua entrada nas salas da aristocracia ingleza; os retratos tão vivos de Bocage, de

Tolentino, da roda bohemia, e da roda fidalga em que um e outro poetaram; o escorço de Rivarol e do seu espirito; o Congresso de Vienna; a Côrte no Rio de Janeiro, etc., etc., dão ao primeiro volume uma vida que interessa e prende a attenção do leitor como um romance, e ao mesmo tempo lhe fazem comprehender o estado da Europa, e da politica portugueza, durante e após a invasão franceza.

Entre todos é bello o retrato do Duque, de quem nos explica a personalidade pelas heranças atavicas, e a alma pela natureza do cadinho em que ella se fundiu. E é como se vissemos aquella cabeça que havia de ser a cabeça da nossa epopéa moderna, com a sua physionomia expressiva, o seu olhar azul e perfurante, a fina bocca espirituosa que se ageita no riso alegre da mocidade, ou no altivo desdem da ironia leve.

Nos outros dois volumes, cuja leitura é tão instructiva para portuguezes que desejem conhecer a historia de hontem, encontram-se paginas, que Macaulay assignaria e Michelet não engeitaria.

A crise dynastica; o miguelismo; a emigração e o seu chefe Palmella; a Ilha Terceira; o cerco do Porto, são capitulos que mereceram a um grande parlamentar uma menção especial por ter aprendido n'elles Historia contemporanea.

Mas o que mais revela o seguro pulso no manejar da penna é o terceiro volume, tão difficil de executar, porque não é já em estrophes de prosa que se ha de cantar a epopéa nacional, mas quasi elegiacamente descrever o *accordar do sonho* em que, como sempre, a Liberdade devora os proprios filhos, em que apparecem os violentos antagonismos de interesse, em que começam as ephemeras durações de ministerios tão caracteristicas e symptomaticas das doenças graves do organismo social. É a historia da Revolução de Setembro; é a derrota do Cartismo; é a

revolta dos Marechaes; é Costa Cabral; é a Maria da Fonte; é a Patuléa..., a intervenção ingleza, e a morte de Palmella.

Essa obra, onde ha muito que aprender, porque, embora se occupe de uma geração que passou, apresenta tantissimos motivos de meditação aos contemporaneos, «pois a Historia, como a Natureza nas estações do anno, repete-se e renova-se constantemente», devia, para estar ao alcance de todas as classes, ser reeditada n'uma edição popular largamente espalhada em Portugal, e no Brazil, onde se lê muito e onde se lê bem.

E com essa edição (que esperamos ver trazida á luz por qualquer editor intelligente) todos os leitores, além da lição util e passa-tempo agradavel, teriam a noção dos motivos pelos quaes a auctora d'esta obra é socia da Academia, *par droit de conquête.*

II

D. CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS

Abraçar com a vista a litteratura portugueza, fazendo d'ella um apanhado completo e, ao mesmo tempo, internar-se com a lampada luminosa da critica em cada uma das galerias da mina, onde se acham crystalizadas as riquezas das linguas romanicas e especialmente da lingua portugueza; contribuir para dar uma especie de mocidade aos nossos monumentos litterarios, enriquecendo-os de notas com a bizarria de um Creso; trazer á luz, com o acido magico da sciencia, apagados escriptos e figuras esquecidas; explicar textos obscuros e interpretar modismos de linguagem; fazer reviver epochas historicas; aureolar, com o nimbo do talento as grandes individualidades da edade de ouro do nosso humanismo; ensinar a compre-

hender Sá de Miranda, e projectar luz na obra de Camões; revelar a muitos portuguezes a existencia de ignorados poetas da edade-media, e mostrar-lhes os thesouros que encerram os nossos cancioneiros; colher na tradição e no *folklore* elementos para o estudo do Romanceiro; levar ao publico erudito da Allemanha, da Italia, da França e da Hespanha o conhecimento das nossas maravilhas; traçar, a proposito de personagens como a Infanta D. Maria ou Publia Hortensia o quadro completo do meio em que viveram; vindicar para os *descuidados e perdularios habitantes da praia ocidental luzitana* tudo quanto de direito lhes pertence; instruir ignorantes e orientar sabios, parece tarefa de uma Universidade.

Pois é obra apenas de uma mulher!

Ninguem accusará de exagero, ou taxará de hyperbolica e de metaphorica a minha affirmativa, sabendo que fallo de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

Não tento fazer a sua biographia, nem exaltar com considerações inuteis a importancia dos seus trabalhos. São conhecidos nas rodas scientificas de toda a Europa, e o seu nome figura entre os dos primeiros philologos e dos mais considerados romanistas.

O reconhecimento dos seus merecimentos tem sido lento, é certo, *nesta pequena casa luzitana,* onde, na faina de se arrasarem velhos muros, a poeirada levantada pelas demolições impede de olhar com serenidade e clareza para as cousas superiores do espirito.

Mas é certo tambem que, quando o collar de S. Thiago, foi conferido á auctora da edição critica do Cancioneiro da Ajuda, essa innovação na pragmatica d'aquella Ordem militar foi saudada com geral sympathia. E quando alguns socios da Academia Real das Sciencias intentaram adjudicar áquella obra o premio de D. Luiz I, essa consagração já estava na mente de todos, e no consenso publico,

sendo a iniciativa estorvada apenas por impedimentos burocraticos.

Essa obra é um monumento!

Foi começada em 1877 quando a auctora, a convite de Alexandre Herculano, se resolveu a ir habitar por algum tempo aquella casa de Ajuda, junto á Bibliotheca, onde o Mestre durante tantos annos vivera, e pensára, e escrevera a melhor parte das suas obras, e recebera os melhores dos seus amigos, antes que d'elle se apoderasse a crise de alma que o levou para o *escondedouro* de Valle de Lobos. D. Carolina Michaëlis abalançou-se primeiramente a decifrar e copiar eruditamente as 310 composições que se contêm no codice membranaceo existente n'aquella livraria, e que tem o nome de *Cancioneiro da Ajuda*. Depois, durante 25 annos trabalhou nas *Investigações*, que formam o volume I, de perto de mil paginas, em que estuda as manifestações artisticas da mais remota epocha da nossa litteratura, e da balbuciante lyrica medieval portugueza. Enriquecem este volume desenvolvidas noticias sobre a bibliographia relativa aos cancioneiros gallego-portuguezes, e sobre as relações d'este cancioneiro com os apographos italianos; curiosos apontamentos biographicos acerca dos poetas que n'elle figuram; noções a respeito dos trovadores; um estudo sobre as relações de Portugal e Hespanha com os paizes de lingua *d'oc* e lingua *d'oil*, etc.

E no cabo d'este volume apresenta a auctora em um interessantissimo capitulo o esboço da Historia da Galliza, centro da cultura peninsular durante quatro seculos; e de Santiago de Compostella, fóco onde desabrochou o lyrismo popular gallego-portuguez.

A somma de trabalho, de erudição, de conhecimentos linguisticos e de historia da litteratura, que encerra esta obra, e que a colloca a par das de Gaston Paris e Bedier, em França, Monaci em Italia, Menendez Pelayo, e Menendez

Pidal em Hespanha, poderá fazer suppôr que ella terá occupado a vida inteira de um sabio. E entretanto, emquanto D. Carolina Michaëlis n'ella trabalhava, ia publicando: a edição critica das obras de Sá Miranda; o magistral estudo sobre a Infanta D. Maria; a traducção annotada da vida de Camões por Stork; afóra os artigos destinados a revistas allemãs, hespanholas e francezas. E' que a sua actividade intellectual, methodo de estudo, e capacidade de trabalho, permittem-lhe ir occupando-se quasi simultaneamente de assumptos de natureza apparentemente diversa, mas a que o seu cerebro dá unidade. Assim por exemplo: — *Algumas palavras a respeito de pucaros em Portugal; Contribuições para o futuro diccionario etymologico das linguas hispanicas;* e *Estudos sobre o Romanceiro peninsular.*

Quem ler aquelle primeiro titulo *Pucaros em Portugal* ha de imaginar que se trata de uma pequena dissertação sobre ceramica, ou devaneio acerca dos barros aromaticos na Peninsula, e a sua applicação ao mobiliario domestico.

Mas como qualquer ideia ou assumpto por mais mesquinho que pareça, se enriquece e amplifica conforme as proporções do cadinho cerebral em que se funde, o modesto pucaro de barro – *vas in quo bibendi est consuetudo,* serve de motivo, e não de pretexto, a D. Carolina Michaëlis para um completo estudo sob o ponto de vista historico, litterario, ethnographico, artistico, philologico, e até anecdotico.

Ensina-nos como os *pucaros* ou *bucaros* têm a sua origem na Peninsula, e especialmente em Portugal; fallanos nas *terras sigilatas* que Madame d'Aulnoy viu em Hespanha servindo á mesa nas merendas das camareiras e damas da Rainha, que bebendo graciosamente pelos pucarinhos de barro os trincavam com os dentes brancos,

e algumas até os comiam num accesso de *bucarophagia;* recorda a visita do Venturino a El-Rei D. Sebastião, e os pucaros que elle vira na mesa Real, bem como relembra o quadro de Velasquez «As Meninas», em que uma fidalguinha «plus belle que l'on ne peint l'amour» apresenta em salva de ouro, com dengosa mesura, um *bucarito* de barro vermelho á filha de Filippe IV, D. Marianna d'Austria, com cinco annos de edade; evoca as telas da escola de Grão Vasco, e os quadros de Josepha d'Obidos, onde os barros de Extremoz apresentam fórmas tão variadas; cita aquella carta de Camões que, comparando a frescura da pelle das raparigas lisboetas ás engelhadas e amarellas caras das de Gôa, escreve lá da India a um amigo, com «saudade de um rostinho de tauxia de uma dama lisboeta que chia como pucarinho novo com agua, vendo-se agora entre esta carne de salé que nenhum amor dá de si»; refere-se ao pucaro que Pero de Mello deixou cahir quando dava de beber a El-Rei D. João II, o que provocou riso na assistencia, ao que o monarcha atalhou: — «De que vos rides? Nunca lhe cahio a lança da mão, ainda que lhe cahio o pucaro»; transcreve um periodo de Martim Affonso de Miranda, que em poucas linhas debuxa deliciosamente um quadro d'aquella «idade de ouro, o tempo santo quando a Rainha D. Catharina assim era continua no trabalhar, que da seccura que lhe causava o fiar tinha sempre a par de si um *pucaro* com agua em que molhava os dedos»; faz a pintura das cantareiras caiadas das casas populares de Alfama, a que Francisco de Moraes allude no *Palmeirim de Inglaterra;* e, passando ao campo linguistico, alonga-se em considerações ethnologicas e lexicographicas de grande interesse...

A respeito de pucaros uma baixella de noticias!

E assim cada uma das obras d'esta auctora é um verdadeiro embrechado de pedras preciosas que servem de

regalo a quem lê, e de proficuo elemento de estudo aos que trabalham, pois n'esses livros encontram vasto repositorio de conhecimentos, de ideias, de notas, de apontamentos, ordenados, classificados e colligidos por uma intelligencia atavicamente formada por sucessivas gerações germanicas e por isso predisposta á tarefa scientifica.

O leitor meridional, costumado á comida leve da cozinha franceza, e preguiçoso em adquirir ideias laboriosamente, fica não raramente atordoado quando emprehende o estudo de qualquer d'aquelles tratados.

E como está habituado a satisfazer a sua fome de lettras com trez ou quatro francos, ainda mais preguiçoso se mostra quando ouve dizer que o *Cancioneiro*, publicado pelo desinteressado e benemerito editor Dr. May Niemeyer de Halle, custa quinze mil reis.

Entretanto todos aquelles que uma vez abrem esta obra, ou alguma das que temos referido, nunca mais deixam de a consultar porque n'esses livros os lettrados, os genealogistas, os historiadores os archeologos, os artistas, os linguistas, todos os que leem e que estudam, ou mesmo aquelles que andam a flaino pelas avenidas floridas das lettras, teem que aprender.

E' assim que se explica, que apesar do seu preço as edições se exgotam, e algumas, como as das obras de Sá de Miranda já teem premio elevado no mercado.

Esse livro veio em 1885 preencher uma lacuna na bibliographia referente ao grande poeta iniciador entre nós do lyrismo italiano. Pelo texto das poesias cuidadosamente estudadas em cada uma das suas *variantes*, pelas paginas de introducção, pela prodigalidade das notas, e pelo rigor do glossario, essa obra constitue o mais interessante capitulo da Historia litteraria quinhentista.

Quando não fosse senão este o serviço prestado pela nova academica ás lettras patrias, tão pouco acarinhadas

nos devastados canteiros e alegretes do horto portugalense, o seu nome teria direito a ser consagrado pela corporação, a que naturalmente está confiado o cargo de velar pelos thesouros da lingua.

Verdadeira *matriarcha* das lettras, D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, não é apenas uma academica, é por si só uma Academia.

Duas realezas

SUMMARIO

Abercorn House — Evocações — A Imperatriz Eugenia — O segundo Imperio — A inspiradora de todas as elegancias — A Rainha D. Amelia — A sua chegada a Portugal — O seu sorriso — As suas obras de belleza e de bem — O encontro das duas Soberanas — Uma carta da Rainha D. Amelia — As duas realezas.

Escondida atraz de um muro ennegrecido pelos nevoeiros britannicos, ao cimo de Richmond Hill, fica aquella casa triste, que o Rei de Portugal e a Rainha sua mãe tinham arrendado para esperarem que passasse o vendaval que os affastara do seu paiz.

N'uma tarde do ultimo verão (1913) quando cheguei alli para, no desempenho de um dever de coração, fazer o meu serviço habitual de côrte no exilio, encontrei a sala deserta. Nas paredes gravuras da era *victoriana* fallavam-me de um passado recente, destacando-se, coroada de um diadema, a da Rainha Victoria sorrindo para outro retrato que representava o Principe Consorte.

Sobre as mesas photographias dos soberanos actuaes attestavam, nas dedicatorias expressivas, o acolhimento carinhoso com que teem sido recebidos os regios exilados portuguezes.

Quando o meu espirito, suggestionado por esses retra-

tos, percorria uma jornada curta mas fertil em acontecimentos, entre *hoje* e *hontem;* quando em imaginação seguia ao arrepio essa derrota, passando em revista os funeraes do Rei Eduardo VII, e recordando as suas recepções em Windsor aos Reis de Portugal; quando rememorava as prosperidades publicas no seu curto, mas luminoso reinado; quando passava em lembrança para o de sua mãe, esse periodo octaviano da Nação em que a Inglaterra attingiu o zenith da sua soberba supremacia; e pensava como essa soberana tinha sido feliz na missão em que fôra ajudada pelos Salisburys, pelos Gladstones, pelos Disraelís, pelos Robert Peel, John Russel e tantos outros d'essa pleiade que fez a grandeza britannica; quando recordava as festas da inauguração do palacio de crystal com a visita de Napoleão III; e, por uma associação de ideias, imaginava o esplendor da recepção com que a Rainha Victoria fôra acolhida em Pariz, e depois em Cherbourg pelo Imperador e pela graciosa Imperatriz, então no delicioso desabrochar da sua radiante belleza de hespanhola loura... n'esse momento, um creado abriu a porta e annunciou:

— Sua Magestade a Imperatriz Eugenia.

Julguei uma allucinação dos meus sentidos, ainda impressionados pela jornada retrospectiva; imaginei que seria uma illusão ouvir o nome d'essa já hoje lendaria figura de mulher na sala de Abercorn.

Então, accorrendo ao peristylo, vi, sahindo do automovel que a conduzira, uma senhora de luto carregado, apoiada a uma bengala, mas com passo firme, e com uma tal ou qual cadencia no seu andar ainda airoso.

Era a Imperatriz, que apezar dos annos, pois já passava dos 86, conservava na physionomia aquelle não sei quê, que sobrevive á belleza, attestando quanto ella foi formosa, e aquelle duplo perfil, com um encanto especial

que a fama vae perpetuando, e que, apezar das modas do seu tempo, os retratos ainda nos revelam.

A Imperatriz!

Para quem anda habituado (por um preceito de hygiene moral) a enfronhar-se nos refolhos do passado, e a praticar em espirito com «donas de tempos idos»; a evocar phantasmas de eras que já lá vão, e personagens de seculos distantes, era uma extranha e inesperada aventura o encontro d'aquella que estava alli viva, fallando, gesticulando, movendo-se.

A epocha em que figurara já hoje está distante; e comtudo a sua presença era uma realidade. Enchera o mundo, dominara todos os corações, impressionara todos os espiritos. Entretanto n'esse momento, com modo simples e sorriso affavel, e parecendo que a sua velhice era um disfarce de garridice e não o peso dos annos, davanos uns bons dias acolhedores.

A historia d'ella tem a vaga inverosimilhança da lenda. E todavia achava-se realmente ao nosso alcance aquella que fôra Eugenia de Montijo, Condessa de Téba, a intrepida amazona, a seductora Diana, que nas encruzilhadas das florestas de Compiègne e Fontainebleau enredára nas suas tranças louras o coração do moço Luiz Napoleão. Fôra a suggestiva inspiradora d'aquella litteratura especial que vae desde Merimet, o espirituoso correspondente das *Lettres à une inconnue*, a Arsène Houssaye, o chronista de todas as *feminilidades* mundanas; e de Octave Feuillet, o romancista de *Monsieur de Camors*, e o improvisador das comedias de Compiègne, até ao Marquez de Massa, o *revisteiro* do Theatro da Côrte.

Fôra ella o arbitro supremo de todas as elegancias, n'esse periodo festivo e estonteador, n'esse sorriso do seculo XIX que alegrou a geração de hontem. Fôra ella que dera as leis nas modas femininas, e que, pelo condão

da sua graça, fizera resuscitar nos arcos da *crinoline* a magestade dos guardinfantes da Côrte de Filippe IV, e dos quadros de Velasquez. Fôra ella que acompanhara o seu sonhador marido em todas as phantasias com que assombrava diariamente o mundo, ora inundando com ouro a finança, ora agitando com theorias a politica universal, ora transformando materialmente, economicamente, industrialmente, essa feira de prazer e de frivolidades que se chamou Pariz do segundo Imperio; esse Pariz onde se moveram n'um turbilhão mundano, n'uma sarabanda voluptuosa, as mais bellas mulheres e os mais elegantes estroinas; esse Pariz que se divertia n'uma bohemia dourada, n'uma frandola de folia universal; esse Pariz em que milhões de ouro foram derretidos em espuma de *Champagne* pelas noites da *Maison Dorée*, do *Tortoni* ou do *Bignon* entre canções esturdias inspiradas na febre das almas e na allucinação dos sentidos.

Fôra ella que presidira á côrte mais brilhante do seu seculo, que commandára nas Tulherias o batalhão volante das suas damas, tal como nol-o representa o celebre quadro de Winterhalter «o pintor official de todas as graças do Décaméron imperial», em que se vê n'uma floresta romantica o pittoresco grupo formado pela Imperatriz, a Princeza d'Essling, camareira-mór, a Duqueza de Bassano, a Condessa de Montebello, a Marqueza de las Marismas, a Baroneza de Pierres, a Condessa de Marnesia, a Marqueza Latour Marbourg e a Baroneza Malaret, todas em vaporosas *toilettes* borboleteantes de tulle, de gaze, de rendas maneiando flores, ostentando complicados toucados d'onde pendem caracoes, que acariciam a plastica nevada dos decotes.

Fôra ella que organizára as caçadas e as festas incomparaveis de Fontainebleau, de Compiègne, de Rambouillet, nas quaes a Castiglione, a super-bella e desdenhosa

florentina a Princeza de Metternich, excentrica e endiabrada «embaixatriz dos prazeres» ; a Condessa de Walewska, *la rieuse;* a Marechala de Canrobert, *la brune aux yeux bleus;* a Marqueza de Galliffet, com a sua flavescente juba ; Madame de Pourtalés, caçadora intrepida, actriz espirituosa e dedicada amiga nos dias infelizes ; a Duqueza de Mouchy, loura como os trigaes, e outras ainda, passaram como astros de primeira grandeza, deixando um rastro de estrellas de ouro ; e em que os homens que se chamavam o Duque de Morny, Grammont Caderousse, o Principe de la Moskova, o Principe de Sagan, o Duque de Decazes, o General Galiffet e outros mais, eram os modelos de elegancia para um rapaz novo, muito louro, de olhos muito azues e sorriso muito espirituoso, que já vestia airosamente uma sobrecasaca, e que se chamava . . . o Principe de Galles !

Fôra ella que no Palacio das Tulherias occupára o primeiro lugar n'uma platéa composta de Reis, Imperadores e Principes, e que no Cairo, por occasião da abertura do canal de Suez, tivera a sua apotheose na festa de que Lesseps foi o auctor, e para a qual Verdi compoz expressamente a *Aida*.

E fôra ella que no apogeu da gloria, da grandeza, da fortuna e do fausto, tendo o mundo a seus pés, e a França dependente do seu sorriso, tinha sido accusada de arrastar essa França á tragica aventura de 70, e de ter pronunciado a inverosimil phrase que todo o seu ser repelle — «C'est ma guerre !».

Em frente de mim estava essa que fôra a mais lisonjeada e a mais adorada das mulheres, a mais acclamada pelas multidões, a mais discutida pela critica, a mais atacada pela calumnia ; bemdita por milhões de infelizes que soccorreu, amaldiçoada por milhares de mães a quem ti-

nham dito que ella levara os filhos ás batalhas exterminadoras.

E eu ia recordando então os seus primeiros tempos de exilio desde que, sobrevivendo a si propria, começara a via sacra de dôr, tendo ainda sobre a cabeça a corôa imperial suspensa pelo fio de vida do Imperador; e evocava a morte d'este, que vinha transferir todas as esperanças para o filho que era o seu orgulho; e tempo depois o mysterioso drama de amor do moço Principe com miss ***, e todas as contrariedades que o levaram á fatal resolução de ir bater-se em Africa; e depois... depois o fim de tudo; o esperar a morte tendo já sahido da Historia.

Que destino!

A vida daquella senhora dir-se-hia inventada pela phantasia fecunda e fervente de um romancista á maneira de Dumas pae e por elle recontada em muitos volumes. E raros seriam os poetas que teriam o genio capaz de pôr em linguagem o poema tragico da sua existencia, só comparavel na intensidade da desgraça á da Rainha que n'essa tarde a Imperatriz vinha visitar.

*

* *

O motivo que alli a conduzia (ironia extravagante da sorte!) era trazer felicitações pelo proximo casamento de El-Rei D. Manoel.

Este não estava presente. Encontravam-se as duas sós. A viuva d'aquelle que tinha ido occupar o throno de Luiz Filippe, depois do breve episodio da segunda Republica, e a bisneta d'esse Rei dos Francezes—a Rainha D. Amelia.

Mas n'essa tarde de Julho de 1913, não era de evocações politicas a entrevista. A musa solemne da Historia que lança no livro grande do Destino o registro dos fas-

tos no correr da humanidade, não era chamada n'esse dia áquelle canto de Richmond, onde, aliás, as duas figuras que alli se encontravam são d'aquellas que a posteridade não poderá esquecer.

Uma, sobre quem os annos já pesavam, avançou. A outra, nova ainda, erecta, e em plena posse da formosura que a aza negra da desgraça tocou, aureolando-a com um novo prestigio, esperava a sua hospede com o sorriso acolhedor, que é um dos privilegios da sua physionomia. Esse sorriso, que tem agora um mixto de tristeza e amarga desillusão, já fôra de uma despreoccupada alegria sem nuvens.

Quando chegara a Portugal, quasi creança, noiva, e no irradiar de uma belleza meridional, que o seu romance de amor com o Principe herdeiro poetisava; e quando na tribuna do theatro de S. Carlos na noite da recita de gala que solemnisava o seu casamento ella era o centro d'esse congresso de Principes, parentes ou representantes dos soberanos, que vinham trazer a expressão do *bem querer* de todas as côrtes da Europa, esse sorriso captivou todos os que o viam, e ella conheceu então o triumpho que se conquista unicamente pela força irresistivel da graça e da mocidade.

Depois, o seu idyllio com o mais apaixonado dos maridos, e o seu consorcio com a alma do povo, que a adorou, marcam uma luminosa madrugada da sua vida na patria, que a adoptára.

Nasceu então o seu primeiro filho, e quando, tendo cumprido assim o seu dever de dotar o paiz com um herdeiro, foi representar Portugal no jubileu da Rainha Victoria, a Côrte de Saint James poude contemplar a mais bella manifestação de felicidade n'este mundo.

Cedo, porém, assentou na sua cabeça a corôa da Rainha e, como se essa corôa tivesse a debruar-lhe a base

uma circumferencia de espinhos, sentiu logo as ferroadas da sorte.

Com o nascimento do seu segundo filho coincidiram exilios e proscrições de familia, ao mesmo tempo que dentro do paiz algumas calamidades atormentavam as populações. Foi então que, condoida da sorte dos pescadores da Povoa de Varzim, que o mar tinha flagellado duramente, resolveu obter os fundos necessarios para soccorrer as victimas, organizando uma festa que por algumas horas teve Lisboa maravilhada na deslumbrante resurreição de um torneio em que reviveu o animado volteiar dos *carroussels* que no seculo XVII, em França, deliciaram a Côrte de Luiz o Grande, e das justas apparatosas dos tempos de D. João V, o Magnifico.

Todos á uma puzeram o melhor da sua vontade para que fosse brilhante o exito da empreza. E n'uma manhã de primavera de 1894, n'esse lindo hyppodromo, d'onde a vista cahia além sobre o Tejo e sobre os montes da Outra Banda, á vara de condão da gentil Princeza fez surgir perante a tribuna da côrte, e os amphitheatros apinhados de gente, luzidas quadrilhas de lidadores garridos nas casacas de côres vistosas, de cabellos empoados, e montando cavallos nervosos da Peninsula com os seus emplumados cocares, xaireis e arnezes bordados de ouro, e todas as galas e atavios que algumas dezenas de annos antes tinham feito as delicias das festas de Salvaterra, e das touradas solemnes do Terreiro do Paço.

Correram-se cannas; quebraram-se lanças; arremessaram-se ligeiras alcanzias; partiram-se vasos de barro, d'onde voaram pombos pelo espaço levando aos camarotes versos allusivos; despediram-se dardos contra a cabeça de Medusa; e correu-se com douradas lanças descontoadas contra o agigantado o Estafermo.

E as quadrilhas com o infante D. Affonso á frente,

cruzaram-se em evoluções complicadas, praticando ficticias escaramuças, correndo parelhas, perseguindo os adversarios no jogo da rosa, emquanto os clarins, os atabales, e as longas de prata entoavam estridentes marchas de guerra.

Esta festa de recordação radiante na memoria de Lisboa, e que hoje na «apagada e vil tristeza» dos dias que vão correndo se nos afigura inverosimil, rendeu uma somma superior a quinze contos.

E todas as outras que a Rainha D. Amelia prommoveu com organizações diversas, ora nos theatros, ora nas praças de touros, ora nos jardins illuminados onde se improvisavam kermesses e vendas, sempre com fins de caridade, eram brilhantes, e a receita productiva para as obras a que se destinava, ou essas sommas fossem exigidas para occorrer a catastrophes inesperadas, ou para attenuar males permanentes.

A *Assistencia aos tuberculosos*, o *Instituto Ultramarino*, o *Instituto Bactereologico*, devem-se não só á sua iniciativa intelligente, como á protecção que lhes dispensava para os ajudar a viver.

No decorrer dos trabalhos que cada uma d'essas *machinas de fazer bem*, demandava para se pôr em movimento, homens de levantado espirito tiveram ensejo de conhecer, avaliar, e apreciar o valor moral e intellectual da Rainha.

Foi assim que Antonio Ennes, Camara Pestana, Dias Ferreira, o Conde de Ficalho, Sousa Martins, etc., (para não fallar senão nos que já partiram para a grande viagem) lhe votaram um verdadeiro culto, não de cortezania falsamente lisongeira, mas fundado no reconhecimento da alta cultura de espirito e energica vontade que ella demonstrou na organização de planos, estudo das minuciosidades technicas das installações, e remoção das difficul-

dades que a rotina, a emulação invejosa, e a inercia oppunham á realização de todas estas instituições.

A obra de benemerita iniciativa individual emprehendida por essa illustre Princeza e a sua influencia no desenvolvimento e progresso das artes, estão ainda por escrever. Dizem os jornaes que é em França, onde esta notavel figura de mulher tem a consideração merecida, que se vae publicar um volume fazendo-lhe justiça.

Entretanto, não deixaremos de apontar, para se avaliar o seu papel na sociedade portugueza: o já mencionado «Instituto Bactereologico», em que a sua coadjuvação no trabalho de Camara Pestana fez d'elle um devoto seu; a «Assistencia Nacional aos Tuberculosos», que, com o inestimavel concurso de D. Antonio de Lancastre, contribuiu para attenuar o terrivel flagello em todo o paiz, com filiaes do Porto, Bragança, Faro, Villa de Conde, Guarda e Lumiar; o «Instituto Ultramarino»; o «Instituto de Soccorros a Naufragos», o «Dispensario de Creanças» em Alcantara, exclusivamente á sua custa; o «Hospital do Rego», etc.; e a sua solicitude em proteger artistas; em fundar museus, como os dos coches reaes em Belém (maravilhoso sacrario d'arte); em dar impulso á industria das rendas; em colligir o admiravel catalogo illustrado de obras de arte e archeologia, todo devido ao seu lapis e que estava prestes a ser dado á estampa.

A sua acção traduziu-se em obras de Bem, e obras de Belleza. Deu á linda terra de Portugal motivos de contemplação artistica; salvou das garras da morte muitos dos filhos da sua patria adoptiva.

E ella, que contribuira para arrancar tanto naufrago da furia das ondas, tanto tuberculoso da sua miseria orgánica, tanto hydrophobo dos horrores da raiva, tanto faminto da inanição; ella, que restituira a tanta mãe sãos e salvos os filhos condemnados á diphteria envenenadora e asphyxian-

te, viu seu filho e seu marido trucidados por compatriotas seus!

*

* *

Dos dois voltos de senhora que se iam agora afastando, e se sumiam àtraz do reposteiro que nos separava dos aposentos particulares de Abercorn, e que ambos, como na tragedia grega, tinham sido tocados pela fatalidade, não era o mais attingido no intimo do seu ser o da Imperatriz, embora tivesse soffrido tão crueis golpes e tivesse padecido tanto com os horrores da guerra que assolou a França; com as allucinações da communa que incendiou Pariz; com o fim do marido, que a doença e os desgostos minaram; com a morte do filho, que a azagaia de um zulo atravessara no fundo de um sertão da Africa.

Esta, porém, a Rainha D. Amelia, tendo trabalhado sempre e tanto para o bem da sua terra, vira n'essa mesma terra, o filho e o marido cahirem varados pelas balas.

E, emquanto á outra a França, ainda cavalheirosa, abria as suas portas, com um gesto de galante piedade pela sua desgraça, esta, era rudemente exilada.

Exilada das suas enfermarias, dos seus pobres, dos seus dispensarios, da sua faina de caridade em que procurára um refugio para o seu espirito magoado e combalido!

Durante o tempo que se prolongou a visita da Imperatriz a Abercon, chamaram-me a attenção os dois personagens que acompanhavam.

A Dama era a Condessa d'Arcos, senhora que faz parte da sua casa desde ha alguns annos.

Acompanhava-a tambem Mr. de Pietri que fôra ainda Secretario do Imperador, e que nunca mais abandonou a sua viuva. Tem por ella uma profunda dedicação, e falla

com enthusiasmo na nobreza de animo e na dignidade com que supporta o peso de uma existencia que só se alimenta de recordações.

No decorrer da conversa fallámos na impressão que ella teria sentido quando a primeira vez, depois do *anno terrivel,* atravessou Pariz e foi ver o logar onde tinha sido o palacio das Tulherias.

— Momento tragico para a sua alma?

— Peior!

Alli tinha sido o theatro das suas glorias de mulher formosa e de soberana omnipotente.

Aquelle fôra o scenario da magica mais rica de illusões scenicas que nos thronos do mundo se representou, e de que ella tinha sido protagonista; alli reinára pela belleza e pelo prestigio da sua situação unica, alli fôra feliz. E entretanto, quando a aconselharam a que não expuzesse os seus olhos á dolorosa inspecção, e alguem recordou o verso de Dante que affirma: não haver maior dôr que a recordação dos tempos felizes quando nos sentimos desgraçados, insistira em comparecer no local onde ainda se conservavam de pé as paredes ennegrecidas pelo fumo das chammas do petroleo communista.

Curioso espectaculo devia ter sido o d'essa phantasia macabra do destino, que collocava em frente das ruinas do templo, que representara o prestigio do Imperio, as ruinas d'aquella que fôra a divindade graciosa n'essa recente, mas já longiqua scena de gloria d'uma região de encantamento.

— E ella?

Silenciosa contemplou durante largo tempo o montão de entulho negro, que era o symbolo da sua alma.

O fogo destruira as corôas e aguias imperiaes que se sobrepunham ás portas; as chammas haviam lambido os velludos do throno, e as sedas das paredes das salas de

apparato; as labaredas tinham consummido os destroços da mobilia que a multidão selvagem fizera em pedaços quando invadiu o palacio do Cesar; e n'essa fornalha ardente, que as megéras e as viragos da Communa, á laia de bombeiros, espargiam com petroleo, tinha-se consummado o sacrificio offerecido á deusa da destruição pela plebe allucinada de Pariz.

A Imperatriz continuava olhando tudo aquillo que tinha sido o Palacio das Tulherias. Quando depois de correr com a vista magoada os destroços, tentaram affastal-a para não prolongar um martyrio inutil, ella atalhou tranquilisando:

— Não receiem commoções violentas. O meu coração ensopado de amargura já não é susceptivel de absorver mais fel. Quando, depois de perder tudo, perdi um filho, fiquei á prova de emoções. Nas ruinas da minha alma ha mais devastações do que as que alli estão amontoadas...

Mas ruinas, devastação, destroços, farrapos de illusões outr'ora acariciadas, pedaços de sonho transformados em pesadelo, angustias de mãe desolada eram mais dilacerantes ainda na alma da Rainha Amelia, com quem n'essa tarde a Imperatriz vinha encontrar-se. Não havia, porém, entre as duas emulação no soffrimento. As suas desgraças comprehendiam-se.

Almas ha, embora nobres, que, formadas de uma só peça e com um só ponto de contacto, apenas se tocam são repellidas violentamente como espheras de marfim contra as paredes do destino. Outras, movidas pelas leis mysteriosas que o acaso rege, attrahem-se reciprocamente e entrelaçam-se na communhão do mesmo sentimento ou da mesma dôr.

As duas senhoras alli presentes vinham de orientes diversos, mas encontraram-se na mesma plataforma espiritual. Uma nascera na casa de Guzman, da aristocracia hespanhola, e por um extraordinario bamburrio da sorte,

pelo poder da sua fulgurante belleza, conquistára o coração do Imperador, o throno de França e o sceptro de todas as grandezas sociaes.

A outra vinha de mais longe e de mais alto na Historia. Trazia no seu escudo os lyses das armas de França e descendia de S. Luiz. Não tinha de subir para pisar o throno.

A sua misão, é certo, não fôra acompanhada com a orchestra que alegrou o periodo imperial, mas tranquilamente tivera mais fecundos resultados.

A sua voz confortou miseraveis, e os seus dedos, que pensaram muitas feridas, nunca teceram enredos politicos. A sua acção espalhou consolações espirituaes e, embora crente, nunca se deixou dominar por excessos de devoção, nem cuidou de fazer entrar na governação publica influencia de politica clerical.

Attesta-o bem alto a sua carta ao Bispo-Conde de Coimbra, datada de 20 de Julho de 1895, respondendo ao pedido que aquelle prelado lhe fizera para que ella recommendasse ao Ministro das Obras Publicas a continuação dos trabalhos de restauração da Sé Velha.

Essa carta foi ao tempo publicada em todos os jornaes, e o seu texto encontra-se traduzido em francez na interesante obra do Conde de Moucheron, intitulada — *Sainte Elizabeth d'Aragon.*

Por ser o espelho da alma da Rainha, e um documento que attesta a sua maneira de ser, transcrevemol-a na integra:

«Pena, 20 de Julho de 1895.

Reverendissimo Bispo-Conde.

Recebi com muito gosto a sua ultima carta com a qual me mandava a representação dirigida ao Ministro das Obras Publicas, para eu junto d'elle interceder em favor da continuação das obras da Sé Velha.

Sabe o Bispo-Conde que não tenho senão razões para ser obrigada aos Ministros pela boa vontade com que sempre attendem os meus pedidos, mas sabe tamhem que respeito muito os melindres e delicadeza da minha posição e da d'elles, e que não devo e não quero nunca intrometter-me nos seus actos governativos para que não se desviem por minha causa, do que elles entenderem que é justo, que é o que eu quero sempre em tudo.

Por achar, porém, justissimo o seu pedido de um subsidio para as obras da Sé Velha, de muito boa vontade transmittil-o-hei ao Campos Henriques. Muito grandes são o meu interesse e o meu empenho n'estas obras, e se, por qualquer motivo houvesse duvidas, que eu espero não haverá, na concessão de 1:200$000 que se pede, eu promptamente ponho esta somma á disposição do Bispo-Conde, pedindo-lhe que prosiga nas obras como se já a tivesse no seu poder.

Tenho só uma pena, é a de apezar do meu grande desejo não me ter sido possivel ver a restauração d'esta admiravel Sé Velha. Mas isto tudo sabe o Bispo-Conde muito bem. Agradeço-lhe a photographia da cabeça de D. Betaça [1] que mostra um estado de conservação verdadeiramente extraordinario. Tambem ainda não agradeci, mas agradeço-lhe agora, o discurso que proferiu no Congresso Catholico, e a não ser as referencias que me fez e que agradeço, apezar de não as merecer, diria eu simples e francamente que achei tudo bem, sensato e prudente. Desejei ir tambem ao Congreso Catholico como em Lisboa lhe disse, mas apezar de eu nunca ter receio, e de nada me impedir de mostrar em tudo que tenho Fé e Religião,

---

[1] Esta senhora veio com a Rainha Santa de Aragão, e abrindo-se o seu tumulo que está na Sé Velha, tirou-se a photographia do rosto e cabeça ainda bem conservadas.

entendo tambem que, nas manifestações religiosas, que não forem obrigatorias para mim, e que uns applaudem e outros combatem, devo abster-me de tomar parte n'ellas, para me collocar no meu logar acima de uns e de outros, e como Rainha que sou e devo ser de todos, sem me envolver nas paixões e exageros de uns, nem nas paixões e exageros de outros.

Lamento muito, e só Deus sabe quanto me custa, que da Religião que é tão boa e necessaria para todos, ricos e pobres, governantes e governados, se esteja fazendo partido e causa política, e nunca apoiarei os que assim procedem, tanto de um lado como de outro.

E nas festas Antoninas, que, partindo de uma ideia tão simpathica, tão bons resultados podiam ter dado, embora sejam dignos de muito louvor os que as promoveram, por tanto que trabalharam e por tantas causas boas que fizeram, e com tão boa intenção, não posso deixar de dizer que houve um bocadinho de exagero no muito que as prolongaram: 18 dias de festas, foram festas de mais. Assim sempre me pareceu, e nunca approvei semelhante cousa, como lhe disse em S. Pedro do Sul, e depois em Lisboa.

E se não fosse este exagero, e se infelizmente a má vontade de alguns não visse n'ellas uma especie de provocação, ainda que sem razão, talvez não se dessem os acontecimentos lamentaveis da procissão do dia 30, que eu tanto senti.

Por isso mesmo que os tempos vão diffíceis e perigosos, é necessario que haja muita cautella em tudo e em todos, e que se tire a festas, quanto puder ser, tudo o que possa revelar odio ou revindicta contra os seus adversarios.

Combatam lhe as doutrinas e os seus fins e processos dissolventes e anarchicos, mas procurem fazel-o de modo que, em vez de os provocarem e exacerbarem, forcejem

antes por abrandal-os e attrahil-os como é proprio do verdadeiro espírito piedoso e christão.

Desculpe meu caro Bispo-Conde, este desabafo, mas não tive ocassião de fallar comsigo antes da minha partida para a Pena, e sabe quaes são o meu respeito e confiança na sua opinião, e o meu reconhecimento para com a sua dedicação e amizade.

Peço-lhe me creia sempre o com o maior respeito

sua muito affeiçoada

AMELIA »

Ao tempo da publicação d'esta carta toda a imprensa prestou homenagem ao alto espírito de quem a subscreve, e até mesmo alguns orgãos radicaes reconheceram a correcção de suas palavras.

Um excelente artigo do *Jornal do Commercio* terminava assim:

«A sua real signataria é em tudo, á face de Deus e dos homes, uma mulher de sentimentos, e uma mulher de juizo. Alguns políticos odientos poderão achar que é pouco. Mas para suas mulheres e filhas estimarão certamente que em não peior modelo saibam inspirar-se.»

*
* *

Não tem este arrazoado por fim esboçar o retrato da Imperatriz, de quem volumes e volumes já se tem escripto, e que a Historia ha de collocar no lugar proprio: nem thuribular com incenso de panegyrista a Rainha que, pela opinião geral da Europa, é admirada entre as mais formosas e é venerada entre as melhores.

E' apenas o registro de uma impressão pessoal que o

acaso me proporcionou, fazendo passar no campo da minha visão essas duas interessantes figuras.

Ambas foram bellas, ambas poderosas tiveram a seus pés adulações, e ambas representaram no theatro do mundo papeis de invejavel grandeza.

Mas o Destino, ao mesmo tempo que lhes prodigalizava dotes e benefícios, outorgava a cada qual uma dupla realeza: a magestade de Soberana e a corôa do infortunio.

Duplice diadema de singular prestigio!

Indice

	Pag.
Explicação prévia	VII
As Musas d'El-Rei D. Diniz	1
A mysteriosa Beatriz	27
D. Izabel — Duqueza de Borgonha	53
Leonor de Portugal, Imperatriz da Allemanha e o Beato Amadeo	85
Excellente Senhora:	
Capitulo I	115
Capitulo II	141
A Côrte em Setubal e os Porquês Anonymos	169
Uma noiva do Prior do Crato	197
Matronas de 1640	223
Cartas da Freira Portugueza	255
Condessa da Ericeira, D. Joanna de Menezes	281
Academicas	313
Duas realezas	333

DP
536
.7
S3
1915

Sabugosa, Antonio Maria José de Mello Silva Cesar e Menezes

Gente d'algo

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 07 07 09 007 4